NA CIÊNCIA, NO MUSEU

as coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz entre funções e sentidos

por

Bruno da Silva Mussa Cury

Aluno do Curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio
Linha 02 – MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO INTEGRAL E DESENVOLVIMENTO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS (UNIRIO/MAST).

Orientador: Prof. Dr. Marcio Ferreira Rangel

UNIRIO/MAST - RJ, 08 de setembro de 2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

Na Ciência, No Museu
as coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz entre funções e sentidos

Tese de Doutorado de Bruno da Silva Mussa Cury submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCTI, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

ICP Brasil
Documento assinado digitalmente
MARCIO FERREIRA RANGEL
Data: 13/11/2025 18:47:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marcio Ferreira Rangel
(orientador - PPG-PMUS. UNIRIO/MAST)

gov.br
Documento assinado digitalmente
HELENA CUNHA DE UZEDA
Data: 07/11/2025 10:31:15-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Helena Cunha de Uzeda
(membro interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

Profa. Dra. Teresa Cristina Moletta Scheiner
(membro interno - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST)

gov.br
Documento assinado digitalmente
BARBARA CRISTINA EUZEBIO PEREIRA DIAS DE (
Data: 07/11/2025 11:08:48-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Bárbara Cristina Euzebio Pereira Dias de Oliveira
(membro externo – Museu da Patologia - IOC, Fiocruz)

gov.br
Documento assinado digitalmente
MAGALI ROMERO SA
Data: 07/11/2025 16:30:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Magali Romero Sá
(membro externo – COC, Fiocruz)

Rio de Janeiro, 08 de setembro de 2025

Mussa Cury, Bruno
MM989n Na ciência, no museu: as coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz entre funções e sentidos / Bruno Mussa Cury. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
434 f.

Orientador: Marcio Ferreira Rangel.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2025.

1. Museologia. 2. Coleções biológicas. 3. Fundação Oswaldo Cruz. I. Rangel, Marcio Ferreira, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

É impossível abarcar todas as pessoas que influenciaram nessa jornada. Não produzimos nada sozinhos. Vivemos, pensamos e criamos em rede, e devo muita gratidão a tudo. Agradecimentos sempre carregam alguma dose de injustiça, mas se não será possível citar nominalmente todas aquelas que acompanharam esse caminho, cabe ao menos um esforço para reconhecer presenças fundamentais.

Maria Inez Pedrosa e José Mussa Cury Filho, tenho a sorte de contar com progenitores que sempre se importaram comigo genuinamente e, quarenta e três anos depois de nascido, sigo com a certeza de que sempre estiveram — e estão — prontos para me acolher em qualquer circunstância.

Ana Paula Mussa Cury, irmã, sou muito grato por todo carinho e força nos momentos mais agudos.

Benicio Mussa Cury e Beatriz Mussa Cury, filhos compreensivos que tiveram muita paciência neste longo processo em nossa convivência. Pessoas que me fazem feliz por ser pai.

Thayná Araújo, singularidade que o acaso fez cruzar meu caminho no instante certo. No período mais caótico da produção e escrita deste trabalho, ela encontrou forças, mesmo diante de uma rotina extenuante, para me apoiar com competência técnica na organização da análise e na revisão do texto, além dos inúmeros gestos de cuidado e compreensão. Agradeço e reconheço sua presença, especialmente nos momentos em que precisei reaprender o sentido do autocuidado para que possamos seguir construindo tudo aquilo que o tempo nos permitir. Divido com ela o mérito por este trabalho ser apresentado.

Mario Nogueira e Leila de Souza, pela prontidão e apoio no momento de maior dificuldade.

Amizades de décadas que, por vezes, se cruzam. Mesmo perdidos em rotas sinuosas, nas encruzilhadas, nos becos, nos corres ou nas celebrações do viver. Cada retomada, por mais improvável que parecesse, foi reafirmação do que seguimos construindo, ainda que em marcha lenta, com influências e orientações próprias que, em algum ponto, nos conduziram de volta uns aos outros. A vida dá voltas, e algumas delas, surpreendentemente, até fazem sentido. Cito Tiago Coelho, que está na interseção de todas as rodas: das memórias da escola básica às andanças por um mundo em que não fomos bem-sucedidos em adiar o fim, por ora. Que a caríssima gente que me acompanha se sinta representada nele.

Comunidade do CIEP Juscelino Kubitschek, em Manguinhos, unidade escolar da Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro — de onde não me afastei durante o período deste doutorado e onde tenho a satisfação de participar cotidianamente como professor de História no Programa de Educação de Jovens e Adultos —, pelo apoio, compreensão e, sobretudo, pelo convívio com pessoas de quem aprendo muito mais do que sou capaz de ensinar.

Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz, espaço fecundo de aprendizado, diálogo e construção coletiva. Foi também ali que se consolidaram vínculos profissionais que extrapolaram o campo do trabalho e se tornaram parte do que me sustentou emocionalmente ao longo deste tempo. Aos colegas, agradeço pela convivência, pelas trocas, pela amizade e pelo apoio. Compartilhar esse espaço de experiências foi fundamental para que esta iniciativa ganhasse corpo, voz e direção.

Às pessoas relacionadas ao Serviço Educativo do Museu da Vida ao longo dos anos deste doutorado. Especialmente à Claudia Oliveira, Heliton Barros, Luciana Sales, Suzi Aguiar, Bianca Reis, Ana Costadella, Mauricio Figueiredo (*in memoriam*), Miguel Oliveira, Paula Bonatto, Edmilson Barcelos e às muitas pessoas que atuaram e atuam cotidianamente: colegas que

eventualmente entraram nessa escala, bolsistas do Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência, bem como as pessoas que atuaram como trabalhadoras temporárias no serviço — pela parceria, apoio e por terem assumido, em diferentes circunstâncias, responsabilidades decorrentes de situações relacionadas à minha formação nesse período.

Alessandro Machado, veterano desde a faculdade, responsável por me recomendar a uma bolsa profissional na Fiocruz há 18 anos. Em 2021, na condição de chefe do Museu, apoiou minha decisão de seguir com o doutorado em museologia e patrimônio.

Às pessoas envolvidas em projetos expositivos relacionados ao Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), pelas reflexões e debates importantes para a concepção de uma exposição museológica de caráter permanente dedicada às coleções biológicas da Fiocruz. Em especial, registro meu reconhecimento aos colegas do Museu da Vida — Marcus Soares, Letícia Rumjanek, Barbara Mello e Rogério Fernandes —, e do Museu da Patologia — Barbara Dias de Oliveira.

Ao conjunto das coleções biológicas da Fiocruz, pelo protagonismo que representam na trajetória institucional. Esta pesquisa foi impulsionada pelo contato com essas coleções, e com as pessoas envolvidas em sua salvaguarda e gestão cotidiana. Agradeço especialmente a Marcelo Pelajo e Aline Souto, da Coordenação de Coleções Biológicas/Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas da Fiocruz; e aos trabalhadores das equipes responsáveis pelas diversas coleções biológicas da instituição, que me receberam e contribuíram de forma fundamental para a realização deste trabalho.

Preciso fazer uma menção ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE–UFRJ), por onde, ao longo de 2019 — período anterior ao confinamento provocado pela pandemia da covid-19 —, tive a oportunidade de cursar disciplinas valiosas. Ainda que não tenha seguido o percurso pelo HCTE, fui acolhido com respeito e compreensão nessa decisão. Pela formação fundamental adquirida, dirijo meus agradecimentos aos professores Eduardo Nazareth Paiva, Maira Fróes e José Antônio Borges, e ao secretário acadêmico Robson Borralho.

Professor Henrique Cukierman, cuja condução firme e generosa em cursos e reuniões foi acompanhada pela abertura para que eu participasse dos debates promovidos pela Linha de Pesquisa Informática e Sociedade — um coletivo plural, composto por pesquisadores e estudantes de diferentes níveis, que se tornou uma referência importante no momento de retomada acadêmica e cuja influência ressoa neste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS – UNIRIO/MAST), aos professores e aos colegas cujas trocas ampliaram as possibilidades reflexivas ao longo do percurso. Expresso um agradecimento especial às professoras Tereza Scheiner e Helena Uzeda, e à servidora Alexandra Durão, que, das posições de coordenação e secretaria, ofereceram apoio imprescindível diante das frequentes demandas burocráticas que, embora não servissem aos objetivos do programa ou da pesquisa, atravessaram grande parte da tarefa. Foram imensamente receptivas e solícitas.

Professora Tereza Scheiner e Professor Marcus Granato, desde a fase de qualificação, suas contribuições tiveram papel importante no amadurecimento da pesquisa. Professora Helena Uzeda, por aceitar integrar a banca deste trabalho.

Professoras Magali Romero Sá (COC/Fiocruz) e Barbara Dias de Oliveira (IOC/Fiocruz) pela participação como integrantes da banca examinadora externa. Suas sugestões e questionamentos pertinentes contribuíram de maneira substancial.

Professor Diego Bevilaqua (COC/Fiocruz), por aceitar compor a banca na condição de suplente externo, demonstrando atenção e disponibilidade desde o início do processo de avaliação.

Professor Marcio Rangel, meu orientador, com quem tive o prazer de participar de excelentes cursos durante o doutorado. Sou grato por sua escuta atenta, sensibilidade e

permanente disposição ao diálogo. Sua orientação, marcada pela confiança, pelo respeito e pela empatia, foi essencial para que esta pesquisa encontrasse caminhos e pudesse se desenvolver com liberdade.

Antes dos últimos agradecimentos, faz-se necessária uma breve contextualização.

Ao longo de um percurso como este, estamos expostos — considero aqui especificamente a experiência como servidor público — à possibilidade de lidar com desafios institucionais que podem marcar de forma muito significativa o desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado. Momentos em que decisões importantes são tomadas burocraticamente por agentes que sequer conhecemos pessoalmente, intermediadas por sistemas de protocolo eletrônico que dificultam o diálogo direto e a compreensão das especificidades de um processo investigativo como o desenvolvimento de uma tese. Tais experiências evidenciam como certos trâmites institucionais, mesmo sem intenção, acabam por desconsiderar a complexidade do trabalho de pesquisa e a imprevisibilidade de seus caminhos — especialmente quando envolvem experiências interinstitucionais ou exigem revisões e reconstruções metodológicas imprevistas ao longo do percurso.

É preciso ponderar sobre o que se busca ao enfrentar um doutorado. Certamente não se trata da produção de um volume burocrático opaco, mera formalidade para progressão funcional. Há que se observar nesses trâmites, o risco de que o objetivo de uma tese se veja reduzido a uma exigência protocolar de cumprimento formal, quando deveria ser reconhecido como contribuição efetiva à produção de conhecimento. Quando visto dessa maneira, revela-se uma contradição preocupante, pois, afinal, a legítima produção de conhecimento, com todas as suas implicações, por servidores que compõem o quadro finalístico institucional, está entre as principais justificativas para a existência de uma instituição de pesquisa como a Fiocruz.

Essas questões circunstanciais tornam-se ainda mais delicadas quando ocorrem em meio a contingências graves, como a crise mundial provocada pela pandemia da covid-19 — na qual a própria comunidade da Fiocruz esteve diretamente implicada e mobilizada —, período em que todos nos vimos envoltos em incertezas quanto ao futuro, com os processos de pesquisa profundamente impactados, a saúde mental fragilizada pelo confinamento e, em muitos casos, enfrentando a batalha, quando não própria, de pessoas próximas em risco de vida, entubadas em leitos de UTI, com perdas irreparáveis de pessoas queridas para a doença.

Dito isso, não posso deixar de registrar minha gratidão a Ana Carolina Gonzalez e Heliton Barros, colegas-amigos com quem compartilhei a entrada no serviço público federal na Fiocruz no mesmo concurso, em 2010, e no mesmo cargo. Foram grandes parceiros em momentos distintos deste percurso, especialmente diante das contradições e barreiras enfrentadas ao lidar com o monstro da burocracia. Ambos, com rara sensibilidade e empatia, contribuíram de forma decisiva para a superação de adversidades dessa natureza.

Pelo exposto, registro também a importância do Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz (ASFOC-SN), instância histórica de organização, luta e defesa das causas dos trabalhadores, cuja existência reflete a necessidade de um ambiente democrático para o fortalecimento de uma consciência entre servidores públicos da saúde como, antes de tudo, classe trabalhadora e solidária.

Meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

MUSSA CURY, Bruno. **Na Ciência, No Museu: as coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz entre funções e sentidos**
Orientador: Prof. Dr. Marcio Ferreira Rangel. UNIRIO/MAST. 2025. Tese.

Este trabalho analisa as condições de inserção museológica das coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz, com ênfase na viabilidade de sua integração em exposições dedicadas à divulgação e à popularização das ciências. O objetivo consiste em compreender os desafios relacionados à presença das coleções em iniciativas museológicas, considerando sua dispersão entre diferentes departamentos e unidades da estrutura institucional. Inicialmente, discutem-se os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, com destaque para conceitos relacionados à museologia, às ciências sociais e à história, adotando-se uma abordagem qualitativa e exploratória. Foram analisadas informações oficiais disponibilizadas por meios digitais, interpretados projetos de pesquisa histórica anteriores e aplicado um questionário a profissionais responsáveis pela coordenação e gestão das coleções biológicas. A análise dos dados permitiu caracterizar essas coleções na atualidade, identificando especificidades quanto à forma de organização, aos recursos disponíveis e aos protocolos necessários para sua participação em exposições, sobretudo de caráter permanente. Verificou-se a existência de barreiras associadas à ausência de diretrizes institucionais voltadas ao planejamento cooperativo entre os segmentos envolvidos, o que dificulta o uso museológico desse acervo em espaços da própria instituição. Tais espaços, frequentemente instalados em edifícios históricos vinculados à trajetória da Fiocruz, compartilham e complementam categorias de patrimônio com as próprias coleções. Como resultado, propõem-se diretrizes voltadas à atuação integrada entre museus, coleções biológicas e instâncias de pesquisa científica e preservação do patrimônio histórico e cultural. Entre elas, destacam-se estratégias de curadoria compartilhada, critérios para seleção de itens, protocolos de gestão de acervo em atividades expositivas e ações de mediação para públicos diversos. Conclui-se que a formulação de políticas institucionais interdepartamentais e colaborativas pode favorecer a integração sistemática das coleções biológicas às práticas museológicas, fortalecendo sua presença qualificada em exposições nas quais o museu se apresenta como espaço central de articulação e desenvolvimento institucional para a divulgação científica.

Palavras-chave: museologia; coleções biológicas; exposição museológica; Fundação Oswaldo Cruz

ABSTRACT

MUSSA CURY, Bruno da Silva. **In Science, In the Museum: the biological collections of the Oswaldo Cruz Foundation between functions and meanings**
Supervisor: Prof. Dr. Marcio Ferreira Rangel. UNIRIO/MAST. 2025. Tese.

This study analyses the conditions for the museological integration of biological collections held by the Oswaldo Cruz Foundation, with an emphasis on the feasibility of their inclusion in exhibitions dedicated to the dissemination and popularisation of the sciences. The aim is to understand the challenges related to these collections presence in museological initiatives, considering their dispersion across various departments and units within such institutional structure. The research begins by discussing its theoretical and methodological foundations, with particular attention to concepts from museology, the social sciences, and history, adopting a qualitative and exploratory approach. Official information made available through digital platforms was analysed, historical research projects were interpreted, and a questionnaire was administered to professionals responsible for coordinating and managing these biological collections. The data analysis enabled a current characterisation of these collections, identifying specificities related to their organisation, available resources, and the protocols required for their participation in exhibitions, especially those of a permanent nature. The findings reveal the existence of obstacles associated with the absence of institutional guidelines aimed at cooperative planning among the sectors involved, which hinders the museological use of these collections in spaces within the institution itself. Such spaces, often housed in historical buildings linked to the Fiocruz trajectory, share and complement heritage categories with the collections themselves. As a result, this study proposes guidelines for integrated actions among museums, biological collections, and scientific research and heritage preservation bodies. These include strategies for shared curatorship, item selection criteria, collection management protocols for exhibition purposes, and mediation actions for diverse audiences. It concludes that the development of interdepartmental and collaborative institutional policies may foster the systematic integration of biological collections into museological practices, strengthening their qualified presence in exhibitions where the museum serves as a central space for institutional articulation and development in science communication.

Keywords: museology; biological collections; museum exhibition; Oswaldo Cruz Foundation

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS:

AI-5	Ato Institucional nº 5
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAVAISC	Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades
CAVAISC-HIS	Coleção Histórica Henrique Aragão
CBAA	Coleção de Bactérias da Amazônia Azul
CBAM	Coleção de Bactérias da Amazônia
CBAS	Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde
CBILMD	Coleções Biológicas do Instituto Leônidas e Maria Deane
CBIS	Coleção de Bactérias de Impacto na Saúde
CBMA	Coleção de Bactérias da Mata Atlântica
CBP	Coleção de Bactérias Patogênicas
CBPM	Coleção Botânica de Plantas Medicinais
CBRVS	Coleção de Bactérias de Referência em Vigilância Sanitária
CCAMP	Coleção de *Campylobacter*
CCBH	Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar
CCER	Coleção de *Ceratopogonidae*
CCFF	Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos
CCGB	Coleção de Culturas do Gênero *Bacillus* e Gêneros Correlatos
CCULI	Coleção de *Culicidae*
CDEPAT	Coleção do Departamento de Patologia
Ceelva	Comissão Encarregada dos Estudos de Leishmoaniose Visceral Americana
CEIOC	Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CFA	Coleção de Febre Amarela
CFAM	Coleção de Fungos da Amazônia
CFAS	Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde
CFP	Coleção de Fungos Patogênicos
CGBA	Coleção Geral de Bactérias do Ambiente
CHIOC	Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz
CIBS	Centro de Inovação em Biodiversidade e Saúde
CLEP	Coleção de *Leptospira*
CLIOC	Coleção de *Leishmania* do Insituto Oswaldo Cruz
CLIST	Coleção de *Listeria*
CMIOC	Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz
CMM	Coleção de Malacologia Médica
CMN	Coleção de Mosquitos Neotropicais
CMRVS	Coleção de Microrganismos de Referência em Vigilância Sanitária
CMT	Coleção Micológica de *Trichocomaceae*
COC	Casa de Oswaldo Cruz
Cogetic	Coordenação-Geral de Gestão de Tecnologia de Informação
COLFLEB	Coleção de Flebotomíneos
COLMASTO	Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios

COLPROT	Coleção de Protozoários
COLTRYP	Coleção de *Trypanosoma* de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores
COLVET	Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos
CONABIO	Comissão Nacional da Biodiversidade
CPFERA	Coleção Paleoparasitalógica e de Fezes Recentes de Animais
CRIA	Centro de Referência em Informação Ambiental
CSAP	Coleção da Seção de Anatomia Patológica
CSIOC	Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz
CTIOC	Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz
CT-IOC	Coleção de Tripanossomatideos do Instituto Oswaldo Cruz
CT-LATEC	Coleção de Triatomíneos do Laboratório de Triatomíneos e Epidemiologia da Doença de Chagas
CVAS	Coleção de *Vibrio* do Ambiente e Saúde
CVBBS	Coleção de Vírus do Biobanco da Biodiversidade e Saúde
CYP	Coleção de *Yersinia pestis*
DAD	Departamento de Arquivo e Documentação
DCB	Departamento de Ciências Biológicas
DENSP	Departamento de Endemias Samuel Pessoa
DGSP	Diretoria Geral de Saúde Pública
DPH	Departamento de Patrimônio Histórico
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
Farmanguinhos	Instituto de Tecnologia em Fármacos
FELACC	Federacion Latinoamericana de Colecciones de Cultivos
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
FNDCT	Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FOFA	Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças
IAM	Instituto Aggeu Magalhães
ICICT	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
ICOM	International Council of Museums (Conselho Internacional de Museus) - órgão filiado à UNESCO
ICOFOM	International Committee for Museology, ICOM (Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus)
ICOFOM LAM	Organização Regional do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) para a América Latina e o Caribe
ILMD	Instituto Leônidas e Maria Deane
IM	Instituto de Malariologia
INCQS	Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde
INI	Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
IRR	Instituto René Rachou
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
IPHAN	Instituto de Patrimonio Artístico e Histórico Nacional
LABDIP	Laboratório de Díptera
LABE	Laboratório de Entomologia

LABIH	Laboratório de Infecção Hospitalar
LABMAL	Laboratório de Malacologia
LABPMR	Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios
LABSUR	Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana
LABTRIP	Laboratório de Biologia de Trypanossomatideos
LABZOO	Laboratório de Zoonoses Bacterianas
LAC	Laboratório de Carrapatos e Outros Artrópodes Ápteros
LATHEMA	Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários
LBCE	Laboratório de Biologia e Controle de Esquistossomose
LDP	Laboratório de Doenças Parasitárias
LEMEF	Laboratório de Entomologia Médica e Forense
LFB	Laboratório de Fisiologia Bacteriana
LHMM	Laboratório de Helmintologia e Malacologia Médica
LHPV	Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados
LIPMED	Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas
LISOEMF	Laboratório Integrado — Simulídeos e Oncocercose & Entomologia Médica e Forense
LNIRTT	Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos
LRNL	Laboratório de Referência Nacional em Leptospirose
LSO	Laboratório de Simulídeos e Oncocercose
LTBBF	Laboratório de Taxonomia Bioquímica e Bioprospecção de Fungos
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MP	Museu da Patologia
MS	Ministério da Saúde
MV	Museu da Vida
NAHM	Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos
NB-2	Nível de Biossegurança 2
OBSMA	Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
PAPES	Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde
PAF	Plataforma Agroecológica de Fitomedicamentos
PPP	Plano Piloto de Peste
PRESERVO	Complexo de Acervos da Fiocruz
PROVOC	Programa de Vocação Científica
PPG-MUS	Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio
REDECR	Recursos Biológicos para Avaliação da Conformidade de Material Biológico
SBB	Sociedade Botânica do Brasil
Sege	Serviço de Estudos de Grandes Endêmicas
SEPFA	Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela
SIBBR	Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira
Sisbio	Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade
SNCT	Semana Nacional de Ciência e Tecnologia
SNFA	Serviço Nacional de Febre Amarela

SRP	Serviço Nacional de Referência em Peste
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Compromisso de Confidencialidade de Dados
UFFRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UnB	Universidade de Brasília
VPPCB	Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas
WFCC	World Federation for Culture Collections

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

		Pág.
Figura 01	Primeiras instalações para laboratório do Instituto de Manguinhos.	65
Figura 02	Ofício nº1 do Instituto, informando à DGSP o início dos trabalhos nos laboratórios	66
Figura 03	Cais para desembarque de pessoas e materiais no Instituto de Manguinhos.	69
Figura 04	Obras de construção do futuro Castelo Mourisco.	75
Figura 05	Desenho elaborado por Oswaldo Cruz e entregue ao engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Júnior, contendo indicações iniciais de como idealizava a sede do Instituto de Manguinhos. O traçado simples reflete a concepção embrionária da ideia de Oswaldo Cruz, que desejava um castelo.	76
Figura 06	Desenho técnico produzido por Luiz Moraes Júnior, com base nas orientações fornecidas por Oswaldo Cruz. O projeto adota elementos do estilo eclético, caracterizado pela combinação de referências europeias, e já apresenta os contornos mais definidos do edifício que viria a se tornar o Castelo Mourisco.	76
Figura 07	Maquete do edifício apresentado pelo Instituto de Manguinhos na Exposição Internacional de Higiene e Demografia, realizada em Berlim em 1907. A maquete evidencia a concepção do Castelo Mourisco, sintetizando o projeto arquitetônico em fase de construção e reforçando a imagem institucional do Instituto em âmbito internacional.	77
Figura 08	Postal do Observatório de Montsouris.	78
Figura 09	Fachada do Hospital de Manguinhos, atual Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas. 1918.	81
Figura 10	Artigo de Oswaldo Cruz na revista Brazil-Medico de 15 de Novembro de 1901	85
Figura 11	Primeira publicação do Instituto de Manguinhos, realizada por Oswaldo Cruz em 1901, no periódico Brazil-Médico.	87
Figura 12	Organograma do Instituto Oswaldo Cruz (c. 1932). Representação da estrutura organizacional do Instituto Oswaldo Cruz, realizada por Raymundo Honório Daniel. A imagem apresenta os setores subordinados à Diretoria nas primeiras décadas do século XX, com destaque para os laboratórios científicos, serviços técnicos e áreas administrativa.	93
Figura 13	Ilustração de Manoel de Castro Silva, 1925.	101
Figura 14	Fotomicrografia de cultura de fungo patogênico de adnomicose. Estudo realizado entre 1914 e 1917.	103
Figura 15	Imagem de uma publicação com oito fotomicrografias numeradas, cada uma representando amostras de diferentes agentes patológicos e uma ilustração do aparelho usado para produção das fotomicrografias. A imagem revela como, no contexto do Instituto de Manguinhos, a ilustração científica e a fotomicrografia eram importantes, tanto na pesquisa quanto na comunicação científica. O uso de imagem, técnicas de coloração e registros precisos serviam tanto para identificar agentes patológicos, como treinar profissionais e consolidar o prestígio da pesquisa feita no Brasil.	104
Figura 16	Laboratório fotográfico do Instituto Oswaldo Cruz: J. Pinto trabalhando, 191?.	106
Figura 17	Construção do Instituto Oswaldo Cruz.	106

Figura 18	Panorama dos Prédios do Instituto Oswaldo Cruz, aquário (hoje demolido) ao fundo.	107
Figura 19	Aquário (hoje demolido)	107
Figura 20	Manguinhos e chaminé do forno incinerador de lixo (hoje demolido).	108
Figura 21	Medalha recebida na Exposição de Higiene realizada durante o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Berlim, 1907.	109
Figura 22	Mostra brasileira na Exposição de Higiene realizada durante o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Berlim.	110
Figura 23	Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911	114
Figura 24	Vista da entrada principal do espaço expositivo do Instituto Oswaldo Cruz na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911. Ao centro, destaca-se uma grande maquete tridimensional do campus de Manguinhos; nas laterais, maquetes arquitetônicas do Pavilhão Mourisco e de outros edifícios institucionais., 1911	114
Figura 25	Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911 – Sala dedicada à Doença de Chagas. Evidencia-se a exibição do acervo biológico fixado em diferentes meios dispostos em aparador e vitrines em exposição temática sobre a doença de Chagas. "Doença de Carlos Chagas *Schizotrypanose* humana (tireoidite parasitária), causada pelo *Schizotrypanum cruzi n.g.*; n. sp.	115
Figura 26	Mostra no Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911. "Isolamento de um doente de febre amarela em sua própria moradia, tornada inacessível aos mosquitos transmissores do agente da doença." Módulo expográfico que demonstra prática de prevenção da febre amarela por meio de isolamento do paciente em casa preparada para impedir o contato com mosquitos vetores	116
Figura 27	Sala de exposição no pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911	117
Figura 28	Vista parcial do Museu Oswaldo Cruz no interior do Castelo Mourisco, s.d.	121
Figura 29	Vista parcial do Museu Oswaldo Cruz no interior do Castelo Mourisco, s.d. A imagem mostra vitrines e mobiliário expositivo com equipamentos científicos históricos do Instituto Oswaldo Cruz	121
Figura 30	Vista do campus com Pavilhão Rockfeller ao centro, Pavilhão Mourisco (ao fundo à esquerda) e parte da avenida Brasil, à direita (1937 -).	123
Figura 31	Busca de amostras no acervo.	147
Figura 32	Pesquisadora trabalhando com uma amostra do acervo.	148
Figura 33	Exemplos de exsicatas do acervo.	150
Figura 34	Exemplos de exsicatas do acervo.	151
Figura 35	Formas promastigotas em cultura - CLIOC-IOC FIOCRUZ.	177
Figura 36	Ampola contendo Leishmania sp. Criopreservada.	177
Figura 37	*Aspergillus* versicolor.	178
Figura 38	*Microsporum gypseum*.	178
Figura 39	Cultura de fungo filamentoso e suas características macromorfológicas.	179
Figura 40	Amostras do acervo histórico da Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF) preservadas em óleo mineral. Em destaque o subcultivo da cepa de *Penicillium notatum* isolada por Alexander Fleming.	179
Figura 41	Amostra liofilizada do acervo da CCFF.	180
Figura 42	Amostras do acervo da CCFF criopreservadas.	181
Figura 43	Amostras bacterianas liofilizadas.	182
Figura 44	Ampolas liofilizadas guardadas.	183
Figura 45	Amostra bacteriana semeada em ágar Macconkey.	184
Figura 46	*Staphylococcus sp*.	185

Figura 47	*Metabacillus sp*.	185
Figura 48	Uma gaveta com insetos preservados a seco (mariposas), montados em alfinetes entomológicos.	203
Figura 49	Sala de Exposições Costa Lima (2013).	203
Figura 50	Espécimes-tipo de *Anopheles lutzii* Cruz, 1901. Esses espécimes são a referência material do primeiro artigo publicado e da primeira espécie nova descrita por um pesquisador da Fiocruz, o próprio Oswaldo Cruz.	204
Figura 51	Armários deslizantes da CEIOC, mostrando a organização do acervo de insetos em gavetas entomológicas (lado direito) e os documentos referentes em prateleiras (lado esquerdo).	205
Figura 52	*Triatoma brasiliensis*.	206
Figura 53	Parte do acervo da CTIOC.	207
Figura 54	Gaveta aberta do armário deslizante que contém a parte da coleção mantida em fixadores líquidos, devidamente etiquetada.	208
Figura 55	Primeiro lote depositado na CMIOC (DSC_3436).	208
Figura 56	Lote de lesmas terrestres *Limax maximus* da coleção líquida.	209
Figura 57	Lote contendo conchas de um caracol terrestre (*Drymaeus papyraceus*).	209
Figura 58	Material utilizado na COLFLEB.	210
Figura 59	Fóssil de flebotomíneos - *Pintomyia falcaorum.*	210
Figura 60	Coleção de Flebotomíneos.	211
Figura 61	Acervo de mosquitos adultos.	211
Figura 62	Espécimes de *Ceratopogonidae* preservados em glicerol.	212
Figura 63	Lâmina do neótipo de *Culicoides paraensis* (Goeldi) preservada na CCER	213
Figura 64	Fêmea de *Culicoides paraensis* (Goeldi), vetor primário do vírus Oropouche.	214
Figura 65	Espécimes de *Ceratopogonidae* preservados em alfinetes entomológicos.	215
Figura 66	Gaveta de espécimes da COLMASTO	216

LISTA DE TABELAS

		Pág.
Tabela 01	Distribuição das Coleções no Brasil	223
Tabela 02	Distribuição das Coleções na Fiocruz	224
Tabela 03	Início das Coleções	225
Tabela 04	Coleções que se reconhecem como integradas ao PRESERVO	227
Tabela 05	Motivo para a não integração ao PRESERVO	229
Tabela 06	Reconhecimento de outras Políticas Institucionais	229
Tabela 07	Criação e Institucionalização	232
Tabela 08	Consideram-se históricas	232
Tabela 09	Argumentos para considerar a coleção histórica	232
Tabela 10	Informações complementadas e/ou atualizadas	234
Tabela 11	Eventos Imprevistos Significativos	235
Tabela 12	Eventos Imprevistos Significativos Citados	235
Tabela 13	Desafios para a Preservação do Acervo	237
Tabela 14	Ações Museológicas ou de Divulgação Científica	240
Tabela 15	Ações Museológicas ou de Divulgação Científica Citadas	240
Tabela 16	Planejamento Estratégico	242
Tabela 17	Implementação de Planejamento Estratégico	243
Tabela 18	Perspectiva em ter um Planejamento Estratégico	243
Tabela 19	Museu como Ponto de Articulação e Gestão Integrada	244
Tabela 20	Como cada Coleção pode Contribuir com Exposição Museológica	245
Tabela 21	Desafios de uma Exposição de Longa Duração	246

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	1
Cap.1	FIOS CONDUTORES: ESTRATÉGIA E REFERENCIAIS DA PESQUISA	13
	1.1 Caminhos da pesquisa e estratégia metodológica	15
	1.1.1 Levantamento documental e bibliográfico	17
	1.1.2 Análise de fontes orais e entrevistas anteriores	18
	1.1.3 Aplicação de questionário e observação institucional	19
	1.2 Aplicação de questionário e observação institucional	22
	1.3 Do colecionismo ao Museu	25
	1.4 Acervos Fronteiriços: Sentidos e Trajetórias das Coleções Biológicas da Fiocruz	34
	1.5 Perspectiva de Análise Institucional a partir da Museologia	42
Cap.2	CIENCIAS BIOMÉDICAS E MUSEOLOGIA EM REDE: ACERVOS CULTURAIS NA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ	50
	2.1 Do porto de Santos ao Instituto de Manguinhos: translação da peste à paisagem paradoxal de uma instituição que nasce em meio a um manguezal	55
	2.2 A expansão das atividades: consequências	70
	2.3 Entre pesquisa e formação de acervos	83
	2.4 Permanências, Tensões e Legados na Formação das Coleções	95
	2.5 Iconografia e Exposições	99
	2.5.1 Iconografia	99
	2.5.2 Exposição e identidade institucional: da diplomacia científica ao Museu Oswaldo Cruz	108
	2.6 Autoritarismo, ruptura e rearticulação	124
Cap.3	A INSERÇÃO INSTITUCIONAL DAS COLEÇÕES BIOLÓGICAS DA FIOCRUZ	129
	3.1 Estratégias de Levantamento das Coleções Biológicas	131
	3.1.1 Depoimentos Orais	131
	3.1.2 Levantamento em Páginas Institucionais	134
	3.1.3 Aplicação de Questionário aos Gestores	135
	3.2 Perfil das Coleções Biológicas	139
	3.2.1 Panorama Estrutural da Fiocruz e a Inserção das Coleções Biológicas no Contexto Institucional	139
	3.2.2 Estrutura Organizacional e Reconhecimento Institucional das Coleções Biológicas	143
	3.2.3 Coleção Arqueopaleontológica	145
	3.2.4 Coleção Botânica	148
	3.2.5 Coleções Histopatológicas	152
	3.2.6 Coleções Microbiológicas	157
	3.2.7 Coleções Zoológicas	186
	3.2.8 Coleção de Vírus	217

3.2.9 Coleção de Patologia Feto-Placentária 217

Cap.4 COLEÇÕES BIOLÓGICAS EM ANÁLISE 219
4.1 No Tempo Presente: Um Panorama Crítico das Coleções Biológicas da Fiocruz 222
4.2 Das Coleções ao Público: a Realização do Museu 248
4.2.1 Seleção de Itens 249
4.2.2 Museu como Agente de Integração Institucional 251
4.2.3 Desafios da Expografia com as Coleções Biológicas em Ambientes Históricos 253
4.2.4 Ciência, Mediação, Museu 257

CONSIDERAÇÕES FINAIS 261
O Ouro Está na Travessia: o Museu como espaço de integração e diálogo permanente

REFERÊNCIAS 274

APÊNDICES 295

ANEXOS 402

INTRODUÇÃO

"El museo arqueológico, creación de un sabio de pura estirpe indígena, Don Julio Tello, que encierra en su interior colecciones de un valor extraordinario. Culturas enteras están sintetizadas."

Ernesto Che Guevara

Investigar a dimensão museológica das coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) implica reconhecer que esse conjunto de acervos[1], produzidos, mantidos e utilizados por diferentes unidades e setores institucionais ao longo de mais de um século, configura, para além de instrumentos de pesquisa, um testemunho material das práticas científicas e desenvolvimento de pesquisas que marcaram a história da ciência e da saúde no Brasil.

Desde os primeiros anos, a partir de sua inauguração em 1900, a formação de coleções esteve articulada à institucionalização da pesquisa biomédica, constituindo redes, embora nem sempre tenha havido consenso quanto ao valor desses materiais como patrimônio inalienável para o conjunto da instituição. Tal ambivalência se acentuou em momentos críticos da trajetória da Fiocruz, tendo o período do chamado "Massacre de Manguinhos"[2] como exemplo maior de momentos de intervenção em que projetos científicos e seus acervos foram descontinuados, negligenciados ou dispersos.

Para aprofundar a compreensão desse tema no âmbito da museologia, convém destacar as duas estruturas museais atualmente em operação na Fiocruz. Ao longo do tempo, diferentes iniciativas voltadas à preservação e à comunicação pública da ciência contribuíram para a emergência de espaços expositivos no interior da instituição, sendo as expressões consolidadas desse processo, na atualidade, o Museu da Vida, vinculado à Casa de Oswaldo Cruz (COC), e o Museu da Patologia, ligado ao Instituto Oswaldo Cruz (IOC). A dimensão museológica se desenvolve de maneira peculiar na Fiocruz,

---

[1] A Fundação Oswaldo Cruz é composta por diversos institutos, centros e unidades técnico-científicas, organizados como órgãos específicos singulares, cada qual com autonomia relativa na gestão de suas atividades. Nesse arranjo institucional, as coleções biológicas encontram-se distribuídas entre diferentes unidades, vinculadas a distintos campos de atuação. A compreensão dessa estrutura e seus desdobramentos para a preservação, salvaguarda e gestão museológica do acervo é aprofundada ao longo deste trabalho.

[2] O termo "Massacre de Manguinhos" designa o episódio da aposentadoria compulsória, em 1970, de dez cientistas do Instituto Oswaldo Cruz, considerados "subversivos" pelo regime militar brasileiro (D'AVILA, 2019).

algo desenvolvido no Capítulo 3, mas para nos situarmos no caso específico do Museu da Vida (MV)[3], é preciso que fique clara sua condição enquanto departamento da COC.

Embora a COC não seja tecnicamente classificada como um museu em sua definição institucional — sendo formalmente reconhecida como uma unidade técnico-científica, ou um órgão específico singular, conforme nomenclatura mais recente —, apresenta características que a situam de maneira clara no campo ampliado da museologia. Essa aproximação fica evidente quando se adota uma perspectiva que compreende o museu não apenas como uma edificação destinada à exposição de objetos, mas como um processo em permanente construção (SCHEINER, 2008b). Nesse sentido, a COC, que é uma estrutura formada na história recente da Fiocruz, inaugurada no ano de 1986, poderia ser compreendida como um museu, ou como um núcleo museológico que articula ações relacionadas a museus em múltiplas frentes.

Sob a ótica da museologia contemporânea — em especial nas formulações que concebem o museu como dispositivo de poder e espaço de materialização de discursos, para além da compreensão do museu apenas como campo de práticas e de redes (BRULON, 2020) — a centralidade desloca-se da edificação para os processos de mediação, circulação e produção de sentido. Nesse enquadramento, a COC não apenas realiza, como também estrutura práticas que incorporam funções museológicas centrais: colecionar, preservar, investigar, comunicar e expor. Essas funções são materializadas em diversas frentes de atuação, que incluem a preservação e salvaguarda de acervos materiais e imateriais; a produção e mediação de conhecimento; ações de educação formal e não formal; a publicação de obras científicas e de referência; a gestão de arquivos, coleções e objetos museológicos; e a gestão dos espaços expositivos sob responsabilidade do Museu da Vida, que é um departamento dedicado a um conjunto de ações museológicas na COC[4].

---

[3] O Museu da Vida Fiocruz é o principal espaço de recepção de visitantes da instituição, com cerca de 200 mil pessoas por ano. Atua de forma descentralizada no campus de Manguinhos, ocupando edifícios históricos e áreas externas, articulando ciência, história e educação em exposições e ações de mediação. Também desenvolve atividades itinerantes e territoriais, como o programa Ciência Móvel, voltado a públicos excluídos dos circuitos científicos e culturais (BEVILAQUA, 2018). Sua estrutura organizacional inclui serviços e núcleos voltados à museologia, educação, itinerância, estudos de público e design de exposições, refletindo uma atuação multidisciplinar (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2023, p. 24).

[4] É importante destacar que, embora o Museu da Vida seja o departamento responsável pela gestão das exposições museológicas na Casa de Oswaldo Cruz, a compreensão de museologia adotada nesta tese não se restringe à sua atuação. Reconhece-se que funções museológicas — como preservação, investigação, documentação, comunicação, mediação, etc. — são desempenhadas também por outros departamentos, de acordo com suas competências. Assim, o museu é entendido aqui como processo institucional amplo, que envolve múltiplas equipes, saberes e práticas na constituição e difusão do patrimônio cultural na COC.

Dessa forma, observamos que a COC se configura como um complexo museológico cuja atuação se estende de modo transversal pelas áreas do patrimônio, da história, da ciência e da educação. Trata-se de uma configuração institucional singular, ancorada nas práticas museológicas contemporâneas.

Outros exemplos que reúnem amplitude e complexidade institucionais semelhantes podem ser identificados no cenário brasileiro. A Casa de Rui Barbosa (RJ), por exemplo, articula patrimônio, história intelectual, museu-casa, centro de pesquisa e arquivo. A Fundação Biblioteca Nacional (RJ), além de funcionar como biblioteca, mantém museu, acervo arquivístico e centros de estudos.

Outro caso a destacar é o do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), também no Rio de Janeiro, que desenvolve ações interdisciplinares articulando pesquisa em história das ciências, documentação e conservação de acervos científicos, educação e divulgação da ciência, bem como práticas museológicas voltadas à mediação e interpretação de coleções.

A Casa de Oswaldo Cruz não carrega a alcunha de museu em si, mas se destaca por integrar de forma orgânica ações museológicas com produção acadêmica, gestão do patrimônio arquitetônico e urbanístico, oferta de programas de pós-graduação e desenvolvimento de espaços de educação e divulgação científica. Tal articulação permite reconhecer a COC como uma unidade técnico-científica da Fiocruz que atua de modo estruturante na configuração das práticas museológicas no âmbito institucional.

Por essa conformação, outras instâncias departamentais da COC desenvolvem e participam diretamente de processos museais — como os setores ligados ao patrimônio histórico, acervo documental, acervo bibliográfico e manutenção predial de edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que não compõem a estrutura do MV, mas sim da COC, como instâncias departamentais.

Outra estrutura museológica que devemos destacar é o Museu da Patologia (MP). Nesse caso, a dimensão museológica se manifesta de forma diferente, pois o MP articula diferentes temporalidades e funções em sua conformação atual na intrincada estrutura organizacional da Fiocruz como a do órgão específico singular que o abarca, o IOC. Sua origem remonta ao museu criado por Oswaldo Cruz em 1903, no âmbito da Seção de Anatomia Patológica, o que lhe confere um lugar singular na história

institucional. Ao longo do tempo, essa estrutura foi sendo reconfigurada pela reunião de três coleções histopatológicas que hoje compõem seu acervo[5].

Tais estruturas, embora compartilhem o campo, resultam de trajetórias distintas e respondem a concepções e gestões diversas sobre o papel da museologia na Fiocruz, refletindo também disputas internas sobre a visibilidade institucional dos acervos científicos. Nesse cenário, torna-se relevante fomentar uma reflexão crítica sobre as possibilidades de inserção museológica das coleções biológicas em práticas expositivas, considerando os limites impostos pela sua dispersão, pelas condições materiais de preservação e pela ausência de diretrizes institucionais consolidadas para uma gestão integrada dos acervos no âmbito museológico.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender as condições que envolvem a inserção museológica das coleções biológicas da Fiocruz, com atenção especial aos desafios que limitam sua presença em iniciativas expositivas voltadas à comunicação e à popularização das ciências. Ao reconhecer que essas coleções foram constituídas e preservadas por distintas unidades técnico-científicas ao longo de mais de um século, busca-se investigar as possibilidades de articulação entre acervos científicos, práticas museológicas e estratégias institucionais de mediação cultural. Entre os objetivos específicos estão: (i) analisar os obstáculos enfrentados para sua integração a espaços expositivos da instituição, considerando a dispersão organizacional, a ausência de diretrizes cooperativas e a fragilidade de protocolos museológicos consolidados; (ii) examinar o papel dos museus da instituição — com destaque para o Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz — na articulação entre ciência, patrimônio e público; e (iii) propor diretrizes para uma política integrada de curadoria compartilhada, seleção de itens, protocolos de preservação e ações educativas, capazes de fortalecer o lugar da museologia nos processos institucionais de planejamento e comunicação pública da ciência.

Nos últimos anos, a institucionalização do Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), estruturado a partir da aprovação da Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da instituição em 2018, marca um novo momento na

[5] A primeira é a Coleção da Seção de Anatomia Patológica, considerada o núcleo original do museu, composta por mais de 850 peças anatômicas e cerca de 10 mil lâminas. A segunda é a Coleção de Febre Amarela, que documenta as epidemias da doença no país entre as décadas de 1930 e 1970, com aproximadamente 498 mil casos médicos registrados, contendo órgãos preservados em formol, cortes histológicos em lâminas de vidro e blocos de parafina. A terceira é a Coleção do Departamento de Patologia, iniciada em 1984, que representa quase quatro décadas de pesquisas e acumula mais de 21 mil casos estudados, com peças fixadas em formol, centenas de milhares de blocos parafinados, lâminas histológicas e um amplo conjunto de imagens, tanto analógicas quanto digitais (GOMES, 2023).

configuração das práticas de preservação patrimonial na Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021c). Atuando como instância articuladora de uma rede interinstitucional, o PRESERVO vem consolidando diretrizes normativas e estratégias integradas voltadas à conservação, restauração, documentação, digitalização e disponibilização de acervos de múltiplas tipologias — entre os quais se encontram os acervos biológicos. Sua ação, de caráter matricial, envolve distintas vice-presidências e coordenações técnico-científicas, promovendo a interlocução entre setores historicamente dispersos e fomentando a criação de plataformas de infraestrutura para a preservação física e digital. Programas específicos, como os de indexação, tratamento técnico, conservação e difusão cultural, além da formulação de manuais e protocolos normativos, têm buscado qualificar a gestão dos acervos e ampliar o acesso público a essas fontes, reconhecendo nelas não apenas sua importância científica, mas também seu valor cultural e histórico.

A integração das coleções biológicas nesse escopo, entretanto, ainda exige reflexões mais aprofundadas quanto às possibilidades de uso museológico desses acervos, sobretudo em práticas expositivas. Tais coleções, embora mobilizadas por diferentes áreas da pesquisa científica, seguem demandando reconhecimento de sua dimensão museológica no interior da própria Fiocruz, em especial no que se refere à sua presença em iniciativas de comunicação pública da ciência.

No caso específico das coleções biológicas, as ações empreendidas no âmbito do PRESERVO vêm promovendo avanços no campo da preservação e do acesso — tanto físico quanto digital —, com a aquisição de equipamentos especializados, reformas em espaços de guarda e uso comum, e o fortalecimento da infraestrutura de segurança e conservação, ainda que relacionado a um conjunto restrito de coleções. Iniciativas como a construção de sala-cofre e datacenter, a implementação de protocolos de digitalização em alta resolução, a criação de banco de dados integrados, e a constituição de uma rede institucional de laboratórios de conservação e restauração refletem um esforço sistemático de modernização das condições de tutela desses acervos.

Ao mesmo tempo, a articulação da Coordenação de Coleções Biológicas com programas estruturantes como os de preservação patrimonial, digitalização e difusão, sinaliza uma mudança institucional no reconhecimento dessas coleções como componentes significativos do patrimônio científico e cultural da Fiocruz. Destaca-se ainda a criação do Biobanco de Biodiversidade e Saúde da Fiocruz, voltado à criopreservação de amostras humanas e não humanas, o que amplia as possibilidades de integração futura das coleções biológicas em plataformas de armazenamento, pesquisa e documentação referenciada por padrões internacionais.

Contudo, observa-se que essas ações, ainda que estruturantes no campo da preservação e da gestão, carecem de um acompanhamento sistemático por um debate sobre os sentidos que esses acervos podem assumir quando mobilizados em exposições e práticas de comunicação pública dentro de um museu na instituição. A despeito do reconhecimento de seu valor científico e estratégico, as coleções biológicas permanecem, em grande parte, à margem das estratégias museológicas institucionais, revelando a persistência de uma dissociação entre a lógica da conservação e os processos de musealização. A presente pesquisa insere-se, portanto, no horizonte dessa tensão, buscando compreender em que medida as práticas de preservação hoje em curso podem dialogar com a museologia enquanto campo voltado à mediação cultural, à produção de narrativas e à exposição pública de acervos científicos.

Preservar esses materiais é, portanto, mais do que garantir insumos técnicos: é reconhecer que essas coleções constituem também parte da memória científica e cultural do país. Ao expressar relações interdisciplinares, elas assumem uma função comunicativa e educativa que as aproxima do universo museológico. Esse entendimento convoca a noção de musealidade — compreendida como o valor simbólico e interpretativo atribuído a determinados objetos, independentemente de sua origem disciplinar (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Essa dimensão torna-se especialmente relevante quando se considera o papel das coleções biológicas como suportes para o desenvolvimento de estudos históricos sobre a ciência e a saúde no Brasil, contribuindo para ampliar as formas de mediação com a sociedade.

Embora não constitua objetivo central deste trabalho, é importante reconhecer que parte significativa das coleções biológicas da Fiocruz foi constituída no contexto de expedições científicas orientadas por paradigmas classificatórios da história natural próprios da ciência ocidental moderna, associados a formas específicas de legitimação do conhecimento que, como discute Brulon (2020), estiveram implicadas em processos históricos de hierarquização cultural e epistêmica. Ainda que inseridas no projeto nacional de ciência, essas práticas mantiveram, em muitos casos, estruturas de invisibilização de saberes locais e de populações tradicionais. Tal constatação aponta para a necessidade de futuras reinterpretações críticas, sensíveis aos desafios da decolonialidade no campo da museologia da ciência. Além disso, ao tomar como referência o conceito de lugar de memória, conforme proposto por Pierre Nora (*apud* RIBEIRO, 1988), é possível indagar: as estruturas museológicas da Fiocruz e seus acervos comunicam memórias de quais grupos sociais? A história institucional concentra memórias de cientistas, técnicos e gestores, mas também está entrelaçada às experiências de pacientes, trabalhadores e da população em geral. Pensar as

coleções como parte de redes institucionais e narrativas compartilhadas exige deslocar o olhar para além da função técnico-científica, convocando-nos a refletir sobre seus papéis na construção de sentidos, escolhas curatoriais e formas de mediação política.

Ao analisar as coleções biológicas da Fiocruz sob a perspectiva museológica, situá-las no contexto mais amplo da trajetória da ciência e da saúde pública no Brasil assume um sentido de interpretação e compreensão da história. A instituição, fundada nos primeiros anos do século XX, contribuiu grandemente para moldar os rumos da medicina tropical, da pesquisa biomédica e das políticas de saúde no país. Sua sede histórica em Manguinhos — território marcado por desigualdades estruturais e por contínuos processos de resistência popular — evidencia as tensões entre produção científica, responsabilidade social e disputas por memória.

Nesse cenário, os acervos científicos não são apenas suportes técnicos, são testemunhos materiais de políticas públicas, práticas sanitárias, experiências sociais etc. de adoecimento e cuidado. A presença da Fiocruz em diferentes territórios do Brasil, inclusive em áreas de vulnerabilidade social e ambiental, amplia o sentido de suas coleções, vinculando-as às histórias de populações atingidas por epidemias, ações estatais, campanhas de erradicação de doenças e intervenções biomédicas. Assim, o patrimônio científico da Fiocruz assume maiores dimensões ao ser compreendido em diálogo com os processos históricos e sociopolíticos que o atravessam — sejam eles de afirmação da ciência nacional, de apagamento de saberes tradicionais ou de constituição de narrativas hegemônicas sobre a saúde e o conhecimento.

A Fiocruz adota institucionalmente a expressão Complexo de Acervos para referir-se ao conjunto de bens culturais, científicos e documentais sob sua responsabilidade, enfatizando a pluralidade de naturezas, funções e gestões envolvidas. Tal formulação, expressa nas ações do Complexo de Acervos da Fundação Oswaldo Cruz (Preservo), difere da noção de acervo no singular, entendida como o conjunto de bens sob guarda de uma instituição como unidade. No contexto da Fiocruz, a referência no plural reconhece que esses acervos se encontram distribuídos entre diferentes órgãos específicos singulares, com autonomia relativa e práticas de preservação próprias.

Ao longo deste trabalho, o termo acervo será utilizado para referir-se ao conjunto de itens sob responsabilidade de determinada coleção. Já o termo acervos, no plural, será empregado para destacar a diversidade de naturezas e funções dos conjuntos preservados na Fiocruz, que abrangem coleções biológicas, fundos documentais, bibliográficos e museológicos. Ao falar em “complexo de acervos”, ressalta-se que tais conjuntos não constituem um acervo homogêneo, mas uma rede

articulada de acervos especializados, geridos por diferentes órgãos da Fundação, cada qual com especificidades de preservação, documentação e difusão, compondo em conjunto o patrimônio sob responsabilidade institucional.

O termo item será utilizado para referir-se às unidades constitutivas das coleções biológicas, considerando a diversidade de suportes materiais que as compõem.

A configuração atual das coleções biológicas da Fiocruz é inseparável do percurso histórico da própria instituição, marcada por transformações nas políticas científicas, nos modelos de pesquisa e nas relações entre ciência e Estado. Desde a fundação do Instituto Soroterápico Federal, em 1900, a constituição de acervos biológicos esteve atrelada à lógica das expedições científicas, da produção de conhecimento sobre endemias e da construção de uma autoridade biomédica nacional. Essas coleções não emergem, portanto, como depósitos neutros de espécimes, mas como produtos de redes político-científicas que mobilizaram saberes, territórios e recursos institucionais em diferentes momentos históricos. Sua institucionalização se deu de forma heterogênea, atravessada por disputas internas, reconfigurações administrativas e mudanças nas prioridades de pesquisa. Nesse contexto, compreender as coleções como expressões materiais dessas trajetórias permite evidenciar a historicidade dos acervos e reconhecer neles camadas de sentido que vão além de sua função científica imediata, aproximando-os do campo da museologia como espaço de reflexão sobre memória, identidade e política institucional.

A análise da inserção museológica das coleções biológicas da Fiocruz, conduzida sob uma perspectiva institucional e relacional, busca também produzir subsídios para o desenvolvimento de diretrizes que favoreçam a integração entre produção de conhecimento, práticas de preservação e processos de mediação e comunicação. Tais diretrizes, a serem discutidas ao final desta tese, deverão considerar a complexidade organizacional da Fiocruz, o caráter transversal de suas coleções, e a diversidade de práticas de cuidado, circulação e interpretação que lhes dão forma.

Espera-se, com isso, contribuir para o delineamento de arranjos cooperativos entre as equipes responsáveis pelas coleções biológicas, os setores de produção de narrativas expositivas e os núcleos dedicados à preservação do patrimônio, de modo coerente com as vocações institucionais de comunicação da ciência e valorização da memória científica. A formulação dessas propostas parte do entendimento de que a museologia, ao articular memória, mediação e planejamento, pode constituir-se como uma dimensão estruturante da vida institucional, ampliando as possibilidades de apropriação crítica e uso social dessas coleções.

A presente tese está organizada em quatro capítulos, além desta introdução. O Capítulo 1 apresenta os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, com ênfase nos conceitos de coleção, patrimônio científico, musealidade e redes sociotécnicas, articulados à abordagem qualitativa que orienta o percurso analítico. O Capítulo 2 traça um panorama histórico das coleções biológicas da Fiocruz, desde suas origens no Instituto Soroterápico Federal até os processos de reconfiguração institucional que marca sua trajetória contemporânea, levando em consideração a estrutura museológica da Fiocruz e as políticas de preservação e difusão dos acervos — com o papel da Casa de Oswaldo Cruz (contemporaneamente, com o Museu como parte de sua estrutura) e do Instituto Oswaldo Cruz (desde sua origem) na institucionalização das práticas museológicas.

A fim de situar expectativas, manter uma coerência argumentativa e defender o escopo possível da pesquisa diante das limitações reais de tempo e fôlego, cabe destacar que apesar do esforço empreendido na formulação do Capítulo 2, reconhece-se que esse bloco não atingiu o nível de aprofundamento que consideramos necessário para explorar, com a densidade desejável, com a museologia em perspectiva histórica bem como a dimensão museológica presente historicamente nas práticas da Fiocruz. As reflexões ali apresentadas representam tentativas de situar institucionalmente o objeto da pesquisa, oferecendo um panorama introdutório das práticas de preservação e dos processos de patrimonialização na instituição. No entanto, o potencial analítico desses temas é amplo e ainda demanda investigações mais robustas sobre o desenvolvimento da museologia na Fiocruz, as disputas por reconhecimento e salvaguarda dos acervos, e as distintas categorias de patrimônio envolvidas na constituição de um rico conjunto. O que se apresenta, nesse capítulo, é um esforço inicial de contextualização voltado a compreender em que medida esse campo institucional mais vasto e historicamente tensionado se relaciona às coleções biológicas, que estão inseridas nele.

O Capítulo 3 contém a aplicação da estratégia metodológica adotada para o levantamento das trinta e seis coleções biológicas da instituição. Com base em fontes orais, informações disponíveis em páginas institucionais e na aplicação de um questionário junto aos responsáveis pelas coleções, o capítulo delineia um panorama da estrutura organizacional, da inserção institucional e do reconhecimento dessas coleções no interior da Fiocruz. Busca-se compreender os modos como esses acervos vêm sendo tratados no âmbito institucional — especialmente no que se refere à sua gestão, preservação e visibilidade.

Por fim, o Capítulo 4 desenvolve a abordagem analítica com foco nas possibilidades e limites de inserção das coleções biológicas em exposições museológicas no contexto institucional da Fiocruz. A partir do cruzamento dos dados coletados, o capítulo identifica fragilidades estruturais, lacunas normativas e desafios de gestão dos acervos que afetam diretamente a integração das coleções biológicas em estratégias expositivas.

Diante da limitação assumida no Capítulo 2, é nos Capítulos 3 e 4 que se concentra o levantamento e o núcleo analítico. A partir de uma investigação empírica exploratória inédita dedicada às trinta e seis coleções biológicas da Fiocruz, nos dois últimos capítulos é desenvolvida uma análise dos desafios que envolvem a integração das coleções biológicas em uma gestão museológica necessária à mediação e exposição do patrimônio cultural. Nesse cenário, o museu é proposto como espaço potencial de congregação, de articulação institucional e de mediação com a sociedade. Ao propor essa articulação, a pesquisa sugere o papel estratégico do museu e da museologia como espaço e campo capazes de fomentar tanto o reconhecimento quanto a transformação do patrimônio cultural preservado em um recurso dinâmico e participativo.

A frase retirada das Notas de Viagem, de Ernesto Che Guevara, no princípio desta Introdução, portanto, não almeja inaugurar o trabalho com uma digressão, tampouco propõe uma analogia direta entre o museu arqueológico de Lima e o objeto de análise desta tese. Trata-se, antes, de um momento em que reconhecemos uma forma possível de orientação diante do objeto de estudo, como inspira um viajante em meio a uma travessia pela América do Sul sem destino fixo. No percurso, Guevara identificou uma síntese de sentidos em um museu criado por “Don Julio Tello”, e nessa breve anotação, o autor registrou em seu caderno de memórias, com espontânea admiração, a presença da arqueologia, a potência simbólica dos povos originários que foram submetidos a colonização, o vínculo entre curador e coleção e a força evocativa dos acervos como testemunhos culturais. “Culturas inteiras estão ali sintetizadas” — impressão que o marcou de modo comparável, e consequente, ao impacto vivido em sua passagem anterior por Machu Picchu, durante a mesma viagem, em 1951 (GUEVARA, 2004, p.131).

A Fiocruz, instituição pública de ciência e saúde, tem papel central na consolidação da pesquisa biomédica e das políticas públicas de saúde no Brasil. Ao longo de seus 125 anos, construiu trajetórias institucionais singulares, entre as quais se destacam a formação e a manutenção de um expressivo conjunto de coleções científicas. Este trabalho busca compreender parte dessas trajetórias a partir de uma

perspectiva museológica ancorada no tempo presente. A citação que abre esta introdução inspira-nos na tentativa de encontrar, nas palavras de alguém que se permitiu afetar e mover por aquilo que encontrou em seu caminho, o impulso necessário para este percurso. A viagem que propomos — humildemente, e sem qualquer pretensão de equivalência à jornada de Guevara e Granado a bordo de uma motocicleta por uma América do Sul profunda — é, de certo modo, também geográfica, histórica, institucional e conceitual. Atravessa edifícios, práticas e disputas, com o intuito de compreender o museu em perspectiva processual, a partir de uma instituição que, por sua relevância científica e histórica, conserva coleções biológicas desde seus primórdios. O que essas coleções podem representar e sintetizar no espaço de um museu, no âmbito da Fiocruz, é uma questão motivadora.

CAPÍTULO 1

FIOS CONDUTORES: ESTRATÉGIA E REFERENCIAIS DA PESQUISA

1 FIOS CONDUTORES: ESTRATÉGIA E REFERENCIAIS DA PESQUISA

Este primeiro capítulo busca apresentar as bases conceituais e metodológicas que sustentam o percurso da pesquisa. A proposta é compor um campo de reflexão que permita compreender as coleções biológicas da Fiocruz não apenas como repositórios de espécimes, mas como estruturas que mobilizam sentidos em várias direções. A organização do capítulo segue uma divisão que, embora didática, não é estanque.

A primeira parte apresenta os caminhos da pesquisa. A estratégia metodológica adotada procurou combinar diferentes formas de acesso aos dados e às práticas institucionais. Foram analisados documentos normativos, portais e políticas de preservação, além de depoimentos colhidos em projetos anteriores, o que acabou se tornando uma forma de escutar a instituição em suas diferentes vozes. Com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, aplicou-se um questionário digital a curadores e gestores, permitindo captar, com nuances, percepções sobre as coleções, seus desafios e usos possíveis em exposições e ações educativas. Ainda assim, houve dificuldades de acesso a informações, o que não deixa de dizer algo sobre o modo como essas coleções são compreendidas internamente.

A abordagem metodológica se fundamenta em uma perspectiva qualitativa, de caráter exploratório, que entende as coleções como dispositivos em movimento. A musealidade é pensada aqui não como uma qualidade intrínseca do objeto, mas como algo que emerge de práticas, decisões e contextos[6] — que ora se articulam, ora se contradizem. Ao longo do capítulo, essa ambiguidade entre o que a coleção é e o que ela pode ser é mantida, não como um problema a ser resolvido, mas como uma condição produtiva da análise.

Na segunda parte do capítulo, dedicada às coleções científicas, parte-se da noção de Pomian (1984) sobre o que constitui uma coleção: um conjunto de objetos retirados de seu uso original, atravessado por significações que vão além da matéria.

---

[6] Entende-se por musealidade, neste trabalho, uma condição relacional instituída: ela emerge quando objetos ou conjuntos são selecionados, documentados, preservados e comunicados por pessoas e instituições, adquirindo estatuto patrimonial e valor documental. Não é uma qualidade intrínseca dos objetos, mas o resultado de processos de significação, enquadramentos institucionais e usos, conforme a sistematização consolidada em Desvallées e Mairesse (org.), Conceitos-chave de Museologia (2013).

Ao longo desse percurso, revisitamos o colecionismo desde os gabinetes de curiosidades até os museus de história natural, com suas disputas por autoridade e suas tentativas de ordenar o mundo — ou, pelo menos, uma parte dele. O colecionismo científico é tratado aqui menos como um acúmulo de coisas e mais como uma prática relacional, que envolve pessoas, técnicas, instituições, mas também silêncio e exclusão. As coleções biológicas da Fiocruz, nesse contexto, ganham contornos próprios: emergem entre demandas sanitárias, se expandem com a pesquisa científica, e hoje atravessam um território que está entre o laboratório e o museu — ou entre outros lugares, talvez.

Já na terceira seção, a museologia é mobilizada como uma chave possível para interpretar esse trânsito. Não se trata de forçar um enquadramento, mas de observar como práticas de preservação, documentação e exibição vêm sendo acionadas na Fiocruz — com mais ou menos intenção, e nem sempre com nome. A musealização, como discutem Desvallées e Mairesse (2011), aparece como um processo de ressignificação que afeta o objeto e o contexto. A experiência histórica do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), a atuação da Casa de Oswaldo Cruz (COC), e mesmo a ambiência do campus de Manguinhos sugerem que a dimensão museológica na instituição não se resume à existência de museus formalizados. Há uma espécie de densidade simbólica que se acumula — ou se distribui — nos espaços e nos acervos, indicando a possibilidade de pensar a Fiocruz como algo mais do que uma instituição científica em sentido estrito.

Ao integrar diferentes tradições, a proposta é abrir espaço para reconhecer que as coleções da Fiocruz são atravessadas por memórias, rupturas e permanências. Elas não pertencem a um único lugar, nem respondem a uma única função — o que talvez seja justamente o que as torna relevantes para pensar o papel da museologia em relação a elas nos dias de hoje.

1.1 Caminhos da Pesquisa e Estratégia Metodológica

A proposta deste trabalho nasce da necessidade de compreender as práticas institucionais que envolvem as coleções biológicas da Fiocruz, observando como esses acervos têm sido organizados, preservados e mobilizados no interior da instituição. A pesquisa parte do exame dessas práticas para indagar em que medida elas abrem espaço para a compreensão de uma dimensão museológica, no cruzamento entre funções científicas, sentidos institucionais e possibilidades de comunicação com o

público. Sustenta-se, aqui, a hipótese de que o desenvolvimento de procedimentos institucionalmente consolidados, capazes de definir o uso dessas coleções em atividades museológicas de forma integrada, ainda tem muito no que avançar.

Esta tese tem como objeto de investigação as 36 coleções biológicas atualmente registradas no portfólio institucional da Fiocruz, distribuídas entre diferentes unidades técnico-científicas e órgãos vinculados à sua complexa estrutura organizacional. A partir da observação dessas coleções em sua vivência museológica — entendida aqui como um conjunto de práticas que envolvem a preservação, a interpretação e a comunicação dessas coleções pela instituição aos diferentes públicos exteriores a ela —, busca-se refletir sobre os desafios que se impõem ao desenvolvimento de exposições museológicas e de ações de divulgação científica com as coleções biológicas no âmbito da Fiocruz. Trata-se de considerar como esses processos se articulam por um encontro que se dá nos museus existentes na instituição, e com outros atores institucionais, cujas atividades incidem sobre a gestão desses museus e sobre o uso das coleções.

Essas coleções de considerável diversidade tipológica vêm sendo preservadas e utilizadas em contextos de pesquisa e em ações isoladas de divulgação científica nas últimas décadas. No entanto, ainda não se encontram suficientemente articuladas para práticas de comunicação voltadas ao grande público, como exposições de longa duração, mostras temporárias ou iniciativas de mediação em diferentes espaços museais presentes na Fiocruz.

A investigação parte do reconhecimento de que, apesar de sua relevância científica e como patrimônio histórico das ciências e da saúde, a Fiocruz ainda carece de avanços sobre diretrizes que orientem a gestão, o manejo e a organização de seus acervos culturais para fins expositivos. Partimos da hipótese de que isso é impactado por uma intrincada e estratificada estrutura organizacional, que envolve diferentes órgãos, laboratórios e departamentos de pesquisa com atuação nas áreas de coleções, de museologia e de patrimônio. Ao analisar essas barreiras, a pesquisa busca contribuir com elementos que amparem a formulação de práticas institucionais integradas e regulamentadas voltadas à articulação das coleções biológicas com estratégias de comunicação pública da ciência, sob coordenação intersetorial entre as diferentes instâncias relacionadas, onde o museu pode ter muito a contribuir.

Para atender ao propósito da pesquisa, a metodologia se delineou com base em uma articulação entre análise documental, levantamento bibliográfico, estudo de fontes orais e pesquisa de campo. O percurso metodológico se desenvolveu em frentes integradas que envolveram: (1) levantamento e análise bibliográfica; (2) exame de

documentação institucional; (3) análise de depoimentos orais registrados em projetos anteriores; (4) e observação de práticas institucionais, realizada por meio de pesquisa de campo em modalidades *in loco*, *in situ,* online e remota, conforme a natureza do contato estabelecido com cada uma das 36 coleções biológicas da Fiocruz e com a Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB).

1.1.1 Levantamento documental e bibliográfico

A primeira etapa consistiu no levantamento das informações disponíveis nos portais institucionais da Fiocruz relacionados às coleções biológicas. Essa etapa teve por objetivo mapear os dados acessíveis ao público externo e observar de que forma a instituição apresenta suas coleções em ambientes digitais. Foram consultados os sítios eletrônicos mantidos pela Fundação, bem como documentos institucionais que orientam a gestão e a política de preservação dos acervos. Entre os documentos analisados, destacam-se: o Regimento Interno das Coleções Biológicas da Fiocruz, o Manual para Gestão de Documentos e Arquivos de Laboratórios das Ciências Biomédicas, o Manual de Digitalização, o Documento Institucional para o Desenvolvimento de Política de Coleções Biológicas na Fundação Oswaldo Cruz, a Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz e o Programa de preservação digital de acervos. Também foram consideradas normativas e portarias como a Portaria VPPCB nº 3/2023 (que aprova o regimento interno das coleções biológicas), as Portarias VPPCB nº 4, 7 e 8/2024 (relativas a grupos assessores voltados à educação e à divulgação científica, documentação e implantação do Centro de Recursos Biológicos), a Portaria VPPCB nº 14/2023 (sobre o reconhecimento institucional das coleções), a Portaria ICMBio nº 748/2022 (relativa ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade – Sisbio), a Portaria nº 5811/2019 (que atualiza a composição da Câmara Técnica de Coleções Biológicas), e a Deliberação CONABIO nº 53/2010 (sobre a modernização das coleções biológicas no Brasil).

Cabe registrar que, a partir de 26 de dezembro de 2024, parte do conteúdo anteriormente disponível online passou a estar acessível apenas pela rede interna da Fiocruz, devido à migração dos sites institucionais para novos servidores. Conforme nota técnica da Coordenação-Geral de Gestão de Tecnologia de Informação (Cogetic), essa mudança visa aprimorar a segurança digital e a performance dos sistemas, no entanto, o processo restringiu o acesso a determinadas informações por usuários

externos, e, até a finalização desta etapa da pesquisa, não foi possível contornar essas limitações de acesso.

1.1.2 Análise de fontes orais e entrevistas anteriores

A segunda etapa concentrou-se na análise de entrevistas realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *A Construção de Tradições Científicas, os Acervos de Biodiversidade e a Produção do Conhecimento: as Coleções Científicas da Fundação Oswaldo Cruz*, desenvolvido com apoio do Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde (PAPES/Fiocruz). As entrevistas, conduzidas entre 1994 e 2001, registraram depoimentos de profissionais vinculados a cinco coleções biológicas da instituição: helmintológica, entomológica, febre amarela, cultura de fungos e malacológica.

Nesta pesquisa, compreende-se a dimensão da memória como operadora conceitual capaz de articular vivências individuais e coletivas, registros objetivos e afetivos, bem como diferentes temporalidades vinculadas à constituição e uso das coleções biológicas da Fiocruz. Conforme discutido por Le Goff, Halbwachs e outros autores (SILVA; SILVA, 2006), a memória é seletiva, socialmente construída e fundamental para a formação de identidades coletivas, o que a torna um elemento estratégico para a análise dos vínculos entre patrimônio, ciência e sociedade. No contexto do nosso recorte, a memória coletiva institucional não apenas preserva narrativas sobre a trajetória científica e sanitária da instituição, mas também reorganiza e ressignifica práticas e objetos em diferentes momentos históricos.

Embora as entrevistas realizadas no âmbito do referido projeto não contemplem a totalidade das coleções hoje reconhecidas pela Fiocruz, os relatos examinados contribuíram para a observação de aspectos do cotidiano de trabalho, das práticas de curadoria e das formas de inserção dos acervos nas dinâmicas institucionais. As entrevistas também indicaram a existência de lacunas na documentação histórica de parte significativa das coleções.

Os registros foram examinados com o objetivo de compreender os sentidos atribuídos às coleções pelos curadores e colaboradores que participaram do projeto, bem como os critérios que orientaram a seleção dessas cinco coleções como objetos da investigação original — critérios posteriormente analisados por pesquisa mais recente, a qual foi incorporada à nossa análise como fonte complementar (BETTAMIO, 2024). Essa nova pesquisa permitiu ampliar a compreensão do escopo do projeto, das

decisões metodológicas envolvidas em sua formulação e das formas como determinadas coleções ganharam visibilidade institucional.

1.1.3 Aplicação de questionário e observação institucional

Uma terceira etapa metodológica compreendeu a submissão e o acompanhamento do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por meio da Plataforma Brasil. Embora o objeto da investigação não envolva diretamente seres humanos como sujeitos de estudo no sentido tradicional — já que o foco recai sobre as coleções biológicas da Fiocruz —, optou-se por formalizar o protocolo em atenção à Resolução CNS nº 510/2016, que estabelece diretrizes específicas para pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais. Essa decisão foi motivada por recomendação do docente responsável pela orientação da pesquisa, alinhada às diretrizes acadêmicas do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/UNIRIO/MAST), que orientam a submissão ética em estudos que envolvem a coleta de dados com profissionais vinculados a instituições públicas.

Não obstante houvesse, inicialmente, um entendimento compartilhado com parte dos profissionais consultados de que esse tipo de levantamento institucional não exigiria avaliação ética, a natureza das informações a serem obtidas justificou a submissão: tratava-se de dados sobre práticas de gestão, organização e preservação de acervos institucionais, que, no contexto deste trabalho, poderiam ser considerados sensíveis.

O parecer consubstanciado emitido pelo CEP (Anexo 1) reconheceu a pertinência da análise ética e incluiu observações quanto à proteção dos participantes, exigindo ajustes em documentos como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o formulário do questionário, a descrição dos riscos e o cronograma da pesquisa. Após a aprovação final (Anexo 2), com autorização formal para o início da coleta, a aplicação do instrumento foi iniciada junto aos curadores e gestores das coleções biológicas da Fiocruz.

Cabe mencionar que, em diálogo com profissionais da própria Fiocruz, houve manifestações de surpresa quanto à necessidade de submissão ao CEP em projetos com esse escopo. Isso evidencia um campo ainda em consolidação quanto à interpretação normativa aplicada às ciências humanas e sociais em contextos institucionais específicos, como o da museologia. Ainda assim, optou-se por assegurar a conformidade legal do projeto, evitando quaisquer entraves formais no processo de coleta de dados.

Antes da apresentação da aplicação do instrumento de coleta, cabe uma breve exposição do caminho percorrido anteriormente. O projeto foi apresentado à Coordenação de Coleções Biológicas da Fiocruz, vinculada à VPPCB, com o objetivo de estabelecer o diálogo institucional necessário à sua realização. Essa interlocução foi favorecida por vínculos previamente estabelecidos entre o MV/COC e diferentes coleções biológicas, no contexto de iniciativas de divulgação científica e da proposta de concepção de uma exposição museológica de longa duração.[7] Em resposta e por solicitação nossa, a Coordenação emitiu uma carta de anuência institucional, exigida pelo CEP para aprovação do estudo. O documento (Anexo 3) atesta ciência e concordância com a pesquisa, reconhecendo seu potencial para subsidiar tanto o desenvolvimento da exposição quanto a identificação de desafios relacionados à gestão das coleções em ambiente expositivo no museu.

A partir desse respaldo formal, foi possível dar prosseguimento ao contato com os gestores das coleções, bem como com a própria Coordenação da VPPCB, que também passou a integrar o universo da pesquisa. Com a aprovação do parecer e a autorização para o início da pesquisa de campo, foi realizada a distribuição do instrumento de coleta — um questionário estruturado com perguntas abertas — destinado aos curadores e/ou responsáveis formais pelas coleções, além da Coordenação de Coleções Biológicas, convidada a participar com uma visão transversal sobre o conjunto dos acervos.

O questionário, hospedado em plataforma digital segura, foi elaborado com base nos objetivos da tese e seguiu os parâmetros éticos determinados no protocolo submetido. Além de abordar informações sobre tipologia, estado atual, estratégias de preservação e histórico das coleções, o instrumento explorou aspectos relativos à participação das coleções em iniciativas de divulgação científica, desafios para exposição pública, relação com o Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO) e possíveis contribuições da museologia para sua gestão e comunicação. Também foi oferecida a possibilidade de envio de imagens que ilustrassem aspectos relevantes das coleções, com autorização expressa para uso acadêmico conforme as diretrizes da Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2014b).

A escolha pelo formato digital para o instrumento de coleta de dados foi motivada por critérios de praticidade, alcance e padronização no processo de coleta,

[7] Essas articulações, desenvolvidas no âmbito da atuação funcional do autor deste trabalho junto à COC, contribuíram para o estabelecimento de um canal institucional que viabilizou a apresentação do projeto à VPPCB.

considerando que as coleções estão distribuídas por distintos órgãos específicos singulares da Fiocruz presentes em diversas unidades da federação. Além disso, o uso de um formulário eletrônico permitiu o envio simultâneo do TCLE, o acompanhamento da taxa de retorno e a organização automatizada das respostas para fins de análise qualitativa. A participação dos respondentes foi voluntária, mediante aceite de TCLE apresentado na comunicação enviada diretamente contendo o *link* de acesso. A coleta de dados prosseguiu com a necessidade de seguidos ajustes no cronograma da pesquisa e, então, os resultados foram organizados para análise qualitativa.

A apresentação abordou aspectos formais e institucionais do projeto, com ênfase nos princípios éticos envolvidos, nas condições de participação, no uso de imagens e na política de dados. Essa introdução teve como função garantir a transparência da pesquisa e registrar o consentimento livre e informado dos participantes. O questionário em si (Apêndice 1), foi composto por 33 perguntas, das quais 25 tinham formato aberto.

As 23 questões finais, em especial, foram elaboradas com o intuito de explorar diferentes dimensões relacionadas ao estado atual das coleções biológicas, sua trajetória histórica, formas de organização, estratégias de preservação, relevância científica e inserção institucional. Essas perguntas também buscaram identificar desafios enfrentados no cotidiano das coleções e examinar possibilidades de aproximação com práticas museológicas. Além disso, foram incluídas questões sobre a relação das coleções com o Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), a existência de políticas institucionais voltadas à difusão e à conservação, e experiências anteriores de participação em ações de educação, mediação e exposição museológica. Algumas delas foram redigidas de modo a possibilitar respostas tanto por representantes de coleções individuais quanto pela Coordenação da VPPCB, considerando uma perspectiva mais abrangente sobre o conjunto das coleções.

O questionário procurou, ainda, captar percepções sobre o papel da museologia na gestão dos acervos, a viabilidade de exposições de longa duração e a articulação com áreas responsáveis por atividades educativas e de comunicação científica. A presença de uma questão final facultativa voltada ao envio de imagens e respectivas legendas teve como objetivo registrar visualmente aspectos significativos das coleções, desde a morfologia dos espécimes até suas condições de guarda, sempre com autorização explícita para uso acadêmico e atribuição de crédito.

A opção por perguntas abertas refletiu o propósito da pesquisa de obter respostas contextualizadas e descritivas, que contemplassem tanto a diversidade das coleções quanto as especificidades das experiências institucionais. A abertura das

questões permitiu que os respondentes expusessem livremente informações técnicas, operacionais e reflexivas sobre os acervos sob sua responsabilidade, oferecendo um panorama mais detalhado do que aquele que poderia ser obtido por meio de questões fechadas ou de múltipla escolha.

1.2 Pressupostos da Abordagem Metodológica

Ao longo da trajetória profissional deste pesquisador na Casa de Oswaldo Cruz, especialmente em processos ligados à exposição e à mediação museológica de acervo diverso, a complexidade das coleções biológicas da Fiocruz se apresentou como um fato corriqueiro. Essa vivência despertou o interesse em compreender como algumas coleções, mesmo não pertencendo a museus instituídos, ativam práticas e sentidos que se aproximam do campo museológico — exemplo claro da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC), instalada no Castelo Mourisco onde ocorre um percurso de visitação museológica. Essa percepção orientou as decisões metodológicas desta pesquisa, em especial a escolha da abordagem.

O percurso metodológico que se delineou compreende as coleções biológicas da Fiocruz como entidades que, embora destinadas originalmente à pesquisa científica, podem ser interpretadas como passíveis de musealização. A musealidade, por sua vez, emerge como o valor documental que se projeta sobre os itens selecionados, resultante de operações intelectuais e práticas que envolvem sua inserção em circuitos museais.

A opção metodológica adotada nesta pesquisa toma como referência conceitual a museologia enquanto campo de estudo que articula, de forma indissociável, práticas de preservação, pesquisa e comunicação de acervos em processos museológicos. A formulação de Desvallées e Mairesse (2013) compreende a musealização como um processo que se inicia com a separação de objetos de seus contextos originais, transformando-os em testemunhos documentais. A retirada do objeto de seu uso ou função inicial implica uma reconfiguração simbólica, que desloca sua condição anterior para um regime de representação que envolve escolhas técnicas, institucionais e epistemológicas. Esse processo se materializa em atividades de gestão e catalogação concretizando-se, entre outros modos, na comunicação por meio de exposições. Embora o processo de musealização costume ser compreendido como aquele que transforma objetos em documentos museais por meio de sua descontextualização e reinscrição em novos regimes de significação, tal concepção encontra limites importantes no caso das coleções biológicas da Fiocruz.

Esse deslocamento pode ser compreendido também como uma operação de consagração simbólica (BOURDIEU, 2007a)[8], uma vez que diferentemente do que ocorre em instituições museais clássicas, esses acervos não são retirados de sua função original no campo da pesquisa científica – sua utilização em exposições museológicas ocorre, em geral, sem a suspensão definitiva de sua função técnico-científica. Tal configuração revela uma condição particular de coexistência entre os usos científico e museológico, característica que aproxima a Fiocruz das práticas dos museus de história natural, embora sua origem institucional não esteja vinculada à constituição de um museu propriamente dito.

Isso envolve reconhecer que esses acervos estão sujeitos a reorganizações, redefinições de sentido e negociações internas que acompanham as dinâmicas institucionais. A ausência de diretrizes centralizadas para o uso das coleções em práticas museológicas exigiu, por extensão, uma estratégia orientada à escuta institucional e à análise, combinando observação da gestão, levantamento de registros históricos e coleta de percepções dos responsáveis técnicos.

Com esse arranjo, foi possível compor um panorama atual em que os objetos desta pesquisa são examinados tanto em sua função na produção científica quanto em seus modos de preservação, circulação e apresentação. Essa abordagem permitiu evidenciar as especificidades e limitações que configuram o atual quadro de desarticulação entre os acervos biológicos e as práticas museológicas, contribuindo para o debate sobre as condições institucionais necessárias à comunicação da ciência com uso do acervo das coleções em ambientes museológicos.

O percurso metodológico foi ancorado em referenciais conceituais que compreendem a museologia como um campo reflexivo e operacional situado entre a preservação e a comunicação, articulando-se com os conceitos de musealização, musealidade, mediação e gestão museológica. A museologia é aqui entendida como a disciplina que estuda a relação específica entre o ser humano e a realidade por meio da seleção, preservação e exposição de objetos dotados de valor documental (CARVALHO, 2017).

---

[8] A retirada de um objeto de seu uso original e sua reinscrição em um regime de representação pode ser compreendida, à luz de Bourdieu (2007b), como uma forma de atribuição de capital simbólico. O autor argumenta que os significados atribuídos aos objetos não são intrínsecos, mas resultam de construções sociais legitimadas por instituições e agentes dotados de autoridade — como museus, curadores ou instituições científicas. Nesse sentido, a musealização se apresenta como um ato de consagração simbólica, condicionado pelas estruturas de poder que operam nos diferentes campos sociais.

Ao longo do tempo, na Fiocruz, a dimensão museológica foi sendo desenvolvida de forma progressiva no interior da instituição (BEVILAQUA, 2018; SOARES, NOGUEIRA, 2017), em resposta a dinâmicas históricas específicas, iniciativas de preservação e ações de divulgação científica. Essa emergência de práticas museológicas em uma instituição científica fundamentada em produção de insumos e pesquisas voltadas à saúde pública aponta para a constituição de um ambiente museológico que se insere, em parte, à sua estrutura institucional original, sem, contudo, romper com ela.

A elaboração do questionário se beneficiou da familiaridade construída ao longo dos anos com alguns dos diferentes setores da Fiocruz envolvidos na gestão de acervos, o que permitiu formular perguntas sensíveis à diversidade institucional e às especificidades das coleções relacionadas ao desafio de se integrarem ao circuito museológico. Essa escuta institucional foi estruturada não apenas como técnica de coleta, mas como desdobramento de uma trajetória de imersão em alguns processos relacionados às ações educativas com temáticas sobre história e patrimônio no Museu da Vida (MV).

Essa constituição no interior da Fiocruz — atravessado por dinâmicas históricas — também orientou as escolhas metodológicas desta pesquisa. Nesse sentido, o percurso adotado pode ser compreendido em consonância com a perspectiva de Severino (2014), ao entender a produção do conhecimento como uma articulação entre procedimentos intelectuais e técnicos, voltados à análise sistemática, crítica e fundamentada de um objeto de estudo. Embora a construção metodológica aqui apresentada não tenha seguido, de forma direta, o modelo proposto pelo autor, reconhece-se, em retrospecto, uma afinidade com sua distinção entre metodologia geral — referente ao aparato teórico e conceitual — e metodologia específica — voltada aos instrumentos empíricos de coleta e análise de dados. Essa correspondência ajuda a evidenciar a coerência entre os referenciais escolhidos e a estratégia de investigação desenvolvida, reforçando o caráter construtivista, na qual teoria e prática se articulam ao longo do processo de pesquisa.

Essa leitura e identificação permitiram reconhecer o método empregado, como fruto de um processo orgânico de construção investigativa, que é compatível com uma perspectiva na qual teoria e prática são indissociáveis. Nesse sentido, a metodologia pode ser compreendida como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, articulando análise documental, levantamento bibliográfico, coleta empírica via questionário e observação institucional, voltada à compreensão das práticas museológicas em ambiente institucional.

A abordagem qualitativa teve como objetivo reunir um conjunto de informações atualizadas que permitissem traçar um retrato centrado nos processos das coleções biológicas da Fiocruz na atualidade. A partir da análise das respostas ao questionário, buscou-se compreender como esses acervos vêm sendo mantidos, preservados e, quando ocorre, inseridos em ações educativas não formais e de divulgação científica, como feiras científicas e exposições museológicas. A sistematização dos dados coletados possibilita observar aspectos da dinâmica institucional que envolve as coleções, suas relações intersetoriais e a elucidação dos desafios enfrentados no contexto do desenvolvimento de práticas museológicas.

A trajetória de envolvimento institucional com os acervos e museus da Fiocruz — com o Museu da Vida, cotidianamente — moldou não apenas o olhar lançado sobre o objeto desta tese, mas também a forma como a pesquisa foi conduzida. A metodologia aqui empregada reflete uma construção situada, resultado da articulação entre conhecimento empírico acumulado, fundamentação teórica e prática reflexiva — elementos que compõem, juntos, o modo como esta tese foi sendo tecida ao longo do tempo.

A apresentação do questionário nesta seção tem como finalidade explicitar o instrumento metodológico utilizado na coleta de dados. Já a análise das respostas, a sistematização dos resultados e o desenvolvimento de interpretação relacionada ao objetivo deste trabalho serão realizados no Capítulos 3 e 4, em consonância com os objetivos definidos e com os dados obtidos ao longo da pesquisa.

1.3 Do Colecionismo ao Museu

Ao observar a configuração das coleções científicas no contexto da Fiocruz, torna-se pertinente compreender o que define uma coleção. Krzysztof Pomian — no verbete *Coleção* da Enciclopédia Einaudi (1984), compreende como um conjunto de objetos retirados de sua circulação original para serem preservados e recontextualizados em sistemas de significação — em lugar de vê-las como simples conjuntos materiais, essa abordagem propõe compreendê-las como dispositivos simbólicos que articulam saberes, práticas e instituições. Essa leitura serve-nos aqui para uma análise que dialoga com diferentes tradições do pensamento que buscam compreender as coleções científicas, antes de situarmos as coleções biológicas da Fiocruz.

O colecionismo científico, cuja consolidação ocorre a partir da Idade Moderna, tem raízes em práticas sociais e culturais que remontam ao século XV, nos chamados gabinetes de curiosidades. Neles, colecionavam-se objetos oriundos de diferentes regiões, numa prática que conjugava múltiplos saberes, da história natural às artes e à arqueologia. Esses espaços reuniam objetos sob uma lógica de acumulação que refletia tanto a curiosidade erudita quanto as relações de poder das elites europeias. Lopes (2009a) afirma que os gabinetes de curiosidades são considerados os marcos fundamentais:

> [...] estão associadas ao fenômeno social do colecionismo, sendo os gabinetes renascentistas os marcos fundamentais do que foram os processos de consolidação ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX de alguns dos aspectos básicos do perfil dessas instituições, que se mantêm até nossos dias. (LOPES, 2009a, p. 12).

O impulso colecionista esteve intimamente ligado a mudanças no pensamento europeu, especialmente a partir da transição da visão medieval de um universo arbitrário para uma concepção de mundo regida por padrões e regularidades. Nesse contexto, o ato de colecionar tornou-se um meio de ordenar o conhecimento, revelando relações entre os objetos e promovendo sua interpretação sistemática — um processo que implicava também em relações de poder e a construção de narrativas sobre o mundo material (PEARCE, 2010). O colecionismo, especialmente nos séculos XVI, XVII e XVIII, ultrapassou a expressão da curiosidade individual ao configurar-se como um fenômeno social que articulava práticas de aquisição, classificação, conservação e exibição de objetos. Essas práticas refletiam muito os valores sociais de seus contextos históricos e, ao longo do tempo, estabeleceram bases conceituais das instituições museológicas modernas.

O século XVII marcou a emergência de um novo regime de observação e classificação da natureza, no qual os objetos, antes reunidos como curiosidades em gabinetes de maravilhas, passaram a ser organizados com base em descrições minuciosas e agrupados segundo critérios sistemáticos. Lopes (2009a p. 13-14), mobilizando a perspectiva expressa por Latour (2019, 2017, 2012, 2000) destaca que esse processo envolveu a constituição de redes complexas, nas quais espécimes, coletores, naturalistas, instrumentos de registro e práticas classificatórias passaram a atuar conjuntamente na produção de conhecimento científico. Esse olhar minucioso sobre as coisas — central para a emergência da História Natural — conferiu novos significados, para além do ordenamento taxonômico das coleções científicas. As coleções deixaram de ser meros repositórios de curiosidades e passaram a constituir dispositivos de mediação entre o mundo natural e o saber científico, alicerçando a

formação dos museus de História Natural e integrando práticas de circulação e mobilização que, ainda segundo Lopes (2009a), só podem ser plenamente compreendidas quando analisadas como redes de interações entre humanos e não humanos.

Esse processo de transformação das coleções, orientado pela articulação entre agentes, objetos e práticas — que Lopes (2009a) reconhece como um fenômeno relacional e de mobilização contínua — oferece uma possibilidade para compreender a trajetória e a conformação das coleções biológicas da Fiocruz. Assim como os acervos de História Natural na modernidade ocidental, as coleções da Fiocruz emergiram de redes institucionais, científicas e museológicas que integraram espécimes, pesquisadores, expedicionários, instrumentos técnicos e estratégias de preservação e comunicação pública. A análise dessas coleções sob a perspectiva evocada pela autora permite reconhecê-las não apenas como conjuntos de itens organizados cientificamente que são, mas também como dispositivos ativos de produção e circulação de saberes, cuja musealidade emerge de sua capacidade de mobilizar atores diversos e sustentar práticas contemporâneas de preservação, pesquisa e divulgação.

A partir do século XVIII, os museus passaram a desempenhar um papel relevante na divulgação científica, atuando como ambientes de apresentação e mediação de conhecimentos distintos. Já em meados do século XIX, o esforço por ampliar o alcance social dessas instituições começou a se manifestar de forma mais explícita. Um exemplo disso ocorreu em 1858, quando o Museu das Manufaturas passou a abrir suas portas no período noturno, com o intuito de receber trabalhadores assalariados — uma medida ainda controversa, dado que o acesso ampliado aos museus gerava debates intensos naquela época (BURKE, 2012, p. 120–121). Paralelamente aos museus, as grandes exposições também se consolidaram como importantes dispositivos de comunicação pública. Desde o século XIX, essas exposições universais reuniam multidões, e a expansão acelerada dessas instituições ao longo desse mesmo século, período que ficaria posteriormente caracterizado como a "era dos museus" (BURKE, 2012), teve início no final do século XVIII. Os museus voltados à divulgação científica, portanto, já demonstravam atenção à forma como seus conteúdos eram transmitidos ao público, buscando criar experiências acessíveis e compreensíveis a diferentes visitantes.

No entanto, seria ilusório considerar os museus como espaços neutros de preservação do conhecimento humano, desconsiderando seu papel na legitimação de ideologias coloniais. A própria lógica das exposições — a maneira como os objetos eram organizados e expostos — revelava os enquadramentos epistemológicos vigentes em

cada época. Um exemplo disso é a proposta sugerida ao Smithsonian para reorganizar os artefatos ameríndios por áreas geográficas, rompendo com o modelo baseado em classificações evolucionistas (BURKE, 2012, p. 123).

No século XIX, o avanço das instituições ocidentais — entre elas, museus, universidades e bibliotecas — teve papel decisivo na disseminação global de um modelo específico de produção e ordenação do conhecimento. Mais do que centros científicos, os museus se configuravam como arenas em que se encenavam formas de vida, sistemas de organização social e modos de interpretar a realidade, todos pautados por uma racionalidade ocidental. Como será discutido ao longo deste trabalho, esse processo implicou a incorporação, por diferentes sociedades, de um estilo de conhecimento que, embora originado na Europa, passou a ser adaptado conforme contextos locais. Trata-se, como destaca Burke (2012, p. 15), de um processo de "recepção ativa", no qual esses grupos não apenas assimilaram, mas também ressignificaram as formas de saber a partir de suas próprias experiências e necessidades.

No decorrer do século XIX, os museus passaram a ocupar uma posição estratégica no processo de formulação e consolidação das identidades nacionais — inclusive aqueles de perfil científico. Diversas instituições foram criadas sob o patrocínio de Estados nacionais, carregando em seus nomes uma evocação direta a sentimentos de pertencimento coletivo e orgulho patriótico como ocorre com alguns grandes museus nacionais em Kopenhagen, Praga, Londres, entre outros exemplos (BURKE, 2012).

Com o tempo, essas instituições passaram a representar e performar uma imagem da Nação que se pretendia destacar: uma coletividade baseada em tradições historicamente construídas — ou mesmo inventadas — que mobiliza a memória como fonte de legitimidade e instrumento de coesão social. Como observa Hobsbawm (1997), a Nação se estrutura enquanto uma comunidade simbólica que depende de narrativas compartilhadas para se afirmar. Nesse cenário, os museus não apenas integraram esse movimento, como também se firmaram como espaços de produção de discursos autorizados — e muitas vezes naturalizados — sobre o passado, o presente e os destinos possíveis da nação. Sua autoridade institucional, nesse processo, foi sendo construída de modo simultâneo à consolidação do nacionalismo moderno, conferindo aos museus um estatuto quase incontestável na organização simbólica dos Estados-nação.

O crescimento dos museus de história natural envolveu tanto a ampliação do escopo e a sistematização das coleções quanto uma redefinição do papel social dessas

instituições. No século XIX, os museus de história natural passaram a ser concebidos como centros de produção e difusão do conhecimento científico, consolidando-se como espaços centrais para a sistematização da biodiversidade e para a afirmação do paradigma científico que orientaria as práticas acadêmicas e institucionais modernas. Inspirados em modelos como o Museu Britânico, considerado um dos principais paradigmas museológicos de história natural do século XIX, esses museus, ao serem responsáveis pela organização e preservação de acervos, passaram a atuar como instrumentos para a produção e disseminação do conhecimento científico, refletindo a profissionalização das ciências naturais e sua articulação com as políticas imperiais e nacionais de inventário e controle da natureza (RANGEL, 2013, p. 411). Simultaneamente, consolidou-se o conceito de patrimônio científico, entendido mais do que simplesmente um conjunto de objetos preservados, e sim como um sistema simbólico que testemunha a trajetória histórica da ciência e suas interações com a sociedade. Essa noção, discutida por Pomian e Choay (apud RANGEL, 2009), enfatiza a mutabilidade dos significados atribuídos aos objetos científicos, os quais, ao serem musealizados, passam por processos de recontextualização simbólica que ampliam seu valor cultural e histórico.

No Brasil, a institucionalização do colecionismo científico e a formação de museus de história natural articularam-se com o desenvolvimento das ciências naturais e as demandas de afirmação científica em um contexto periférico. Desde meados do século XIX, iniciativas como as do Museu Nacional revelaram mais do que um esforço de catalogação e sistematização de exemplares naturais, pois representaram também uma busca por afirmar a participação do país no cenário científico internacional. Como analisa Lopes (2009a, pp. 147-149), expedições científicas, a formação de acervos e a organização de exposições refletiam um movimento que integrava interesses científicos, políticos e sociais.

Tais práticas visavam reunir e classificar a diversidade natural do território brasileiro, ao mesmo tempo em que buscavam posicionar o Brasil no circuito global das ciências naturais e da museologia emergente. Ao consolidar suas coleções e estabelecer redes de intercâmbio com instituições europeias, os museus brasileiros — em especial, com o pioneirismo do Museu Nacional — tornaram-se espaços de conservação, produção de conhecimento e de construção de identidades.

Na Fiocruz, desde os primeiros esforços dirigidos à produção de soros e vacinas, na virada do século XIX para o XX, a coleta, a preservação e o estudo de espécimes passaram a integrar o cotidiano científico e a missão institucional em formação. As coleções biológicas não se originaram como iniciativas desconectadas das atividades

institucionais, mas sim como componentes associados aos projetos de pesquisa, à produção de conhecimento e estratégias institucionais voltadas ao enfrentamento de questões sanitárias — tanto em crises, quanto nos problemas crônicos.

Não será objeto deste trabalho, no entanto, aprofundar a história institucional do Instituto Soroterápico Federal que veio a se tornar a atual Fiocruz, nem abordar a totalidade das práticas científicas associadas às coleções. Contudo, reconhecer as coleções biológicas somente como testemunhos materiais ou fontes de pesquisa científica pode não oferecer elementos suficientes para apreender sua complexidade sob a perspectiva institucional, histórica e cultural.

O desenvolvimento de coleções, tanto na Europa quanto no Brasil, ocorreu em diálogo com sistemas de pensamento que instituíram distinções entre sujeito e objeto, mente e matéria, natureza e cultura. Essas distinções influenciaram práticas científicas e museológicas, estabelecendo hierarquias nas formas de conhecer e classificar o mundo (BRULON, 2020). Pode-se observar a partir da análise da formação das coleções biológicas da Fiocruz, um percurso semelhante, ainda que situado em um contexto institucional específico. A compreensão desse processo pode ser enriquecida ao se observar como, na conformação inicial do Instituto Soroterápico Federal e em suas primeiras atividades, a dinâmica de rede anteriormente descrita se expressou em práticas científicas, sanitárias e administrativas voltadas à resposta a demandas de saúde pública. Essas práticas também estabeleceram fundamentos para a constituição de acervos biológicos.

As coleções biológicas passaram a compor as estratégias institucionais da Fiocruz desde o início do século XX. Com o tempo, os acervos se expandiram não apenas em volume, mas também em diversidade, incorporando exemplares que nem sempre estavam diretamente vinculados ao estudo de doenças. Esse alargamento de escopo fez com que o Instituto de Manguinhos assumisse, progressivamente, funções próximas às de museus de história natural — como observam Benchimol e Sá (2006, p. 166), ao apontarem que o Instituto passou "a desempenhar papel similar ao de um Museu de história natural, cuja função precípua seria inventariar a fauna e a flora de seu território". Nesse contexto, as coleções biológicas passaram a ser incorporadas às ações estratégicas da instituição, conforme destaca a seguinte passagem:

> [...] faziam parte da política institucional já voltada ao combate de doenças parasitárias causadas por bactérias e protozoários e transmitidas por insetos, moluscos e outros vetores. Foi durante as expedições científicas e de ações de combate à essas doenças que pesquisadores da instituição coletaram, analisaram e depositaram

> material biológico de diferentes regiões do Brasil na Instituição (SILVA; SÁ, 2016, p. 176).

Nos museus e coleções científicas, essas lógicas se manifestaram em procedimentos de aquisição, taxonomia e exibição, associados a paradigmas epistemológicos e relações de poder, sobretudo em contextos marcados pela colonialidade. Como argumenta Brulon (2020), as abordagens museológicas que se pretendiam neutras e objetivas muitas vezes não tornavam visíveis as relações sociais e políticas que conformavam tanto a existência quanto os significados atribuídos às coleções. Esse percurso, no entanto, não se apresenta de forma linear. Nas coleções de história natural — e nas coleções biológicas em particular — a acumulação de espécimes atendeu não só a fins científicos, mas também a interesses relacionados ao controle de territórios e à construção de representações simbólicas sobre a natureza e a sociedade. Tais aspectos também atravessam a história das coleções da Fiocruz.

No Brasil, as dinâmicas de coleções assumiram características próprias. O país, inserido de modo periférico nos circuitos internacionais das ciências naturais, enfrentou desafios estruturais e institucionais, ao mesmo tempo em que adotou — e, por vezes, reinterpretou — modelos museológicos e científicos concebidos em outros contextos. Em sua análise da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC), no acervo histórico fechado Costa Lima, Rangel (2006, pp. 262-263) observa que a coleção testemunha o desenvolvimento da pesquisa científica e, ao mesmo tempo, integra contextos culturais nos quais a institucionalização do saber assumiu formas distintas e historicamente situadas. Essa abordagem indica que o valor patrimonial de uma coleção não se limita ao conhecimento científico que ela incorpora, mas envolve também os vínculos históricos, os contextos institucionais e os significados culturais construídos ao longo de seu percurso, tanto da forma como foi preservada e estudada quanto dos modos como se tornou acessível à sociedade.

Esse processo de adaptação contribuiu para a formação de coleções com características próprias, com vínculos locais e trajetórias institucionais singulares características do contexto brasileiro. É nesse cenário que se inscreve a reflexão sobre as coleções científicas enquanto suportes materiais e simbólicos. Por esta linha, as coleções científicas podem ser compreendidas como suportes da memória científica nacional. Além disso, faz-se necessário reconhecer a vulnerabilidade que marca a manutenção de acervos científicos no Brasil, muitas vezes sustentados pelo esforço de indivíduos e desprovidos de políticas institucionais consistentes. A ausência de compromissos formais e duradouros coloca em risco a continuidade e a valorização desses acervos, especialmente nas regiões afastadas dos grandes centros de pesquisa.

O exame de objetos materiais, como os que integram coleções biológicas, pode ganhar profundidade ao considerar os contextos sociais em que esses objetos circulam, os usos que lhes são atribuídos e as finalidades que orientam sua mobilização. A análise, dessa forma, abrange também os vínculos que atribuem sentido aos exemplares preservados.

Um mesmo tipo de objeto — ou espécime, nesse caso — pode adquirir diferentes significados conforme os ambientes em que se insere, revelando sua participação em redes de práticas e classificações que variam de acordo com os contextos culturais e institucionais nos quais é ativado (GONÇALVES, 2005, p. 9). Nesse sentido, a trajetória de uma coleção biológica reflete a evolução do campo disciplinar ao qual pertence, evidenciando que a preservação envolve os itens que formam o acervo em sua materialidade e os contextos sociais e institucionais que os constituíram. Assim, pode ser mais produtivo compreender as coleções biológicas — no Brasil e, em particular, as reunidas na Fiocruz — como partes de redes globais e locais. Essas redes operam ora em alinhamento com epistemologias dominantes, ora em confronto com elas, possibilitando deslocamentos, reinterpretações e novas articulações. A trajetória que é observada em coleções e processos museológicos em diferentes épocas, portanto, oferece diversos caminhos para reflexão.

A formação dessas coleções não seguiu um itinerário linear, mas decorreu de reconfigurações que moldaram suas trajetórias, atravessadas por práticas científicas específicas e condicionadas por relações que, ao longo do tempo, configuraram tanto sua constituição física quanto os modos pelos quais passaram a ser reconhecidas e interpretadas. Decorre do colecionismo a estruturação de formas específicas de estabilização do conhecimento no mundo natural. Contribuições de autores como Fleck (2010), Foucault (2000), Kuhn (2013) e Latour (2019, 2017, 2012, 2000) permitem pensar como esses processos participam da formação de estilos de pensamento, de campos de visibilidade e de redes de mediação que definem o que pode ser reconhecido, classificado e interpretado em determinado momento histórico. As coleções não se limitam à preservação de objetos, mas organizam o mundo material segundo critérios que configuram estilos de pensamento e modos reconhecíveis de investigação e interpretação (FLECK, 2010, p. 123–126). Essa perspectiva desloca o entendimento das coleções, permitindo reconhecê-las como elementos ativos na consolidação de sistemas classificatórios e referenciais científicos.

No âmbito das ciências naturais, esse movimento se articula à formação de paradigmas nos quais as coleções sustentam a distinção entre o exemplar e o anômalo, o central e o marginal, operando na definição dos próprios objetos científicos (KUHN, 2013). Esse processo ocorre em redes de mediação compostas por instituições,

registros, instrumentos e práticas, nas quais os fatos científicos são estabilizados e circulam como referências compartilháveis. Nessa perspectiva, as coleções funcionam como dispositivos de inscrição que tornam os fenômenos visíveis, comparáveis e mobilizáveis, sustentando a tessitura das redes científicas (LATOUR, 2000). Nesse movimento, a própria coleção passa a operar como uma estrutura classificatória, que participa da delimitação dos conceitos, das categorias e das hierarquias que estruturam. Sua função epistemológica reside na capacidade de estabilizar enunciados, validar recorrências e sustentar a distinção entre o comum e o excepcional, constituindo, assim, uma matriz de inteligibilidade do mundo natural.

Pode-se observar que as coleções biológicas da Fiocruz parecem carregar os silêncios de apagamentos forçados, as perdas e as desestruturações provocadas por conjunturas políticas e administrativas associadas a distintos projetos institucionais e orientações ideológicas. As coleções não se restringem a repositórios de conhecimento acumulado; podem também ser entendidas como testemunhos de um processo histórico em disputa, marcado por práticas de acumulação e preservação, mas também por descartes realizados sem critérios transparentes ou fundamentados, que desconsideraram os processos de constituição do acervo e resultaram em perdas irreparáveis — muitas vezes por iniciativa de agentes sem a devida competência e não submetidos a mecanismos de responsabilização, sobretudo em contextos autoritários. Considerando o exposto, tensiona-se aqui a noção de que a ciência seguiria uma trajetória linear, abrindo espaço para a observação de descontinuidades e rupturas que evidenciam o trauma e o conflito no curso histórico.

Nos parece que as coleções materializam, ao mesmo tempo, as práticas científicas que as originaram e as transições nas concepções sobre o papel da ciência na sociedade. Essas coleções — com todas as ambiguidades que carregam — registram marcas das prioridades institucionais em diferentes períodos, das metodologias empregadas na coleta e preservação de espécimes, das concepções sobre patrimônio e dos debates relacionados ao acesso público.

A história das coleções e dos museus, portanto, não pode ser compreendida como uma trajetória de acumulação e conservação. As coleções passaram por processos contínuos de formação, reformulação e redefinição institucional (Meijer-van Mensch & Van Mensch, 2010). Mesmo que, à primeira vista, possam parecer estáticas, sua configuração sempre esteve sujeita a ajustes e negociações acadêmicas e políticas em resposta às agendas científicas e sociais de cada época. Os próprios autores observam que o desenvolvimento das coleções envolveu tanto a adição de novos itens quanto o redesenho de seus perfis, por meio de exclusões, reagrupamentos e novas

interpretações. Isso indica que as coleções reúnem registros de práticas passadas ao lado de dilemas e escolhas que expressam os valores institucionais e científicos dos momentos em que foram reorganizadas. Assim, é mais adequado concebê-las como entidades dinâmicas, continuamente moldadas por processos de disciplinarização, profissionalização e, mais recentemente, por abordagens participativas e colaborativas.

Pode-se dizer que a definição proposta por Peter Van Mensch (1992) reflete com maior precisão o papel que os museus desempenham hoje, especialmente ao compreender os museus como instrumentos que promovem tanto a difusão de informações quanto experiências significativas. O autor entende os museus como instituições inseridas em processos sociais, culturais e educativos, dotadas de uma função crítica, interpretativa e formadora. São participantes de maneira ativa na mediação entre esses objetos e o público, sendo capazes de gerar novos significados a partir da experiência museológica. Esse entendimento está em consonância com o que Mensch (1992) chama de “teoria museológica”, que reconhece os museus como instituições complexas, cujo impacto se dá tanto na produção e transmissão de conhecimento quanto na vivência dos sujeitos que os frequentam.

À luz desse referencial, o objeto desta pesquisa se apresenta como expressão material de práticas articuladas à trajetória institucional da Fiocruz, ultrapassando a condição de simples conjuntos de espécimes preservados. A abordagem aqui proposta parte do reconhecimento das coleções como pontos de articulação entre múltiplos atores. Ao investigar como esses acervos operam, esta pesquisa procura lidar com os vazios e assimetrias existentes, contribuindo para refletir sobre o lugar das práticas museológicas nas estratégias institucionais voltadas à sua preservação e gestão de processos de exibição e comunicação.

1.4 Acervos Fronteiriços: Sentidos e Trajetórias das Coleções Biológicas da Fiocruz

O percurso das coleções biológicas da Fiocruz é permeado por momentos como, por exemplo, o episódio que ficou registrado na história como “Massacre de Manguinhos”, cuja repercussão se faz notar não apenas na trajetória institucional, mas também nas estratégias adotadas para lidar com o patrimônio e com as narrativas construídas em torno da memória coletiva. A preservação das coleções e de suas histórias assumem contornos que extrapolam o campo estritamente científico,

envolvendo disputas e práticas que atravessam a significação do papel da ciência na sociedade brasileira pós-ditadura.

O processo de redemocratização trouxe uma mudança de perspectiva, e a posterior criação da COC como órgão institucional representa essa mudança. Momento de oportunidades para a reconfiguração do compromisso institucional com a ciência e com a memória, num cenário em que tais categorias passaram a ser redefinidas à luz das experiências recentes de ruptura e reconstrução (GONÇALVES, 2003; BETTAMIO, 2021).

Ao considerar a trajetória histórica e conceitual das coleções, parece importante reconhecer que a própria noção de coleção carrega complexidades que ultrapassam a mera reunião de objetos. Para Pomian (1984, p. 55–58), as coleções podem ser entendidas como conjuntos organizados de objetos que, retirados de sua circulação usual, adquirem novos significados em contextos específicos, mantendo traços de seus usos anteriores ao mesmo tempo em que assumem novas funções como mediadores entre esferas distintas de representação e conhecimento. A essa formulação soma-se a perspectiva apresentada em Desvallées e Mairesse (2013), na qual a coleção é compreendida como uma construção institucional que resulta de processos de seleção, classificação, documentação e preservação, nos quais objetos e espécimes são inscritos em regimes de sentido e valor. Assim, uma coleção não se define apenas por seu conteúdo material, mas pelas práticas e decisões que a constituem enquanto conjunto identificável e gerido.

As coleções biológicas, em particular, podem ser compreendidas como arranjos que articulam finalidades científicas com dimensões culturais, ao reunirem espécimes que resultam de práticas de pesquisa, mas que também expressam valores e decisões inscritas em contextos mais amplos de atuação institucional. Elas expressam ainda os deslocamentos de significado que ocorrem quando objetos naturais são inseridos em espaços de preservação, interpretação e comunicação científica. Essa perspectiva indica que as coleções biológicas se estendem a espaços ativos de negociação de sentidos e práticas no presente, não se limitando a repositórios de materialidades passadas.

Os objetos materiais — sejam usados no dia a dia, em rituais ou guardados em museus e coleções científicas — fazem parte de sistemas de classificação que ajudam a organizar nosso entendimento sobre eles. Essas coleções funcionam como uma ponte entre a ciência e a sociedade, preservando histórias e significados do passado. Além disso, os objetos não são apenas coisas neutras, carregam consigo significados,

histórias e valores que são atribuídos pelas pessoas e pelas culturas. Eles ajudam a definir o que é considerado importante, sagrado, científico ou comum, criando assim fronteiras entre diferentes formas de conhecimento e práticas culturais (GONÇALVES, 2007). Por exemplo, um mesmo objeto pode ser visto de maneiras distintas: um vaso de cerâmica pode ser apenas um utensílio doméstico para algumas pessoas, um item ritual para outras ou um artefato científico em um museu. A forma como ele é classificado — em uma coleção de arte, em um estudo arqueológico ou em um contexto religioso — influencia como os pesquisadores o analisam (priorizando dados técnicos, simbologias ou usos sociais) e como o público o percebe (como algo valioso, exótico ou familiar). Por isso, os sistemas de classificação não são meramente organizações objetivas, mas refletem escolhas que podem reforçar certas visões de mundo, hierarquias de valor e até mesmo noções de identidade. Isso significa que a maneira como os objetos são agrupados e interpretados pode tanto revelar quanto fortalecer certas formas de pensar, afetando tanto o trabalho acadêmico quanto o entendimento que a sociedade tem sobre seu passado.

A perspectiva destacada sugere que acompanhar essas trajetórias nos serve para compreender os processos que conferem sentido e legitimidade às coleções. Essa perspectiva parece particularmente útil para refletir sobre as coleções biológicas da Fiocruz, cujos espécimes atravessam diferentes regimes de significado ao longo de sua trajetória: de elementos de pesquisa em campo ou laboratório a artefatos patrimoniais, passando, em alguns casos, por usos em práticas educativas e expositivas, entre outras ações.

A análise do percurso das coleções científicas revela que sua constituição envolve operações que ultrapassam a esfera da coleta e da catalogação, alcançando dimensões diversas que acompanham sua permanência. Esse movimento se dá em meio a transformações nos regimes de produção e circulação do conhecimento, nas formas de apropriação dos objetos e nos modos como determinados acervos passam a ocupar posições distintas na organização institucional. Ao se constituírem em torno de práticas científicas, mas também de vínculos institucionais duradouros, as coleções biológicas configuram uma materialidade que remete tanto a seus contextos originais de uso quanto aos circuitos mais amplos nos quais são mobilizadas. Essa condição relacional e histórica permite situá-las em territórios conceituais que serão explorados em seguida, sem perder de vista os contextos específicos que influenciam sua preservação e ativação no presente.

Diante do percurso descrito, propõe-se compreender as coleções biológicas da Fiocruz como acervos, digamos, fronteiriços — isto é, como dispositivos que operam em

uma zona de intersecção. Essa noção — convém enfatizar — indica que tais coleções não são abarcadas exclusivamente por um campo disciplinar ou funcional. Mas, como resultado de outras interações, também se situam, simultaneamente, enquanto expressões históricas de valores culturais e componentes de outras estratégias institucionais[9]. Seu caráter fronteiriço se evidencia na forma como transitam entre diferentes regimes de significação: da produção do conhecimento ao patrimônio, da prática laboratorial à exposição museológica, da coleta técnica à comunicação pública. Ao longo desta tese, essa compreensão será a base do nosso entendimento para analisar a trajetória das coleções bem como as disputas e reconfigurações que moldaram sua permanência até o tempo presente.

A noção de cultura material abre espaço para refletir sobre como certos objetos preservados em coleções científicas assumem sentidos diferentes daqueles associados ao seu uso original (GONÇALVES, 2005). A função técnica, por si só, não explica o motivo pelo qual alguns desses objetos são preservados. Outros fatores entram em jogo, como as normas institucionais e os modos de classificação que afetam, de maneira prática, o que é guardado e como isso é feito. Decisões sobre o que preservar, como organizar e quando mostrar os objetos ajudam a formar certas narrativas, que não dependem só da materialidade das peças. Esses processos também influenciam a forma como os objetos são percebidos, dentro e fora do meio científico. Na Fiocruz, é possível observar a circulação de materiais oriundos de atividades de pesquisa — como peças anatômicas, instrumentos e modelos — em contextos expositivos e educativos.

O processo de retirada de objetos de seus contextos originais para reinscrição em um espaço institucionalizado — frequentemente associada à formação de coleções nos museus de história natural e artes entre os séculos XVIII e XX — corresponde sobretudo ao modelo de museu tradicional ou “ortodoxo”, no qual a separação entre objeto e contexto é constitutiva do ato de preservação e exposição. No entanto, essa concepção não se aplica de forma homogênea a todos os tipos de museus. Experiências

---

[9] A reflexão sobre o estatuto patrimonial das coleções biológicas pode ser aproximada da discussão proposta por Alois Riegl (2006) sobre valor. O autor distingue diferentes regimes de valor para orientar a preservação: o valor de antiguidade, associado ao desgaste e às marcas do tempo que conferem ao objeto uma aura de autenticidade; o valor histórico, que reconhece o bem como documento de uma época ou processo; e os valores de uso e de atualidade (ou contemporaneidade), que o mantêm integrado a práticas cotidianas. No caso das coleções biológicas da Fiocruz, sua permanência em circulação técnico-científica, frequentemente associada à lógica operacional da pesquisa, acaba por privilegiar o seu valor de uso, reduzindo a visibilidade dos valores histórico e de antiguidade, ainda que tais coleções testemunhem trajetórias histórico-institucionais de longa duração. A formulação de Riegl ajuda a compreender que um bem cultural não se torna patrimônio apenas quando deixa de ser usado, mas quando os demais valores que lhe são atribuídos passam a ser reconhecidos e preservados, mesmo em contextos de permanência do uso na pesquisa.

museológicas de base comunitária, territorial ou de ecomuseus operam, muitas vezes, segundo lógicas de continuidade entre contexto, uso social e processos de significação, nas quais a retirada física do objeto não é condição necessária para sua inscrição enquanto patrimônio. No Museu da Vida, por exemplo, alguns desses objetos são recolhidos em parceria com laboratórios e integrados temporariamente em exposições ou ações de mediação com o público.

Esse deslocamento de contexto sugere que os objetos se mantêm na sua trajetória original ao mesmo tempo em que operam circunstancialmente sob outros regimes de sentido. Por outro lado, também se tornam frequentes em feiras científicas e até mesmo em exposições museais, situações em que itens pertencentes a coleções biológicas são apresentados ao público enquanto permanecem disponíveis para retornar às investigações científicas. Trata-se, nesses casos, de peças e espécimes que conservam interesse técnico e podem, a qualquer momento, ser reposicionados em circuitos de pesquisa, o que revela uma condição liminar entre o uso científico e a visibilidade pública — condição que desafia fronteiras tradicionais entre acervo técnico e objeto museológico. A ideia de patrimônio científico ajuda a entender como certas coleções acabam sendo vistas como parte da história institucional. No caso da Fiocruz, isso parece se afirmar na medida em que conjuntos de espécimes, registros e materiais preservados vão sendo associados a práticas contínuas de pesquisas que atravessam décadas.

O tipo de exigência técnica envolvida na guarda de acervos das coleções biológicas, muitas vezes, se inscreve em agendas que vão da vigilância sanitária à conservação da biodiversidade (ARANDA, 2014). Essa sobreposição de funções pode contribuir para que os itens adquiram um tipo de valor que ultrapassa seu uso imediato. Quando passam a ser reconhecidos como parte da história de uma instituição, esses materiais deixam de ser apenas recursos de pesquisa. A patrimonialização, nesse contexto, parece menos uma escolha deliberada e mais um acúmulo de camadas de sentido, reforçado por normas, práticas e portarias internas.

A Portaria nº 526/2011 da Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2011) formaliza o reconhecimento das coleções biológicas como patrimônio institucional, atribuindo-lhes um estatuto normativo que reforça sua condição de acervo estratégico e permanente, ainda que esse reconhecimento não esgote os sentidos atribuídos a tais coleções. O que se entende por patrimônio aqui não é algo pronto; envolve disputas, reconhecimentos graduais e tentativas de enquadramento. Como apontam Choay (2006), Brulon (2017) e Rangel (2013), o valor patrimonial de um objeto se constrói

socialmente, e isso inclui tanto os critérios técnicos quanto os contextos em que esses objetos são interpretados, questões que são desenvolvidas no Capítulo 2.

Quando objetos científicos saem do laboratório e passam a circular em outros ambientes, como exposições ou ações educativas, eles começam a ganhar outros sentidos. No caso das coleções microbiológicas da Fiocruz, por exemplos, esse movimento não é só de lugar: ele altera também o modo como esses materiais passam a ser entendidos. Câmara, Granato e Sá (2009) destacam que essas coleções, criadas inicialmente para atender demandas de pesquisa e produção, passaram a ocupar um papel importante em políticas públicas, como as de vigilância em saúde e biotecnologia. Ao serem reconhecidas como parte do "patrimônio genético", entram em um novo regime institucional, com regras, classificações e responsabilidades específicas. Isso faz com que os objetos carreguem camadas de sentido diferentes conforme vão sendo usados — seja em um laboratório ou em uma exposição. É o caso, por exemplo, do que se vê no Museu da Vida (MV), onde itens oriundos de coleções científicas são utilizados em atividades com o público. Nessas situações, a função original dos objetos ainda está presente, mas ela acaba convivendo com outras formas de apresentação e de relação com as pessoas. Esse tipo de circulação ajuda a entender o que está em jogo nos processos de musealização.

Essa circulação dos objetos entre contextos de pesquisa e espaços de comunicação pública revela que o processo de musealização das coleções biológicas na Fiocruz não se limita à transferência física ou simbólica dos materiais, mas envolve reconfigurações contínuas de sentido. Gonçalves (2005) observa que os objetos preservados operam como mediadores, moldados por sistemas classificatórios que expressam tanto racionalidades científicas quanto decisões institucionais. No caso da Fiocruz, esse atravessamento se manifesta na forma de como peças e espécimes são mobilizados em ações educativas e expositivas, sem necessariamente perderem sua vinculação com a pesquisa científica. A musealização, de acordo com a compreensão construída até aqui, não se dá de maneira definitiva ou excludente, mas se constitui como processo relacional, no qual os objetos preservados acumulam camadas de significado ao transitar entre funções e regimes de visibilidade. Por essa percepção, as coleções biológicas da Fiocruz, além de testemunharem práticas científicas, tornam-se também operadores de memória institucional e instrumentos de mediação entre saberes especializados e a sua divulgação e popularização.

Para compreender a dinâmica institucional que moldou as coleções biológicas da Fiocruz, adota-se uma abordagem que reconhece a ciência como prática construída em meio a articulações entre diferentes agentes, humanos e não humanos, mobilizados

em redes de interesse e processos de negociação. Essa perspectiva, explorada no contexto brasileiro por autores como Henrique Cukierman (2007), permite analisar a formação das coleções biológicas em diálogo com a trajetória institucional da Fiocruz. Ao historicizar essa relação, torna-se possível observar como as iniciativas colecionistas se entrelaçam à consolidação de infraestruturas científicas e administrativas. Para dar conta dessa complexidade, recorre-se à noção de rede conforme elaborada por Bruno Latour (2000; 2012; 2017; 2019), que a propõe como ferramenta metodológica e analítica capaz de iluminar os vínculos e as traduções implicadas na produção e manutenção de acervos científicos.[10]

A noção de rede, nesse referencial, remete a fluxos, circulações, alianças e movimentos, em contraste com a ideia de uma entidade fixa. Uma rede de atores envolve elementos humanos e não humanos conectados em processos dinâmicos. Essa perspectiva considera, portanto, a incorporação de componentes não humanos na análise das articulações sociais. Embora essa abordagem tenha suscitado debates em diferentes campos, este trabalho a adota com foco metodológico, voltado à compreensão das relações institucionais, materiais e políticas envolvidas na formação e desenvolvimento das coleções biológicas da Fiocruz.

O desenvolvimento dessas coleções acompanhou a consolidação do Instituto, sendo configurado como uma cadeia de translação/tradução[11] — conceito que descreve o processo de reinterpretação, negociação e incorporação de interesses e elementos diversos em novos contextos de ação. Essa dinâmica esteve presente, inclusive, na apropriação e transformação dos espaços físicos da instituição, iniciada com a instalação do Instituto Soroterápico Federal (ou Instituto de Manguinhos) no início do século XX.[12] Cukierman (2007) afirma que a ciência depende da tradução — o mesmo que translação —, pois os interesses dos atores são mobilizados e negociados para

---

[10] Embora o termo rede tenha origens anteriores — remontando ao século XVII e passando por autores como Auguste Comte no século XIX, além de ter sido apropriado em diversos campos do saber —, na perspectiva de Latour ele assume um papel central para compreender as articulações entre atores humanos e não humanos na constituição de sistemas complexos.

[11] Sobre a referência a esse processo, cabe destacar que, na tradução da obra de Latour para o português, o termo “translação” é usado como equivalente ao original francês *traduction*, que em inglês também aparece como *translation*. Esse uso mantém a ambivalência conceitual presente no vocabulário da Teoria Ator-Rede (TAR), indicando simultaneamente o ato de deslocar e transformar interesses em rede, e o movimento de mediação que permite sua circulação e estabilização nos diferentes contextos de ação.

[12] A área para instalação do Instituto Soroterápico Federal foi desapropriada em 1892 pelo Governo Federal para instalação de um Complexo de Incineração de Lixo. Em 1899, foi destinada ao Instituto, por ser considerada adequada à manipulação de agentes com risco biológico e por estar afastada da aglomeração urbana da cidade do Rio de Janeiro. A localização oferecia também acesso viável, ainda que não central, por meio de transporte fluvial ou ferroviário (Bemchimol, 2020).

formação de alianças que sustentam a circulação e a estabilização da pesquisa científica realizada pela instituição que tem seus “primeiros passos”, segundo a perspectiva do autor, na participação de Oswaldo Cruz na crise sanitária relacionada à peste bubônica na cidade de Santos-SP, quando o médico foi convocado às pressas, ao final de outubro de 1899.

Na análise da formação do Instituto Soroterápico Federal e de suas primeiras atividades, é possível identificar que a dinâmica de rede descrita se expressou em práticas científicas, sanitárias e administrativas que responderam a demandas específicas e contribuíram para a constituição de coleções biológicos. Desde os esforços iniciais para produção de soros e vacinas, a coleta, preservação e estudo de espécimes foi integrada ao cotidiano científico e à missão institucional. As coleções biológicas, nesse cenário, foram incorporadas aos projetos de pesquisa, à produção de conhecimento e às estratégias de atuação em saúde pública, conforme desenvolvido no Capítulo 2 deste trabalho.

A *rede* aqui não deve ser entendida como um vínculo fixo entre elementos definidos. As entidades que a compõem — sejam naturais ou sociais — podem redefinir suas posições e relações, a depender das interpretações e usos atribuídos por atores sociais. Essa concepção guarda aproximações com o conceito de “campo” elaborado por Pierre Bourdieu (2007a; 2007b), com distinções quanto ao tratamento das interações entre atores heterogêneos. Uma malha de conexões que ultrapassa as interações humanas, abrangendo também dispositivos, acervos e espaços institucionais. Essas redes se constroem historicamente e passam por reconfigurações conforme os interesses, os regimes de conhecimento e os contextos políticos se transformam. Conforme propõe Michel Serres (1991), não habitamos mais um espaço fixo, mas uma rede de relações, em que humanos e não humanos, centro e periferia, simulacros e realidades coexistem em contínua troca de mensagens. Nesse ambiente, o mundo não se apresenta como uma totalidade fechada, mas como um tecido de conexões que redefine os próprios termos do espaço e da ação (SERRES, 1991).

A atuação na Fiocruz possibilitou observar que, na prática cotidiana, as coleções se apresentam como estruturas em permanente negociação entre usos científicos, administrativos, educativos e, por vezes, museológicos. Essa vivência reforçou a opção por abordá-las como arranjos atravessados por múltiplas camadas de sentido.

1.5 Perspectiva de Análise Institucional a partir da Museologia

> [...] onde há memória há poder e onde há poder há exercício de construção de memória. Memória e poder exigem-se. O exercício do poder constitui “lugares de memória” que, por sua vez, são dotados de poder. Nos grandes museus nacionais e nos pequenos museus voltados para o desenvolvimento de populações e comunidades locais, nos museus de arte, nos de ciências sociais e humanas, bem como nos de ciências naturais o jogo da memória e do poder está presente, e em conseqüência participam do jogo o esquecimento e a resistência. Este jogo concreto é jogado por indivíduos e coletividades em relação (CHAGAS, 2002, p.69).

Essa articulação entre memória e poder, tão bem evidenciada por Chagas (2002), convida a observar os museus como arenas de disputas. A partir da museologia, torna-se possível analisar as coleções biológicas considerando dimensões que ultrapassam a função original específica de seus acervos.

Observar as coleções biológicas a partir dessa perspectiva permite compreender como certos acervos foram mobilizados e ganharam visibilidade, enquanto outros permaneceram marginalizados, em função de escolhas políticas, alocações de recursos, entre outras orientações. É possível reconhecer, ao longo da trajetória da Fiocruz, práticas que convergem com aquelas identificadas como museológicas, ainda que não houvesse um museu por trás de tais ações. Algumas dessas práticas podem ser compreendidas como manifestações de um fazer museológico, nas quais o museu se expressa não como um lugar formalmente constituído. Scheiner (2008b) argumenta que o museu é um fenômeno em constante transformação, enraizado em processos simbólicos e institucionais de produção de sentido e memória. Por essa perspectiva é possível reconhecer, através de um olhar museológico, que as ações de preservação e comunicação presentes na Fiocruz se articulam diretamente com sua trajetória institucional, expressando um processo intrínseco à sua constituição. Na Fiocruz, as práticas museológicas se configuram como expressão institucional vinculada a processos que incluem preservação, documentação e comunicação do patrimônio científico.

Levando em consideração que a musealização envolve processos interpretativos que reconfiguram os sentidos dos objetos — superando a lógica da simples preservação e exposição (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013) —, o valor atribuído às coleções biológicas permite compreender que sua dimensão museológica não anula a dimensão científica, mas amplia suas possibilidades de uso. A capacidade

de reinscrição desses acervos em novos contextos interpretativos abre caminhos para sua comunicação com a sociedade.

No contexto desta pesquisa, adota-se a perspectiva segundo a qual o museu não deve ser compreendido como um produto cultural estático, mas como um fenômeno em processo, vinculado a dinâmicas sociais, simbólicas e institucionais que o constituem e o transformam ao longo do tempo. Essa abordagem reconhece o museu como espaço de presentificação das ideias, como espelho das representações sociais, cuja existência independe de uma localização física específica (SCHEINER, 2012). Tal concepção é contrária ao paradigma do museu como “templo das musas”, fundado em uma visão eurocêntrica e patrimonialista do acervo, e propõe uma leitura ampliada, na qual o museu se configura nos fluxos culturais, nos processos de significação e nas práticas de musealização que ocorrem tanto dentro quanto fora das instituições formais. Nesse sentido, a museologia é aqui mobilizada como campo analítico capaz de identificar e interpretar os modos como essas práticas se articulam em diferentes temporalidades e territórios — o que se mostra particularmente relevante no caso da Fiocruz, cuja trajetória revela uma configuração difusa da dimensão museológica ao longo do tempo. Nessas condições, embora as coleções biológicas não estejam necessariamente integradas a museus instituídos, reconhece-se a presença de operações museológicas, articuladas a práticas de preservação, exibição, documentação e comunicação desenvolvidas no interior da própria instituição.

A musealização pode ser apreendida como manifestação do poder simbólico no campo museológico, pois é possível compreender esse processo como uma operação culturalmente situada, que insere determinados objetos em uma rede de significações legitimadas institucionalmente (LIMA, 2013). Assim sendo, a musealização ultrapassa a simples transposição de um bem para o espaço do museu: ela envolve a atribuição de valor simbólico, o reconhecimento de um estatuto patrimonial e a inscrição do objeto em uma gramática própria da museologia — marcada por juízos, atitudes e competências culturalmente construídas e reconhecidas. Apoiada na teoria dos campos de Pierre Bourdieu (2007a, 2007b), Lima (2013) evidencia que o campo museológico opera por meio de fronteiras conceituais e linguagens especializadas, mobilizando formas sutis de distinção e autoridade no processo de consagração do patrimônio. Musealizar é instaurar um novo regime de existência para os bens culturais, no qual a legitimação simbólica depende tanto das práticas institucionais quanto da competência dos agentes envolvidos na produção e mediação desse saber.

A leitura proposta em outro artigo por Lima (2007), sobre a museologia como campo de configuração interdisciplinar, permite observar a possibilidade de

aproximação entre diferentes domínios do saber a partir da atuação em torno dos acervos. No caso das coleções biológicas da Fiocruz, essa perspectiva oferece uma chave interpretativa para compreendê-las como componentes de um espaço institucional onde operam práticas diversas que produzem arranjos colaborativos entre agentes de diferentes áreas. A noção de “objeto fronteiriço”, presente no texto, pode contribuir para refletir sobre como esses acervos circulam entre registros da ciência e processos museológicos, favorecendo articulações que atravessam fronteiras disciplinares. O museu, pensado como repositório no sentido desenvolvido pela autora, indica um local possível de convergência entre práticas técnicas, usos sociais e formas de preservação, cuja gestão compartilhada tende a gerar comunidades de trabalho heterogêneas e modos específicos de atribuição de valor. A ideia de patrimônio interdisciplinar, tal como formulada, abre espaço para considerar que a inserção museológica das coleções biológicas não se dá por um deslocamento de sua função original, mas por transformações no modo como são mobilizadas institucionalmente em redes de sentido vinculadas à pesquisa, à memória, à comunicação etc.

Torna-se relevante examinar como a própria noção de museu foi sendo historicamente constituída como espaço de articulação entre essas dimensões. A construção social das definições de museu ajuda a compreender os sentidos atribuídos às práticas museológicas em diferentes contextos institucionais e culturais. Nesse percurso, a trajetória histórica dos museus revela transformações nas finalidades de preservação, pesquisa e comunicação, lançando luz sobre as condições que permitem a integração de acervos científicos a estruturas museais — tema que será retomado a seguir a partir de uma perspectiva histórica.

A construção histórica das definições de museu reflete transformações nas formas como as sociedades atribuem sentido às práticas de preservação, pesquisa e comunicação do patrimônio. Desde o século XVIII, com a fundação de instituições como o British Museum (1753), as finalidades atribuídas aos museus estiveram associadas à coleta e exposição de exemplares representativos das realizações humanas e da natureza, com ênfase na erudição e na formação de públicos ilustrados. Na virada do século XIX, os museus surgidos em contextos nacionais — como os da atual República Tcheca, descritos por Lehmannová (2020) — foram instituídos com objetivos pedagógicos, científicos e cívicos, voltados à construção identitária e à difusão de conhecimento relacionado a determinado pensamento.

Com a fundação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 1946, iniciou-se um processo sistemático de elaboração e atualização da definição de museu, buscando contemplar os diversos contextos culturais e institucionais em que essas

entidades se constituem. A definição de 1974, aprovada durante a Conferência Geral em Copenhague, foi um marco ao afirmar que o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Essa formulação incorporou funções como pesquisa, conservação e comunicação de evidências materiais sobre o homem e seu ambiente, associando o museu a propósitos educativos e de fruição. Nos anos seguintes, ajustes pontuais incorporaram dimensões do patrimônio imaterial e das novas responsabilidades sociais atribuídas aos museus. Em 2019, um intenso debate em torno de uma proposta mais crítica e participativa revelou as tensões entre a tradição de coleta e conservação e a demanda por práticas inclusivas e democráticas. Esse processo está, desde 24 de agosto de 2022, impresso na definição mais recente, aprovada em Conferência Geral do ICOM em Praga, República Tcheca:

> Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos." (ICOM Brasil, 2022)

A mais nova definição de museu propõe incorporar elementos como sustentabilidade, participação comunitária e compromissos éticos no conjunto de suas possíveis funções. No caso da Fiocruz, cuja vocação principal tem sido historicamente relacionada à pesquisa científica e às políticas públicas em saúde, observa-se que determinadas práticas desenvolvidas desde os primeiros anos da instituição podem ser aproximadas a experiências vinculadas ao campo museológico. A documentação, a conservação e a exposição de exemplares biológicos, patológicos e científicos faziam parte das rotinas de pesquisa e ensino no início do século XX, compondo um ambiente institucional em que procedimentos de preservação e comunicação circularam por diferentes espaços, como laboratórios, arquivos e exposições — internacionais e nacionais. Essas práticas, discutidas com maior detalhamento no Capítulo 2 deste trabalho, sugerem que a relação entre a instituição e o universo dos museus pode ser pensada para além da institucionalização recente de museus formais na Fiocruz, a partir da análise de iniciativas e coleções cuja configuração se aproxima das dimensões propostas no ICOM. Ao contemplar aspectos como conservação, pesquisa, interpretação e partilha de conhecimentos com a sociedade, a formulação adotada oferece uma oportunidade de leitura das práticas institucionais da Fiocruz sob o prisma

da museologia, sobretudo no que tange à articulação com patrimônio da ciência e da saúde.

Ao longo de seus 125 anos de existência, a Fundação Oswaldo Cruz consolidou-se como um dos principais centros brasileiros de produção científica, educação em saúde e formulação de políticas públicas. Sua atuação no campo do patrimônio, embora por vezes dispersa ou não sistematizada, revela uma trajetória marcada por reconfigurações institucionais e iniciativas que aproximam ciência, memória e cultura.

Durante a ditadura empresarial-militar instaurada no Brasil em 1964, o então Instituto Oswaldo Cruz sofreu um processo de desmonte institucional que resultou na cassação de dez cientistas, no fechamento de laboratórios e na dissolução de diversas coleções científicas. Ao longo da década de 1970, seus departamentos foram desmembrados para dar origem a novas unidades técnico-científicas, e o Instituto passou a ser incorporado à estrutura da então recém-criada Fundação Oswaldo Cruz. Essa nova configuração instituiu uma presidência em posição hierárquica superior às diretorias das unidades, constituindo o Instituto Oswaldo Cruz como uma dessas unidades — hoje denominadas órgãos específicos singulares —, mantendo sua denominação original e sua missão voltada à pesquisa biomédica.

Nas décadas seguintes, em meio à lenta reconstrução institucional, pesquisadores e técnicos vinculados ao Departamento de Patologia (DEPAT) empenharam-se em reunir e reorganizar as coleções histopatológicas do antigo Instituto Oswaldo Cruz, dando origem ao processo de reconfiguração do Museu da Patologia. Esse movimento, conduzido de forma tenaz e contínua, culminou na consolidação de um espaço museológico voltado à preservação e valorização do acervo das coleções que atualmente o constituem, sob a égide do atual IOC. Nas últimas décadas, já no período democrático, o Museu da Patologia desenvolve seu perfil museológico amparado em um plano diretor (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2024f) além de se aprofundar cada vez mais em uma série de iniciativas voltadas à divulgação e popularização das ciências e ao acesso às suas coleções, articulando ciência com memória e patrimônio de forma ativa e institucionalizada. Esse museu tornou-se um espaço de referência na articulação entre preservação, pesquisa e divulgação científica, desenvolvendo ações voltadas à comunicação pública de seu acervo e de sua trajetória.

No contexto da redemocratização do país, e já sob a gestão de Sérgio Arouca (1985-1988), foi criada a COC (1986), com a finalidade de atuar como centro de pesquisa e documentação dedicado à história das ciências e da saúde, à memória institucional e à preservação do patrimônio cultural da Fiocruz. Suas atividades tiveram

início em 1986 e, desde então, passaram a abranger também ações de educação, informação e divulgação científica no campo da ciência e da tecnologia em saúde. Além disso, a COC assumiu a responsabilidade pela preservação e restauração do patrimônio arquitetônico, ambiental e urbanístico do campus de Manguinhos, consolidando-se como uma unidade transversal nas interfaces entre ciência, cultura e sociedade.

Com o tempo, a COC passou a se destacar na produção de conhecimento em áreas como patrimônio cultural, arquitetura, urbanismo e saúde; arquivologia, documentação e informação; e divulgação científica. Seu reconhecimento internacional como centro de excelência em inovação foi consolidado com a aprovação da Cátedra Oswaldo Cruz de Ciência, Saúde e Cultura pela Unesco. As ações da Casa de Oswaldo Cruz envolvem práticas contínuas de preservação, documentação, curadoria e mediação cultural, voltadas tanto a construção da memória institucional quanto à promoção do acesso público ao conhecimento histórico-científico. Parte significativa dos resultados dessas atividades é compartilhada por meio da publicação de livros e obras de referência sobre a institucionalização das ciências e das políticas públicas de saúde no Brasil, atuando como instrumento de difusão e reflexão crítica sobre os modos de produção e circulação desse saber.

Sob sua guarda, encontra-se um expressivo acervo relacionado aos processos políticos, sociais e culturais da saúde, composto por fotografias, filmes, documentos, objetos museológicos e depoimentos orais que remontam ao final do século XIX. Esses conjuntos, além de integrarem o arquivo permanente da Fiocruz e os arquivos pessoais de cientistas e sanitaristas históricos, também constituem coleções ativamente mobilizadas em exposições, projetos educativos e iniciativas de comunicação museológica. Especialmente a partir dos anos 1990, essa atuação consolidou-se com a criação do Museu da Vida em 1999, com iniciativas subsequentes que reforçaram o compromisso da Fiocruz com a valorização de seus acervos e espaços históricos. Nesse movimento, destacam-se a implantação do projeto do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), voltado à requalificação e preservação de edificações históricas tombadas e espaços do campus original da instituição, e a criação do Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), voltado à gestão integrada e transversal dos acervos institucionais, no qual as coleções biológicas são contempladas.

Essa compreensão — sem desconsiderar o rigor científico que orientou historicamente a formação de Manguinhos, dos processos científicos e das coleções biológicas presentes na Fiocruz —, amplia as possibilidades de análise. Scheiner (2012) concorda com a ideia do museu como laboratório — entendido como espaço de encontro e uso coletivo pela comunidade — tem sido retomada nos contextos atuais

como estratégia para ampliar a interação entre público e museu. A autora observa que essa concepção, presente nos museus de ciência do século XIX e nos chamados museus exploratórios, é reatualizada a partir dos anos 1960, quando os museus passam a incorporar metodologias de ação participativa e experimentação, influenciadas pela ecologia humana, pela geografia humana e pela história do cotidiano: “a experiência dos museus exploratórios veio reforçar essa tendência, incorporando as metodologias de experimentação do conhecimento em processo” (SCHEINER, 2012, p. 25). Ao tratar do conceito de Museu Integral, a autora reconhece o valor dessa abordagem, que não se limita à musealização de um território ou ao trabalho comunitário, mas se expressa na capacidade intrínseca de o museu estabelecer relações com o tempo, o espaço e a memória. Nesse sentido, afirma que a análise desta trajetória nos leva a uma compreensão de que a museologia está profundamente vinculada à ideia do Museu Integral:

> Defendemos, aqui, que o Museu Integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais. O sentido do Museu está, portanto, no seu próprio existir e, nele, *as partes não se distinguem em relação à substância* (SCHEINER, 2012, p. 19)

Assim, tanto a noção do museu como laboratório quanto sua vocação comunitária e experimental são componentes centrais da museologia quando essa se vê comprometida com a inclusão, o engajamento social e a vivência coletiva do conhecimento.

Sob a perspectiva espacial, essas iniciativas convergem no campus de Manguinhos, onde estruturas museológicas, laboratórios de pesquisa e edificações tombadas coabitam os mesmos espaços e se comunicam com o público por meio de acervos compartilhados. Práticas científicas, patrimoniais e educativas se imbricam, produzindo arranjos institucionais nos quais objetos, saberes e ambientes atravessam fronteiras disciplinares e funcionais. Esse entrelaçamento confere ao campus não apenas um valor histórico, ou documental, mas o constitui como uma paisagem patrimonial ativa, onde a pesquisa, a memória e a divulgação científica operam de forma interdependente, compondo redes de sentido ancoradas na história institucional e nos

compromissos contemporâneos da museologia. Nesse cenário, cabe indagar se o próprio conjunto arquitetônico e paisagístico de Manguinhos — com sua circulação pública, suas rotinas científicas e seus dispositivos de mediação cultural — não poderia ser reconhecido como portador de um potencial museológico ampliado, aproximando-se da ideia de um parque científico-cultural ainda não plenamente formulado.

CAPÍTULO 2

CIENCIAS BIOMÉDICAS E MUSEOLOGIA EM REDE: ACERVOS CULTURAIS NA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

2 CIENCIAS BIOMÉDICAS E MUSEOLOGIA EM REDE: ACERVOS CULTURAIS NA TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

> *"Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo."*
>
> *Walter Benjamin, 1996, p. 225*

Marc Bloch (2001), em *Apologia da História, ou o ofício do historiador*, afirma que não é possível estudar a história limitando-se apenas ao passado, sem envolver e compreender o presente. A partir dessa premissa, desenvolveu reflexões sobre a consciência histórica, os caminhos de investigação e as escolhas do historiador, destacando a importância de interrogar o passado como forma de aprofundar e ampliar o conhecimento sobre a humanidade no tempo. Essa perspectiva alinha-se ao alerta de Lilia Moritz Schwarcz (2001, p. 25), para quem "a ignorância do passado não se limita a prejudicar o conhecimento do presente, [mas compromete], no presente, a própria ação".

Esse princípio parece encontrar ressonância também no espaço do museu, particularmente em suas interfaces com a sociedade por meio de exposições e ações educativas, nas quais se articulam diferentes formas de mobilização do passado no presente. No campo do patrimônio, essa articulação nem sempre se dá de maneira consensual, como observa Mário Chagas (2002, p. 74), quando aponta que o conceito de patrimônio não é "pacífico", pois envolve disputas, riscos e pode ser mobilizado de forma estratégica por diferentes interesses. A transição conceitual das coleções científicas para a condição de patrimônio, portanto, envolve desafios que atravessam os processos institucionais e as narrativas sobre a memória e a identidade. Para qualificar a análise, fez-se relevante um exame histórico com o intuito de compreender os contextos, as práticas e as dinâmicas institucionais que contribuíram para a constituição das coleções biológicas.

Atualmente reconhecidas institucionalmente como parte do patrimônio destinado à preservação e à difusão, as coleções biológicas são aqui abordadas em seu momento de formação inicial, com foco no período entre 1900 e 1937, por se tratar da etapa em que se conformaram as primeiras práticas e estruturas institucionais associadas a esses acervos, mas sem a pretensão de oferecer um panorama exaustivo de sua trajetória histórica. Esta análise propõe uma leitura histórica de seus contextos de surgimento, buscando identificar as dinâmicas institucionais que contribuíram para a configuração de um arcabouço organizacional sobre esses acervos capaz de atravessar diferentes conjunturas.

A compreensão dessa fase inaugural permite observar os fundamentos que, ao se sedimentarem na cultura institucional, forneceram condições para a permanência e posterior institucionalização dessas coleções no presente. A abordagem aprofundada dos processos recentes de institucionalização será retomada nos Capítulos 3 e 4, a partir de uma apresentação individualizada e uma análise em conjunto das 36 coleções biológicas atualmente sob guarda da Fiocruz.

Sem pretender aprofundar o debate historiográfico, é fundamental reconhecer a existência de uma extensa e qualificada produção dedicada à história da ciência e da saúde no Brasil, com destaque para as pesquisas desenvolvidas no Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Consolidada ao longo das últimas décadas, essa linha de investigação oferece um acervo analítico consistente sobre a trajetória da própria Fiocruz, suas práticas científicas, seus agentes e os processos institucionais que a moldaram. Ao abordar a formação das coleções biológicas sob uma perspectiva que articula pesquisa, patrimônio e museologia, este trabalho se ancora nesse repertório consolidado. O recorte adotado, que privilegia as coleções como objetos de análise museológica, parte do reconhecimento de que as bases históricas já foram amplamente exploradas — mesmo que jamais sejam esgotadas — e documentadas, sobretudo graças à atuação continuada desse campo de pesquisa na própria instituição. Assim, este trabalho busca dialogar com essa tradição interpretativa, estabelecendo conexões que contribuam para refletir sobre o papel contemporâneo das coleções na dinâmica da Fiocruz. Aqui, propomos uma abordagem introdutória que busca contribuir para reflexões sobre o aspecto institucional que abrange o tema da pesquisa.

Este capítulo propõe uma leitura histórica do contexto de surgimento das coleções biológicas da Fiocruz, com especial atenção aos agentes que contribuíram para sua formação nas primeiras décadas do século XX. Ao circunscrever esse momento inaugural, a abordagem busca compreender como determinados arranjos

organizacionais se consolidaram em meio à construção da identidade da estabilização de linhas de pesquisa na instituição, fornecendo bases que possibilitaram a permanência desses acervos ao longo do tempo. As relações com as ações institucionais contemporâneas serão retomadas nos Capítulos 3 e 4, a partir da análise específica da documentação institucional e das coleções em sua configuração atual.

A proposta, considerando a amplitude do objeto — 36 coleções sob gestão e processos próprios —, visa sugerir uma leitura que problematize sua constituição frente às dinâmicas institucionais e aos diferentes contextos sociopolíticos que marcaram sua formação. Nesse sentido, busca-se refletir sobre como essas coleções vêm sendo parte do desenvolvimento de práticas institucionais, onde também está inserida a museologia, como elementos passíveis de mediação, interpretação e comunicação em contextos expositivos, para além de sua inserção no ambiente das pesquisas às quais delas se servem.

No processo histórico e social no qual se desenvolveu esse empreendimento, destacam-se algumas situações como: as controvérsias científicas, os projetos estatais, as revoltas populares e a incorporação, na virada para o século XX, de modelos científicos predominantes na França, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos — ainda que com tradições e perspectivas distintas, muitas vezes adaptadas à realidade brasileira, algumas delas presentes no Brasil desde o século XIX. Essas influências parecem ter sido assimiladas em iniciativas que se conectavam a projetos de desenvolvimento nacional. Também podem ser observadas a atuação de homens das ciências médicas e da política na exploração e descrição de territórios pouco conhecidos, tanto em expedições internas quanto em intercâmbios internacionais. Esse movimento vincula-se à colaboração para a identificação de doenças específicas no Brasil e ao desenvolvimento de insumos e políticas públicas. São, nesse quadro, diversos elementos associados: humanos — cientistas, trabalhadores, políticos, integrantes da sociedade brasileira e internacional — e não humanos — materiais escassos, limitações técnicas, equipamentos, meios de comunicação, vetores biológicos, espécimes microscópicos, entre outros. A esses se somaram os artefatos desenvolvidos e empregados ao longo do tempo, além das dimensões políticas e dos condicionantes externos, como o mercado internacional e os fluxos migratórios. Esses fatores evidenciam a composição de uma cadeia de elementos que, imbricados, possibilitou, em diferentes momentos, a viabilização de pesquisas científicas e o desenvolvimento das atividades institucionais geradoras das coleções.

A atuação da Fiocruz transcende o campo biomédico, integrando em sua trajetória iniciativas voltadas à preservação e comunicação do conhecimento —

especialmente aquelas relacionadas ao patrimônio cultural, à história da ciência e à divulgação científica. Partindo dessa compreensão, examinamos como práticas de cunho museológico — como gestão, guarda, conservação e difusão de acervos — consolidaram-se progressivamente na instituição, articulando-se às suas atividades de pesquisa. É crucial ressaltar que o termo "Museu", aqui, não designa uma estrutura física, mas a dimensão museológica presente em certas práticas institucionais. Essa dimensão emerge do tratamento dado a conjuntos de acervos culturais, os quais, por seu envolvimento histórico com a produção científica da Fiocruz, adquirem valor patrimonial. Priorizamos análises que incluam coleções biológicas, destacando seu papel como vetores de comunicação pública — tanto das narrativas amplas da instituição quanto de projetos específicos.

Atualmente, embora a Fiocruz assuma a missão de custodiar acervos e mediar saberes para diversos públicos, sua imagem pública permanece frequentemente restrita ao âmbito da pesquisa biomédica, obscurecendo a pluralidade de suas frentes de atuação (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020b, p. 26). Este trabalho adota o conceito de dimensão museológica para designar um conjunto de práticas institucionais — preservação, documentação, interpretação e comunicação — aplicadas a acervos de valor científico e histórico. Tais práticas, desenvolvidas em setores diversos desde os primórdios do Instituto Soroterápico Federal, contribuíram para a construção de narrativas sobre ciência e saúde no Brasil (RANGEL; MUSSA CURY, 2023).

O "Museu", neste contexto, não corresponde a uma entidade física, mas à expressão dessas práticas integradas à estrutura institucional. A dimensão museológica articula-se a processos de pesquisa, conservação e mediação de objetos e documentos que, originalmente reunidos para fins científicos, foram ressignificados como patrimônio cultural. Esses acervos estão dispersos em órgãos específicos da Fundação — muitos anteriores à criação de museus formalizados ou independentes deles —, hoje distribuídos entre departamentos, laboratórios e setores técnico-administrativos. Nessas unidades, mesmo sem uma estrutura organizacional museológica convencional, emergem singularidades na gestão do patrimônio, muitas vezes dissociadas de protocolos museológicos tradicionais.

A abordagem proposta enfoca a dimensão museológica como campo transversal, analisando como essas práticas influenciam o uso, a preservação e a comunicação não apenas das coleções biológicas, mas também dos acervos a elas associados.

A configuração institucional da Fiocruz, ao articular múltiplos campos, levanta algumas questões críticas: a origem dos processos museológicos na instituição; as relações entre história, memória, patrimônio e ciência ao longo de sua trajetória; e os contextos que favoreceram o desenvolvimento dessas práticas — desde laboratórios e acervos até políticas de divulgação. Além disso, a ausência de uma estrutura museológica unificada para os acervos culturais (incluindo coleções biológicas) demanda uma análise específica. Para avançar nessas reflexões, este trabalho identifica processos museológicos destacando o papel das coleções biológicas como lentes para observar essa dimensão na história da Fiocruz.

2.1 Do porto de Santos ao Instituto de Manguinhos: translação da peste à paisagem paradoxal de uma instituição que nasce em meio a um manguezal

Percebe-se que a paisagem urbana que, hoje, envolve o campus da Fiocruz contrasta radicalmente com a realidade do final do século XIX, quando a área era composta por uma fazenda abandonada, com terrenos alagadiços e cobertos por manguezais, ainda antes de um castelo em suntuoso estilo neo-mourisco despontar como um marco na paisagem do subúrbio da Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. Essa região era conhecida como enseada de Inhaúma, e a área de encontro do continente com as águas da baía de Guanabara era reconhecida como Manguinhos, nome do bairro que se desenvolveu no local até os dias de hoje, apesar dos sucessivos aterramentos realizados na área que fizeram com que os mangues desaparecessem quase que por completo.

Em 1899 havia uma antiga fazenda de produção de insumos agrícolas em Manguinhos, que passava por um período de abandono e, por isso, foi desapropriada pelo governo para instalação de um centro destinado à incineração do lixo urbano que era produzido nas áreas mais densamente habitadas da cidade. O terreno incluía duas colinas, separadas por uma área baixa, onde a vegetação crescia em meio ao abandono das antigas plantações. A colina mais próxima ao mar abrigava a sede da fazenda e edificações adjacentes, que, após reformas, passariam a acomodar o Instituto Soroterápico Federal, embrião do que hoje se conhece como Fiocruz (ARAGÃO, 1950).

No início do século XX, o Brasil vivia uma transição prolongada da Monarquia para a Primeira República, contexto em que disputas políticas, reformas urbanas e tensões sociais se entrelaçavam. O contexto para a implementação do Instituto

Soroterápico Federal, um conjunto de laboratórios destinados à produção de soros e vacinas contra a peste bubônica, em local tão questionável quanto o descrito, ocorre no momento histórico da Primeira República brasileira (1889-1930) — também conhecida na historiografia como “República das Oligarquias”, ou "República Velha".

Epidemias recorrentes, particularmente a da febre amarela, tornaram-se foco permanente de inquietação naquele tempo, evidenciando carências de infraestrutura urbana e a desigualdade no acesso a serviços públicos (CHALHOUB, 1996). A recém-instaurada República, embora embasada em reformas modernizadoras e discursos de progresso, não promoveu uma participação social efetiva, pois as camadas populares foram, em grande medida, excluídas das decisões políticas (CARVALHO, 1987). Esses aspectos são alguns dos que evidenciam tanto a fragilidade das instituições de saúde — refletida no atraso de políticas sanitárias e na ausência de iniciativas estruturais — quanto as dificuldades de comunicação entre o Estado e a população, elementos definidores do contexto político e social em que a Fiocruz começou suas atividades.

A Primeira República brasileira manteve o Distrito Federal no Rio de Janeiro, então principal centro político e econômico do país, a despeito de uma estrutura governamental marcada pela influência das oligarquias regionais e por um federalismo que delegava amplas atribuições aos estados. Sob o mandato de presidentes vinculados às elites agrárias, a administração pública caracterizava-se por acordos políticos locais e relativa autonomia dos estados (FAUSTO, 1994). Paralelamente, a capital passava por intensas reformas urbanísticas. Trabalhos como os de Benchimol (1990) e Rocha (1986) demonstram que essas intervenções transformaram o tecido urbano, afetando populações mais pobres e delineando novos espaços de sociabilidade. Uma forte inspiração em modelos europeus visava modernizar e embelezar o Rio de Janeiro, mas também refletia tensões políticas entre grupos que disputavam a condução de uma espécie de processo civilizatório da cidade, assumido pela elite oligárquica brasileira.

Para uma melhor situação, importa salientar que, à época, inexistia um Ministério da Saúde no Brasil. Em vez disso, a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, concentrava competências como vigilância de fronteiras, controle de portos e organização de campanhas contra surtos epidêmicos. Essa configuração contribuía para a dispersão das responsabilidades entre diferentes esferas governamentais e para o predomínio de respostas pontuais, sobretudo quando doenças como a febre amarela, a peste bubônica e a varíola desafiavam a capacidade de ação estatal (LIMA, 2005). A carência de um

sistema unificado de saúde somada às tensões entre poderes locais e o governo federal dificultavam a elaboração de políticas sanitárias duradouras.

O Instituto de Manguinhos — ainda em fase inicial de consolidação como instituto de produção de soros e vacinas — despontou como agente das iniciativas da DGSP, com a atuação de Oswaldo Cruz, tornando-se parte da estruturação de medidas profiláticas e na difusão de conhecimentos voltados ao enfrentamento das contingências sanitárias que surgiram no Brasil. A instalação do Instituto Soroterápico Federal em Manguinhos, como vimos, materializou a resposta emergencial à ameaça da peste bubônica e inaugurou uma nova etapa na institucionalização da ciência biomédica no Brasil.

A emergência da peste bubônica representou mais do que uma crise sanitária: funcionou também como catalisador de transformações institucionais. A forma como a resposta estatal à doença se organizou no Brasil revela dinâmicas que merecem ser examinadas de modo crítico — ou, parafraseando Benjamin (1996), escovando a história a contrapelo — a fim de compreender como um território destinado à incineração de lixo urbano se converteu no núcleo da principal instituição biomédica do país.

Dentre as atuações da DGSP, a notícia da chegada da peste bubônica ao porto de Santos exemplifica o seu papel centralizador. Neste momento, as autoridades locais dos governos desses estados tiveram que ser suprimidas para a ação da Diretoria na região (BRASIL, 1900, p. 351). Paralelamente, especialistas em diagnósticos bacteriológicos foram enviados a Santos pelo Serviço Sanitário do estado de São Paulo e pela Inspetoria Geral de Higiene Pública, a fim de que fosse verificada a natureza da moléstia e as providências a serem tomadas. É nessa empreitada que o nome do médico sanitarista Oswaldo Gonçalves Cruz surge.

Mas antes de prosseguir com o relato, é importante destacar a figura de Oswaldo Cruz, cuja atuação foi determinante para a consolidação do Instituto que viria a se tornar a atual Fiocruz. Nara Britto (1995) demonstra como ele foi transformado em um mito no imaginário científico e cultural brasileiro após sua morte, desvendando os mecanismos que o converteram em herói nacional e símbolo do progresso sanitário e científico.

A mitificação de Oswaldo Cruz não teria sido espontânea, mas uma construção articulada por seus seguidores e por movimentos sanitaristas, que utilizaram sua imagem para legitimar políticas de saúde pública e superar divisões internas no campo médico. Cruz passou a ser retratado como um "apóstolo da ciência" e um "salvador da

pátria", características que ajudaram a unificar o discurso em torno do combate às endemias e a promover as reformas sanitárias e científicas no Brasil.

> "A construção do mito não foi gratuita nem aleatória. Foi obra de discípulos e seguidores, sobretudo sanitaristas. O mito foi utilizado como instrumento de superação dos conflitos que dividiam sanitaristas, clínicos e pesquisadores, que dividiam até mesmo a comunidade de Manguinhos" (BRITTO, 1995, p. 7)

Esse processo de mitificação é analisado sob uma perspectiva histórica e sociológica, abordando como a imagem idealizada de Cruz foi usada para consolidar o Instituto de Manguinhos, convertido em Instituto Oswaldo Cruz, como uma instituição de referência em saúde pública e pesquisa biomédica. A autora também explora como a fusão entre ciência e política sustentou a narrativa de modernização e identidade nacional, com implicações duradouras para a ciência brasileira.

Essa análise demonstra o impacto duradouro do mito na continuidade e avanço das ciências biomédicas no Brasil, influenciando as políticas públicas, o engajamento político-social em questões da ciência relacionadas ao cotidiano da sociedade, e a percepção do papel institucional, presentes na Fiocruz até o cenário atual.

Para além da construção simbólica de sua imagem, é necessário considerar os processos de articulação entre ciência, poder e ação coletiva que possibilitaram a consolidação do Instituto. Nesse contexto, a noção de “translação” (ou tradução), formulada por Bruno Latour (2000) oferece uma chave interpretativa instigante, ao descrever o modo como interesses diversos se reconfiguram para formar um acordo em torno de objetivos mais amplos a partir de uma ação concreta.

Assim, a constituição do Instituto de Manguinhos não se explica pelo suposto heroísmo de Cruz, mas pela convergência de atores heterogêneos que, desde a contingência da peste em Santos — tomada aqui como ponto inicial —, ao cooperarem e legitimarem uns aos outros, sustentaram a estrutura de produção científica e de políticas sanitárias. No processo de translação em questão, a figura de Cruz ganha centralidade e repercussão, tornando-se mitificada à medida que lhe foram atribuídos resultados que, na prática, emergiram de uma ampla rede de ações e negociações (CUKIERMAN, 2007). Contudo, esse reconhecimento, ao mesmo tempo em que fortaleceu a capacidade institucional do Instituto, também operou como narrativa legitimadora de um projeto de saúde pública adotada pela comunidade científica biomédica que se formou no Brasil a partir de então.

Para aprofundar essa leitura à luz dos acontecimentos históricos, é necessário retomar a crise sanitária de 1899, que levou à incorporação de Oswaldo Cruz à missão em Santos e desencadeou os primeiros movimentos institucionais que culminariam na fundação do Instituto de Manguinhos.

A suspeita de que a peste bubônica havia chegado ao Brasil causou enorme preocupação, pois, na virada do século XIX para o XX, a doença já se consolidara como uma das maiores ameaças à saúde pública em escala global. Para ilustrar, é preciso ater ao dado de que em 1894, uma pandemia de peste teve início no Extremo Oriente e se espalhou rapidamente pela Ásia. Nos dois primeiros anos, estima-se que milhões de pessoas tenham morrido, ao passo que novos surtos surgiam em portos europeus, intensificando receios sobre a transmissão mundial da enfermidade. É relevante também a informação de que, no mesmo ano de 1894, os cientistas Alexandre Yersin e Shibasaburo Kitasato, trabalhando de forma independente, identificaram o bacilo causador da peste. Essa descoberta marcou a bacteriologia, mas não só pelos diagnósticos mais precisos que possibilitou: igualmente por pavimentar o caminho para avanços no controle, como o desenvolvimento de vacinas e soros (STEPAN, 1976, pp. 67-68).

A peste era transmitida por um processo complexo envolvendo pulgas, ratos e seres humanos, cuja combinação de alta letalidade e rápida disseminação impunha desafios inéditos aos sistemas de saúde pública (STEPAN, 1976, p. 69). Diante disso, as notícias sobre uma possível epidemia em Santos, ao final de 1899 — um dos mais importantes portos brasileiros e maior receptor de imigrantes — acenderam um alerta nacional.

No Hospital de Isolamento de Santos, o médico Adolfo Lutz, diretor do Instituto Bacteriológico, em São Paulo, auxiliado por seu assistente, Vital Brazil, realizou autópsias que confirmaram oficialmente a chegada da peste ao Brasil (STEPAN, 1976, pp. 68-69). Em seguida, o governo federal enviou o cirurgião da capital, Eduardo Chapot-Prévost, medida inicialmente recebida com desconfiança pelos paulistas, que interpretaram sua presença como interferência indevida nos assuntos estaduais. Esse olhar dissonante presente na imprensa paulista reverbera a inexistência de um sistema único, como destacado mais acima, já que o governo do estado havia implementado seus próprios protocolos e o governo federal apareceu, posteriormente, como um agente intrusivo.

Acompanhando Chapot-Prévost, a prefeitura do Rio de Janeiro comissionou Oswaldo Cruz, então um jovem bacteriologista recém-chegado da França após quase

três anos de estudos no Instituto Pasteur, para investigar o que estava acontecendo em Santos. Juntos, eles realizaram autópsias que corroboraram as análises de Lutz acerca da efetiva presença da peste (STEPAN, 1976, p. 70).

O crucial a ressaltar é que a missão de Oswaldo Cruz a Santos não só se revelou uma operação científica, como também se mostrou profundamente política. Afinal, resultou numa iniciativa que ultrapassava a mera contenção imediata da peste, tornando-se decisiva para viabilizar a implantação de um laboratório nacional produtor de soros (CUKIERMAN, 2007, pp. 44-87), o que viria a ser o Instituto Soroterápico Federal em Manguinhos, que é a origem da Fiocruz.

Os documentos contidos no Arquivo Oswaldo Cruz mostram que, já durante a viagem de trem, Oswaldo Cruz consultava seu “Diário de Laboratório” — conforme registro encontrado no Arquivo Oswaldo Cruz, Fundo I, Pasta 7, citado por Cukierman (2007, p. 45) —, no qual registrava um cronograma de trabalho para investigar a doença em Santos. Em uma única semana, pretendia chegar a uma conclusão “categoricamente” confirmada de que se tratava de peste bubônica, citando o próprio Cruz (1972, p. 332).

Em seu relatório ao governo, Oswaldo Cruz alertou que os insumos importados seriam insuficientes para atender às demandas emergenciais de uma epidemia - problema que ia além de Santos para englobar o Rio de Janeiro e, por extensão, outras unidades federativas (STEPAN, 1976). Cruz procurou sublinhar, mesmo que de forma sutil, a precariedade da infraestrutura terapêutica nacional diante dessa ameaça epidêmica. Evidenciou-se, assim, que, estando a peste bubônica realmente confirmada, o país teria de enfrentar a falta de soros e vacinas nacionais — e a solução passaria pela criação de um instituto especializado no desenvolvimento e produção de tais insumos.

Enquanto Lutz e Vital Brazil tiveram papéis cruciais no diagnóstico e análises preliminares, Oswaldo Cruz se destacou por adotar uma abordagem mais estratégica. Assim, a produção nacional de imunobiológicos tornou-se prioritária, com o diagnóstico da peste servindo tanto como questão de saúde pública quanto como argumento fundamental para estabelecer um instituto soroterápico no país.

É interessante observar como o relatório é elaborado por Oswaldo Cruz. Nele descrevem-se os casos estudados e as observações que embasaram a confirmação da doença pela identificação de dois pacientes decisivos para a conclusão final, relatando o estado de cada um e os procedimentos de investigação adotados.

O médico faz questão de descrever minuciosamente, demonstrando como, por exemplo, procedia-se primeiro limpeza e desinfecção da pele do enfermo, em seguida a aspiração do conteúdo de um gânglio com auxílio de seringa. Vai detalhando como o material obtido era empregado na confecção de preparações para análise microbiológica, examinadas diariamente ao microscópio a fim de observar a evolução dos microrganismos em meios artificiais. Após algumas etapas, o preparado era injetado em pequenas cobaias que, ao morrerem, passavam por autópsias e, por fim, verificava-se a ação do soro antipestoso sobre as culturas do bacilo isolado (CUKIERMAN 2007, p. 49).

Dessa descrição, Oswaldo Cruz seguiu para a confirmação de tratar-se do mesmo micro-organismo utilizado na imunização dos animais produtores do soro de Yersin (CRUZ, 1972, pp. 327-331). Anexadas ao relatório, encontram-se ilustrações das culturas, registros sobre os animais de experiência e notas clínicas, de onde o médico conclui que:

> "Das premissas estabelecidas e contidas nos estudos que acabamos de referir, achamo-nos habilitados a tirar as seguintes conclusões:
> 1º - Do organismo dos doentes afetados da moléstia epidêmica reinante em Santos foi isolado um coccobacillo de morfologia e biologia perfeitamente determinadas e características.
> 2º - Na taxonomia bacteriana o coccobacillo isolado dos doentes de Santos corresponde a espécie descrita por Kitasato e Yersin como produtora da peste bubônica.
>
> 3º - Os caracteres clínicos e epidemiológicos da moléstia que grassa em Santos quadram-se nos moldes clássicos da peste bubônica.
>
> Do confronto dessas proposições deve-se concluir, pois, que: A moléstia reinante em Santos é a peste bubônica" (CRUZ, 1972, p. 331-332).

Considerando os elementos presentes, o relatório de Oswaldo Cruz adquire centralidade. Para explicar como, faz-se necessário contextualizar que foi elaborado com urgência e enriquecido com ilustrações e descrições do que fora observado, e o documento precisava ser apresentado ao Ministro da Justiça e Negócios Interiores até 12 de novembro de 1899. Para convencer o Ministro, que não possuía familiaridade com conceitos específicos de uso da microbiologia, ou com a identidade entre os quadros clínicos da peste em humanos e cobaias, o relatório precisava traduzir os achados científicos em termos que tivessem tanto um sentido político como orçamentário.

Bruno Latour, conforme citado em Cukierman (2007, p. 50), postula que "uma 'tradução significa deslocamento, traição, ambiguidade [...] partimos da não equivalência entre interesses ou jogos de linguagem e[m] que o objetivo da tradução é

tornar equivalentes duas proposições'". Nesse sentido, o relatório sobre a peste, ao estabelecer uma relação de equivalência entre as demandas científicas e as necessidades materiais do país — que precisava responder politicamente à ameaça sanitária — acabou "traduzido" na decisão pela construção de fábricas locais de soro antipestoso.

O relatório de Oswaldo Cruz, ao encerrar-se com uma sentença direta e carregada de implicações práticas cumpre um papel. O futuro da resposta sanitária nacional ficaria intimamente ligado aos cientistas envolvidos, ainda que seu enunciado tivesse partido inicialmente da defesa de medidas emergenciais. Esse diagnóstico representou, portanto, um elemento para as decisões a serem tomadas para o enfrentamento da contingência da peste, pois, ao corroborar as suspeitas, direcionou as primeiras ações para o controle da doença, que passavam necessariamente pela soroterapia apropriada. Paralelamente, Cruz enfatizou a insuficiência de vacinas e soros disponíveis no Brasil, principiando uma articulação para a discussão da necessidade de uma produção nacional desses insumos.

Os desdobramentos posteriores à entrega do relatório evidenciam o êxito de sua função tradutora e performativa. Conforme o que pode ser verificado em registros jornalísticos da época e na correspondência pessoal de Oswaldo Cruz, o impacto imediato da missão científica se traduziu em articulações concretas para a criação de instalações produtoras de soroterápicos e mobilizações políticas de alto nível. A presença do Ministro do Interior e de figuras-chave do governo paulista, aliada à visita de Oswaldo a possíveis terrenos para instalação de laboratórios, revela como a ciência passou a operar como instância legitimadora de decisões administrativas. A viagem de Oswaldo a São Paulo e Santos já ocorria em paralelo com negociações junto à Prefeitura do Rio de Janeiro para a implantação de um instituto soroterápico, restando apenas a definição do local (CUKIERMAN 2007, pp. 54–55).

A eficácia do processo de persuasão residia, assim, na construção de uma equivalência simbólica entre o combate à peste e a produção nacional de soro, o que implicava, por sua vez, em entregar sua fabricação aos cientistas. O próprio diagnóstico categórico registrado no relatório — de que "a moléstia reinante em Santos é a peste bubônica" — tornou-se o eixo de uma engrenagem técnico-política que vinculou definitivamente os campos da ciência, da saúde pública e da administração estatal. A luta contra a peste passou a significar armar-se com soro, e a ciência, nesse contexto, assumia o protagonismo na definição de rumos para a infraestrutura sanitária do país. A transposição dos resultados científicos para o vocabulário político e orçamentário constituiu apenas parte do processo; o que verdadeiramente completou o quadro foi sua

eficácia em concretizar o Instituto Soroterápico Federal em Manguinhos, alçando a ciência nacional à condição de resposta institucionalizada contra a peste bubônica. Mais grave que seu impacto em Santos era a ameaça à Capital Federal - como alertava Oswaldo Cruz ao destacar o Rio como ponto nevrálgico: palco de encontros entre representantes nacionais, portal de entrada para diplomatas, empresários e imigrantes, cuja má impressão durante a epidemia prejudicaria o Brasil no cenário internacional, justamente quando disputava mercados e força de trabalho europeia.

A dimensão de “mito” à qual Oswaldo Cruz foi alçado pelo trabalho que se sucedeu à criação do Instituto em Manguinhos, conforme defendido por Britto (1995), dialoga com o conceito de “translação” desenvolvido por Latour (2000) e mobilizado por Cukierman (2007). A análise que evidencia a construção posterior do mito em torno da figura de Oswaldo Cruz permite compreender os mecanismos pelos quais essa reputação promoveu o investimento político na pesquisa básica no Instituto, repercutindo, entre outros aspectos, na formação do objeto de análise deste trabalho — que se tornaram, simultaneamente, alicerces e consequências de tais investigações científicas. As coleções biológicas refletiram as práticas científicas consolidadas até determinado momento histórico e, por consequência, abriram possibilidades para outras pesquisas futuras.

O inevitável deslocamento da peste para outras cidades levou o governo paulista e a Prefeitura do Distrito Federal a criarem estabelecimentos voltados à produção nacional de soros e vacinas. No Rio de Janeiro, essa iniciativa resultou na fundação do Instituto Soroterápico Federal, vinculado à administração municipal e direcionado à resposta imediata às emergências sanitárias. Sua criação marcou o início de uma infraestrutura científica institucionalizada, com o propósito de articular saberes biomédicos e ações estatais no enfrentamento da contingência epidemiológica em curso (BENCHIMOL; SÁ, 2005, p. 73; MUSSA CURY, 2012, p. 33).

A fundação do Instituto Soroterápico Federal, em Manguinhos, no ano de 1900, não decorre apenas de um impulso sanitário, mas da confluência entre pressões políticas, mobilizações de cientistas e negociações institucionais. Diante da ameaça da peste, a Prefeitura do Rio de Janeiro foi contemplada com verbas emergenciais, e, sob aconselhamento técnico do Barão de Pedro Afonso, decidiu estabelecer um laboratório para a produção de soros e vacinas. A escolha do local — a antiga e degradada fazenda de Manguinhos, então designada para instalação de incineradores de lixo — seguia o preceito vigente, que recomendava o distanciamento das áreas centrais para manipulação de agentes infecciosos.

> “(...) uma soma especial de dinheiro foi dada à Prefeitura com o fim específico de enfrentar a peste. A organização “dupla e anárquica” dos serviços de higiene federal e municipal do Rio tornou na verdade virtualmente impossível uma ação sanitária eficiente contra as doenças epidêmicas até que os serviços foram reunidos e organizados sob Oswaldo Cruz em 1903. Enquanto isso foi resolvido pela Prefeitura criar um pequeno laboratório onde pudessem ser fabricadas a baixo custo vacinas e soros contra a peste. [...] foi requisitada uma fazenda a alguma distância da cidade. A fazenda, conhecida como Manguinhos, tinha sido adquirida originalmente pela Prefeitura como local para um incinerador, que nunca havia sido completado. No terreno acidentado e coberto de plantas rasteiras havia alguns prédios em ruínas para servirem como laboratórios onde o trabalho com o perigoso bacilo da peste podia começar a uma distância segura do centro da cidade.” (STEPAN, 1976, p. 70)

As obras de adaptação para a criação de um instituto soroterápico tiveram início em dezembro de 1899, dando origem à estrutura inicial do que se tornaria a Fiocruz. O Instituto, inicialmente sob jurisdição municipal, contou com a liderança formal do Barão de Pedro Afonso, proprietário do Instituto Vacínico Municipal, responsável pela vacina antivariólica. Coube a ele a missão de organizar o novo laboratório, inclusive viajando à Europa para adquirir os equipamentos necessários. Entretanto, a dimensão técnica da empreitada exigia uma figura científica com formação específica em bacteriologia — papel atribuído a Oswaldo Cruz, recém-retornado de sua especialização no Instituto Pasteur, em Paris. Cruz foi contratado como diretor técnico do novo Instituto, tendo sido responsável pela elaboração das especificações técnicas e científicas para aquisição de insumos, bem como pela organização do trabalho laboratorial.

> “[...] pelo doutor Pedro Afonso Franco, digníssimo barão e proprietário do Instituto Vacínico Municipal, onde é produzida a vacina antivariólica. A prefeitura do Rio contratou-o para organizar o laboratório antipestoso, e ele viajou para a Europa a fim de adquirir os equipamentos listados por um médico mais jovem, Oswaldo Gonçalves Cruz, há pouco chegado de Paris, onde fez estudos de especialização no Instituto Pasteur. Por is so foi contratado como diretor técnico do Instituto Soroterápico municipal. Transferido para alçada federal, o Instituto entra em funções em 23 de julho de 1900, e logo envia à Diretoria de Saúde Pública os primeiros frascos da vacina e soro antipestosos” (BENCHIMOL, 2014, p. 22).

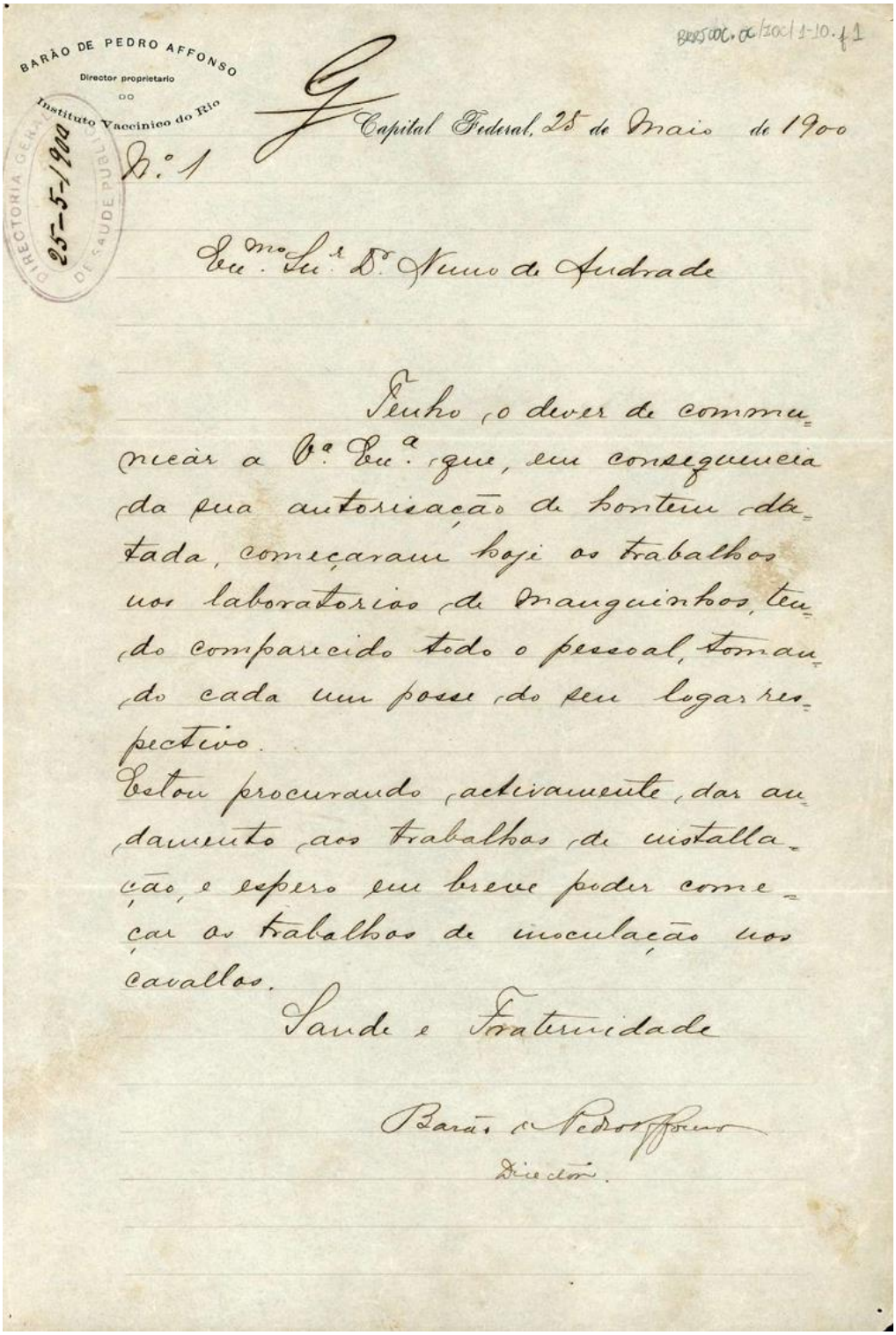
Figura 1. Primeiras instalações para laboratório do Instituto de Manguinhos (c.1900-191?)

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A escolha da localização do Instituto — motivada pelo desejo de evitar uma possível contaminação da população pelos materiais utilizados na produção dos imunizantes — foi encaminhada, portanto, à Manguinhos. O ambiente era improvisado, com edificações precárias e escassez de recursos, o que obrigou os primeiros cientistas a atuarem em condições modestas, em meio a um cenário que unia rusticidade e isolamento (MUSSA CURY, 2012, p. 34). Ainda assim, os objetivos iniciais eram pragmáticos e claros: produzir localmente imunobiológicos para contenção da peste.

A comunicação do início das atividades da nova instituição foi feita em 25 de maio de 1900, sob a direção do Barão de Pedro Afonso, que também acumulava o cargo de Diretor do Instituto Vacínico Municipal. Oswaldo Cruz integrava o corpo médico-técnico como líder de sua equipe, mas em posição hierárquica inferior à do Barão.

Figura 2 - Ofício nº1 do Instituto, informando ao Diretor Geral de Saúde, Dr. Nuno de Andrade, o início dos trabalhos nos laboratórios. Transcrito: “Tenho o dever de comunicar a Vª. Exª. Que, em consequência da sua autorização de ontem datada, começaram hoje os trabalhos nos laboratórios de Manguinhos, tendo comparecido todo o pessoal, tomando cada um posse do seu lugar respectivo. Estou procurando ativamente, dar andamento aos trabalhos de instalação, e espero em breve poder começar os trabalhos de inoculação nos cavalos. Saúde e fraternidade.” 1900 (produção)



BARÃO DE PEDRO AFFONSO
Director proprietario
Instituto Vaccinico do Rio

DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA
25-5-1900

Capital Federal, 25 de Maio de 1900

N.º 1

Ex.mo Sr. Dr. Nuno de Andrade

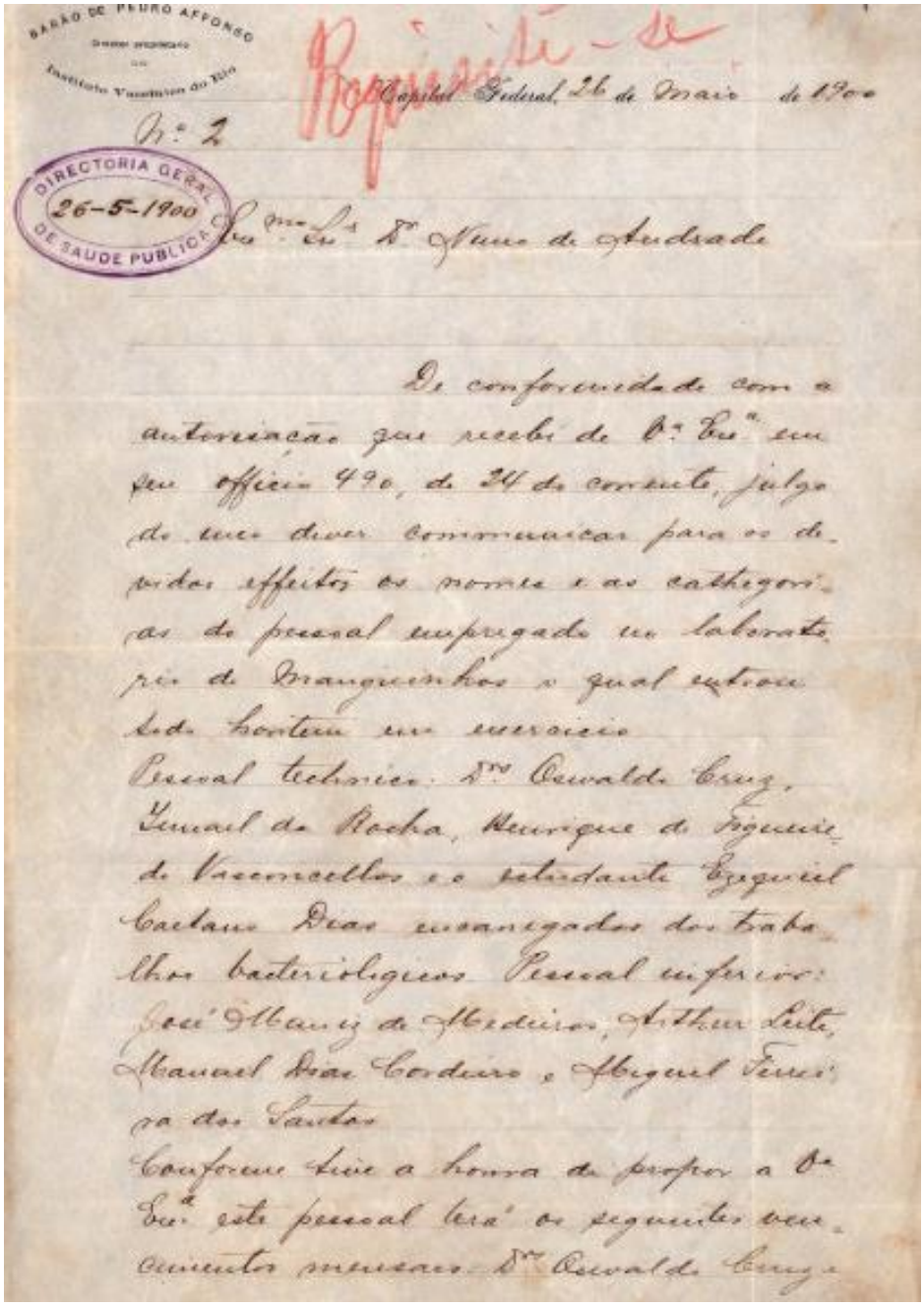
Tenho o dever de communicar a V.ª Ex.ª que, em consequencia da sua autorisação de hontem datada, começaram hoje os trabalhos nos laboratorios de Manguinhos, tendo comparecido todo o pessoal, tomando cada um posse do seu logar respectivo.
Estou procurando activamente dar andamento aos trabalhos de installação, e espero em breve poder começar os trabalhos de inoculação nos cavallos.

Saude e Fraternidade

Barão de Pedro Affonso
Director.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz.

Figura 2 - Ofício nº2 do Barão de Pedro Afonso ao Dr. Nuno de Andrade, comunicando a contratação da equipe técnica e de auxiliares para o laboratório de Manguinhos, com as respectivas funções e salários. Transcrito: “De conformidade com a autorização de recebi de Vª. Exª., em seu oficio 490, de 24 do corrente, julgo de meu dever comunicar para os devidos efeitos os nomes e as categorias do pessoal empregado no laboratório de Manguinhos, o qual entrou todo(?) ontem em exercício. Pessoal técnico: Srs. Oswaldo Cruz, Ismael da Rocha, Henrique de Figueiredo Vasconcelos e o estudante Ezequiel Caetano Dias encarregados dos trabalhos bacteriológicos Pessoal inferior: José Alvez de Medeiros, Arthur Leite, Manuel Dias Cordeiro e Miguel Ferreira dos Santos. Conforme tive a honra de propor a Vª. Exª.este pessoal terá os seguintes vencimentos mensais: Sres. Oswaldo Cruz...” 1900 (produção)



BARÃO DE PEDRO AFFONSO
Instituto Vaccinico do Rio

Capital Federal, 26 de Maio de 1900

Nº 2

DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA
26-5-1900

Exmo. Snr. Dr. Nuno de Andrade

De conformidade com a autorização que recebi de Vª. Exª. em seu officio 490, de 24 do corrente, julgo de meu dever communicar para os devidos effeitos os nomes e as cathegorias do pessoal empregado no laboratorio de Manguinhos o qual entrou todo hontem em exercicio.
Pessoal technico: Drs. Oswaldo Cruz, Ismael da Rocha, Henrique de Figueiredo Vasconcellos e o estudante Ezequiel Caetano Dias encarregados dos trabalhos bacteriologicos. Pessoal inferior: José Alvez de Medeiros, Arthur Leite, Manuel Dias Cordeiro e Miguel Ferreira dos Santos.
Conforme tive a honra de propor a Vª. Exª. este pessoal terá os seguintes vencimentos mensais: Drs. Oswaldo Cruz e

Fonte: Biblioteca Virtual Oswaldo Cruz (Fiocruz), “Ofício n.º 2 do Barão de Pedro Afonso a Nuno de Andrade, 26/05/1900”

> “Não obstante a distância da cidade, a precariedade das construções existentes e seu isolamento, o local se afigurou a todos, sobretudo a Oswaldo, muito apropriado à instalação de laboratórios em que se iria trabalhar com essa peste bubônica, tão justamente temida pelo povo.
> A razão do agrado de Oswaldo por êsse (sic) local isolado e tranquilo foi parecer-lhe o mesmo, desde logo, muito adequado à concretização do grandioso projeto que trouxera consigo da Europa, de fundar, um dia, no Brasil, uma grande escola de Biologia e Medicina experimental, na qual, a ciência, em que êle depositava 'fé eterna', conforme expressão sua, fosse objeto de um culto constante, cheio de elevação e fervor.” (ARAGÃO, 1950, p. 3).

Em 1902, desentendimentos com Pedro Afonso levaram à saída do Barão, consolidando o protagonismo de Oswaldo Cruz e estabelecendo as bases para o trabalho que viria a definir o Instituto de Manguinhos como instituição que tem a pesquisa como atividade primordial. A partir desse momento, Oswaldo Cruz assume a direção do Instituto Soroterápico Federal, defendendo com entusiasmo a importância da pesquisa em medicina experimental e em microbiologia. Um de seus grandes propósitos era implantar um modelo de saúde pública avançado, capaz de transformar a realidade de insalubridade que marcava o Brasil na época.

Se a federalização do Instituto em 1900 marcava um avanço administrativo, o envio dos primeiros frascos de imunobiológicos antipestosos à Diretoria de Saúde Pública mostrou-se emblemático: transformara um centro produtor em símbolo do novo paradigma sanitário brasileiro, onde a pesquisa laboratorial passava ao protagonismo na formulação de políticas públicas de saúde. A trajetória de Oswaldo Cruz foi moldada pelas dinâmicas interpessoais e pela capacidade de mobilizar discursos sintonizados com os interesses sanitários e científicos em expansão naquele contexto. Como será explorado adiante, sua ascensão à direção científica e administrativa da instituição resultará em uma mudança de escala e escopo — de um laboratório emergencial para um centro de pesquisa, formação e produção científica de longo alcance. Essa transformação consolidará as bases para a institucionalização da Fiocruz como referência nacional em saúde pública.

Essas dinâmicas, ao longo do tempo, impulsionaram iniciativas que transformaram o campo da saúde pública e favoreceram a formação de arranjos sociotécnicos, em que saberes científicos, práticas laboratoriais e decisões políticas passaram a se articular de maneira mais estruturada (CUKIERMAN, 2007). A inserção inicial de Oswaldo Cruz no Instituto Soroterápico Federal ocorreu como responsável técnico, em uma estrutura ainda reduzida, mas de importância estratégica diante das demandas sanitárias emergenciais. A combinação de sua formação especializada, da

atuação durante a crise da peste e da capacidade de interlocução com diferentes setores do poder público contribuiu para a rápida consolidação de sua autoridade científica.

Figura 3. Cais para desembarque de pessoas e materiais no Instituto de Manguinhos (c. 1900 – 191?).

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A atuação de Oswaldo Cruz durante a crise da peste consolidou sua projeção institucional, permitindo sua ascensão à direção do Instituto em 1902 e, posteriormente, à chefia da Diretoria Geral de Saúde Pública. A partir desse duplo papel, Cruz articulou ciência, administração pública e saúde sanitária, estabelecendo as bases para a

expansão científica e a consolidação institucional de Manguinhos. Sua nomeação para a direção do Instituto em 1902 marcou uma dupla transformação: a expansão física e produtiva convivia com a redefinição do escopo institucional. O que inicialmente surgira como um laboratório de emergência voltado à produção de imunobiológicos começava a se consolidar como um centro permanente de pesquisa biomédica e formação de quadros técnicos especializados.

Essa transformação abarcou, por um lado, a expansão física e a redefinição institucional; por outro, a reorganização dos espaços, o estabelecimento de rotinas científicas e a implantação de laboratórios de pesquisa. A liderança de Oswaldo Cruz imprimiu ao Instituto um modelo de funcionamento inspirado nas experiências internacionais da bacteriologia, especialmente as do Instituto Pasteur, articulando essas referências às demandas sanitárias brasileiras. Esse processo evidencia como a história de Manguinhos é, desde suas origens, atravessada por dinâmicas que integram ciência, política e institucionalidade — aspectos fundamentais para compreender também a formação e a acumulação dos acervos que, mais tarde, dariam origem às coleções biológicas, objeto central da análise desenvolvida neste trabalho.

Latour (2000) aponta, resumidamente, que quando os cientistas são “seguidos” antropologicamente — com o objetivo de analisar seus feitos — observa-se que o contexto social e o conteúdo técnico são determinantes para o entendimento da atividade científica. Caracterizando o conhecimento científico como uma construção permanente sob paradigmas estabelecidos, pode-se concluir que a ciência apenas se estabiliza nos períodos que são determinados pela complexa rede de interações e condições. Ou seja, por pessoas situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade, com motivações inerentes, e por um conjunto de fatores em que socializam elementos humanos e não humanos. Nessa perspectiva, uma visita à Fiocruz pode evidenciar as razões de sua própria existência a começar pelo que representou sua construção nos termos de definição de suas diretrizes a partir de uma rede sociotécnica constituída desde 1899.

2.2 A expansão das atividades: consequências

No campo da história das ciências e da saúde, especialmente nas investigações sobre a trajetória institucional da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), observa-se que muitos estudos adotam como marco inicial o ano de 1900, com a fundação do Instituto Soroterápico Federal. Esse período inclui a direção de Oswaldo

Cruz (1902-1916) e o ciclo liderado por Carlos Chagas, que se estendeu de 1917 a 1934 — fase frequentemente denominada primeira geração de Manguinhos. O recorte costuma encerrar-se em torno de 1937, ano que coincide com o início do Estado Novo e as reformas institucionais promovidas naquele contexto político, as quais impactaram profundamente as instituições científicas nacionais.

Essa periodização, adotada por pesquisadores vinculados à Casa de Oswaldo Cruz, delimita um ciclo que pode ser interpretado como o de fundação e consolidação científica e institucional do Instituto, encerrando-se na década de 1930. A partir de então, entre 1937 e 1968, tem início um período frequentemente caracterizado como de crise, estagnação relativa e redefinição institucional.

No plano político mais amplo, o Estado Novo (1937–1945) impôs repressão política e centralização administrativa, com forte controle estatal sobre as instituições de ciência e educação. As décadas seguintes, sob a chamada República Populista (1946-1964), apresentaram instabilidade política, tentativas de modernização e descontinuidades nas políticas públicas. O início do regime militar, em 1964, introduziu novas reconfigurações institucionais e políticas.

No âmbito específico do Instituto Oswaldo Cruz, o período foi marcado pela perda gradual do protagonismo científico conquistado nas décadas iniciais. Com a saída ou falecimento dos principais nomes da primeira geração e a ausência de uma renovação institucional equivalente, o Instituto assumiu, em grande parte, funções burocráticas e estatais, voltadas principalmente à prestação de serviços, em detrimento da pesquisa científica de ponta. Concomitantemente, enfrentou dificuldades financeiras e administrativas recorrentes, além de um relativo isolamento em relação aos centros internacionais de pesquisa biomédica.

Apesar dessas limitações, algumas linhas de pesquisa mantiveram-se ativas, especialmente na produção de vacinas, no controle de vetores e em estudos sobre doenças tropicais. Cientistas e grupos de pesquisa procuraram sustentar certa continuidade acadêmica, mesmo em condições adversas.

O ano de 1968 representa um marco de transição. No contexto nacional, corresponde ao endurecimento do regime militar, simbolizado pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5). Na trajetória da Fiocruz, prenunciou a crise que, no início da década de 1970, resultaria no episódio conhecido como Massacre de Manguinhos, quando diversos cientistas foram afastados ou demitidos e estruturas de pesquisa desmanteladas.

Esse período, por vezes definido na historiografia como fase de burocratização e declínio (BENCHIMOL; SÁ, 2006), ou como período de estagnação científica, também

tem sido interpretado, em leituras mais recentes, como um intervalo de transição e resistência institucional. Apesar das dificuldades, mantiveram-se redes científicas e práticas que, em certa medida, permitiram a rearticulação da instituição nos anos subsequentes.

Voltando ao início do que viria ser a Fiocruz, a nomeação de Oswaldo Cruz para a direção do Instituto Soroterápico Federal, em 1902, e, posteriormente, para a chefia da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), em 1903, marcou o início de uma nova fase na trajetória da instituição e no fortalecimento das políticas sanitárias no Brasil. Essa mudança de direção coincidiu com um contexto mais amplo de reformas urbanas e sanitárias empreendidas no Rio de Janeiro, durante a gestão municipal de Pereira Passos e sob a presidência de Rodrigues Alves, que buscaram modernizar a capital federal e enfrentar as graves condições epidemiológicas da época (BENCHIMOL, 1990).

Nesse ambiente de transformação, Oswaldo Cruz passou a articular a atuação do Instituto com uma proposta mais ampla, voltada à pesquisa científica básica e à formação de quadros especializados em doenças infecciosas tropicais. Inspirado nas experiências internacionais de pesquisa biomédica, especialmente o modelo do Instituto Pasteur de Paris e das instituições alemãs, Cruz propôs que o Instituto deixasse de ser apenas um laboratório de produção de imunobiológicos para se consolidar como um centro de investigação científica permanente. A implementação desse projeto passou pela construção de novas instalações, planejadas sob a supervisão de Luiz de Moraes Júnior, que idealizou um conjunto arquitetônico de inspiração eclética, alinhado aos padrões institucionais europeus. A edificação dos novos laboratórios e a reorganização dos espaços físicos refletiam a ambição de estruturar, em Manguinhos, um ambiente propício à prática científica moderna, capaz de integrar pesquisa, ensino e produção, em consonância com a proposta que Cruz formularia nos anos seguintes:

> “Instituto para estudo das doenças infecciosas tropicais, segundo as linhas do Instituto Pasteur de Paris... [O Instituto de Manguinhos] deve ser encarregado da preparação de todos os soros terapêuticos, vacinas, com o tratamento anti-rábico, a preparação de fermentos industriais, com o ensino da bacteriologia e da parasitologia, e se transformará em um núcleo de estudos experimentais que acentuará grandemente o nome do nosso país no estrangeiro” (STEPAN, 1976, p. 78)

Embora sua proposta de transformação do Instituto não tenha sido formalmente aprovada, Oswaldo Cruz encontrou outros caminhos para impulsionar a pesquisa

biomédica. Enquanto dirigia o Instituto de Manguinhos, também esteve à frente da saúde pública nacional como chefe da Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), cargo que ocupou entre 1903 e 1909. Nesse período, conseguiu redirecionar recursos financeiros das campanhas sanitárias no Rio de Janeiro, formar alianças estratégicas com autoridades federais, lideranças municipais, engenheiros sanitaristas e setores médicos, e mobilizar esforços institucionais para viabilizar a construção de novos edifícios e a aquisição de equipamentos destinados à ampliação da gama de produtos biológicos, além de favorecer o desenvolvimento de pesquisas e projetos de ensino (BENCHIMOL, 1990, p. 26). Esses investimentos, planejados em articulação com a equipe científica do Instituto, foram orientados para atender às demandas de pesquisa alinhadas ao modelo pasteuriano, que estruturava as práticas científicas da época (BENCHIMOL, 2001, p. 54). Graças à mobilização de recursos financeiros, materiais e humanos, associada à expansão do espaço físico e ao afluxo de médicos e doutorandos, os estudos em anatomia patológica e microbiologia experimental em Manguinhos conheceram avanços inéditos.

Essa capacidade de articulação foi decisiva para que Cruz ampliasse o projeto científico de Manguinhos para além de suas funções emergenciais. O alinhamento com autoridades federais, como o presidente Rodrigues Alves, e com a administração municipal de Pereira Passos, aliado à colaboração com engenheiros sanitaristas e médicos envolvidos nas campanhas urbanas, permitiu integrar as necessidades imediatas de saneamento aos interesses de fortalecimento da pesquisa biomédica. Nesse contexto, os recursos destinados às ações de combate à febre amarela, à varíola e à peste também passaram a viabilizar a expansão da infraestrutura de Manguinhos, criando condições materiais para o avanço dos estudos científicos no Instituto. Assim que assumiu a direção, Oswaldo Cruz iniciou a construção de novos edifícios destinados à ampliação da produção de soro antipestoso, concluídos em menos de dois anos, entre 1904 e 1905. Destacam-se, nesse conjunto, a nova Cavalariça e o Pavilhão do Relógio — este último também conhecido como Pavilhão da Peste, em referência aos insumos produzidos no local, alinhados ao propósito original do Instituto de enfrentar a peste bubônica. A rápida transformação do Instituto, contudo, não foi isenta de críticas. A expansão das instalações, associada ao redirecionamento de recursos originalmente destinados às campanhas sanitárias, gerou resistências e desconfianças entre setores políticos e administrativos. O episódio registrado por Aragão (1950) ilustra esse momento de tensão e reafirma a habilidade de Cruz em contornar os obstáculos institucionais para assegurar a continuidade dos projetos em Manguinhos:

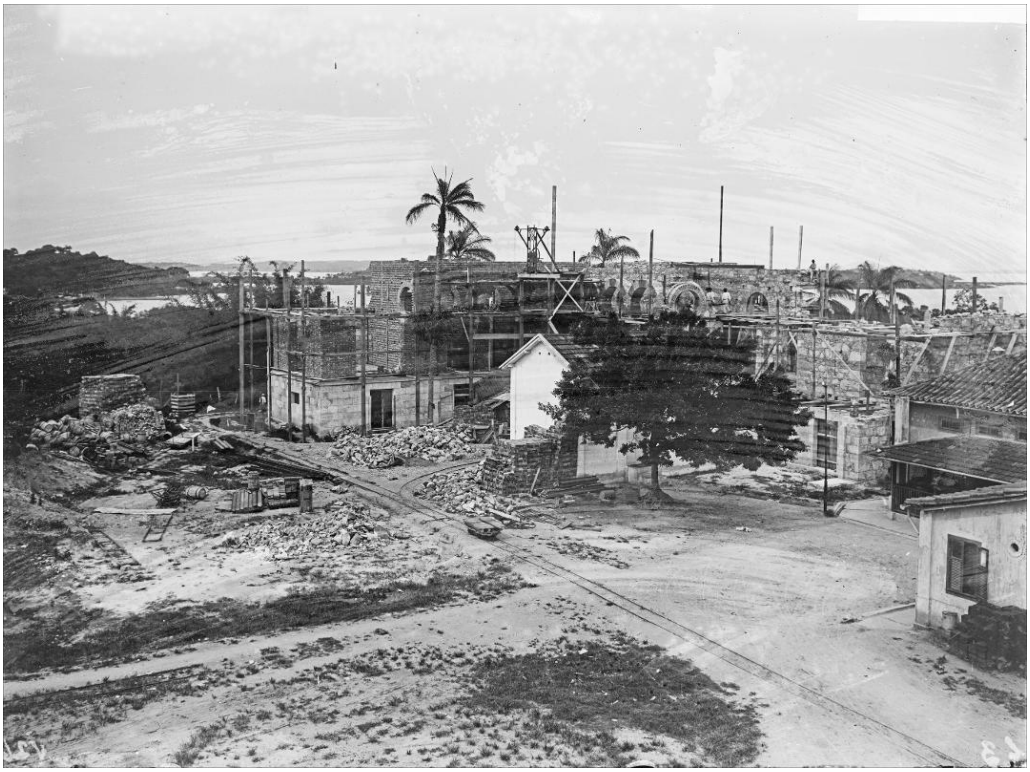
> À medida, porém que cresciam as formidáveis paredes dos vários edifícios, aumentavam também as recriminações contra Oswaldo; o Ministro se impressionou e resolveu observar pessoalmente o que havia. Era a primeira vez que vinha visitar o Instituto. Chegou pela manhã, começando sua inspeção pelo laboratório modesto e acanhado, cujo telhado ameaçava ruir [...]. Percorreu depois as novas construções e, finalmente, foi inspecionar as obras grandiosas do edifício principal. Examinou-as e informou-se de tudo, minuciosamente, só não indagou com que dinheiro aquilo tudo estava sendo feito... Depois, parou, descansou e lançou os olhos para a misera (sic) casinha em que nascera o Instituto à custa de tanto esforço, dedicação e sacrifício de todos; desviou a seguir a vista e foi pousá-la sobre os blocos do grande prédio que Oswaldo estava edificando [...].
> [...]despediu-se, prometendo verbas do Congresso para conclusão daquelas obras arrojadas, e recomendando, "pro forma" (sic), que fossem as mesmas interrompidas afim (sic) de sopitar-se a grita dos opositores a Oswaldo, até que chegassem os créditos regulares.
> Também "pro forma" (sic), as obras foram interrompidas por alguns dias, para recomeçarem em seguida com redobrado vigor e como antes, à custa de recursos providos de sobras das verbas da Diretoria da Saúde Pública [...].
> As verbas do Congresso chegaram um dia, tardiamente [...] (ARAGÃO, 1950, p.19)

O esforço de expansão empreendido por Oswaldo Cruz refletia a articulação crescente entre ciência, administração pública e projetos de afirmação institucional. Os investimentos realizados impulsionaram as pesquisas em anatomia patológica, atraíram médicos e estudantes de medicina, e reforçaram a infraestrutura do Instituto, criando as condições materiais para sua consolidação. Com a conclusão das primeiras obras, Cruz voltou-se para um projeto de maior envergadura: a construção de um edifício central que, além de reunir os laboratórios e setores administrativos, expressasse, em sua monumentalidade arquitetônica, a ambição de transformar Manguinhos em um espaço de referência nacional e internacional. O Castelo Mourisco, erguido como símbolo desse ideal, figurava como núcleo organizador das atividades científicas, ao lado de sua função icônica: inscrever visualmente a autoridade e o prestígio almejados pela instituição nascente. (COELHO *et al.*, 2020, p. 569).

A fotografia da Figura 4 registra um momento das obras do Castelo Mourisco em Manguinhos, provavelmente entre 1905 e 1909 — o prédio foi construído entre 1905 e 1918, embora sua ocupação para atividades finalísticas tenha se iniciado em 1909. Ao centro da imagem, observa-se a estrutura de alvenaria já erguida até o segundo pavimento, com andaimes e materiais de construção dispostos ao redor. Pequenas edificações pré-existentes, de caráter provisório, ainda compõem o cenário, contrastando com a escala monumental da nova construção em andamento. Ao fundo, a presença da vegetação e a vista aberta da Baía de Guanabara reforçam a localização

estratégica e isolada do Instituto, conforme os preceitos de biossegurança da microbiologia da época. A imagem evidencia o esforço de transformação física de Manguinhos, associado à ampliação das instalações científicas e ao fortalecimento institucional do Instituto.

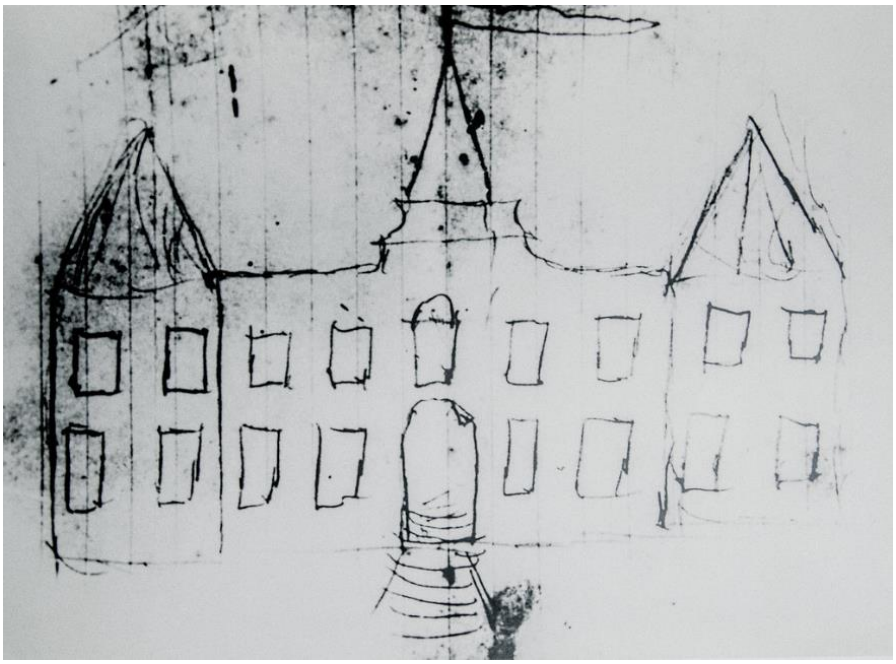
Figura 4. Obras de construção do futuro Castelo Mourisco (c.1905)



Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

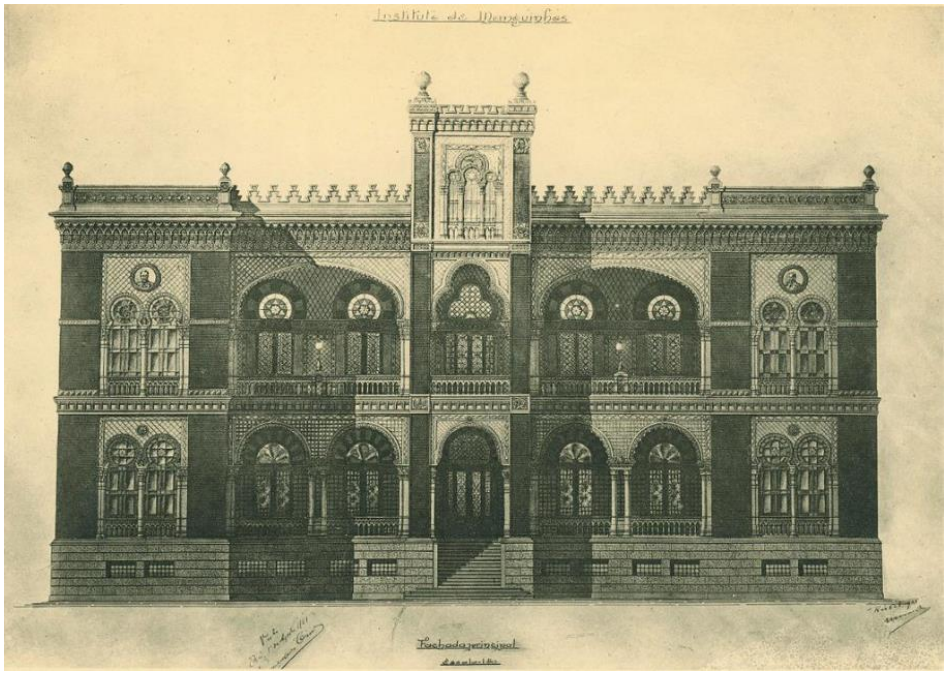
Para compreender plenamente a formação do complexo que daria origem à Fiocruz, é essencial considerar o contexto histórico da revitalização urbana do Rio de Janeiro sob a liderança do prefeito Pereira Passos. Nesse cenário, a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), então dirigida por Oswaldo Cruz, desempenhou um papel central, articulando ciência e administração pública em favor das reformas sanitárias. Foi nesse ambiente que a construção do Castelo Mourisco — edifício central e símbolo funcional da instituição — avançou gradualmente até sua conclusão em 1918. Importante destacar que os recursos financeiros utilizados para finalizar as obras vieram da venda de uma vacina veterinária contra a peste da manqueira, desenvolvida no próprio Instituto. O êxito dessas iniciativas de pesquisa aplicada contribuiu decisivamente para consolidar a instituição e expandir suas atividades (BENCHIMOL, 2001).

Figura 5. Desenho elaborado por Oswaldo Cruz e entregue ao engenheiro-arquiteto Luiz Moraes Júnior, contendo indicações iniciais de como idealizava a sede do Instituto de Manguinhos. O traçado simples reflete a concepção embrionária da ideia de Oswaldo Cruz, que desejava um castelo. (c. 1900-1903)



Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 6. Desenho técnico produzido por Luiz Moraes Júnior, com base nas orientações fornecidas por Oswaldo Cruz. O projeto adota elementos do estilo eclético, caracterizado pela combinação de referências europeias, e já apresenta os contornos mais definidos do edifício que viria a se tornar o Castelo Mourisco.(c.1905)



Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 7. Maquete do edifício apresentado pelo Instituto de Manguinhos na Exposição Internacional de Higiene e Demografia, realizada em Berlim em 1907. A maquete evidencia a concepção do Castelo Mourisco, sintetizando o projeto arquitetônico em fase de construção e reforçando a imagem institucional do Instituto em âmbito internacional.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A escolha de construir o Castelo no topo da colina, com a fachada voltada para a Baía de Guanabara — então mais próxima do terreno — parece ter sido deliberada. A edificação destacava-se na paisagem alagadiça e era visível a partir da região central da cidade, característica que persiste até hoje: ainda é possível avistá-la a partir da atual área portuária, nas imediações da Praça Mauá. Inicialmente, Oswaldo Cruz concebeu a sede do Instituto em estilo medieval (Figura 5), mas a participação do arquiteto Luiz de Moraes Júnior conduziu o projeto para a estética mourisca (Figura 6). Nos esboços iniciais, o edifício apresentava uma estrutura central ladeada por duas alas transversais, com dezessete janelas frontais e uma grande porta de acesso sobre um embasamento elevado.

O projeto do Castelo passou por sucessivos ajustes e ampliações, incorporando referências obtidas nas viagens de Oswaldo Cruz e Luiz de Moraes Júnior a grandes exposições internacionais de higiene e saúde pública. A primeira delas foi a Exposição de Higiene e Demografia de Berlim, em 1907, e a segunda, a Exposição Internacional de Higiene de Dresden, em 1911 — eventos que serão abordados em maior detalhe ao longo deste capítulo.

A execução arquitetônica no estilo mourisco apresenta afinidades com edificações europeias que também mobilizavam esse repertório formal, como o Observatório de Montsouris e o Pavilhão da Tunísia construído para a Exposição Universal de Paris em 1889. Essas referências não surgiram ao acaso: Oswaldo Cruz visitou essas edificações durante seu período de especialização no Instituto Pasteur, entre 1897 e 1899. Também exerceram influência o contato com a Sinagoga Central de Berlim, outra fonte de inspiração refletida em elementos do projeto do Castelo Mourisco (OLIVEIRA, 2003).

Figura 8. Postal do Observatório de Montsouris.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

As áreas destinadas aos laboratórios foram projetadas conforme os preceitos da microbiologia da época, priorizando ambientes assépticos, bem iluminados e ventilados, com paredes e pisos claros. Esses espaços científicos foram integrados a outros ambientes do edifício, como as áreas de circulação, os salões nobres de leitura e recepção e as fachadas exteriores, estas últimas ornamentadas com revestimentos em alto-relevo, arabescos e formas simétricas características da tradição estética islâmica. Mas o instituto precisou desenvolver soluções para dar encaminhamento ao ambicioso projeto, que enfrentou barreiras para ter sua reestruturação física.

Segundo Benchimol (2001, p. 60), a consolidação de Manguinhos como um centro de ciência e produção precisou passar pela articulação entre conhecimento

técnico e gestão de recursos institucionais. Um dos exemplos mais ilustrativos desse arranjo é o desenvolvimento, por José Carlos Godoy, de uma vacina de germe vivo contra o carbúnculo sintomático (conhecido como “mal do ano” ou “ando”), a partir de uma cepa atenuada de *Clostridium chauvoei*. A originalidade da pesquisa estava no uso de um meio de cultura específico para bactérias anaeróbicas, em que a glicose desempenhava papel fundamental. Após a comprovação de sua eficácia imunizante em ensaios realizados em Juiz de Fora — com a participação de Rocha Lima e Carlos Chagas —, a vacina passou a ser produzida em escala comercial.

A incorporação desse produto ao portfólio de Manguinhos foi viabilizada por meio de uma estratégia institucional que garantiu ao Instituto a gestão direta das receitas provenientes da vacina. Godoy registrou a patente do imunizante em 1908 e, por escritura lavrada em cartório, cedeu os direitos ao Instituto sob a condição de que a exploração comercial revertesse em benefício de suas atividades científicas. O acordo previa uma porcentagem sobre as vendas a ser destinada ao pesquisador, estabelecendo assim um precedente para a relação entre propriedade intelectual e financiamento da pesquisa dentro da instituição. Esse modelo jurídico-financeiro permitiu à Fiocruz administrar recursos próprios, à margem das amarras burocráticas do Ministério da Justiça e do orçamento público votado pelo Congresso.

A chamada “verba da manqueira” tornou-se um fundo crucial para o Instituto, sustentando salários, obras e atividades diversas. Reconhecendo sua importância estratégica, Oswaldo Cruz promoveu intensivamente o uso da vacina nas regiões pastoris, criando em 1913 uma Seção de Propaganda dedicada exclusivamente à sua difusão. Campanhas foram conduzidas nos municípios do Rio Grande do Sul, com apoio de estancieiros locais convertidos em agentes de vacinação. O esforço logístico e comunicacional contribuiu para consolidar a reputação do Instituto também no campo da medicina veterinária.

Manguinhos também se destacou pelo desenvolvimento de outros produtos imunobiológicos voltados à saúde animal, como as vacinas contra o carbúnculo verdadeiro e a pneumoenterite dos bezerros, desenvolvidas por Godoy e Astrogildo Machado, além do protosan para o tratamento do “mal das cadeiras” em cavalos. No campo da medicina humana, destaca-se o uso do tártaro emético no tratamento da leishmaniose, promovido pelos estudos de Gaspar Viana, que ingressou no Instituto em 1909.

Entre 1907 e 1918, o portfólio do Instituto Oswaldo Cruz passou de 11 para 26 produtos biológicos, incluindo soros, vacinas e reagentes para diagnóstico, o que ilustra

não apenas a capacidade técnico-científica da instituição, mas também sua função estratégica no abastecimento do país com insumos antes dependentes de importação. Ainda que muitos desses produtos fossem distribuídos gratuitamente aos serviços de saúde pública, como ressaltou Ezequiel Dias em 1918, a produção representava uma economia expressiva ao Estado e uma vitória simbólica pela autonomia científica nacional.

A construção do Castelo Mourisco foi concluída em 1918, embora a ocupação parcial dos espaços tenha se iniciado em 1909. Oswaldo Cruz manteve atividades no edifício até 1916, quando precisou afastar-se devido ao agravamento de sua saúde, vindo a falecer em fevereiro de 1917. Durante todo o processo, os espaços eram progressivamente ocupados à medida que as áreas iam sendo concluídas, e o projeto seguiu incorporando modificações mesmo com a obra em curso (ARAGÃO, 1950). A consolidação física do Instituto, simbolizada pela construção do Castelo Mourisco, criou as condições para a expansão das atividades científicas em Manguinhos. Com a estruturação de novos espaços laboratoriais e áreas de ensino, a produção de conhecimento se diversificou e impulsionou práticas que, com o tempo, confeririam organicidade à formação das coleções biológicas. Essa dinâmica será analisada adiante.

Paralelamente à consolidação do Castelo Mourisco como sede institucional, Oswaldo Cruz idealizou uma estrutura hospitalar que complementasse as funções de pesquisa e assistência do Instituto. O Hospital Evandro Chagas, originalmente denominado Hospital de Moléstias Tropicais, foi concebido no início do século XX como parte de um plano mais amplo para o Instituto Oswaldo Cruz. O projeto previa a construção de seis pavilhões, de acordo com o modelo arquitetônico hospitalar de isolamento, influenciado por princípios sanitários atribuídos à diretrizes como as do Instituto Pasteur (COSTA *et al.*, 2024). Apenas um dos pavilhões foi concluído, diante da interrupção do financiamento público e da retomada das obras com recursos obtidos por meio da venda de vacinas veterinárias.

O hospital foi inaugurado em 1918, no contexto da epidemia de gripe espanhola, passando a desempenhar a função de espaço voltado à observação clínica e à pesquisa experimental. A estrutura permitia a realização de exames clínicos e laboratoriais que auxiliaram na produção de estudos sobre doenças infecciosas tropicais, como a doença de Chagas, descrita por Carlos Chagas em 1909.

Os registros indicam que, mesmo concentrado em um único edifício, o hospital operava com padrões técnicos compatíveis com a microbiologia da época. Os

ambientes foram dispostos segundo critérios funcionais e sanitários, com enfermarias separadas por sexo, setores de exames, laboratórios experimentais e suporte técnico voltado à climatização e comunicação interna (COSTA *et al*., 2024). A configuração do espaço sugere uma organização voltada à coleta e análise de dados clínicos em apoio às atividades de pesquisa.

O hospital de Manguinhos (Figura 9) foi concebido como parte de uma estratégia que combinava atenção médica, investigação científica e acúmulo de acervos. A presença de laboratórios e biotérios, aliados à rotina de observação clínica, parece ter favorecido práticas de coleta sistemática de amostras e espécimes. As coleções resultantes desses processos podem ser vistas como extensões das atividades médicas e científicas da instituição, articuladas a uma política de pesquisa e saúde pública (COSTA et al., 2024).

Figura 9. Fachada do Hospital de Manguinhos, atual Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas. 1918.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Alguns documentos permitem observar o papel desempenhado pelo hospital na consolidação institucional da Fiocruz. Carlos Chagas liderou sua construção, e Evandro Chagas iniciou ali sua trajetória médica em 1926, com atuação voltada a doenças como leishmaniose visceral americana, ancilostomíase, malária e doença de Chagas (GUIMARÃES, 2019). Relatos indicam que missões científicas promovidas pela

Comissão Encarregada dos Estudos da Leishmaniose Visceral Americana (Ceelva) e pelo Serviço de Estudos de Grandes Endemias (Sege), sob responsabilidade de Evandro Chagas, estabeleceram vínculos entre o trabalho de campo e o hospital, a partir do atendimento de pacientes oriundos das regiões Norte e Nordeste do país.

O acervo documental mantido no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz inclui plantas arquitetônicas, listas de materiais, relatórios clínicos, registros de autópsia e prontuários médicos desde a década de 1910. Também há registros de exames cardiográficos realizados na década de 1920, o que sugere uma aproximação entre a prática médica e as tecnologias de diagnóstico então disponíveis. Tais elementos ajudam a compreender como o hospital operava como ponto de apoio às pesquisas divulgadas nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (GUIMARÃES, 2019).

A trajetória institucional do hospital, entretanto, passou por fases menos documentadas ou estudadas, especialmente entre as décadas de 1940 e 1980. Há indícios de que, mesmo nesse intervalo, manteve atividades assistenciais e de pesquisa. Com a emergência de novas questões sanitárias, como a epidemia de HIV/Aids, e no contexto da reorganização institucional da Fiocruz nos anos 1980, o hospital passou a ser reposicionado como espaço voltado à pesquisa clínica em doenças infecciosas.

O estabelecimento de um hospital com posterior consolidação como centro de pesquisa clínica revela uma interdependência estrutural entre produção de conhecimento, resposta a emergências sanitárias e consolidação de acervos científicos. Desde sua origem, o hospital foi concebido como parte de uma estratégia institucional que aliava tratamento médico, investigação experimental e formação de acervos — tanto materiais quanto imateriais — que dariam suporte às atividades científicas do Instituto Oswaldo Cruz (COSTA *et al.*, 2024).

A presença de laboratórios, biotérios e ambientes de observação clínica no interior da unidade hospitalar favoreceu a coleta sistemática de dados, amostras e espécimes, contribuindo diretamente para o desenvolvimento das coleções biológicas. Essas coleções, ao registrarem os processos patológicos e os agentes etiológicos observados em pacientes atendidos, tornaram-se extensões do corpo clínico e das atividades científicas da instituição. A infraestrutura hospitalar, nesse contexto, funcionou como ponto nodal de uma rede de práticas científicas, na qual o conjunto edificado, os saberes médicos e os acervos biológicos se integravam em torno de uma prática institucional voltada à pesquisa e à saúde pública.

2.3 Entre pesquisa e formação de acervos

A formação das coleções biológicas da Fiocruz entre 1901 e 1937 está profundamente vinculada ao contexto de consolidação institucional do então Instituto Soroterápico Federal e à multiplicidade de frentes científicas que nele se articularam. Nesse período, os acervos emergiram como resultado direto das atividades de pesquisa, ensino, produção e assistência, refletindo uma lógica de atuação integrada entre os laboratórios, as expedições científicas e os serviços de saúde pública. A constituição das coleções não se deu de forma isolada, mas como parte de uma rede em que se entrelaçavam demandas do campo médico, sanitário, veterinário e agronômico, além de vínculos com instituições acadêmicas e governamentais. Esta seção apresenta uma visão panorâmica desse processo, destacando como as práticas científicas e as estruturas institucionais da primeira fase contribuíram para o acúmulo e a conservação sistemática de materiais biológicos. Cabe lembrar que esse histórico específico de cada uma das coleções sob guarda da Fiocruz será abordado no Capítulo 3, ocasião em que se detalham sua trajetória e sua configuração atual.

A primeira publicação do Instituto foi lançada em 1901 no periódico *Brazil-Médico* e não tratava da peste bubônica, que era a finalidade principal da instituição naquele momento, mas sim da fauna de mosquitos. Intitulada “Contribuição para o estudo dos *culicídeos* do Rio de Janeiro”, a publicação foi assinada por Oswaldo Gonçalves Cruz e atribuída ao Instituto de Manguinhos. O trabalho expressa a perspectiva de Oswaldo Cruz, que compreendia o Instituto para além de uma unidade produtora de soros e vacinas, evitando inclusive o uso do nome oficial “Instituto Soroterápico Federal”. Influenciado pela descoberta, em 1898, de que mosquitos anofelinos eram vetores da malária, Cruz defendia a ampliação das atribuições institucionais para contemplar o estudo dos representantes brasileiros desse grupo zoológico. Entre os achados do estudo, destaca-se a descrição do *Anopheles lutzi*, espécie que atualmente apresenta distribuição do Amazonas ao Rio Grande do Sul, além de estar presente em países como Bolívia, Paraguai e Argentina (ARAÚJO-JORGE *et al.*, 2012, p. 29).

> “Essa publicação inaugura o estudo da Biodiversidade Entomológica por pesquisadores nacionais e a Entomologia Médica brasileira como especialidade que projetaria o Instituto, todas como trabalhos do autodenominado “Instituto de Manguinhos”. Nesse ínterim foram publicadas mais cinco contribuições de Arthur Neiva, Carlos Chagas e Antônio Peryassú sobre mosquitos culicídeos do

> Brasil, firmando as bases de uma escola altamente produtiva de entomologistas e acarologistas que se desenvolveria até os dias atuais" (ARAÚJO-JORGE *et al.*, 2012, p. 29).

O desenvolvimento da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz, portanto, remonta aos primeiros anos do século XX, no contexto de uma intensa atividade científica voltada para o estudo das doenças tropicais e seus vetores. A formação da coleção já em 1901, com a descrição de um mosquito, *Anopheles lutzi*, por Oswaldo Cruz — a primeira nova espécie identificada em Manguinhos. Nomeada em homenagem a Adolfo Lutz, importante colaborador e amigo próximo de Oswaldo Cruz, essa descoberta ocorreu ainda durante a gestão do Barão de Pedro Afonso. O artigo (Figura 10) resultante dessa pesquisa, publicado como o primeiro trabalho científico do Instituto, utilizou espécimes-tipo que dariam origem ao núcleo inicial da Coleção Entomológica (BENCHIMOL; SÁ, 2005).

Figura 10 Artigo de Oswaldo Cruz na revista Brazil-Medico de 15 de Novembro de 1901

Anno XV — Num. 43 — 15 de Novembro de 1901

BRAZIL-MEDICO

REVISTA SEMANAL DE MEDICINA E CIRURGIA

SUMMARIO:

Entomologia:— *Contribuição para o estudo dos culicidios do Rio de Janeiro*, pelo Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz.

Epidemiologia:— *A peste em Nápoles* (Extr. do *Policlinico*, de Roma).

Associações Scientificas:— Academia Nacional de Medicina —*A proposito de um calculo vesical*, pelo Dr. Barata Ribeiro; *Um caso medico-legal*, pelos Drs. Costa Ferraz e Alfredo Nascimento; *Operação da cataracta*, pelo Dr. Pires Ferreira — Sociedade de Medicina e Cirurgia: — *Um caso de kysto dermoide*, pelo Dr. Leão de Aquino; *A proposito da peste*; pelos Drs. Francisco Campello, Daniel de Almeida, Eduardo Meireiles e Leão de Aquino.

Boletim da Semana:— *A continuação da peste*, por I. R.

Bibliographia:— *Novos preparados pharmaceuticos*, pelos Srs. F. Werner & C.; *Perigo das Moscas — A myase — Therapia da Myase*, pelo Dr. J. Bleyer; *O signal de Roussel no diagnostico precoce da*

Bibliographia:— *Novos preparados pharmaceuticos*, pelos Srs. F. Werner & C.; *Perigo das Moscas — A myase — Therapia da Myase*, pelo Dr. J. Bleyer; *O signal de Roussel no diagnostico precoce da tuberculose pulmonar*, pelo Dr. A. Austregesilo, por I. R.— *Medicina Psychica*, parecer do medico Cunha Cruz, por F. F.

Formulario Practico:— *Tratamento das fermentações gastro-intestinaes e dos arrotos nidorosos*, pelo Dr. Placido Barboza.

Chronica e Noticias.

ENTOMOLOGIA

Contribuição para o estudo dos culicidios do Rio de Janeiro

Pelo Dr. Oswaldo Gonçalves Cruz

(Trabalho do *Instituto de Manguinhos*)

Estudando os culicidios de algumas dos fócos de impaludismo dos arredores do Rio de Janeiro (Jardim Botanico, Sarapuhy), encontrámos uma especie per-

Estudando os culicidios de algumas dos fócos de impaludismo dos arredores do Rio de Janeiro (Jardim Botanico, Sarapuhy), encontrámos uma especie pertencente ao genero *Anopheles*, que não nos foi possivel identificar com as especies descriptas por Giles em seu livro sobre mosquitos, publicado em 1900.

Não tivemos occasião de observar os individuos do sexo masculino da especie em questão. Tentámos fazer culturas artificiaes, mas, por ora, não conseguimos mais que os ovos e as larvas, morrendo estas poucos dias após a eclosão, o que attribuimos á baixa temperatura do ambiente, no momento em que operámos (mez de Junho).

Passamos a descrever o individuo adulto do sexo feminino, assim como os ovos e as larvas, nos primeiros dias de seu desenvolvimento.

Anopheles sp. ? (*Jardim Botanico, Sarapuhy*)

Côr geral do mosquito: escuro quasi preto. Comprimento, não incluindo a *proboscida*: 4 a 6 millimetros.

Azas — Comprimento: 4 a 5 m/m, segundo o desenvolvimento do insecto. Côr geral da aza amarello-louro. Sobre a nervura costal notam-se 3 manchas pretas principaes, além de mais quatro secundarias, das quaes tres punctiformes. Das 3 grandes manchas uma occupa a extremidade livre da aza. A essa denominaremos mancha n. 1 (vide fig. 1).

As outras duas assestam-se sobre a nervura costal propriamente dita, extendendo-se para baixo até á primeira nervura longitudinal. Denominaremos essas manchas de ns. 2 e 3. Além dessas, temos a consi-

derar um pequeno ponto mais pigmentado e situado sobre a 5ª nervura longitudinal (N. S. fig. 1).

7 6 5 4 3 2 1

Fig. 1

Aza direita:
(pequeno augmento)
1, 2, 3—Manchas principaes.
4, 5, 6, 7, 8—Manchas secundarias.
1—Mancha escamosa.
2—Mancha mixta.
3—Mancha mixta, com predominancia de pigmento.
1—Mancha escamosa.
2—Mancha mixta.
3—Mancha mixta, com predominancia de pigmento.

As manchas são constituidas por um accumulo de escamas pretas e de pigmento preto. As escamas e a pigmentação não concorrem com igual contingente para a formação de todas as manchas. Assim, a mancha da extremidade livre da aza (n. 1) é constituida quasi que exclusivamente por escamas, e é por isso que póde desapparecer nos exemplares muito manipulados, ao passo que a mancha n. 3 deve sua côr, sobretudo, ao pigmento, como se poderá ver pela inspecção da figura n. 2, que, como a de n. 1, devemos á pericia do nosso distincto collega e amigo Dr. Rocha Lima. Essa figura representa a mancha n. 3 vista sob um maior augmento. Todas as nervuras são cobertas de escamas de côr castanho-claro alouradas. A parte interna da *vena marginalis* é ornada por uma franja constituida por escamas de diversos tamanhos, que se acham em contacto pelas faces planas.

marginalis é ornada por uma franja constituida por escamas de diversos tamanhos, que se acham em contacto pelas faces planas.

Fig. 2

Detalhes de estructura da mancha n. 3 da aza (Vide fig. 1.)

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A partir desse marco inaugural, consolidaram-se iniciativas internas de preservação de elementos associados à história científica do Instituto, sobretudo por meio da conservação sistemática dos exemplares coletados em campo e utilizados em

pesquisa. As campanhas científicas realizadas ao longo das primeiras décadas do século XX impulsionaram significativamente o crescimento do acervo. Pesquisadores como Adolfo Lutz, Arthur Neiva, Carlos Chagas, César Pinto, Costa Lima, Fábio Leoni Werneck, Lauro Travassos e Otávio Mangabeira Filho estiveram à frente de estudos que resultaram na descrição de novas espécies e gêneros, ampliando o escopo taxonômico e a diversidade da coleção.

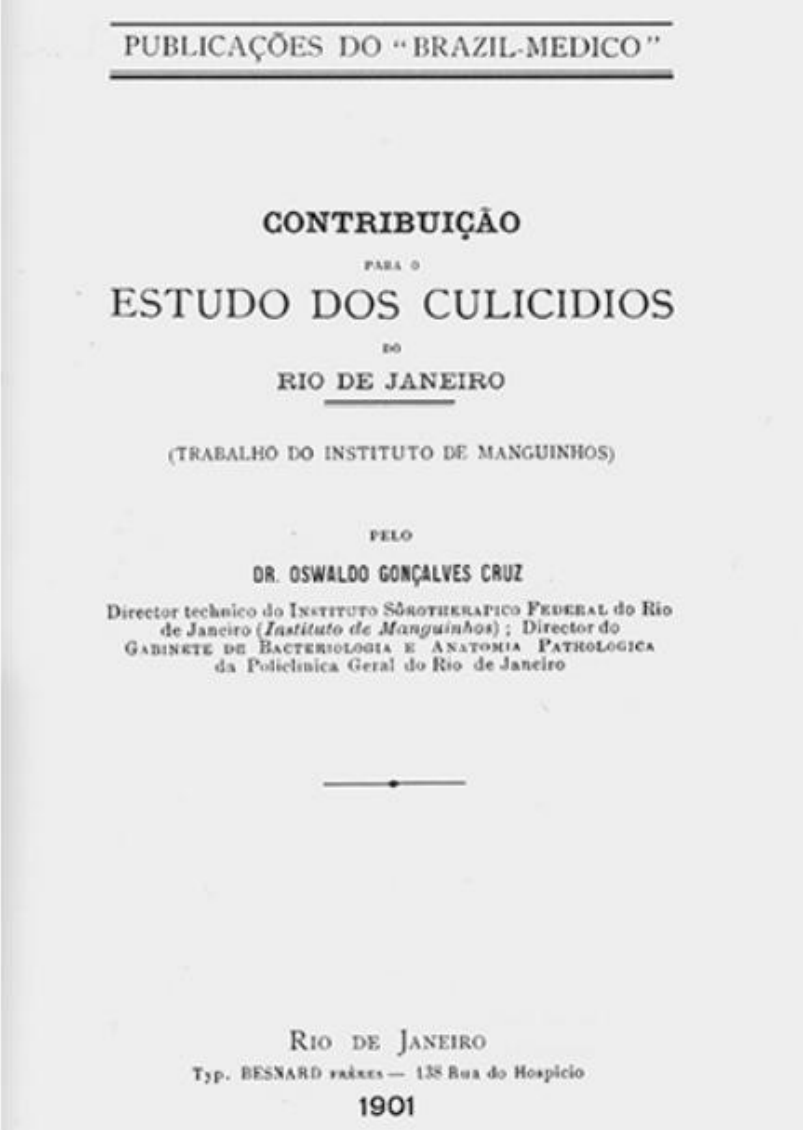
Esses cientistas atuavam em laboratórios especializados, dedicando-se a grupos específicos de organismos. Tal organização contribuiu para a sistematização do acervo, que passou a refletir os avanços da pesquisa em entomologia médica, parasitologia e zoologia aplicada. Em 1909, o Instituto publicou seu primeiro catálogo de espécies (Figura 11), considerado sua estreia editorial. O documento listava 95 espécies de mosquitos, 145 de tabanídeos, 40 de carrapatos e uma coleção de helmintos, revelando a abrangência dos estudos conduzidos e a importância atribuída à documentação e conservação do material biológico (COSTA *et al.*, 2008, p. 402).

Nesse contexto, a Coleção Entomológica não foi apenas uma consequência da atividade científica, mas também um instrumento de consolidação do conhecimento produzido, servindo como base para estudos posteriores e como evidência material da trajetória institucional da Fiocruz. Sua constituição reflete, assim, a interdependência entre pesquisa científica, produção de conhecimento e preservação de acervos biológicos.

Com o tempo, os acervos cresceram em número e variedade. Muitos dos espécimes não estavam restritos aos estudos sobre doenças, e o Instituto de Manguinhos passou a desenvolver um papel próximo ao de um museu de história natural, voltado ao inventário da fauna e flora do território brasileiro, como observado no Capítulo 1. As coleções científicas originadas nesse contexto, enquanto desdobramentos das atividades de pesquisa, tornaram-se componentes importantes para a consolidação do reconhecimento científico do Instituto (RANGEL, 2011).

Entretanto, com a gestão do Barão (1900-1902) focada exclusivamente na produção de soro antipestoso, a pesquisa básica ainda não era reconhecida como uma linha de trabalho prioritária. As coleções, no período inicial de sua constituição, representavam um esforço incipiente de organização e valorização científica, e começaram a ser incorporadas à política institucional ainda no início do século XX.

Figura 11. Primeira publicação do Instituto de Manguinhos, realizada por Oswaldo Cruz em 1901, no periódico *Brazil-Médico*.



PUBLICAÇÕES DO "BRAZIL-MEDICO"

CONTRIBUIÇÃO

PARA O

ESTUDO DOS CULICIDIOS

DO

RIO DE JANEIRO

(TRABALHO DO INSTITUTO DE MANGUINHOS)

PELO

DR. OSWALDO GONÇALVES CRUZ

Director technico do Instituto Sôrotherapico Federal do Rio de Janeiro (*Instituto de Manguinhos*); Director do Gabinete de Bacteriologia e Anatomia Pathologica da Policlinica Geral do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

Typ. BESNARD FRÈRES — 138 Rua do Hospicio

1901

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

> "[...] faziam parte da política institucional já voltada ao combate de doenças parasitárias causadas por bactérias e protozoários e transmitidas por insetos, moluscos e outros vetores. Foi durante as expedições científicas e de ações de combate à essas doenças que pesquisadores da instituição coletaram, analisaram e depositaram material biológico de diferentes regiões do Brasil na Instituição." (SILVA; SÁ, 2016, p. 176).

A partir de verbas da própria Diretoria de Saúde Pública, o Instituto passou a abrigar não apenas laboratórios e setores produtivos, mas também espaços dedicados à formação de pesquisadores e ao desenvolvimento de investigações científicas originais. Com base na análise de Benchimol (2001, pp. 54-58), é possível compreender como o Instituto Soroterápico Federal, originalmente concebido como unidade voltada à produção de soros e vacinas contra a peste bubônica, foi gradualmente transformado em um centro de pesquisa e ensino científico, expandindo suas atribuições de maneira significativa nas primeiras décadas do século XX. O autor destaca os esforços de Oswaldo Cruz para reconfigurar institucionalmente Manguinhos à revelia do Legislativo, buscando inspiração no modelo do Instituto Pasteur de Paris.

Essa ampliação permitiu a formação de uma comunidade científica singular, marcada pela autonomia intelectual e pela circulação de ideias. Jovens cientistas reuniam-se regularmente para discutir os principais periódicos internacionais, numa prática que favorecia a articulação entre vocações individuais e temas de ponta da microbiologia e da medicina tropical. Essa liberdade de investigação não implicava o afastamento das necessidades da saúde pública, mas sim a possibilidade de conjugá-las a interesses científicos mais amplos.

O alargamento das fronteiras institucionais de Manguinhos se deu, simultaneamente, em três eixos principais: produção, pesquisa e ensino. Esse tripé passou a definir a identidade da instituição e suas formas de articulação com o Estado, com a sociedade e com o campo científico nacional e internacional. As expedições realizadas pelo interior do país, especialmente no combate à malária, exemplificam como as atividades do Instituto se vinculavam a empreendimentos de infraestrutura e modernização, como estradas de ferro, barragens e projetos agroindustriais. Nessas incursões, os pesquisadores não apenas tinham a oportunidade de estudar doenças pouco ou nada conhecidas, mas também de recolher espécimes que ampliaram de forma expressiva as coleções biológicas do Instituto e os horizontes da medicina tropical no Brasil. Esse processo tornou-se central para a consolidação do acervo biológico institucional.

Ainda que o prestígio de Oswaldo Cruz crescesse no cenário político, a formalização das novas funções do Instituto encontrou resistência no Congresso. A ausência de respaldo legal ameaçava a continuidade da instituição em sua forma expandida. A estratégia de consolidar sua visibilidade internacional, por meio da participação no Congresso Internacional de Higiene e Demografia, realizado em Berlim em 1907, foi decisiva para que o projeto institucional ganhasse força. A recepção favorável à missão brasileira e o reconhecimento obtido junto às instituições científicas

europeias fortaleceram os argumentos pela transformação de Manguinhos em Instituto de Medicina Experimental.

A consolidação institucional veio com a criação oficial do Instituto de Patologia Experimental, em dezembro de 1907, posteriormente rebatizado como Instituto Oswaldo Cruz em março de 1908. A nova estrutura organizacional conferia maior autonomia administrativa e financeira à instituição, que passou a subordinar-se diretamente ao Ministério da Justiça e a obter receita própria por meio da venda de vacinas, soros e serviços laboratoriais. Essa configuração permitiu maior estabilidade em um contexto marcado pela crônica escassez de recursos destinados à saúde e à ciência.

Além disso, as relações com centros científicos europeus foram intensificadas por meio do intercâmbio de publicações, envio de amostras e certificação de imunobiológicos por instituições como o Instituto Pasteur, o Museu Britânico e as Escolas de Medicina Tropical de Londres, Hamburgo e Liverpool. Essas ações não apenas ampliaram o reconhecimento externo do Instituto Oswaldo Cruz, mas também situaram sua produção científica em redes internacionais de circulação de saberes, fundamentais para a legitimação de sua atuação.

A formação das primeiras coleções biológicas em Manguinhos pode ser compreendida como resultado das práticas laboratoriais desenvolvidas nos estudos sobre agentes infecciosos e seus vetores. Desde os primeiros anos de funcionamento do Instituto, exemplares de insetos, parasitos, microrganismos e pequenos animais foram sendo sistematicamente isolados, identificados e preservados, com finalidades voltadas ao controle de qualidade, à pesquisa comparativa e ao ensino. Esse conjunto de materiais, gradualmente acumulado e organizado com maior sistematização, deu origem aos núcleos iniciais das coleções científicas da instituição, estabelecendo uma base material que continuaria a se expandir ao longo das décadas seguintes.

A formação da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC), por exemplo, está intrinsecamente ligada ao processo de consolidação da medicina tropical no Brasil e à institucionalização da pesquisa em saúde pública. O desenvolvimento dessa coleção pode ser compreendido como um dos primeiros movimentos de constituição de um acervo biológico com finalidade científica, voltado inicialmente ao estudo de vetores de doenças infecciosas, especialmente os dípteros hematófagos, o que confere à coleção um lugar inaugural entre as coleções biológicas da Fiocruz (SÁ, 2022). Desde o final do século XIX, influenciados pela teoria da evolução de Darwin, pela microbiologia de Pasteur e Koch, e pelos estudos sobre vetores de Manson, Ross e Grassi, os médicos brasileiros passaram a integrar redes científicas internacionais.

Essa inserção impulsionou a constituição de coleções de vetores e parasitas como recurso fundamental para a pesquisa biomédica, exigindo conhecimentos de história natural, taxonomia e biogeografia.

No Brasil, figuras como Adolfo Lutz, Oswaldo Cruz, Carlos Chagas e Arthur Neiva foram decisivas para esse processo. O primeiro exemplar da futura Coleção Entomológica do IOC foi um mosquito nomeado *Anopheles lutzii*, descrito em 1901 por Oswaldo Cruz em homenagem a Lutz, que já se destacava como especialista em mosquitos. Lutz contribuiu com sua própria coleção ao acervo institucional, consolidando o IOC como polo de referência nos estudos entomológicos.

Com a chegada de Lutz a Manguinhos em 1908, após convite de Oswaldo Cruz, e o ingresso de jovens como Neiva, Chagas e posteriormente Costa Lima, consolidou-se uma comunidade científica voltada ao estudo sistemático de vetores. As campanhas contra a malária e a febre amarela intensificaram as coletas, que passaram a integrar uma coleção institucional de valor científico crescente. Em paralelo, desenvolveu-se um serviço técnico de ilustração científica essencial para os estudos taxonômicos, destacando-se nomes como Manoel de Castro Silva, que ilustrou obras de Lutz.

A institucionalização da coleção avançou com a criação, em 1909, da revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, que já em seus primeiros volumes apresentava artigos taxonômicos baseados na coleção entomológica. Na década de 1910, Angelo Moreira da Costa Lima iniciou sua trajetória no IOC, vindo a organizar, sistematizar e ampliar substancialmente o acervo entomológico, culminando no projeto editorial Insetos do Brasil, publicado entre 1938 e 1962. O laboratório de Costa Lima em Manguinhos tornou-se um centro de referência continental, articulando pesquisas, ensino e expansão das coleções (Rangel, 2006).

A CEIOC (Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz) tornou-se, assim, uma das maiores coleções entomológicas da América Latina, com cerca de 4 milhões de espécimes de quase todas as ordens de insetos. Sua constituição e desenvolvimento refletem um processo contínuo de institucionalização científica, de consolidação da entomologia médica e de formação de redes de cooperação entre pesquisadores (SÁ, 2022).

A década de 1920 marcou um período de significativa expansão das atividades científicas do Instituto Oswaldo Cruz, impulsionada por novas demandas de órgãos governamentais ligados à saúde pública, à agricultura e à medicina veterinária. Essa conjuntura foi decisiva para a consolidação de diversas linhas de pesquisa e,

correlatamente, para o crescimento e a diversificação das coleções biológicas da instituição.

As reformas institucionais implementadas ao longo da década, notadamente os regulamentos de 1919 e 1926, buscaram estabelecer uma divisão formal entre rotinas de pesquisa, ensino e produção. Embora essas separações fossem mais administrativas do que efetivas na prática cotidiana dos pesquisadores, permitiram a criação de seções especializadas que passaram a abrigar, organizar e ampliar coleções biológicas diretamente associadas às investigações em curso. A Seção de Zoologia Médica, por exemplo, estava intimamente ligada ao laboratório de Adolfo Lutz e concentrava exemplares de artrópodes vetores, com destaque para os tabanídeos e nematóceros, estudados por sua relevância na transmissão de doenças humanas. Paralelamente, a Seção de Entomologia, sob a chefia de Ângelo Moreira da Costa Lima, e a de Helmintologia, conduzida por Gomes de Faria e Lauro Travassos, estruturavam suas próprias coleções, organizadas conforme os critérios taxonômicos e as prioridades epidemiológicas da época.

Outro exemplo emblemático foi a criação da Seção de Micologia, em 1922, por Olympio da Fonseca Filho, que rapidamente se destacou por manter uma coleção com mais de mil espécies distintas de fungos, considerada por Carlos Chagas como uma das mais notáveis do mundo naquele momento. Esse acervo representava não apenas a diversidade microbiológica do território brasileiro, mas também o investimento do Instituto em documentar e conservar material de referência para o avanço da micologia médica e fitopatológica no país.

A Protozoologia, embora não figurasse no organograma oficial de 1926, era uma frente de trabalho consolidada, com um corpo técnico dedicado ao estudo sistemático de protozoários. Suas coleções compreendiam cerca de 1.200 preparações, algumas com mais de uma década de preservação, utilizadas como referência em pesquisas sobre doenças tropicais e na produção de material para ensino e divulgação. Já a Seção de Anatomia Patológica, uma das mais antigas do Instituto, acumulava amostras histológicas e registros relacionados a necropsias realizadas em diversos hospitais da cidade, além de materiais obtidos em expedições científicas. A interface entre os estudos clínicos, a medicina experimental e a documentação anatômica eram centrais para a construção de um acervo que articulava ciência e assistência à saúde.

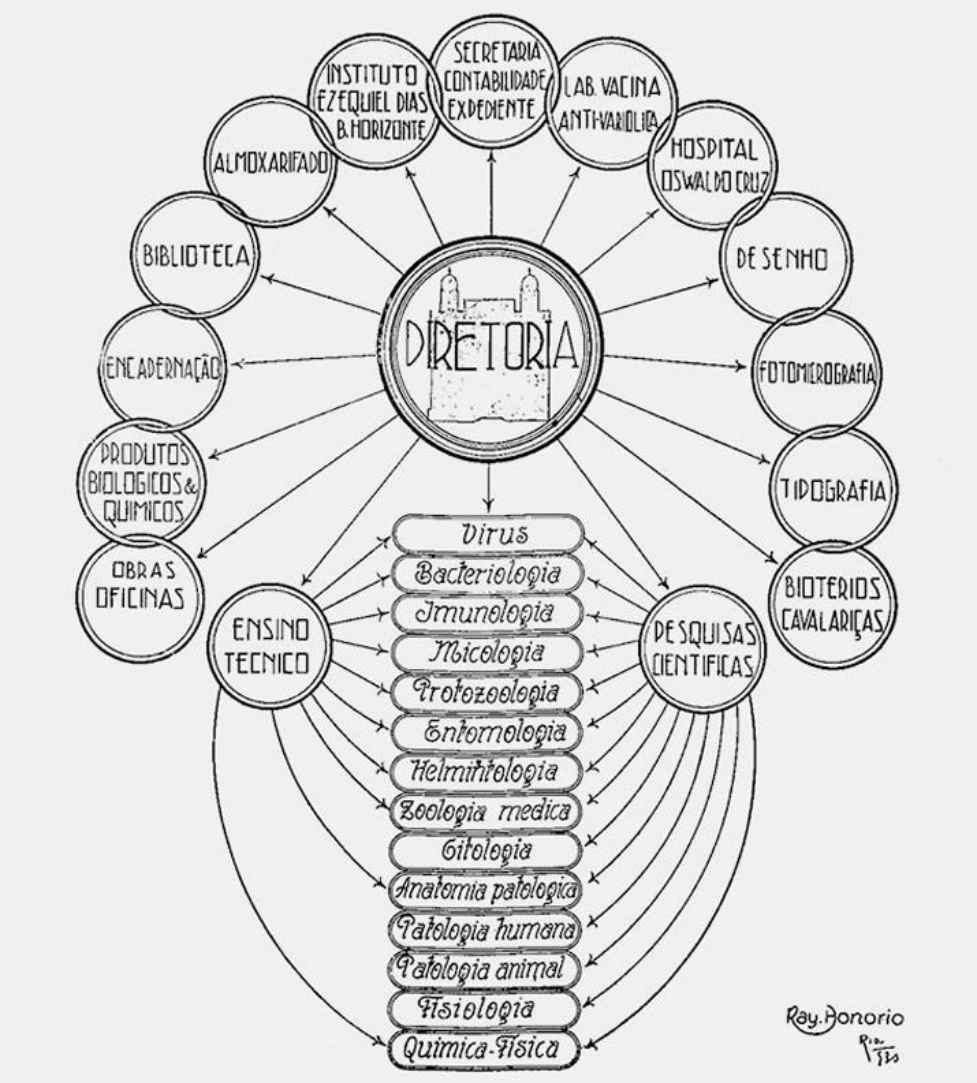
Segundo Benchimol (2001, pp. 71-73), a criação e o desenvolvimento dessas coleções não estavam dissociados do esforço institucional em formar quadros técnicos especializados. O curso de Aplicação do Instituto, ampliado pelo regulamento de 1926,

se organizava em módulos que abordavam diretamente os objetos das coleções — como bacteriologia, helmintologia, entomologia e anatomia patológica —, formando pesquisadores capacitados a ampliar, manejar e interpretar esses acervos em suas múltiplas dimensões científicas. Esse modelo institucional articulava ensino, pesquisa e produção de forma sinérgica, com impacto direto na constituição das coleções biológicas como dispositivos de referência, de formação profissional e de afirmação da autoridade científica do Instituto Oswaldo Cruz no cenário nacional. À medida que novas doenças se tornavam objeto de investigação — como a esquistossomose, a toxoplasmose, a leishmaniose, a febre amarela e a "tristeza dos bovídeos" —, as coleções cresciam em volume e complexidade, refletindo a trajetória institucional de Manguinhos como um espaço de intersecção entre ciência, saúde pública e patrimônio biológico.

Das 36 coleções biológicas institucionalizadas, nove (9) podem ser identificadas como originárias da fase inicial do Instituto Oswaldo Cruz, sendo definidas por Bettamio (2024, p. 5, nota 1) como "coleções científicas antigas". Esses conjuntos tiveram início ainda nas primeiras décadas do século XX e seus processos são mencionados ao longo deste texto por sua vinculação direta à trajetória institucional e à constituição da cultura científica da Fiocruz. Integram esse grupo: a Coleção Entomológica, a Coleção Helmintológica, a Coleção Malacológica, a Coleção de Febre Amarela, a Coleção de Culturas de Fungos, a Coleção de Fungos Potencialmente Produtores de Micotoxinas e de Interesse em Saúde Coletiva, a Coleção de Cultura de Bactérias, a Coleção de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos, e a Coleção de Leishmania. A designação "antigas" refere-se tanto à sua origem cronológica quanto à sua participação nos processos históricos de institucionalização da pesquisa biomédica e na conformação da identidade científica da instituição.

A análise do organograma (Figura 12), à luz da lógica disciplinar da época, permite associar essas coleções aos setores científicos que lhes deram origem ou com os quais mantiveram vínculos estruturais e epistemológicos.

Figura 12 – Organograma do Instituto Oswaldo Cruz (c. 1932). Representação da estrutura organizacional do Instituto Oswaldo Cruz, realizada por Raymundo Honório Daniel. A imagem apresenta os setores subordinados à Diretoria nas primeiras décadas do século XX, com destaque para os laboratórios científicos, serviços técnicos e áreas administrativa.



Fonte: LACERDA, Aline Lopes de et al. (2022a – p. 66). Imagem do acervo da Casa de Oswaldo Cruz.

A Coleção Entomológica, por exemplo, corresponde diretamente ao setor de Entomologia, uma das áreas científicas centrais do Instituto, e cuja formação foi impulsionada desde os primeiros anos sob a liderança de Oswaldo Cruz, com destaque para o estudo de vetores de doenças. De forma semelhante, a Coleção Helmintológica está relacionada ao setor de Helmintologia, também presente no organograma, que se consolidou como uma linha de pesquisa voltada à identificação e ao estudo de parasitas helmintos.

A Coleção Malacológica, embora não encontre uma correspondência direta em termos de nomenclatura no organograma, pode ser associada à Zoologia Médica e à

Helmintologia, já que os moluscos vetores, especialmente os implicados na transmissão da esquistossomose, eram objetos de estudo nesses setores. Já a Coleção de Febre Amarela possui caráter transversal, articulando diferentes frentes de pesquisa, como Virologia (agente etiológico), Entomologia (vetores como o Aedes aegypti), Imunologia (vacinação e soroterapia) e Bacteriologia e Anatomia Patológica (procedimentos laboratoriais prévios ao isolamento do vírus), o que reflete a abordagem multidisciplinar adotada no enfrentamento da doença.

A Coleção de Culturas de Fungos se vincula diretamente ao setor de Micologia, explicitamente mencionado no organograma. A essa mesma área pode ser associada a Coleção de Fungos Potencialmente Produtores de Micotoxinas e de Interesse em Saúde Coletiva, embora esta também sugira interseções com o setor de Química-Física, uma vez que envolve o estudo de metabólitos tóxicos produzidos por fungos.

As coleções de Cultura de Bactérias e de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos mantêm vínculo direto com o setor de Bacteriologia, componente central da estrutura científica da época e responsável pela produção e manutenção de linhagens utilizadas em soros, vacinas e estudos laboratoriais diversos.

Por fim, a Coleção de Leishmania, dedicada ao estudo desse protozoário parasita, pode ser relacionada à Protozoologia, à Zoologia Médica e à Patologia Humana, disciplinas com as quais compartilha objetos de estudo e práticas laboratoriais, particularmente no campo das doenças infecciosas e tropicais.

Essas nove coleções científicas encontram respaldo direto ou indireto nas disciplinas científicas apresentadas no organograma de 1932, o que reforça seu caráter de acervos históricos consolidados e institucionalizados desde o período de formação do Instituto. Além disso, muitas dessas áreas científicas estavam vinculadas ao setor de Ensino Técnico, o que sugere que as coleções também cumpriam uma função pedagógica, sendo utilizadas na formação de quadros técnicos e pesquisadores.

De modo geral, a análise da estrutura organizacional do Instituto revela uma articulação precoce entre pesquisa científica, formação técnica e produção de conhecimento materializado em coleções, constituindo-se como uma das bases da identidade institucional da Fiocruz nas décadas seguintes.

Ainda nas primeiras décadas do século XX, o Instituto Oswaldo Cruz passou a articular sua produção científica com ações de representação institucional que contribuíram para a construção de sua imagem pública. A participação em eventos internacionais e a criação de espaços dedicados à memória de sua trajetória científica indicam o início de um processo que será mais bem desenvolvido posteriormente. Essas

iniciativas, que envolvem práticas de divulgação, preservação e valorização institucional, serão tratadas adiante, no contexto das políticas museológicas e das estratégias de institucionalização da memória na Fiocruz.

2.4 Permanências, Tensões e Legados na Formação das Coleções

O percurso desenvolvido até aqui buscou compreender uma parte dos contextos que moldaram a origem das coleções biológicas da Fiocruz nas primeiras décadas da instituição. Desde a instalação do Instituto Soroterápico Federal (1900) em meio à crise sanitária da peste bubônica, passando pela consolidação do Instituto Oswaldo Cruz como espaço de produção científica (1907), ensino e assistência, até a formação das primeiras estruturas laboratoriais e hospitalares (1905 – 1937), observou-se como algumas práticas se articularam a estratégias de Estado.

Do trabalho de Lacerda et al. (2022a), dedicado ao exame do papel do desenho científico na pesquisa entomológica do IOC, o que será analisado no Capítulo 3, é possível também observar um histórico da estrutura organizacional da instituição a partir do primeiro marco legal relativo à instituição, que remonta a 1907, com a promulgação do decreto que criou o Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos.

À época, o Pavilhão Mourisco encontrava-se em construção, ao lado do Pavilhão do Relógio. A mudança do nome originalmente atribuído à instituição evidencia a reorientação conduzida por Oswaldo Cruz após assumir a direção, em 1902. A nova direção ampliou o escopo da instituição, incorporando à sua função inicial de produção de soros e vacinas as atividades de pesquisa médico-experimental e ensino (Benchimol; Teixeira, 1993).

O mesmo decreto alterou a subordinação administrativa do instituto, que deixou de estar vinculado à Diretoria Geral de Saúde Pública, passando a responder diretamente ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores. A medida visava conferir maior autonomia à instituição, oficializando uma prática já consolidada: desde 1901, estudantes e recém-formados da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro procuravam o Instituto Soroterápico em busca de temas para suas teses de doutoramento, o que deu origem aos futuros cursos de Aplicação do IOC. Manguinhos também se tornava um polo de atração para jovens cientistas interessados em atuar nos campos da microbiologia e da medicina tropical, com foco no combate às doenças que mais impactavam a população brasileira (Aragão, 1950).

O projeto de autonomia de Oswaldo Cruz foi ainda fortalecido com a inclusão de uma nova vacina no rol de imunobiológicos produzidos: o imunizante contra o carbúnculo sintomático, ou peste da manqueira, que acometia rebanhos bovinos. A comercialização dessa vacina constituiu uma importante fonte de recursos para o Instituto durante as duas décadas seguintes, permitindo sua significativa expansão (Benchimol, 1990).

Além dos cargos técnico-científicos – seis assistentes e dois chefes de serviço – o decreto de 1907 previa também a contratação de outros profissionais, como desenhista, zelador, almoxarife e arquivista-escriturário. O primeiro regulamento da instituição foi aprovado em março de 1908 (LACERDA *et al.*, 2022b), conferindo-lhe oficialmente o nome de Instituto Oswaldo Cruz – uma homenagem ao pesquisador que, àquela altura, já gozava de reconhecimento nacional e internacional. Um novo regulamento só seria aprovado em 1926, sob a direção de Carlos Chagas. Esse documento apresenta uma estrutura organizacional composta por seções distribuídas entre as áreas científica, administrativa e de apoio. A análise das normas para provimento de cargos nesse período permite refletir sobre o grau de autonomia administrativa da instituição e sobre os critérios que orientavam a distinção entre funções estratégicas e auxiliares no serviço público federal da Primeira República.

Com a instauração do governo Vargas, em 1930, o Instituto foi incorporado à recém-criada Secretaria de Estado do Ministério da Educação e Saúde Pública. No fim daquele ano, um decreto instituiu o Departamento Nacional de Medicina Experimental, ao qual o IOC passou a ser subordinado. Em 1931, foi publicado o regulamento desse Departamento, que passou a reunir o IOC, suas filiais e novos institutos que viessem a ser criados pelo governo. A estrutura por seções foi mantida, com poucas alterações em relação ao modelo anterior. Em 1932, os serviços do Departamento foram transferidos para o próprio IOC, que voltou a se subordinar diretamente à Secretaria de Estado (LACERDA *et al.* 2022b, p. 64 - 65).

Em 1937, sob a direção de Antonio Cardoso Fontes e vinculado ao Departamento Nacional de Saúde, o IOC teve sua receita integrada ao orçamento estatal e foi proibido de continuar fabricando a vacina contra a manqueira, ficando restrito à produção de insumos voltados à saúde humana. Para Benchimol (1990, p. 75), as decisões implementadas pelo ministro Gustavo Capanema durante o Estado Novo romperam com o modelo institucional idealizado por Oswaldo Cruz.

Durante a gestão de Henrique de Beaurepaire Aragão, ainda no contexto do Estado Novo, foi aprovado um novo regimento para o IOC. O documento refletia uma

estrutura institucional mais complexa, com a organização das áreas científicas em oito divisões, subdivididas em seções. As atividades administrativas, antes dispersas, passaram a se concentrar em uma única seção. Somente em 1962, já sob a direção de Joaquim Travassos da Rosa, seria publicado um novo regimento, sem, contudo, trazer mudanças estruturais significativas. Um aspecto notável foi a ausência de uma unidade específica para as atividades de desenho e fotografia, que passaram a ser alocadas no Setor de Documentação e Museus, subordinado ao Serviço de Documentação da Divisão de Ensino e Documentação. Ao serem posicionadas no terceiro escalão hierárquico da instituição, essas atividades passaram a ser tratadas como funções essencialmente museológicas e de documentação institucional, o que pode indicar uma mudança na percepção do IOC quanto à função e ao status dessas práticas.

Em 1970, foi criada a Fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), presidida por José Guilherme Lacorte. Tratava-se de uma fundação pública vinculada ao Ministério da Saúde, mas com personalidade jurídica de direito privado. Sua criação consolidou a integração de diferentes instituições da área da saúde: o IOC, o Instituto Fernandes Figueira, o Instituto Nacional de Endemias Rurais, o Serviço de Produtos Profiláticos, o Instituto Evandro Chagas e o Instituto de Leprologia (BRASIL, 1970). Ainda naquele ano, o decreto de aprovação do estatuto da Fiocruz formalizou sua estrutura nos níveis superiores, atribuindo aos órgãos internos a responsabilidade de regulamentar sua própria organização por meio de regimentos internos.

Entretanto, o ano de 1970 também ficou marcado por um episódio de grande impacto: a cassação e aposentadoria forçada de diversos pesquisadores do IOC, entre eles os entomologistas Herman Lent, Hugo de Souza Lopes e Sebastião José de Oliveira. Como consequência, os armários da Coleção Entomológica foram transferidos para o porão do Hospital Evandro Chagas, no campus de Manguinhos, onde permaneceram por um período em condições precárias. Somente em 1977 a coleção retornaria ao Pavilhão Mourisco, já com perdas consideráveis de espécimes. (LENT, 2019). A partir do final da década de 1980, a Coleção Entomológica passou por um processo de reestruturação e modernização, ampliando significativamente seu acervo, que hoje reúne cerca de cinco milhões de exemplares (COSTA *et al.*, 2008).

As coleções biológicas formadas nesse período não foram concebidas como finalidades em si, mas acabam por surgir como produtos diretos das rotinas laboratoriais, das ações, das expedições científicas, da estruturação de redes institucionais. A constituição de acervos resultou, portanto, da convergência entre interesses, demandas públicas e políticas que, ao longo do tempo, sedimentaram um repertório material advindo que forma referência para a pesquisa, o ensino, o exercício

técnico da medicina experimental no Brasil e forma um conjunto material resultante da experiência brasileira.

Nesse processo, a consolidação dos acervos esteve intrinsecamente ligada à institucionalização da ciência no país. As coleções foram forjadas em meio a tensões políticas, disputas por recursos e negociações entre diferentes esferas do poder público, revelando uma configuração sociotécnica marcada por cientistas, gestores, laboratórios, instrumentos, microrganismos, políticas de financiamento e estratégias de visibilidade institucional. Os exemplos analisados demonstram que a constituição das coleções se deu como parte orgânica do projeto científico estabelecido em Manguinhos, e não como um resultado isolado de ações preservacionistas.

A permanência dessas coleções, ainda que marcadas por processos descontínuos e momentos de desvalorização, evidencia sua inscrição na cultura institucional da Fiocruz. Mesmo em contextos de crise ou reestruturação, os acervos biológicos foram mantidos com as marcas desses processos, reorganizados e, por vezes, ampliados, sinalizando sua persistência para a continuidade da pesquisa e da formação científica no interior da Fundação.

Um histórico aprofundado das coleções biológicas renderia uma tese própria com essa temática. Ao destacar alguns aspectos da trajetória histórica de constituição dessas coleções, este capítulo lança alguma base para uma análise mais aprofundada sobre sua inserção contemporânea em processos museológicos e políticas de preservação do patrimônio cultural que considerem ações/estratégias de recepção, comunicação e acolhimento do público no museu.

Ao evidenciar contextos de formação de coleções, agentes envolvidos, processos institucionais e condições materiais para sua consolidação, delimita-se um campo analítico relevante à compreensão das coleções biológicas como construções sociotécnicas que antecedem o atual momento que estamos vivendo, em que as coleções biológicas se encontram em meio a debates sobre a sua participação em exposições museológicas. Essa abordagem histórica buscou contextualizar a emergência dos acervos no interior da Fiocruz, como também fornecer elementos para reconhecer alguns dos deslocamentos operacionais reconhecidos na sequência deste trabalho.

2.5 Iconografia e Exposições

Como tratado anteriormente, ainda no início do século XX, quando só havia as instalações adaptadas do Instituto Soroterápico Federal, já se pode observar o princípio da trajetória das práticas no Instituto, com a constituição de acervos vinculados à pesquisa científica e ao ensino, organizados em torno de objetos produzidos ou coletados no contexto das atividades desenvolvidas em Manguinhos. Embora essas iniciativas não tenham se configurado formalmente como museus, envolviam procedimentos de coleta, catalogação, conservação, exibição, entre outros.

Nos primeiros anos, a partir de 1900, diferentes frentes de atuação foram articuladas de forma complementar, contribuindo para a consolidação de processos de trabalho que ainda reverberam na estrutura institucional atual. Essas frentes incluem: (1) a formação inicial de coleções biológicas, com esforços voltados à coleta, organização e preservação de materiais associados à pesquisa científica; (2) o desenvolvimento de um projeto arquitetônico que combinava funcionalidade laboratorial e monumentalidade simbólica, como evidenciado nas edificações de Manguinhos que hoje compõem o conjunto eclético do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM); (3) a implantação de um museu — o Museu da Patologia (MP) — vinculado ao projeto do Castelo Mourisco, com funções de guarda e conservação de itens que servem à comunicação científica em diferentes mostras e exposições; (4) a constituição de um acervo bibliográfico que passou a oferecer suporte sistemático às atividades de pesquisa e documentação científica; (5) a participação em exposições nacionais e internacionais, nas quais eram apresentados acervos, dados e resultados das investigações realizadas; e (6) a realização de expedições científicas e trabalhos de campo, que integravam pesquisa, coleta e produção de conhecimento *in situ*.

2.5.1 Iconografia

Ainda na gestão de Oswaldo Cruz, o Instituto abarcou a iconografia como parte de seu processo cotidiano. No início do século XX, quando a medicina experimental começava a se firmar no Brasil, já se produziam registros científicos com o auxílio de nanquim, guache e negativos de vidro no então Instituto Soroterápico Federal, embrião da atual Fiocruz. Desde seus primeiros anos em Manguinhos, ainda nas instalações improvisadas à beira da Baía de Guanabara, Oswaldo Cruz demonstrava entusiasmo pela imagem em suas múltiplas formas, abrindo espaço institucional para a ilustração científica como ferramenta fundamental na construção e na comunicação do saber.

Mais do que recursos auxiliares, as imagens ocupavam lugar de destaque nas práticas científicas, desempenhando funções que extrapolavam o papel de simples ilustrações complementares. Em um cenário de institucionalização da ciência no Brasil, era necessário anotar, provar, divulgar e arquivar os resultados dos experimentos e observações. Nesse processo, os registros visuais — por meio de desenho, pintura, gravura ou fotografia — se tornaram dispositivos indispensáveis para documentar organismos microscópicos, anatomia humana e demais fenômenos naturais. A imagem, nesse contexto, revelou-se essencial para a legitimação da medicina e da ciência em geral.

Araújo (2020) investiga como as imagens, especialmente a fotografia, foram mobilizadas na produção e na comunicação do conhecimento científico entre 1905 e 1930. A autora explora o papel da dimensão visual na constituição das práticas científicas, destacando a atuação de ilustradores, fotógrafos e médicos, e situando esses usos no contexto institucional das especialidades médicas emergentes no Rio de Janeiro da Primeira República.

A criação, em 1909, da revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, sob iniciativa de Oswaldo Cruz, formalizou essa relação entre ciência e imagem. A publicação, voltada à divulgação da produção científica desenvolvida em Manguinhos, passou a incorporar sistematicamente elementos visuais, especialmente fotografias, como parte constitutiva da elaboração e circulação do conhecimento. Entre 1909 e 1930, todas as edições do periódico contaram com imagens, muitas delas dispostas ao final dos artigos e impressas em papel cartão especialmente reservado para esse fim. Mais de dois terços dos 337 trabalhos publicados nesse período continham ilustrações — 229 no total, sendo 116 exclusivamente compostos por desenhos científicos.

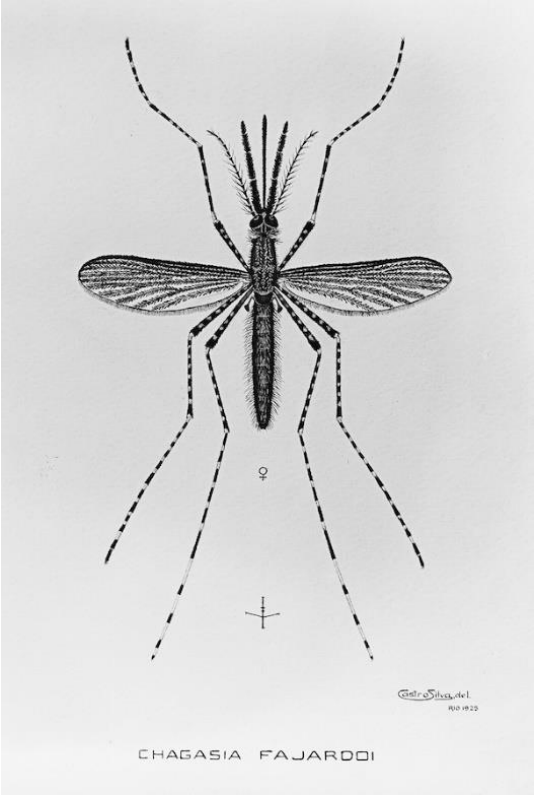
Essa presença marcante da imagem nas publicações do Instituto refletia também uma estrutura institucional que valorizava a iconografia científica. Desde 1906, o Instituto contava com profissionais contratados especificamente para esse fim. Manoel de Castro Silva, pioneiro entre os desenhistas, ingressou a convite de Oswaldo Cruz e permaneceu até sua morte, em 1934. Seus desenhos acompanharam estudos de pesquisadores como o próprio Cruz, Gaspar Vianna, Adolfo Lutz e Cesar Pinto, imortalizando organismos como insetos vetores, helmintos e protozoários com precisão técnica e fidelidade visual (RODRIGUES, 2020).

O cargo de desenhista constava formalmente no organograma do Instituto, conforme estabelecido pelo decreto nº 1.802, de 12 de dezembro de 1907, que criou o Instituto de Patologia Experimental. Esse reconhecimento institucional permitiu que a ilustração científica fosse realizada de maneira sistemática e contínua (ARAUJO, 2020). A trajetória de Manoel de Castro Silva é um exemplo ilustrativo desse reconhecimento.

Durante a pandemia de gripe espanhola, em 1918, foi transferido para o hospital de Ramos, onde impressionou Carlos Chagas com seus desenhos minuciosos, característicos de seu ofício. Em sua homenagem, foram nomeadas duas espécies de helmintos: *Castroia silvai* e *Longistriata castrosilvai.*

Outros profissionais também contribuíram para o desenvolvimento da iconografia científica no Instituto. Entre os desenhistas atuantes na época estavam Rudolph Fischer, contratado em 1912, Luiz Kattenbach, Raymundo Porciúncula de Morais — posteriormente professor da Escola de Belas Artes da UFRJ —, Raymundo Honório Daniel, Luiz Augusto Cordeiro e Antonio Viegas Pugas. Para traduzir cortes histológicos e preparações microscópicas, esses ilustradores se valiam de técnicas refinadas e atuavam como verdadeiros miniaturistas, trabalhando com precisão meticulosa. Além dos desenhistas profissionais, cientistas como Lauro Travassos, Aristides Marques da Cunha e Júlio Muniz também produziram ilustrações científicas. O cientista assumia o papel de ilustrador que, a partir de técnicas e de observação minuciosa, era capaz de traduzir graficamente e da melhor maneira possível, o conteúdo científico (RODRIGUES, 2020).

Figura 13. Ilustração de Manoel de Castro Silva, 1925.



Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

O acervo visual construído ao longo dos 125 anos da instituição demonstra a centralidade da imagem na história da Fiocruz. Composto por mais de 9 mil negativos de vidro, fotografias em papel e centenas de desenhos, esse arquivo está hoje sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz, responsável pela preservação da memória institucional. O acervo contempla documentos visuais oriundos de múltiplas áreas, com destaque para a entomologia, mas também inclui desenhos produzidos no âmbito de diversas pesquisas e arquivos pessoais, como o de José Jurberg.

A presença sistemática de imagens na revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz reforça, por um lado, a fotografia como instrumento de validação científica e técnica; por outro, como vetor de construção de uma linguagem visual própria da ciência produzida em Manguinhos. A partir de 1910, as imagens — frequentemente denominadas “estampas” — tornaram-se presença constante nas ilustrações dos artigos (MARTINS, 2023), evidenciando o papel central do registro visual na articulação entre prática científica e publicidade. A fotografia ocupa uma posição que extrapola a função ilustrativa, participando do processo de construção e validação do saber científico, bem como da configuração de uma linguagem visual própria da ciência produzida em Manguinhos.

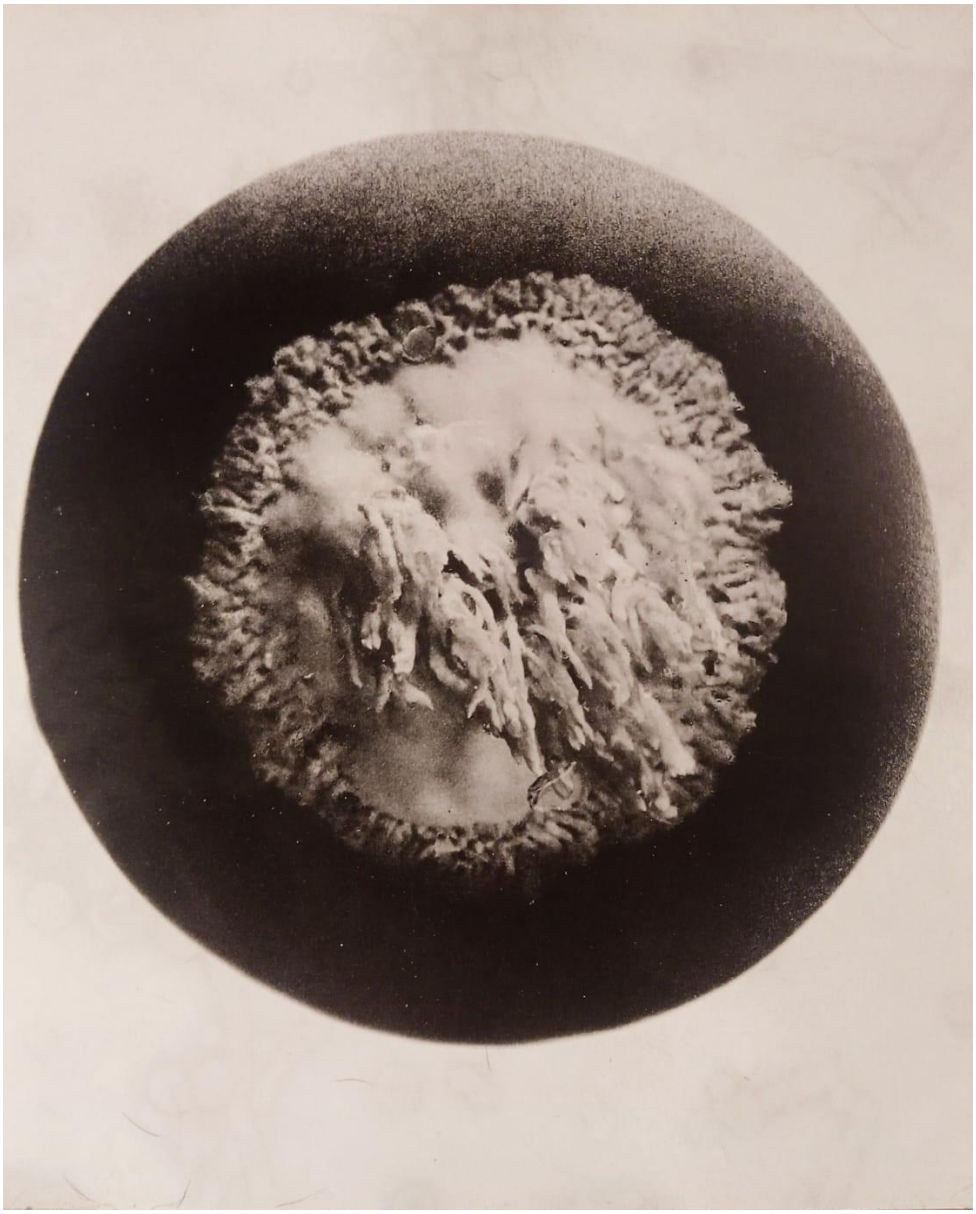
Cerca de 68% das publicações entre 1909 e 1930 continham algum tipo de ilustração — entre desenhos, fotografias e fotomicrografias. A maior incidência de imagens ocorre nas áreas em que a descrição detalhada do objeto é crucial, como a entomologia, a helmintologia e a protozoologia (ARAUJO, 2020). A ilustração científica se consolidou, assim, como um serviço auxiliar indispensável, atuando ao lado da fotografia, cartografia e representação gráfica para compor artigos mais acessíveis visualmente, sem prejuízo do rigor técnico.

A fotomicrografia, em particular, tornou-se fundamental a partir da consolidação da bacteriologia e da histologia na década de 1870, sendo amplamente utilizada no Instituto para o registro de células, cortes histológicos, espécies de insetos, microorganismos e lesões. Dentre os 1.472 registros fotográficos analisados, mais da metade pertence à categoria médico-científica, evidenciando a centralidade da imagem como prova e comunicação científica.

Além das imagens técnicas, o acervo fotográfico inclui registros de expedições científicas, retratos de médicos, fotografias institucionais e imagens de pacientes. Em todas essas modalidades, a fotografia operava como instrumento de validação empírica dos achados científicos, funcionando como testemunho visual dos corpos observados, dos experimentos realizados e das realidades sanitárias enfrentadas. As imagens produzidas durante as expedições científicas realizadas pelo Instituto no interior do país — documentando a vida, a paisagem e as condições de saúde da população brasileira

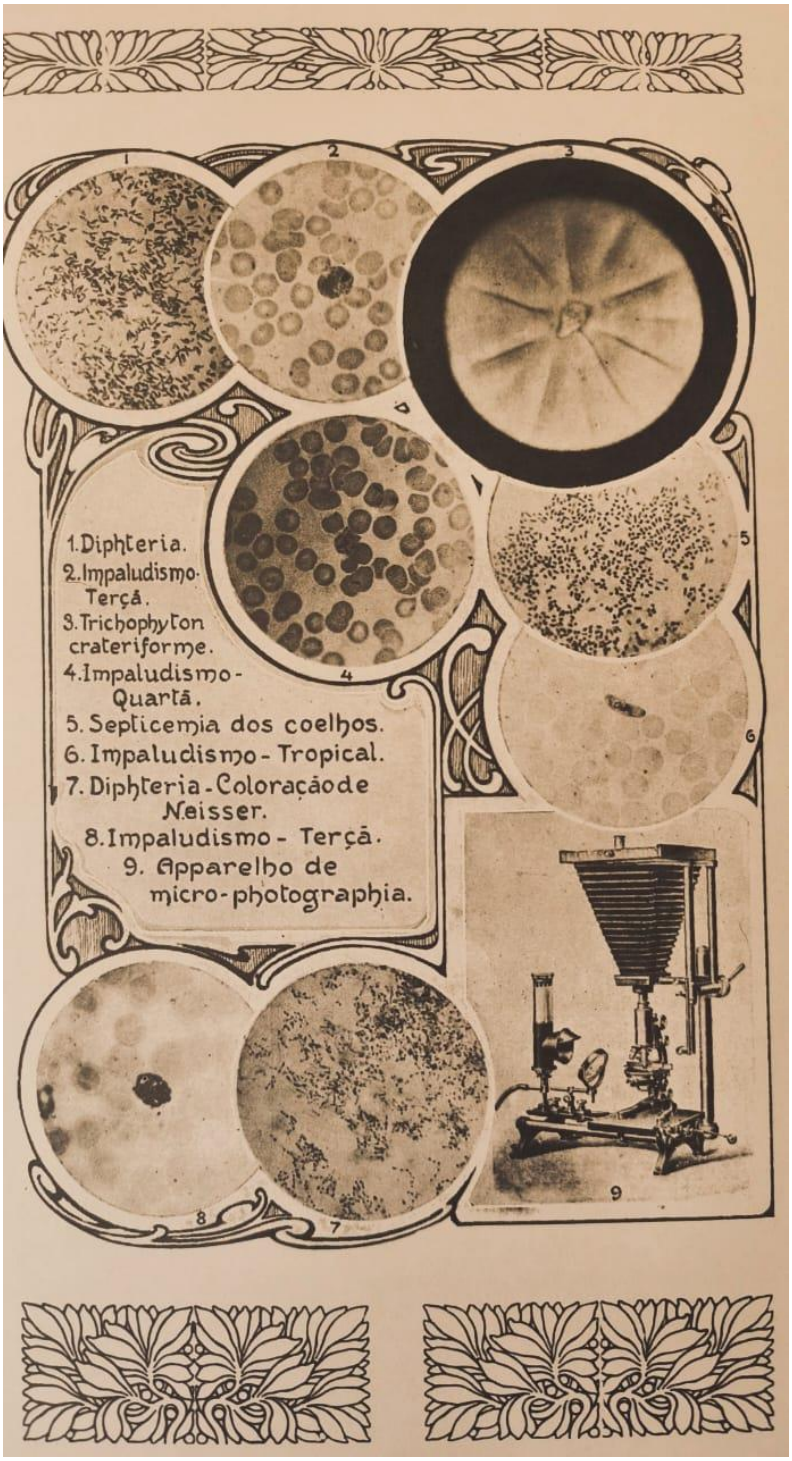
— compõem um patrimônio de grande valor histórico e científico para a Fiocruz (ARAUJO, 2020; RODRIGUES, 2020).

Figura 14. Fotomicrografia de cultura de fungo patogênico de adnomicose. Estudo realizado entre 1914 e 1917.



Fonte: SOARES, Pedro Paulo (2004). Imagem do acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Figura 15. Imagem de uma publicação com oito fotomicrografias numeradas, cada uma representando amostras de diferentes agentes patológicos e uma ilustração do aparelho usado para produção das fotomicrografias. A imagem revela como, no contexto do Instituto de Manguinhos, a ilustração científica e a fotomicrografia eram importantes, tanto na pesquisa quanto na comunicação científica. O uso de imagem, técnicas de coloração e registros precisos serviam tanto para identificar agentes patológicos, como treinar profissionais e consolidar o prestígio da pesquisa feita no Brasil.



Fonte: SOARES, Pedro Paulo (2004). Publicação do Instituto Oswaldo Cruz (1909), acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Também adjacente à dimensão museológica — embora não diretamente vinculada ao museu, contribuiu para a constituição de acervos — a fotografia foi incorporada de maneira estruturante como prática científica e documental desde os primeiros anos do Instituto. A instalação do laboratório fotográfico no Castelo Mourisco (Figura 16) evidencia a centralidade dessa linguagem visual para a instituição, consolidando um espaço técnico dedicado à produção de imagens inserido no centro da vida científica de Manguinhos. Ainda que inicialmente voltada ao registro médico e técnico, a prática fotográfica assume também contornos memorialísticos, especialmente ao documentar exemplares que, com o tempo, deixaram de integrar fisicamente os acervos. Muitas das fotografias do Museu da Patologia retratam peças que já não estão mais sob guarda da instituição, configurando-se, em diversos casos, como os vestígios visuais remanescentes de objetos que participaram da trajetória da anatomia patológica e das pesquisas científicas desenvolvidas no Instituto Oswaldo Cruz (MARTINS, 2023).

Contratado por Oswaldo Cruz em 1903, o fotógrafo Joaquim Pinto da Silva, o J. Pinto, assumiu o registro fotográfico do Instituto, produzindo um extenso conjunto de imagens entre o início das obras em Manguinhos e sua aposentadoria, em 1946. Seus registros acompanham tanto a consolidação institucional quanto as mudanças na paisagem do Rio de Janeiro, documentando desde construções técnicas até o cotidiano científico do campus na primeira metade do século XX. Amigo próximo de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, J. Pinto fotografou o entorno rural de Manguinhos em processo de urbanização, captando a construção do Castelo Mourisco, da Avenida Brasil, os edifícios laboratoriais (Figura 17) e os próprios cientistas em atividade. Suas imagens incluem ainda estruturas hoje inexistentes, como o aquário experimental (Figuras 18 e 19) conectado à Baía de Guanabara por tubulação subterrânea, utilizado em estudos de organismos aquáticos, além da cavalariça e da chaminé da antiga usina de incineração de lixo urbano (Figura 20) (SANTOS, 2017).

Esse uso da imagem como meio de fixação de um testemunho material aproxima-se da noção de musealização enquanto processo. Considerando esse aspecto, a imagem — quando compreendida como registro, representação ou documentação visual de um objeto ou situação — atua como mediadora de uma experiência de preservação e comunicação do testemunho material, mesmo quando o próprio objeto não está presente fisicamente.

Figura 16. Laboratório fotográfico do Instituto Oswaldo Cruz: J. Pinto trabalhando, 191?.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Figura 17. Construção do Instituto Oswaldo Cruz.

Foto: J.Pinto (c. 1905 – 1910) Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Figura 18. Panorama dos Prédios do Instituto Oswaldo Cruz, aquário (hoje demolido) ao fundo.

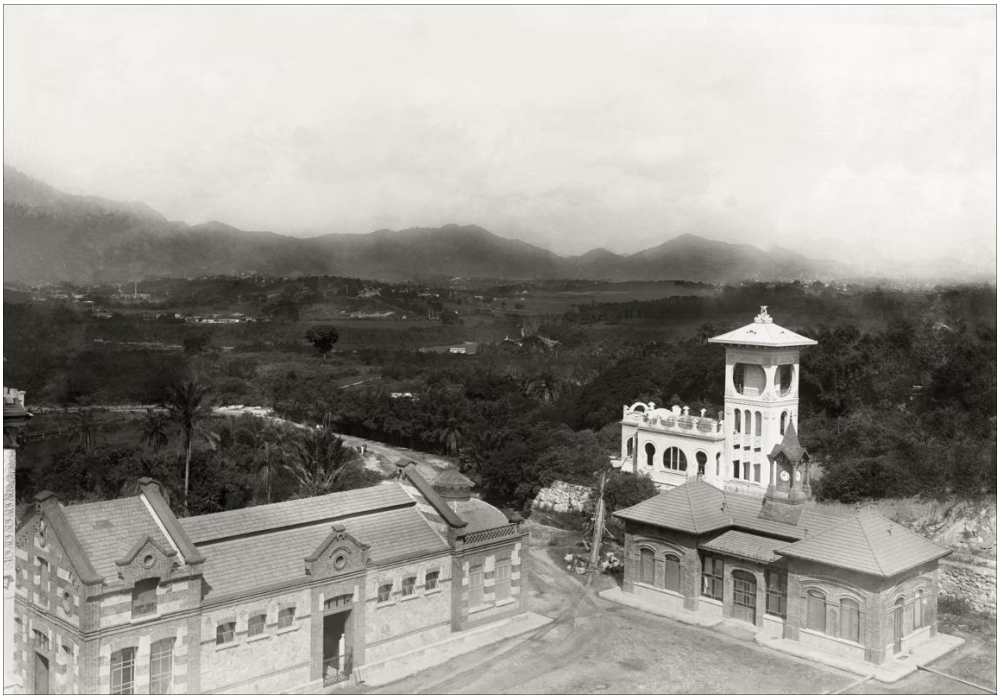


Foto: J.Pinto (1919). Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Figura 19. Aquário (hoje demolido)

Foto: J.Pinto (190?). Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

Figura 20. Manguinhos e chaminé do forno incinerador de lixo (hoje demolido).

Foto: J.Pinto (190?). Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

2.5.2 Exposição e identidade institucional: da diplomacia científica ao Museu Oswaldo Cruz

As exposições internacionais de Higiene e Demografia realizadas em Berlim, em 1907, e em Dresden, em 1911, representaram momentos estratégicos para a afirmação do Instituto de Manguinhos e para a consolidação da ciência produzida. Os contextos e os materiais apresentados, juntamente com as repercussões dessas participações, encontram base nas contribuições de Nogueira (2021) e de Soares e Nogueira (2017), trabalhos que oferecem elementos para compreender a representatividade dessas exposições no contexto em que o presente trabalho analisa.

A participação brasileira na Exposição Internacional de Higiene e Demografia, realizada em Berlim em 1907, representou uma oportunidade singular de afirmação internacional do Instituto de Manguinhos, então em processo de consolidação institucional. Nogueira (2021) destaca o papel de Henrique da Rocha Lima, que, durante sua permanência na Alemanha, foi responsável pela preparação dos materiais apresentados pelo Instituto no evento, colaborando com o patologista Hermann Dürck

no Instituto de Patologia de Hamburgo. Esses materiais incluíam peças anatomopatológicas de doenças tropicais ainda pouco conhecidas na Europa, insetos hematófagos, representações gráficas de ciclos evolutivos de protozoários e outros elementos que ilustravam os avanços científicos do Instituto no campo da medicina tropical.

A seção brasileira na mostra, única da América do Sul, causou forte impacto entre os visitantes. Dentre os itens mais destacados, as ilustrações coloridas que explicavam o ciclo evolutivo do halterídio do pombo, trabalho de Henrique de Beaurepaire Aragão que atraiu atenção constante de médicos e professores. Segundo a autora, os materiais relativos às doenças tropicais – como os exemplares da fauna entomológica, os desenhos científicos dos vetores e os registros de lesões causadas por febre amarela e peste bubônica – foram os que mais despertaram o interesse do público europeu. O reconhecimento oficial do Instituto de Manguinhos, com a premiação da seção brasileira com medalha de ouro (Figura 21) entregue pela imperatriz Augusta Vitória, consolidou a imagem da instituição perante seus pares internacionais e gerou importante repercussão no Brasil.

Figura 21. Medalha recebida na Exposição de Higiene realizada durante o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Berlim, 1907.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Tal reconhecimento contribuiu para fortalecer politicamente o projeto de Oswaldo Cruz, facilitar a tramitação do projeto de lei que transformaria o Instituto Soroterápico em Instituto Oswaldo Cruz, e garantir maior autonomia orçamentária e administrativa à instituição. A conquista da medalha em Berlim funcionou como um catalisador da legitimação científica e simbólica do Instituto, sendo amplamente explorada pela imprensa nacional e por setores das elites como expressão do progresso científico brasileiro (NOGUEIRA, 2021).

Figura 22. Mostra brasileira na Exposição de Higiene realizada durante o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia em Berlim.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

A imagem (Figura 22) registra o espaço expositivo do Instituto de Manguinhos (posteriormente Instituto Oswaldo Cruz) na Exposição Internacional de Higiene e Demografia realizada em Berlim em 1907. Percebe-se uma montagem visual cuidadosamente elaborada para apresentar ao público europeu os avanços científicos e sanitários promovidos por uma instituição brasileira ainda jovem. Um esforço que demonstra ambição na inserção no circuito internacional da ciência nos grandes centros de poder. No alto da estrutura, uma faixa em alemão traz a inscrição: “Institut für Experimentelle Pathologie in Rio de Janeiro / Instituto de Manguinhos / Brasilien” — ou

seja, “Instituto de Patologia Experimental no Rio de Janeiro / Instituto de Manguinhos / Brasil”. A escolha da língua local é também uma estratégia deliberada de legitimação diante da comunidade científica alemã, uma das mais influentes do período.

A disposição dos elementos expositivos articula monumentalidade estética e densidade informativa. O fundo da composição é formado por uma parede recoberta com elegantes cortinas drapeadas que emolduram pranchas arquitetônicas emolduradas — fachadas, plantas baixas e cortes — de edifícios que ainda se encontravam em construção, como o Pavilhão Mourisco, e laboratórios. Esses desenhos reforçam o caráter moderno e científico que o comando da instituição preconiza, mas também seu vínculo com a monumentalidade própria dos institutos europeus de pesquisa biomédica, apresentando o Instituto como um organismo racionalmente planejado.

No primeiro plano, organizados sobre mesas, estantes e vitrines, encontram-se frascos, amostras biológicas, modelos microscópicos, gráficos, fotografias e instrumentos de laboratório. Os objetos estão meticulosamente dispostos e etiquetados, compondo uma narrativa que objetiva ser clara e acessível, voltada à demonstração das práticas científicas em curso no Brasil. As duas grandes estantes laterais, ricamente entalhadas, expõem tubos de ensaio e recipientes laboratoriais, reforçando visualmente o compromisso com a pesquisa experimental. Nas vitrines centrais, nota-se a presença de imagens fotográficas ampliadas além de materiais didáticos utilizados para ilustrar o andamento do trabalho e as pesquisas realizadas.

Essa composição revela uma estratégia sofisticada de comunicação expográfica. A exposição alia ciência e representação: de um lado, a demonstração de métodos e resultados; de outro, a construção de uma imagem institucional sólida e moderna. O conjunto revela não apenas um esforço técnico-científico, mas também um gesto político, que projeta o Brasil como produtor de ciência, dotado de infraestrutura, corpo técnico e vocação internacional. Ao ocupar esse espaço com uma narrativa visual coerente, o Instituto de Manguinhos se insere simbolicamente entre as grandes instituições de pesquisa do mundo. A cena antecipa, em linguagem expositiva, os mesmos princípios que seriam reafirmados com ainda mais força na Exposição de Dresden em 1911.

Poucos anos depois, em 1911, o Instituto participou da Exposição Internacional de Higiene, em Dresden, com a concepção e montagem do pavilhão brasileiro. Ambos os projetos foram desenvolvidos por Luiz de Moraes Junior com orientação direta de Oswaldo Cruz, que acompanhou todas as etapas, da concepção à montagem final.

Essas experiências podem ser compreendidas como indícios de uma aproximação entre produção científica e representação visual, num momento em que exposições e eventos internacionais ganhavam espaço como formas de legitimação (BENCHIMOL, 1990).

A Exposição Internacional de Higiene e Demografia, realizada em Dresden em 1911, representou um marco importante para a consolidação internacional das instituições científicas brasileiras, em especial do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e do Instituto Butantan. Conforme analisado por Nogueira (2021) e Soares e Nogueira (2017), o evento teve ampla projeção e contou com a presença de mais de trinta países, articulando os avanços científicos com a pedagogia pública da higiene, em um contexto no qual ciência, saúde e desenvolvimento nacional se tornavam eixos centrais das políticas modernas.

A participação brasileira destacou-se não apenas pelo fato de ter sido o único país das Américas com pavilhão próprio (Figura 23), mas também pela forma como apresentou suas instituições científicas como referências na profilaxia de doenças tropicais. O pavilhão brasileiro, projetado por Luiz de Morais Júnior — também responsável pela arquitetura do Castelo Mourisco em Manguinhos — foi concebido de acordo com os princípios de higiene arquitetônica e reuniu materiais que evidenciavam a atuação científica e sanitária nacional. Maquetes, gráficos tridimensionais, modelos de isolamento para febre amarela, coleções de amostras biológicas e imagens documentais compuseram um conjunto expositivo coerente com a intenção de demonstrar o avanço técnico e institucional da saúde pública no país.

No interior do pavilhão (Figuras 24, 25, 26 e 27), o Instituto Oswaldo Cruz organizou uma mostra centrada em suas frentes de pesquisa em microbiologia, protozoologia, imunobiologia e parasitologia, destacando os trabalhos desenvolvidos no combate à febre amarela, peste bubônica, malária, leishmaniose e disenteria amebiana. Entre os materiais apresentados, incluíam-se culturas, preparações microscópicas, modelos anatômicos e publicações científicas. As campanhas sanitárias urbanas do Rio de Janeiro, por sua vez, foram ilustradas por meio de gráficos estatísticos, mapas, filmes e dispositivos técnicos utilizados na erradicação de mosquitos vetores, evidenciando o impacto das ações coordenadas por Oswaldo Cruz.

A exposição também marcou o reconhecimento da doença de Chagas como objeto de interesse internacional. O trabalho conduzido por Carlos Chagas em Lassance ganhou destaque por meio de preparações biológicas, fotografias e documentações visuais que apresentavam o ciclo do *Trypanosoma cruzi* e seu vetor, o *Triatoma infestans*. O uso de cinematógrafos, com exibição de registros das campanhas

sanitárias e das manifestações clínicas da nova doença, foi considerado um recurso inovador de comunicação científica, provocando forte reação positiva do público especializado e consolidando a protozoologia como área estratégica de atuação do IOC.

Como observam Nogueira (2021) e Soares e Nogueira (2017), o êxito da participação brasileira na Exposição de Dresden contribuiu diretamente para a legitimação internacional das instituições envolvidas e reforçou a inserção do Brasil no circuito da ciência tropical. O pavilhão brasileiro tornou-se, ao longo do evento, uma das atrações mais visitadas, sendo reconhecido por sua originalidade, riqueza documental e clareza expositiva. O prestígio alcançado reverberou não apenas na imprensa, mas também nas relações diplomáticas e nos convites para apresentação do mesmo conteúdo em outras capitais europeias, como Paris e Roma. Trata-se de um momento chave na construção da visibilidade externa da ciência brasileira, articulando estratégias científicas e comunicacionais que passariam a compor o repertório institucional do Instituto Oswaldo Cruz nas décadas seguintes.

A participação nessas exposições permitiu que a instituição fosse percebida em diferentes esferas. No caso de Berlim, o prêmio recebido contribuiu para consolidar a imagem do Instituto como uma referência no enfrentamento das doenças infecciosas e na produção de imunobiológicos. Em Dresden, o pavilhão brasileiro foi apresentado com elementos visuais que sugerem uma aproximação entre ciência e cultura, revelando aspectos distintos de um mesmo processo: a consolidação técnica do Instituto e sua tentativa de reconhecimento em ambiente internacional no campo da saúde. Esses eventos podem ser considerados como possibilidades de aproximação entre a produção científica do Instituto e a construção de formas materiais de representação institucional, expressas na arquitetura dos pavilhões e na exposição de acervos biológicos. Tal leitura sugere que a participação nessas exposições internacionais talvez tenha contribuído para a consolidação de uma identidade visual e científica em construção, ainda que esse processo não possa ser interpretado de forma linear ou intencional nos seus desdobramentos. A colaboração entre Oswaldo Cruz e Luiz de Moraes Junior resulta em elementos da identidade visual e científica do Instituto, algo que perdura até o presente.

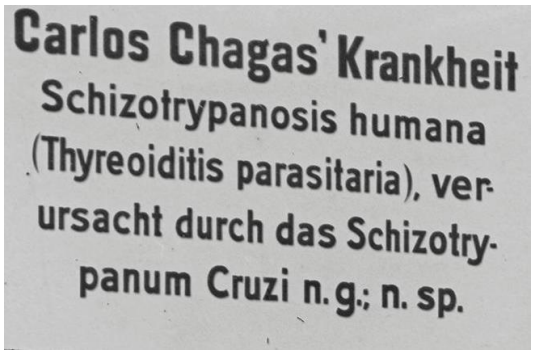
Figura 23. Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 24. Vista da entrada principal do pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911. Ao centro, destaca-se uma grande maquete tridimensional do campus de Manguinhos; nas laterais, maquetes arquitetônicas do Pavilhão Mourisco e de outros edifícios institucionais., 1911

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 25. Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911 – Sala dedicada à Doença de Chagas. Evidencia-se a exibição do acervo biológico fixado em diferentes meios dispostos em aparador e vitrines em exposição temática sobre a doença de Chagas[13].



"Doença de Carlos Chagas Schizotrypanose humana (tireoidite parasitária), causada pelo Schizotrypanum cruzi n.g.; n. sp."

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

[13] Observações: *Schizotrypanum cruzi* foi o nome originalmente dado por Carlos Chagas ao protozoário causador da doença que mais tarde passou a se chamar *Trypanosoma cruzi*. As abreviações n.g. e n. sp. significam novum genus (novo gênero) e nova species (nova espécie), indicando que se tratava de uma descoberta inédita à época. O uso do termo "Thyreoiditis parasitaria" é anacrônico e reflete uma hipótese inicial que foi superada posteriormente. Carlos Chagas, no início de seus estudos, interpretou algumas manifestações clínicas como uma forma de tireoidite causada por parasita, o que depois foi corrigido (KROPF & AZEVEDO, 2009).

Figura 26. Módulo expográfico que demonstra prática de prevenção da febre amarela por meio de isolamento do paciente em casa preparada para impedir o contato com mosquitos vetores, no Pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911. Transcrição da placa na entrada: “Isolierung eines Gelbfieberkranken in seiner eigenen Wohnung, welche für die den Krankheitskeim übertragenden Mücken unzugänglich gemacht worden ist.”, traduzido para o português "Isolamento de um doente de febre amarela em sua própria moradia, tornada inacessível aos mosquitos transmissores do agente da doença."

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 27. Sala de exposição no pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Higiene de Dresden, 1911

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

As imagens são pertencentes ao registro fotográfico da participação do Instituto Oswaldo Cruz na Exposição Internacional de Higiene, realizada em Dresden, Alemanha, em 1911 (Figuras 23, 24, 25). Documentam, com notável clareza e intencionalidade estética, o esforço do Brasil, através do Instituto de Manguinhos, em apresentar-se como um país alinhado às práticas científicas em voga nas potências ocidentais, especialmente no campo da medicina experimental, do combate às epidemias e da saúde pública. O conjunto expositivo, concebido e organizado sob a liderança de Oswaldo Cruz (BENCHIMOL, 1990), revela não apenas os avanços técnico-científicos da instituição, mas também uma cuidadosa estratégia de legitimação internacional de seu projeto institucional.

Observa-se (Figura 26) a reprodução em escala real de uma habitação adaptada para o isolamento de um paciente com febre amarela. A inscrição em alemão, posicionada sobre a porta, explica que se trata de uma moradia tornada inacessível aos mosquitos transmissores da doença. O modelo arquitetônico é apresentado como parte de uma estratégia sanitária moderna, que alia conhecimento entomológico ao

planejamento urbano e à intervenção direta sobre o espaço doméstico. Trata-se de uma representação do saber técnico em ação, em que a arquitetura, a microbiologia e o controle vetorial se articulam na prevenção das doenças tropicais. O espaço interno e a fachada da casa são acompanhados por gráficos, ilustrações e suportes expográficos, sugerindo um discurso científico visualmente estruturado.

A Figura 25 apresenta a seção dedicada à doença de Chagas, descoberta por Carlos Chagas em 1909. O letreiro em destaque, escrito em alemão, identifica a enfermidade com a denominação original atribuída por Chagas ao protozoário. A sala exibe vitrines com espécimes biológicos, lâminas microscópicas, fotografias, gráficos e desenhos técnicos que explicam o ciclo do parasita, o vetor (o barbeiro) e os efeitos da doença no corpo humano. Na parede lateral, encontram-se pranchas ilustradas com vistas do Instituto Oswaldo Cruz, reforçando a associação entre o espaço institucional e a produção do conhecimento. O cuidado na montagem revela uma museografia científica que articula prova empírica, ilustração e narrativa visual de maneira persuasiva.

Noutra imagem (Figura 27), visualiza-se uma ampla sala com vitrines, bustos demonstrativos, bancada com microscópios e instrumentos laboratoriais meticulosamente dispostos. A organização do espaço sugere uma preocupação pedagógica: os visitantes percorriam diferentes etapas do processo de pesquisa biomédica, desde a observação por meio de equipamentos até a sistematização gráfica dos resultados. Ao centro, destaca-se uma grande ilustração arquitetônica do conjunto de Manguinhos, que remete à monumentalidade da sede do Instituto e à sua modernidade estrutural.

Em conjunto, as imagens revelam uma narrativa cuidadosamente construída, na qual o Instituto se apresenta como protagonista do combate às doenças tropicais, promotor de uma ciência de ponta tropicalizada e defensora de uma saúde pública tecnicamente fundamentada. Trata-se, sobretudo, de uma cena de afirmação institucional — estética e política — no palco internacional do início do século XX.

A participação nos eventos de Berlim (1907) e Dresden (1911) exemplifica esse esforço, que resultou no fortalecimento de uma imagem institucional. O reconhecimento obtido nesses eventos contribuiu para ampliar o capital político da Fiocruz, fortalecendo sua legitimidade e capacidade de articulação institucional no cenário brasileiro (BRITTO, 1995).

No contexto da República das Oligarquias, marcada por reformas voltadas à modernização e à construção de uma identidade nacional, os discursos produzidos por

médicos higienistas assumiram um papel que ultrapassava o campo da saúde pública, influenciando diretamente as representações sobre o Brasil e sua população. Os escritos produzidos por higienistas nas três primeiras décadas do século XX extrapolaram o campo restrito da saúde e passaram a contribuir para a formulação de visões mais abrangentes sobre a sociedade brasileira. Destaca-se, nesse processo, o papel desempenhado pelo movimento em prol do saneamento rural durante a República das Oligarquias, o qual favoreceu a construção de imagens marcantes tanto do Brasil quanto de seus habitantes. Esse movimento foi decisivo para a consolidação de um diagnóstico da nação, amplamente disseminado por meio de textos impressos e obras literárias. A análise, proposta por Lima e Hochman (2004), concentra-se em um diagnóstico que configurou uma representação sobre um 'Brasil doente'.

Argumenta-se que o movimento sanitarista teve importância central e duradoura na conformação da identidade nacional, ao associar a enfermidade a uma marca constitutiva do ser brasileiro. Esse discurso articulou-se, frequentemente de forma implícita, com tradições do pensamento social e político nacional, sobretudo ao mobilizar as matrizes da saúde pública. Revelou-se, nesse contexto, uma transposição do discurso médico-higienista para o campo da cultura e da política, onde passou a ser apropriado e reelaborado por intelectuais e outros setores sociais.

Lima e Hochman (2004, p. 496) apontam que as “visões sobre as mazelas do Brasil se dão dentro de um enquadramento dualista habitado por pares indissociáveis, tais como litoral-sertão, saúde-doença e moderno-atrasado.” Essa abordagem vincula-se às estruturas de pensamento dualistas que marcaram a reflexão sobre o país. No contexto brasileiro, a ciência do início do século XX — e, posteriormente, a ciência social institucionalizada a partir da década de 1930 — tornou-se uma linguagem privilegiada no processo de formulação de projetos nacionais.

As expedições científicas realizadas pelo Instituto Oswaldo Cruz articulam-se diretamente ao contexto apontado, pois consistiram em trabalhos de campo que envolveram a coleta de espécimes e amostras biológicas. Os resultados dessas incursões, aliados à preservação de exemplares, contribuíram para o fortalecimento de um discurso médico-higienista que se expandiu para além das fronteiras da ciência e da saúde pública. Ao percorrerem regiões afastadas dos centros urbanos, como o sertão nordestino, a Amazônia e o interior de Minas Gerais, essas missões ajudaram a consolidar representações sobre o país e sua população, reforçando um imaginário nacional centrado na intervenção sanitária como ferramenta de modernização. Ao viabilizarem a presença técnico-científica do Estado em áreas até então negligenciadas, essas ações geraram práticas contínuas de estudo, coleta e classificação de

organismos, das quais derivaram coleções. A constituição e conservação desses materiais passaram a compor, de modo indissociável, a própria dinâmica da pesquisa biomédica em Manguinhos.

Outro caso emblemático é a transformação da sala de trabalho de Oswaldo Cruz em um memorial, mais tarde reconhecido como o “Museu Oswaldo Cruz”. Tal espaço, embora não previsto originalmente na planta arquitetônica do Castelo Mourisco, foi utilizado para visitas especiais, reforçando simbolicamente a figura do fundador da instituição.

A partir desse memorial, iniciou-se a formação de uma coleção histórica, com o objetivo de preservar e valorizar a memória científica e institucional da Fiocruz (SOARES; NOGUEIRA, 2017). A construção do mito de Oswaldo Cruz e a preservação de sua sala de trabalho indicam a emergência da dimensão voltada à constituição de um patrimônio que estabelece conexões entre os primeiros anos da instituição e sua configuração atual. Por uma interpretação baseada em Bourdieu (2007, pp. 100–104) esse processo pode ser compreendido como parte de um esforço de desenvolvimento de bens simbólicos, que colaboram para a produção e manutenção de uma identidade institucional.

A criação do Museu Oswaldo Cruz (Figuras 28 e 29) representou, nesse percurso, a formalização de uma prática de musealização que passou a atribuir significados a espaços e objetos relacionados à história da instituição. Esses elementos passaram a operar como testemunhos de experiências científicas e institucionais. Cabe-nos, ainda, registrar que esse movimento contribuiu para a construção de um espaço de articulação de memória que somava a ciência produzida na instituição à sua trajetória sob liderança de Oswaldo Cruz. Institucionalmente, nos tempos atuais, a memória e a educação são associadas para promover tanto a valorização do patrimônio cultural quanto as ciências para o público (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2023a).

Figura 28. Vista parcial do Museu Oswaldo Cruz no interior do Castelo Mourisco, s.d.

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Figura 29. Vista parcial do Museu Oswaldo Cruz no interior do Castelo Mourisco, s.d. A imagem mostra vitrines e mobiliário expositivo com equipamentos científicos históricos do Instituto Oswaldo Cruz

Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Esses processos parecem dialogar com formulações que concebem o museu como processo, entendido como um encadeamento de relações entre espaço, tempo, memória e materialidade. Na história da Fiocruz, essas práticas surgem em distintos

setores, estruturadas em torno de necessidades institucionais específicas. Em vez de resultar de um projeto unificado, os esforços de preservação e comunicação de acervos foram sendo articulados localmente, a partir das dinâmicas próprias de cada unidade. Essa característica aproxima-se da noção de museu como evento (SCHEINER 1999; BORGES, 2011), segundo a qual o museu pode ser entendido como resposta a determinadas conjunturas institucionais, e não apenas como resultado de uma política museológica centralizada.

Atualmente, dois museus com estrutura formalizada operam na Fundação: o Museu da Patologia, vinculado ao Instituto Oswaldo Cruz (IOC), e o Museu da Vida, vinculado à Casa de Oswaldo Cruz (COC). Cada um desses museus responde a objetivos distintos, mantendo acervos próprios e linhas de atuação relacionadas à sua origem e ao perfil de sua unidade.

Entre os museus atualmente vinculados à Fiocruz, o Museu da Patologia (MP) apresenta características que permitem examinar com mais detalhe os modos como se estruturam as práticas museológicas em diálogo com a pesquisa biomédica. A compreensão do Museu da Patologia no contexto institucional da Fiocruz tem sido objeto de estudos que exploram aspectos materiais e os usos atribuídos ao longo de sua trajetória. Isso pode ser ilustrado com o trabalho de Martins (2023), que desenvolve em sua análise um interessante histórico do MP com foco no desenvolvimento da fotografia anatômica em paralelo à consolidação da Anatomia Patológica como campo científico no início do século XX. O autor organiza sua análise a partir da criação do Instituto Soroterápico Federal e da relação entre o laboratório fotográfico e o setor de Anatomia Patológica, considerado pioneiro no país, articulando informações sobre o contexto de produção das imagens anatômicas no Instituto, com ênfase no período de uso de negativos de vidro, técnica amplamente adotada para suporte fotográfico na época e, também, apresentando o MP como espaço que acumulou e organizou, ao longo de décadas, parte do material biológico registrado nas fotografias.

Outros exemplos são os trabalhos como o artigo de Tavares, Rangel e Oliveira (2024) e o capítulo em livro de Tavares, Barbosa e Oliveira (2023). O artigo trata da Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), examina os procedimentos de documentação em museus de anatomia patológica e destaca que o processo de musealização das peças depende da relação entre o material preservado e os registros informacionais que o acompanham. Já o capítulo, mesmo tratando da mesma coleção, a CSAP, relaciona o seu desenvolvimento com a prática da medicina experimental, sua presença em eventos científicos e as alterações ocorridas ao longo do século XX.

À luz dos trabalhos consultados, é possível compreender o Museu da Patologia como um “nó” na rede institucional da Fiocruz — um ponto de convergência em que diferentes agentes, materiais e saberes se articulam, dando origem a novas possibilidades de institucionalização e uso dos acervos. Através deles podemos verificar que esse museu tem suas raízes na seção criada por Oswaldo Cruz e Henrique da Rocha Lima em 1903.

O acervo do Museu da Patologia é constituído originalmente por peças anatômicas e histológicas associadas às pesquisas biomédicas desenvolvidas no Instituto. Entre os materiais preservados estão blocos histopatológicos e órgãos fixados, que registram parte expressiva da história da saúde pública e da medicina experimental no Brasil (RANGEL; MUSSA CURY, 2023).

Figura 30. Vista do campus com Pavilhão Rockfeller ao centro, Pavilhão Mourisco (ao fundo à esquerda) e parte da avenida Brasil, à direita (1937 - 1940).

Foto: J.Pinto (c 1937.- 1940). Fonte: Acervo Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz

2.6 Autoritarismo, ruptura e rearticulação

> Um marco importante foi a reestruturação ocorrida na década de 1970, que deu origem à Fundação Oswaldo Cruz. Na gestão de Vinícius Fonseca, ao mesmo tempo que novas áreas de investigação científica eram criadas, departamentos eram extintos e grupos de pesquisa dispersos, e nesse contexto coleções científicas e conjuntos documentais acumulados durante anos foram irresponsavelmente descartados ou desmembrados, por se julgar que não possuíam mais utilidade ou relevância cognitiva. O destino desses materiais variou entre simples destruição e abandono em galpões ou garagens totalmente inadequados, como foi o caso da coleção de peças anatomopatológicas da febre amarela. Os registros das atividades médico-científicas da instituição voltaram a ser objeto de interesse nos anos de 1980, tomando-se algumas medidas para recuperar coleções e documentos quase mumificados pelo acúmulo de poeira, goteiras e umidade. (BENCHIMOL, 2001, p. 447)

A redemocratização do país na década de 1980 coincidiu com um processo de reestruturação institucional da Fundação Oswaldo Cruz, marcado por transformações significativas no campo da saúde pública e da ciência. Durante a gestão de Sérgio Arouca (1985-1990), figura central do movimento pela reforma sanitária e um dos articuladores da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), foi criada, em 1986, a Casa de Oswaldo Cruz (COC). Essa nova unidade teve como missão inicial preservar a memória institucional da Fiocruz e fomentar estudos sobre ciência, saúde e tecnologia em perspectiva histórica. Sua constituição representou um ponto de inflexão na forma como a instituição passou a se relacionar com sua própria trajetória, ao integrar saberes das ciências sociais, da história e da saúde coletiva.

As afirmações sobre esse processo encontram respaldo na análise de Benchimol (2022, pp. 216–218), que destaca o caráter inovador da iniciativa, considerando o desafio enfrentado pelos primeiros historiadores e cientistas sociais recrutados para a COC. Vindos de áreas em que temas como medicina experimental e microbiologia eram praticamente ausentes, esses profissionais buscaram nos textos de médicos e intelectuais ligados à medicina social as primeiras chaves para interpretar os saberes e práticas científicas desenvolvidos pela Fiocruz ao longo de sua história. Essa aproximação dialogava com as demandas emergentes do novo cenário sanitário e político, e com uma tradição crítica sensível às implicações sociais da ciência.

O surgimento da COC também se insere em um momento de fortalecimento dos estudos sociais da ciência no Brasil e na América Latina. Embora o campo ainda

fosse marcado pela predominância de pesquisadores oriundos das ciências exatas — como física, matemática e engenharia —, começavam a ganhar espaço abordagens que valorizavam a contextualização histórica dos saberes científicos e a produção do conhecimento em países considerados “periféricos”. A criação da COC, no mesmo ano da realização do primeiro Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, refletia essa inflexão. Ao propor uma abordagem histórica e institucional voltada às práticas científicas da saúde pública, a COC contribuiu para a valorização de um campo até então marginalizado nos estudos de ciência e tecnologia. Essa articulação foi influenciada por duas vertentes complementares: de um lado, a tradição institucional da medicina social; de outro, os debates historiográficos latino-americanos que buscavam evidenciar a importância das trajetórias nacionais na construção da ciência moderna. Nesse sentido, o surgimento da COC pode ser compreendido como parte de um movimento mais amplo de valorização das histórias locais da ciência, em consonância com outras iniciativas como a *Sociedad Latinoamericana de Historia de las Ciencias y la Tecnología* e seu periódico *Quipu*, cuja circulação se iniciou em 1984.

O período da ditadura civil-militar foi marcado pela repressão política, perseguição a pesquisadores, cassações de direitos, destruição de laboratórios e dispersão de acervos (LENT, 2019). A repressão desestruturou não apenas trajetórias individuais, mas também fragilizou a produção do conhecimento e fez com que grande parte dos acervos acumulados em décadas de pesquisa biomédica se perdesse. A inflexão democrática, no entanto, abriu espaço para a reorganização institucional e para a valorização de iniciativas voltadas à preservação da história e da memória da ciência. A criação da Casa de Oswaldo Cruz (COC), em 1986, inscreve-se nesse contexto de rearticulação, como resposta institucional à necessidade de refletir criticamente sobre o passado recente, recuperar acervos ameaçados e produzir novas interpretações sobre a trajetória científica da Fiocruz. Isso lançou as bases para o fortalecimento de práticas museológicas.

A criação do Museu da Vida Fiocruz, inaugurado em 1999, marcou um novo momento no processo de institucionalização das práticas museológicas na Fiocruz. Derivado da Casa de Oswaldo Cruz (COC) e concebido como um espaço de popularização das ciências e de articulação entre pesquisa, educação e cultura, o Museu da Vida surgiu assumindo o compromisso de construir narrativas a partir dos contextos científicos, sociais e históricos da saúde pública brasileira. Sua consolidação ao longo das duas últimas décadas esteve alinhada ao fortalecimento de políticas públicas de educação e divulgação científica, bem como ao reconhecimento da ciência como elemento cultural. Conforme descrito no plano museológico vigente, o Museu da

Vida consolidou-se como espaço institucional de mediação entre os saberes produzidos pela Fiocruz e os diferentes públicos da sociedade, promovendo experiências educativas e culturais que valorizam a ciência em sua dimensão social (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2023b). O plano também evidencia a ampliação das atividades do museu, com ênfase na sustentabilidade, no fortalecimento da memória institucional e na integração com outras iniciativas museológicas da instituição.

Herdeiro direto da Seção de Anatomia Patológica fundada no início do século XX, o Museu da Patologia (MP) é resultado de um processo igualmente acidentado, marcado por avanços, estagnações institucionais e momentos de completo abandono de seus acervos. Ao longo de mais de um século, a trajetória do MP espelhou, de forma particularmente sensível, os ciclos de valorização e desprezo a que foram submetidas as coleções científicas da Fiocruz.

Desde sua gênese, a coleção associada ao Serviço de Anatomia Patológica operava como dispositivo de documentação científica, ensino médico e produção de saberes sobre as doenças tropicais, contribuindo para a consolidação da patologia como campo autônomo no Brasil. Instalada originalmente no Castelo Mourisco e vinculada ao projeto de formação de um instituto de excelência científica, a coleção reunia peças anatômicas oriundas de autópsias realizadas em hospitais do Distrito Federal, devidamente organizadas, identificadas e catalogadas. A formalização do museu se deu ainda nas primeiras décadas do século XX, quando o acervo já era descrito como um dos mais completos do gênero, com milhares de peças acondicionadas em formalina e utilizadas para ensino e pesquisa (TAVARES; BARBOSA; OLIVEIRA, 2023).

No entanto, o reconhecimento da coleção como patrimônio científico e museológico sofreu sucessivas descontinuidades. A partir da década de 1940, com a reorganização institucional da Seção de Anatomia Patológica e sua transferência para o recém-inaugurado Pavilhão da Patologia, o museu passou por reestruturações e mudanças de localização. A fragmentação do acervo e a descaracterização de seu uso museológico intensificaram-se na década de 1960, quando, sob o impacto do golpe militar, os armários contendo a coleção foram desmembrados e transferidos de forma improvisada, resultando em perdas irreparáveis. O episódio ficou marcado como uma das consequências do "Massacre de Manguinhos".

Somente nas décadas seguintes, no contexto da redemocratização, foi possível iniciar um lento e ainda inacabado processo de resgate e reorganização das coleções histopatológicas. A partir dos anos 1980, esforços pontuais liderados por pesquisadores como Henrique e Jane Lenzi, Itália Kerr, Marcelo Pelajo e Barbara Dias permitiram a

localização e a recuperação parcial da Coleção de Febre Amarela e de outras peças originárias da Seção de Anatomia Patológica. Tais ações inauguraram uma nova etapa, marcada pela consolidação do Museu da Patologia como espaço institucional voltado à guarda, catalogação, digitalização e mediação científica de um acervo profundamente atingido pelos eventos do passado. Esse movimento resultou, na implementação de projetos estruturantes como o Programa Permanente de Salvaguarda do Acervo das Coleções do Museu e o Programa de Digitalização Continuada de Acervos. A exposição comemorativa Corpo, Saúde e Ciência: o Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz, realizada em 2013, reafirmou a importância histórica do museu, reunindo peças anatômicas, documentos e atividades educativas interativas que aproximaram o público do seu acervo. Atualmente o museu integra iniciativas institucionais voltadas à valorização das coleções biológicas, como o programa PRESERVO, e atua em diferentes frentes — da pesquisa à divulgação científica — em sintonia com os princípios da museologia contemporânea (TAVARES; BARBOSA; OLIVEIRA, 2023).

Diante da crescente valorização dos acervos como ativos estratégicos para a pesquisa, a educação e a memória institucional, a Fiocruz passou a articular uma política mais integrada e abrangente para o cuidado com seus acervos. Esse movimento culminou na formulação e implementação da Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz, atualizada em 2023, que consolidou diretrizes, responsabilidades e estratégias voltadas à salvaguarda, gestão e difusão dos diversos acervos sob guarda da instituição. Como instrumento orientador dessa política, foi criado o Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), concebido como uma instância articuladora capaz de promover a integração entre as unidades da instituição, respeitando suas especificidades, mas estabelecendo parâmetros comuns de preservação física e digital, planejamento estratégico e valorização pública de acervos diversos, entre eles as coleções biológicas, museológicas, documentais e bibliográficas. A seguir, será apresentada a estrutura conceitual e organizacional dessa política, bem como o papel desempenhado pelo PRESERVO na consolidação de uma cultura institucional de preservação (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2021c).

Em paralelo a essa articulação normativa, a Casa de Oswaldo Cruz (COC) passou a liderar o processo de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), conjunto edificado tombado que constitui o núcleo originário da Fiocruz. O plano de requalificação tem como objetivo preservar e valorizar o patrimônio arquitetônico, urbanístico e simbólico da instituição, promovendo sua ocupação qualificada por atividades de pesquisa, educação, divulgação científica e ações culturais voltadas à população. A proposta visa integrar o campus de Manguinhos à cidade do

Rio de Janeiro, ampliar a interlocução com seu entorno e fortalecer o papel da instituição como espaço público de ciência, cultura e memória. Nesse contexto, os acervos biológicos, museológicos e documentais passam a ser considerados elementos centrais da experiência institucional, sendo integrados ao projeto de campus parque e às estratégias de preservação, mediação e acesso propostas tanto pelo Plano de Requalificação quanto pela Política de Preservação dos Acervos Científicos e Culturais da Fiocruz.

Apesar dos avanços institucionais representados pela formulação da política de preservação, pela criação do Preservo e pela requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), chama atenção a ausência de uma instância museológica consolidada, sobre os processos museológicos relativos ao conjunto do acervo institucional, com reconhecimento e capacidade de articulação transversal a todos os entes institucionais que abrigam coleções. A museologia, por definição, atua conectando acervo, espaços, públicos e narrativas; é no museu que essa atuação se concretiza, como espaço cotidiano de visitação, mediação e produção de sentidos compartilhados entre a instituição e a sociedade. Seja presencialmente, por meio das exposições, ou através de plataformas digitais e redes sociais, o museu materializa a presença da Fiocruz para o público. Na ausência de uma coordenação integrada que reconheça e fortaleça a diversidade de práticas museológicas já existentes, corre-se o risco de dispersão, sobreposição de esforços e fragilização do papel estratégico do museu e da museologia na gestão do patrimônio cultural. Que museu deseja constituir a Fiocruz, como conjunto institucional, para expressar sua história, sua ciência e seu compromisso com a sociedade?

CAPÍTULO 3

A INSERÇÃO INSTITUCIONAL DAS COLEÇÕES BIOLÓGICAS DA FIOCRUZ

3 A INSERÇÃO INSTITUCIONAL DAS COLEÇÕES BIOLÓGICAS DA FIOCRUZ

As coleções biológicas operam na interseção entre a produção científica, a preservação da biodiversidade e a vigilância em saúde pública. Diferenciam-se de outros tipos de acervo pelo desafio técnico que envolve a preservação de matéria orgânica, o que demanda infraestrutura específica para retardar processos naturais de degradação. Na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a formalização institucional dessas coleções ocorreu com a Portaria nº 526/2011 (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2011), que as reconheceu como patrimônio inalienável da instituição. Esse reconhecimento viabilizou a definição de recursos para sua manutenção, além de permitir a elaboração de projetos voltados à harmonização de práticas, à ampliação da infraestrutura e à integração entre diferentes unidades. Tais coleções podem ser interpretadas como patrimônio científico e cultural, com base em sua função no processo de produção do conhecimento, sua vinculação à história institucional e sua inserção em marcos legais como o Artigo 216 da Constituição Federal (BRASIL, 1988, art. 216). Nessa perspectiva, a utilização dos acervos na elaboração de artigos, laudos, dissertações e relatórios técnicos contribui para sua caracterização como bens de natureza científica e documental (ARANDA, 2014).

A primeira parte deste capítulo apresentará as condições atuais em que essas coleções se encontram, juntamente com suas respectivas definições, um breve histórico de suas constituições, e as relações que estabelecem com o PRESERVO. Para coletar essas informações foram realizados três processos de levantamento: um memorialístico, através da análise do projeto Memórias das Coleções Científicas, um documental, através da coleta de informações em páginas oficiais da instituição, e um analítico-interpretativo, através do questionário realizado com curadores e gestores atuais de cada coleção.

A fim de explicitar as informações levantadas, esta pesquisa optou por reproduzir a categorização na qual as coleções são apresentadas pela Fiocruz. Elas estão organizadas em 5 categorias Arqueopaleontológica, Botânica, Histopatológicas, Microbiológicas, e Zoológicas, e ordenadas em ordem alfabética.

3.1 Estratégias de Levantamento e Análise das Coleções Biológicas

A análise das coleções biológicas da Fiocruz, conforme proposta, baseou-se em um conjunto articulado de estratégias metodológicas que permitiram o acesso, a sistematização e a interpretação das informações disponíveis sobre esses acervos. As principais fontes mobilizadas foram: (a) o acervo de entrevistas do *Projeto Memória das Coleções Científicas (1994–2001)*; (b) o levantamento nas páginas institucionais da Fiocruz na internet; e (c) a aplicação de um questionário estruturado junto aos gestores das coleções. A combinação dessas estratégias possibilitou uma aproximação analítica ao panorama atual das coleções, seus desafios de gestão, suas trajetórias e seu potencial museológico.

3.1.1 Depoimentos Orais

O *Projeto Memória das Coleções Científicas*, desenvolvido pela Fiocruz entre 1994 e 2001, representa um esforço institucional para resgatar e preservar a memória do patrimônio científico da Fiocruz. Ao documentar as trajetórias dos pesquisadores e a história das coleções, o projeto contribuiu para a valorização desse acervo e para a reflexão sobre as condições em que a ciência foi produzida no Brasil. No entanto, sua execução também revelou limitações e desafios que continuam a influenciar as políticas de preservação e memória na instituição (ALMEIDA *et al*., 2001; SÁ, KLEIN, 2001).

> "MS – Exatamente. É por isso que eu... Não pode perder, a gente não pode perder, a gente tem que fazer um, um outro projeto grande. (riso) Eu acho que isso interessa demais para vocês também, para Casa de Oswaldo Cruz. Vocês estão assim com o pessoal que entende a coleção, que entende o que que é um acervo histórico, entende o valor...
>
> AB – O valor.
>
> MS – Isso [O Projeto Memória das Coleções Científicas] eu acho que foi a melhor coisa que aconteceu, para as coleções. Sinceramente. Porque nós tínhamos muito problema. (ri)" (SARQUIS, 2021, p. 36, grifo nosso)[14]

[14] Em entrevista às pesquisadoras Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR), Maria Inez Moura Sarquis (MS) realça a importância do Projeto Coleções após relatar as dificuldades de se conseguir recursos materiais e financeiros que são necessários para a manutenção da Coleção de Culturas de Fungos, atual Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF), e de outras coleções.

Desenvolvido entre 1994 e 2001 no âmbito do Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde (PAPES) da Fiocruz, o projeto surgiu em um contexto pós-redemocratização, no qual a instituição buscava reconstruir sua memória institucional e reafirmar o valor de seu patrimônio científico. Esse esforço foi especialmente relevante após os impactos do Massacre de Manguinhos e de outras crises que afetaram a preservação de seu acervo (ALMEIDA *et al.*, 2001; SÁ, KLEIN, 2001).

O projeto foi estruturado em duas fases. A primeira, entre 1994 e 1996, concentrou-se na informatização das coleções e no levantamento preliminar da documentação histórica relacionada a elas. A segunda fase, de 1997 a 2001, aprofundou o trabalho de organização e identificação dos documentos, além de constituir um acervo de depoimentos orais com curadores, ex-curadores, pesquisadores e técnicos que atuaram diretamente com as coleções. Essa abordagem multidisciplinar, que integrou historiadores, arquivistas e biólogos, foi uma característica inovadora do projeto, refletindo a necessidade de articular diferentes áreas do conhecimento para compreender a complexidade das coleções científicas (SÁ, KLEIN, 2001).

Um dos principais resultados do projeto foi a produção de 11 entrevistas de história oral, que deram origem ao catálogo Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz: acervo de depoimentos, publicado em 2001. Essas entrevistas registraram as trajetórias profissionais de pesquisadores como Anna Kohn Hoineff, Herman Lent, José Jurberg, Sebastião José de Oliveira e Wladimir Lobato Paraense, entre outros, que dedicaram suas carreiras ao estudo e à curadoria de coleções como a Entomológica, a Helmintológica e a Malacológica. O catálogo buscou preservar a memória desses cientistas e destacar a importância das coleções para a pesquisa científica e para a história da Fiocruz (ALMEIDA *et al.*, 2001).

A seleção das coleções e dos entrevistados foi influenciada por critérios práticos, como o estado de conservação e o grau de informatização de cada conjunto. Coleções como a Entomológica e a Helmintológica, que já possuíam uma tradição de pesquisa e curadoria mais consolidada, receberam maior atenção, enquanto outras, como a de Febre Amarela e a de Culturas de Fungos, foram menos representadas. Essa escolha refletiu tanto as prioridades do projeto quanto as dinâmicas internas da Fiocruz, marcadas por tensões entre as diferentes unidades e áreas de pesquisa (ALMEIDA *et al.*, 2001; BETTAMIO, 2021).

A Casa de Oswaldo Cruz (COC), criada em 1986, desempenhou um papel central na condução do projeto. A COC foi responsável por articular as áreas de história e ciências biológicas, promovendo um diálogo que até então era pouco comum na

Fiocruz. A presença de pesquisadores como Magali Romero Sá, bióloga e historiadora, foi importante para superar resistências e garantir a participação dos cientistas do IOC no projeto. A COC também foi responsável pela preservação e divulgação do acervo de entrevistas, que hoje está disponível para consulta no Departamento de Arquivo e Documentação da instituição (SÁ, KLEIN, 2001; BETTAMIO, 2021).

O Projeto teve como principal contribuição a documentação da história das coleções e de seus curadores, reforçando a importância desses acervos para a pesquisa biomédica e para a memória institucional da Fiocruz. No entanto, o projeto também evidenciou desafios, como a necessidade de maior equilíbrio na representação das diferentes coleções e a superação de resistências internas entre as unidades da instituição. Esses aspectos destacam a complexidade de se trabalhar com patrimônio científico em um contexto marcado por disputas e prioridades diversas (ALMEIDA et al., 2001; BETTAMIO, 2021). A análise do Projeto Coleções e das entrevistas realizadas neste trabalho permite refletir sobre a memória como um processo dinâmico, que registra o passado e, conjuntamente, o reinterpreta à luz do presente. Como destacado por Bettamio (2024) em seu estudo sobre a memória das coleções científicas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), a memória institucional foi construída a partir de escolhas narrativas, intenções e contextos históricos específicos. Essas escolhas, muitas vezes influenciadas por tensões internas e disputas de poder dentro da Fiocruz, moldaram a forma como as coleções foram preservadas, documentadas e divulgadas.

O estudo da memória das coleções científicas do IOC, conforme apresentado por Bettamio (2024), revela que a institucionalização desses acervos não é um ato neutro, mas sim um processo que envolve a ativação de significados e a construção de identidades institucionais. As entrevistas realizadas no Projeto Coleções, assim como as novas entrevistas conduzidas em 2023, mostram que a memória é um campo de disputa, onde diferentes atores buscam legitimar suas versões da história. Nesse sentido, a história oral emerge como uma ferramenta interessante para desvendar as camadas de memória que estão por trás da construção desses acervos, permitindo-nos compreender como as narrativas científicas e institucionais são produzidas e perpetuadas.

Além disso, o caso do *Projeto Coleções*, analisado por Bettamio (2024), ilustra a importância da interdisciplinaridade na preservação da memória científica. A colaboração entre historiadores, biólogos e arquivistas foi fundamental para garantir que as coleções do IOC fossem preservadas e, ao mesmo tempo, contextualizadas dentro de uma narrativa histórica mais ampla. Essa abordagem interdisciplinar permitiu compreender as coleções tanto como repositórios de conhecimento científico quanto

como registros de uma trajetória institucional marcada por desafios, resistências e superações. A pesquisa sobre a memória das coleções científicas do IOC, conforme discutido por Bettamio (2024), convida a refletir sobre o papel das instituições de pesquisa na preservação e divulgação do patrimônio científico. O *Projeto Coleções* contribuiu para a consolidação da memória institucional da Fiocruz e, paralelamente, reforçou o valor da história oral como metodologia para revelar as complexidades e contradições envolvidas na construção do conhecimento científico. Ao reutilizar as entrevistas do *Projeto Coleções* e realizar novas entrevistas, a pesquisa atual se dedica ao resgate da memória das coleções, além de dialogar com as condições de produção dessas narrativas.

3.1.2 Levantamento em Páginas Institucionais

O Portal da Fiocruz, endereço oficial online, organiza os diversos segmentos da instituição por meio de seis abas de navegação principais: “A Fundação”, “Pesquisa e Ensino”, “Serviços”, “Produção e Inovação”, “Comunicação e Informação” e “Acesso à Informação”. Vinculada a “Pesquisa e Ensino”, encontra-se o título “Coleções Biológicas” que direciona o visitante para uma página que reúne os endereços dos cinco grupos das coleções biológicas da Fiocruz: Coleção Arqueopaleontológica, Coleção Botânica, Coleções Histopatológicas, Coleções Microbiológicas e Coleções Zoológicas. E cada grupo abre uma guia com informações gerais sobre as coleções que agrupam e uma listagem em ordem alfabética, quando há mais de uma coleção na respectiva categoria. Essas páginas são públicas e podem ser acessadas por qualquer visitante, seja este um pesquisador, estudante, gestor ou mesmo um cidadão interessado, e apresentam informações diversas, desde a tipologia das coleções e histórico até as informações de depósito, registro e outros serviços.

Ao analisar as páginas específicas de cada coleção biológica dentro do domínio da Fiocruz, observa-se que, apesar de haver uma estrutura básica recorrente, com abas como “Principal”, “Histórico”, “Serviços”, “Equipe”, “Catálogo” e “Contato” presentes em todas, há espaço para personalização. Diversas coleções incluem abas adicionais para abordar temas singulares relacionados às suas particularidades, como projetos específicos, publicações, ou áreas de atuação exclusivas. Essa combinação entre elementos comuns e seções específicas demonstra a flexibilidade que cada coleção possui para organizar suas informações de acordo com suas demandas, reforçando a autonomia e a diversidade que caracterizam o universo das coleções biológicas na instituição.

Vale ressaltar, contudo, que nem todas as coleções biológicas institucionalizadas pela Fiocruz possuem páginas oficiais individuais, a exemplo da Coleção de Vírus do Biobanco da Biodiversidade e Saúde (CVBBS) e da Coleção de Patologia Feto Placentária, ambas institucionalizadas mais recentemente, e das coleções vinculadas ao Museu da Patologia, a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), a Coleção de Febre Amarela (CFA) e as Coleções do Departamento de Patologia (CDEPAT), que possuem páginas próprias no domínio do próprio Museu da Patologia.

Apesar de, inicialmente, o objetivo ser recolher apenas as informações disponibilizadas nas páginas oficiais das coleções, as lacunas e limitações identificadas revelaram a necessidade de consultar também outras fontes institucionais para complementar o levantamento. Dessa forma, páginas de laboratórios, departamentos e outras estruturas vinculadas às coleções biológicas foram analisadas com o intuito de reunir dados adicionais. Essa estratégia possibilitou o acesso a informações relevantes que, por vezes, não estavam publicadas de forma centralizada ou padronizada nas páginas principais. Todas essas páginas estão, portanto, devidamente referenciadas ao longo da apresentação das 36 coleções biológicas.

A coleta de informações em diferentes fontes, mesmo que todas vinculadas à Fiocruz, revelou-se, ao mesmo tempo, esclarecedora e contraditória. Por um lado, diversos conteúdos se complementaram, proporcionando uma visão mais ampla sobre a tipologia, as características específicas e o histórico de cada coleção biológica. Por outro, a desatualização de algumas páginas, ou mesmo a ausência de indicação sobre a data de disponibilização dos dados, dificultou a compreensão do período a que determinadas informações se referiam. Essa situação evidenciou a importância da pesquisa conduzida por esta tese em momento posterior, através do questionário com gestores, que foi fundamental para garantir maior precisão à análise final.

3.1.3 Aplicação de Questionário aos Gestores

O questionário desenvolvido para esta pesquisa foi concebido com o propósito de coletar informações abrangentes e específicas sobre as coleções biológicas da Fiocruz. A proposta foi explorar tanto os aspectos técnicos e operacionais — como os de gestão e preservação — quanto as dimensões subjetivas associadas ao papel dessas coleções no desenvolvimento das ciências da saúde e, por extensão, no campo da história e do patrimônio cultural da instituição.

A escolha do questionário como instrumento de coleta de dados justifica-se pela necessidade de captar informações não registradas a partir das perspectivas dos profissionais que atuam na pesquisa e no manejo cotidiano dessas coleções, permitindo uma análise sobre as condições do acervo e o que lhe é associado na atualidade.

A estrutura do questionário foi pensada para equilibrar a profundidade das respostas com uma relativa praticidade para os respondentes, considerando suas rotinas e disponibilidade. Embora não fosse esperada uma dedicação muito grande, que pudesse ser inconveniente, por parte dos participantes, o questionário foi pensado para incentivar suas reflexões, de modo a suscitar algum aprofundamento, proporcionando espaço para que os respondentes compartilhassem visões e experiências de modo a evitar respostas evasivas. A inclusão de questões abertas e a possibilidade de envio de imagens (essas opcionais) foram estratégias adotadas para possibilitar o enriquecimento das respostas, permitindo uma visão mais detalhada e contextualizada da realidade das coleções, com espaço para o desenvolvimento da especificidade de cada uma. Esses elementos são necessários para uma análise que vai além da simples descrição, se voltando ainda à interpretação e compreensão das nuances do acervo e da estrutura institucional que o desenvolve e abriga.

As questões do questionário tratam desde a composição e tipologia das coleções até sua relevância científica, histórica e cultural. Além disso, buscam explorar os desafios enfrentados na preservação e nas práticas adotadas para sua utilização em exposições diversas e atividades educativas. A intenção é que os respondentes, profissionais com sua atividade funcional intimamente ligada à gestão das coleções, possam compartilhar tanto os dados quantitativos (como o número de itens e sua classificação) quanto algumas reflexões qualitativas sobre o impacto das coleções nas políticas institucionais, nas pesquisas científicas, nas políticas voltadas ao patrimônio e na interação com o público. É uma abordagem dual — técnica e reflexiva —, que visa garantir que o questionário capture a complexidade do objeto da pesquisa.

Da Silva e Sá (2016) enfatizam a importância da preservação de micro-organismos para a pesquisa científica e a saúde pública. A divulgação para o público em geral não é abordada diretamente, mas as atividades de treinamento e a integração das coleções a sistemas de informação global sugerem um esforço para compartilhar o conhecimento com a comunidade científica e setores especializados. Essas menções indiretas caras à museologia e ao patrimônio científico demonstram que as coleções constituem somente parte do quadro que representa o recurso estratégico para o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil; o todo se completa pela sua condição de patrimônio cultural e histórico, cuja preservação e divulgação exigem ações

específicas. Essa perspectiva ampla foi incorporada ao questionário, que busca explorar de que modo as coleções biológicas podem se tornar instrumentos de divulgação científica e educação pública, transcendendo sua função primária de conservação. Essa visão mais holística justifica a abordagem detalhada do questionário, que convida os respondentes a refletirem sobre o papel das coleções para além de sua dimensão técnica.

Sanjad e Costa (2021) abordam as práticas de gestão de coleções biológicas no Brasil, com ênfase na centralização das decisões. Numa observação ampla sobre a gestão de coleções biológicas em instituições científicas brasileiras, os autores apontam que a dependência de poucos curadores e a falta de recursos são desafios persistentes, sugerindo a necessidade de uma gestão mais compartilhada e colaborativa, envolvendo equipes multidisciplinares. Essa reflexão foi incorporada ao questionário, que inclui questões sobre a estrutura das equipes, a distribuição de responsabilidades e os protocolos de cada coleção. A ideia de uma curadoria mais descentralizada preconizada pelos autores, a fim de promover uma gestão mais integrada e interdisciplinar, foi um dos pilares que orientaram a estrutura do questionário. Embora o foco não seja de maneira alguma criticar a gestão atual das coleções da Fiocruz, a pesquisa busca entender como as práticas de gestão podem ser aprimoradas para garantir uma preservação mais eficaz e sustentável com uma participação mais clara e ativa do museu e das áreas de museologia e patrimônio. A inclusão de questões sobre colaboração interdisciplinar e a criação de protocolos claros reflete, portanto, as conclusões de Sanjad e Costa (2021), que defendem uma abordagem mais institucionalizada e menos dependente de indivíduos específicos.

Bevilaqua *et al*. (2021) discutem a integração entre as coleções biológicas e a sociedade, destacando que as coleções da Fiocruz vão além de simples repositórios de materiais científicos, configurando-se como ferramentas de interação com o público em ações de educação e divulgação científica, como exposições e eventos. Essa perspectiva fundamentou a inclusão, no questionário, de questões que abordam a gestão e a preservação das coleções, assim como seu uso em atividades de engajamento público. O estudo observa ainda que a Fiocruz busca consolidar um modelo de divulgação científica que ultrapassa a transmissão unilateral de informações, promovendo uma comunicação dialógica e interativa. Diante desse entendimento, tornou-se necessário investigar como as coleções são percebidas por seus gestores no engajamento de diferentes públicos e na promoção de uma cultura científica acessível.

O questionário, portanto, não se limita a mapear os desafios técnicos da preservação, mas também busca compreender como as coleções estão integradas às

ações de divulgação científica, e como têm contribuído para a popularização do conhecimento científico contido.

A metodologia adotada se mostra especialmente pertinente ao contexto da Fiocruz, onde as coleções biológicas cumprem funções que vão além da pesquisa científica, participando do próprio processo histórico de consolidação institucional e contribuindo hoje para a educação, divulgação e popularização das ciências e da saúde. O questionário incluiu ainda um espaço para refletir sobre o impacto de momentos críticos, como o Massacre de Manguinhos, ocorrido em 1970 e frequentemente lembrado como episódio marcante na história da instituição. Naquele contexto, dez cientistas líderes em pesquisas de base foram cassados e aposentados compulsoriamente durante a ditadura empresarial-militar, sob a acusação infundada de subversão (Lent, 2019). O episódio trouxe consequências profundas para a pesquisa científica no Brasil, especialmente quanto à preservação e ao manejo das coleções biológicas. Muitas dessas coleções foram desmanteladas ou tiveram parte dos acervos perdidos devido à falta de recursos e à desestruturação das equipes de pesquisa.

Na parte de apresentação das coleções, foram utilizadas como fontes para a composição de cada perfil as páginas oficiais online e as repostas às perguntas do questionário que estão relacionadas a: definição, composição de acervo, número de itens, se a coleção é considerada histórica, se a coleção passou por eventos imprevistos significativos, se tem acervo a ser recuperado e a integração ao PRESERVO.

A constituição do perfil das Coleções Biológicas só foi possível por causa do que é observado nas informações públicas e nas respostas específicas dadas pelos gestores durante esta pesquisa. Vale ressaltar que as informações se complementam, resultando em uma compreensão atualizada das coleções biológicas, e apresentam contraste, possibilitando a identificação das lacunas e ausências na comunicação de como as coleções se encontram.

As memórias das entrevistas recolhidas no âmbito do projeto Memorias não auxiliaram na composição do perfil das coleções biológicas, já que há informações vagas sobre a composição do acervo. O projeto enfatiza o olhar dos entrevistados sobre as memórias relativas às coleções e menos as coleções em si. O conteúdo das entrevistas versa sobre a jornada profissional, as relações interpessoais, os relatos sobre os episódios de crises e a impressão individual sobre o que as coleções representavam na época da entrevista.

Contudo, para a análise das questões que surgiram no levantamento realizado por esta pesquisa, o projeto Memorias serviu para corroborar os aspectos relativos à

necessidade de uma visão integrada do conjunto das coleções biológicas para que se desenvolva políticas relacionadas ao acesso público de diversas ordens — tanto do ponto de vista técnico como em decorrência de ações de divulgação e popularização das atividades científicas realizadas a partir deles, além da possibilidade de interação da sociedade com itens e objetos que constituem o próprio acervo.

3.2 Perfil das Coleções Biológicas

3.2.1 Panorama Estrutural da Fiocruz e a Inserção das Coleções Biológicas no Contexto Institucional

A Fiocruz apresenta uma estrutura organizacional ampla e complexa (Anexo 4), conformada por diferentes níveis hierárquicos e unidades técnico-científicas — chamadas órgãos específicos singulares — com distintos graus de autonomia. Essa configuração complexa impacta diretamente as formas de gestão, preservação e difusão das coleções biológicas sob sua guarda. No centro da organização institucional está a Presidência, instância responsável pela definição de diretrizes estratégicas e pela articulação das diversas frentes de atuação da Fiocruz. Vinculados a essa instância estão os órgãos colegiados — Conselho Superior, Congresso Interno e Conselho Deliberativo — que exercem funções deliberativas e normativas fundamentais à governança da instituição.

A atuação dos órgãos seccionais — como a Procuradoria Federal, a Auditoria Interna, a Corregedoria e a Ouvidoria — reforça os dispositivos de controle e integridade administrativa, estabelecendo critérios regulatórios que, embora essenciais para a estrutura institucional, podem impor limites ou gerar tensões quando se trata de iniciativas relacionadas ao manejo, à exposição e à comunicação pública de acervos com valor histórico e científico, como é o caso das coleções biológicas.

A Fiocruz conta também com uma presença territorial descentralizada, materializada na Gerência Regional de Brasília e em Escritórios Regionais nos estados do Ceará, Mato Grosso do Sul, Piauí e Rondônia. Essas representações ampliam o alcance da Fundação em escala nacional, mas introduzem dinâmicas locais diversas, que influenciam diretamente os modos de organização e circulação dos acervos, além de requererem articulações interinstitucionais específicas.

No âmbito da Presidência, os órgãos de assistência direta e imediata — como o Gabinete, o Centro de Relações Internacionais em Saúde, o Centro de Estudos Estratégicos Antonio Ivo de Carvalho, e coordenações nas áreas de comunicação,

cooperação social, diversidade e vigilância — exercem funções estratégicas e transversais. Embora nem sempre estejam diretamente voltadas à atuação sobre acervos, essas instâncias são relevantes para a institucionalização de políticas que envolvem o reconhecimento das coleções como componentes significativos da história, da ciência e da memória institucional.

A Diretoria Executiva, por sua vez, concentra atividades voltadas à gestão administrativa, incluindo a coordenação de pessoas, infraestrutura, tecnologia da informação e planejamento estratégico. Tais áreas são fundamentais para o suporte operacional das unidades, inclusive no que diz respeito à conservação física, ao armazenamento e à segurança das coleções. No entanto, essas esferas gerenciais nem sempre incorporam parâmetros específicos relacionados às exigências museológicas, o que pode comprometer o desenvolvimento de ações voltadas à exposição, à mediação e ao diálogo com diferentes públicos.

As vice-presidências temáticas representam um nível estratégico relevante para a articulação de políticas institucionais. Dentre elas, destaca-se a Vice-presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), que congrega unidades responsáveis por acervos científicos de distintas naturezas. Embora essa vice-presidência constitua um espaço de referência para as atividades de preservação e pesquisa vinculadas às coleções, ainda são incipientes as iniciativas que considerem tais acervos como elementos com possibilidades de comunicação, interpretação e representação no campo museológico. O reconhecimento de suas dimensões culturais, históricas e educativas ainda depende de ações articuladas com outras áreas institucionais, como a Vice-presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC) e setores responsáveis pelas políticas de memória e divulgação científica.

No núcleo técnico-científico da Fiocruz estão os chamados Órgãos Específicos Singulares — institutos e escolas com missões diversas nas áreas de ciência, tecnologia, saúde pública, produção e educação. Entre essas unidades, encontram-se o Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), o Instituto René Rachou (IRR), a Casa de Oswaldo Cruz (COC), o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), o Instituto Gonçalo Moniz (IGM) e outras instituições que mantêm sob sua responsabilidade diferentes coleções biológicas. Essas coleções foram formadas historicamente no interior de projetos de pesquisa científica, ações de vigilância sanitária, programas de saúde pública e atividades de ensino. Em muitos casos, sua manutenção está associada à continuidade de linhas de investigação, mas também se relaciona à preservação de testemunhos materiais de práticas e saberes científicos desenvolvidos ao longo de décadas.

A inserção dessas coleções em iniciativas de exposição, comunicação ou mediação museológica, no entanto, esbarra em diferentes obstáculos institucionais. A diversidade de finalidades atribuídas aos acervos — pesquisa, vigilância, ensino, produção de insumos — e a ausência de diretrizes consolidadas para seu uso em ações voltadas ao público dificultam sua mobilização para além do espaço laboratorial. Além disso, o fato de estarem distribuídas por diferentes unidades, muitas vezes com pouca articulação entre si, reforça a fragmentação na gestão e compromete a construção de estratégias compartilhadas de preservação, documentação e visibilidade.

Nesse contexto, a complexidade da estrutura organizacional da Fiocruz contribui para a dispersão de responsabilidades e torna desafiadora a consolidação de políticas institucionais voltadas à integração das coleções biológicas em práticas museológicas. Por outro lado, a existência de setores especializados — como a Casa de Oswaldo Cruz, o Museu da Vida e o Museu da Patologia — aponta para possibilidades concretas de articulação entre ciência, memória e museologia. Compreender a estrutura organizacional da Fiocruz em sua totalidade, portanto, permite mapear os caminhos institucionais possíveis para que essas coleções ultrapassem seu uso restrito ao campo da pesquisa e passem a compor, também, estratégias de comunicação pública, educação em saúde e valorização do patrimônio cultural da ciência.

No caso específico do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), observa-se uma estrutura altamente especializada (Anexo 5), voltada predominantemente à pesquisa biomédica, desenvolvimento tecnológico, serviços de referência e formação científica. A Diretoria do IOC está apoiada em comissões internas, câmaras técnicas e um Conselho Deliberativo, com sua gestão dividida entre quatro vice-diretorias: Ensino, Informação e Comunicação; Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação; Desenvolvimento Institucional e Gestão; e Serviços de Referência e Coleções. Esta última constitui o ponto central no que se refere à articulação entre pesquisa científica, prestação de serviços e manutenção de acervos biológicos. Nela estão alocadas 22 coleções científicas oficialmente reconhecidas, bem como os serviços de referência nacional e internacional que conferem ao instituto autoridade no campo das doenças infecciosas e parasitárias. Também integram essa estrutura os laboratórios credenciados, onde os acervos são mantidos como parte das rotinas de pesquisa e vigilância.

Apesar desse aparato técnico-científico consolidado, a estrutura do IOC não dispõe de setores voltados à documentação museológica, expografia ou mediação com públicos externos. A ausência de equipes dedicadas à museologia ou à preservação patrimonial reflete uma compreensão dominante das coleções como recursos científicos e técnicos, ainda que muitas delas possuam valor histórico e cultural significativo. Sua

institucionalização como acervos museológicos depende, portanto, da articulação com outras unidades da Fiocruz, especialmente aquelas com atuação consolidada nas áreas da museologia, história da ciência e comunicação pública — com destaque para a Casa de Oswaldo Cruz (COC).

A COC, por sua vez, apresenta uma configuração organizacional (Anexo 6) voltada à pesquisa histórica e preservação e difusão do patrimônio da ciência e da saúde, sendo a unidade da Fiocruz com maior concentração de competências técnicas e conceituais na área da museologia. Sua estrutura interna inclui departamentos dedicados ao ensino e pesquisa, arquivo histórico, bibliotecas, gestão documental, preservação de bens culturais, mediação com o público etc. Dentre os departamentos da COC, o Museu da Vida é o núcleo das ações museológicas da unidade, composto por serviços de museologia, exposições, educação, produção, comunicação e conservação[15]. Esse conjunto institucional permite à COC reconhecer, documentar, conservar e expor acervo museológico, operando também em rede com outros espaços institucionais, como o Museu da Patologia e a Biblioteca de Manguinhos[16].

Ainda que disponha de infraestrutura e corpo técnico capacitado, a atuação da COC sobre as coleções biológicas depende da construção de parcerias intersetoriais, visto que esses acervos estão sob responsabilidade direta de outras unidades técnico-científicas. A ausência de diretrizes institucionais que promovam essa articulação compromete o desenvolvimento de projetos voltados à musealização, à difusão e à patrimonialização das coleções biológicas.

---

[15] O Museu da Vida é um departamento da Casa de Oswaldo Cruz responsável pela gestão das ações museológicas, educativas e de divulgação e popularização das ciências. Sua estrutura organizacional compreende coordenação geral e coordenações setoriais, entre as quais: o Serviço de Apoio à Operação, Infraestrutura e Gestão; o Serviço de Design e Produtos de Divulgação Científica; o Serviço de Educação — que integra o Núcleo de Desenvolvimento de Público, a Seção de Ações Educativas para o Público e a Seção de Formação; o Serviço de Itinerância; e o Serviço de Museologia. Também fazem parte de sua estrutura o Núcleo de Estudos da Divulgação Científica, o Núcleo de Estudos de Público e de Avaliação em Museus, o Núcleo de Mídias e Diálogo com o Público e a Seção Biblioteca de Educação e Divulgação Científica. Essas instâncias articulam atividades de preservação, mediação, produção de conteúdos e gestão de espaços expositivos (MUSEU DA VIDA FIOCRUZ, 2025).

[16] A Biblioteca de Manguinhos remonta a 1900, com a chegada dos primeiros livros e periódicos ao Instituto Soroterápico Federal, quando a equipe realizava leituras e discussões em um barracão anterior a construção do Pavilhão Mourisco. Desde então, a biblioteca tem lugar na vida científica da instituição — fato reiterado por Oswaldo Cruz, que a considerava indispensável ao trabalho de pesquisa. Sua consolidação ao longo do século XX envolveu sucessivas expansões do acervo, que acompanhou o crescimento institucional da Fiocruz. Em 1986, com a criação do Centro de Informação Científica e Tecnológica, inaugurou-se uma nova fase de organização e, em 1995, foi construído o atual prédio da Biblioteca de Manguinhos. Hoje essa biblioteca primordial integra a Rede de Bibliotecas da Fiocruz, dedicando-se ao acesso à informação científica e à preservação de suas obras raras. (INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE, s.d.)

A comparação entre os organogramas do IOC e da COC revela, portanto, uma tensão estrutural relevante no que diz respeito a processos de mediação cultural do complexo de acervos culturais da instituição: de um lado, o IOC concentra a guarda e o uso intensivo das coleções biológicas em ambientes de pesquisa e vigilância; de outro, a COC desenvolve práticas museológicas, de preservação patrimonial e mediação cultural, acumulando domínio técnico sobre essas atividades. A inexistência de mecanismos institucionais consolidados que integrem essas competências entre os órgãos resulta em uma lacuna organizacional que afeta diretamente a visibilidade e o acesso às coleções biológicas pelo público visitante da Fiocruz.

Superar essa fragmentação requer o desenvolvimento de arranjos interinstitucionais voltados à colaboração entre as unidades gestoras dos acervos científicos e os setores responsáveis pela mediação cultural e patrimonial. A criação de políticas transversais, protocolos de cooperação e estratégias conjuntas de preservação e difusão pode favorecer o reconhecimento das coleções biológicas da Fiocruz como acervo cultural dotado de valor histórico, cultural e comunicacional. Tal movimento contribuiria, de forma decisiva, para ampliar o alcance social desses acervos e para consolidar a museologia como campo estratégico na articulação entre ciência, memória institucional e saúde pública.

3.2.2 Estrutura Organizacional e Reconhecimento Institucional das Coleções Biológicas

Como exposto anteriormente, a Fiocruz atua em diferentes frentes de ação, e essa pluralidade se manifesta em sua estrutura organizacional. Atualmente, a instituição se desdobra em quatro vice-presidências, sendo uma delas a Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB). Em sua página oficial, a vice-presidência assume seu compromisso com as coleções biológicas:

> A VPPCB também coordena a gestão das coleções biológicas da Fiocruz, que são fontes de exemplares de micro-organismos, invertebrados, plantas e amostras histopatológicas relacionadas a pesquisas em saúde pública, além de oferecerem produtos e serviços qualificados para aplicações em CT&I. As coleções biológicas são partes essenciais da infraestrutura de pesquisa e fundamentais para áreas como conservação, pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico. Seu importante papel foi reconhecido pela nova lei brasileira, Lei 13.123/15, sobre o acesso aos recursos genéticos. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2024a)

Importante ressaltar que antes da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas ser uma realidade, a sua existência já era indicada como uma necessidade

para a preservação e trato com o conjunto das coleções biológicas. O trecho abaixo retirado do *Projeto Memória das Coleções Científicas* assinala essa demanda:

> "AK – Eu, eu fico muito preocupada quando às vezes as opiniões ficam em cima de uma cabeça só, não é...
> LM – É.
> AK – E quando essa cabeça consegue às vezes, esses assessores conseguem às vezes influenciar os diretores, não é, principalmente numa época que não tinham conselhos e tudo...Porque hoje em dia, eu acho que o, a existência de um CD [Conselho Deliberativo] ...
> LM – Um CD, é...
> NR – É.
> LM – Conselho de Diretor.
> AK – Como nós temos hoje, já é uma coisa que...
> LM – Democratiza muito mais.... as coisas.
> AK – Democratiza, já impede que saia...
> LM – É.
> AK – Essas opiniões pessoais...
> LM – Isso.
> AK – Com rixas...
> LM – E que isso prevaleça.
> AK – Com rixas...
> LM – Exatamente.
> AK – Pessoais, não é.
> LM – É, é.
> AK – Porque a gente sabe que era mais rixas pessoais do que...
> LM – É.
> AK – E problemas políticos...
> LM – Do que problema. Preocupação...
> AK – Do que científico...
> LM – Mesmo com...
> AK – Do que preocupação com a coleção." (HOINEFF, 2021, p. 65)[17]

Em questionário enviado a VPPCB, as respostas reafirmam que há 36 coleções biológicas institucionalizadas distribuídas em 5 diferentes acervos tipológicos: Microbiológicas, Zoológicas, Histopatológicas, Botânica e Arqueopaleontológica, com exceção da Coleção de Vírus do Biobanco da Biodiversidade e Saúde (CVBBS), que não está categorizada em nenhum grupo. Juntas, elas preservam cerca de 7 milhões de exemplares de bactérias, fungos, protozoários, vírus, helmintos, insetos, mamíferos silvestres, moluscos, amostras histopatológicas, material paleoparasitológico e exsicatas de vegetais.

De acordo com essa mesma fonte, as Coleções Históricas são, formalmente, a Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC), criada em 1901, as Coleções

[17] Ao ser perguntada pelas entrevistadoras Laurinda Rosa Maciel (LR), Magali Romero Sá (MR) e Nathacha Regazzini Bianchi Reis (NR) sobre a possibilidade de transferência das coleções biológicas no contexto da década de 70, uma referência ao período denominado Massacre de Manguinhos, Anna Kohn Hoineff (AK) afirma que gostaria que as decisões sobre as coleções pudessem ser tomadas a partir de discussões em um conselho deliberativo, ao invés de estarem sob a responsabilidade de uma só pessoa.

do Museu da Patologia (CSAP, CFA e CDEPAT), esse criado em 1903, a Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC) de 1913, a Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF) de 1922 e a Coleção de Moluscos do Instituo Oswaldo Cruz (CMIOC), criada em 1948.

Em relação aos eventos imprevistos significativos, a VPPCB destacou o Massacre de Manguinhos que, em palavras próprias, afetou diretamente o Museu da Patologia com suas coleções e a Coleção Entomológica, e o Incêndio no Pavilhão Lauro Travassos em 2023 que afetou duas das três coleções que compõem o Museu da Patologia. A Vice-Presidência destaca que investimentos em recursos humanos e financeiro para compra de insumos e mobiliários especiais vêm sendo realizados, tudo visando a salvaguarda e o tombamento dos exemplares das coleções afetadas pelo Massacre, chamado comumente de passivo histórico. Quanto ao incêndio, enfatiza-se a manutenção e expansão dos armários compactadores, a aquisição de insumos, a disponibilização de bolsas para a recuperação, ainda em curso, do acervo danificado.

Ao fim, a Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB) afirma que, em trecho retirado do questionário, “as Coleções Biológicas estão totalmente integradas ao PRESERVO, tanto na vertente de preservação e acesso físico, como digital”.

3.2.3 Coleção Arqueopaleontológica

A Coleção Arqueopaleontológica é o primeiro grupo das coleções biológicas da Fiocruz e é composta por apenas uma coleção: a Coleção Paleoparasitalógica e de Fezes Recentes de Animais (CPFERA). De acordo com a página oficial da coleção:

> [A] Coleção arqueopaleontológica tem como principal objetivo preservar e disponibilizar para pesquisa científica material único e irrecuperável de tempos antigos, que podem ser confrontados com amostras atuais e, com isso, subsidiar a formação de especialistas e estudos sobre a história das doenças do passado ao presente [..] (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2024b, *grifo nosso*)

A CPFERA está vinculada ao Departamento de Endemias Samuel Pessoa (DENSP), pertencente à Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) e está organizada em duas subcoleções: a Subcoleção de Coprólitos e Material Paleoparasitológico Luiz Fernando Ferreira e a Subcoleção de Fezes Recentes de Animais. O acervo é formado por material de interesse paleoparasitológico e se caracteriza como uma coleção *suis generis*, com cerca de 3.000 amostras coletadas em sítios arqueológicos e paleontológicos, composta por materiais de origem biológica de

animais, inclusive humanos, vegetais, sedimentos e, em menor escala, de artefatos. As amostras são originárias de vertebrados, incluindo grupos extintos e armazena diversos materiais de interesse para pesquisa de parasitos, principalmente coprólitos — fezes mumificadas ou fossilizadas naturalmente —, tecidos e corpos mumificados, sedimentos de cavidades corporais e latrinas, cabelos, dentes, itens alimentares e outros materiais oriundos de diversos sítios no Brasil e exterior e de diversas idades[18].

A história da CPFERA se inicia em 1978 no laboratório do Dr. Luiz Fernando Ferreira, então vinculado ao Departamento de Ciências Biológicas (DCB) da ENSP, responsável por criar o acervo de Coprólitos e Material Paleoparasitológico. Em 1984, surge a Subcoleção de Fezes Recentes de Animais com o objetivo inicial de dar apoio aos estudos de Paleoparasitologia, auxiliando na identificação da origem zoológica dos coprólitos. Essa subcoleção possui mais de 5.700 amostras de fezes de mamíferos, aves, répteis e anfíbios. A maioria de suas amostras foram coletadas no Brasil, em 13 estados, sendo que 30% do acervo foi coletado em Unidades de Conservação. Ela ainda possui cerca de 4% de amostras de aves da Antártica. Já foram identificadas até a categoria específica 61 espécies de vertebrados que originaram as amostras.

Em março de 2018, o acervo é cedido pelo Dr. Luiz Fernando Ferreira para uma sala exclusiva, no laboratório do DENSP, com condições ambientais adequadas à melhor conservação do acervo. Em fevereiro de 2019, a CPFERA é institucionalizada pela Fiocruz. As duas subcoleções contam com livros tombos físicos e digitalizados, bibliografia, imagens, documentos e fotografias impressas e digitais, banco de dados gráfico e não gráfico georreferenciados, em parte.

Entre 1978 e 2010, teve como curadores o Dr. Adauto José Gonçalves de Araújo e Dr. Luiz Fernando Ferreira. Após a Política Institucional de Coleções Biológicas de 2010 (Portaria n° 327/2010-PR), as duas coleções passaram a ter como curadora a Dra. Marcia Chame e como curador substituto o Dr. Adauto Araújo (Portaria da ENSP n° 14 de 07/07/2010). Em 2016, a Dra. Gleisse Kelly Meneses Nunes se torna curadora adjunta (Portaria da ENSP n° 067 de 11/10/2016).

Até aqui, todas as informações foram extraídas das páginas oficiais que tratam da Coleção Paleoparasitalógica e de Fezes Recentes de Animais (CPFERA).

As contribuições sobre a definição da CPFERA e a descrição do que a coleção preserva não apresentaram qualquer diferença com o disposto nas páginas oficiais. Contudo, em relação ao número de itens que compõem a coleção, atualiza-se a quantidade da Subcoleção de Fezes Recentes de Animais para mais de 7840 amostras.

---

[18] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção Paleoparasitalógica e de Fezes Recentes de Animais (CPFERA). [2024c]. Disponível em: http://cpfera.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

Quanto à caracterização do acervo como uma coleção histórica, foi ressaltado que, na área da Paleoparasitologia, a coleção não é só histórica como também única, tendo sida estabelecida junto da área de pesquisa pelo já citado pesquisador emérito Dr. Luiz Fernando Ferreira na Fiocruz.

A CPFERA (Figuras 31 e 32) nunca passou por qualquer evento que prejudicasse o acervo da coleção, sem necessidade de quaisquer ações de resgate ou recuperação a serem implementadas. A coleção está integrada ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO) e acusa recebimento de apoio material para a preservação física e digital.

Figura 31: Busca de amostras no acervo

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Figura 32: Pesquisadora trabalhando com uma amostra do acervo.

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

3.2.4 Coleção Botânica

O segundo grupo de Coleção Biológicas é o grupo da Coleção Botânica. Em sua página oficial[19], ela é descrita como sendo constituída por exsicatas de vegetais de uso medicinal encontrados em diferentes biomas brasileiros. Ela é composta por apenas uma coleção, a Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM).

A Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM) está sob o domínio do Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos) e sua história se inicia em 2001, quando esta é criada a fim de atender necessidades de coleta de material botânico para estudos fitoquímicos realizados pelo Laboratório de Produtos Naturais de Farmanguinhos[20].

Em 2016, ela passa a ser reconhecida institucionalmente como uma coleção biológica. Além disso, o herbário da CBPM está registrado no Index Herbariorum e cadastrado na Rede Brasileira de Herbários formada a partir da "Comissão de

[19] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção botânica. [2024d]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecao-botanica. Acesso em: out.–dez. 2024.
[20] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM). [2024e]. Disponível em: http://cbpm.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

Herbários" da Sociedade Botânica do Brasil (SBB). A CBPM é parte integrante da Plataforma Agroecológica de Fitomedicamentos (PAF) do Centro de Inovação em Biodiversidade e Saúde (CIBS) – Farmanguinhos / Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2024e). Atualmente, o curador da coleção é o Dr. Glauco de Kruse Villas Boas e o curador adjunto é o Dr. Marcelo Galvão.

Com as informações acerca do acervo da Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM) coletadas pelo questionário, é possível afirmar que a coleção é um herbário exclusivo de plantas medicinais que conserva exsicatas (Figuras 33 e 34), amostras de ramos de vegetal com flor e/ou fruto afixados em papel, de plantas, em sua maioria angiospermas não contemplando fungos, líquens ou algas. O acervo é composto por 1.801 exsicatas tombadas. Ademais, é especificado que a institucionalização da coleção acontece através de uma portaria em 2017.

A CBPM não é considerada uma coleção histórica e não possui histórico de acervo perdido ou danificado. E, em linhas gerais, a Coleção Botânica de Plantas Medicinais se integra ao PRESERVO, segundo a resposta ao questionário, através das ações da coordenação de coleção biológicas da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB).

Figura 33: Exempos de exsicatas do acervo

Créditos da Foto: Marcelo Neto Galvão

Figura 34: Exemplos de exsicatas do acervo

Créditos da Foto: Marcelo Neto Galvão

3.2.5 Coleções Histopatológicas

Constituindo o terceiro dos cinco grupos das Coleções Biológicas da Fiocruz, estão as Coleções Histopatológicas que formam 3 conjuntos: Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), Coleção de Febre Amarela (CFA) e Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT), todos vinculados ao Museu da Patologia (MP) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC).

De acordo com as informações oficiais divulgadas[21], essas coleções são constituídas por espécimes que representam recursos valiosos para a compreensão dos estados de saúde e de doença em humanos e demais animais. A curadora do Museu da Patologia e suas Coleções é a Dra. Barbara Cristina Euzebio Pereira Dias.

Em resposta ao questionário realizado por esta pesquisa, destacou-se a contribuição profissional do Dr. Henrique Lenzi, chefe do antigo Departamento de Patologia, a Dra. Jane Lenzi, chefe adjunta do mesmo departamento e o Sr. Carvalho, trabalhador que colaborou com a organização física dos acervos do Museu da Patologia.

A Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP) constitui o núcleo original do Museu da Patologia abrangendo peças anatômicas e patológicas de significância histórica e científica. Os 863 itens da CSAP remontam aos avanços científicos na saúde pública e no diagnóstico das principais doenças infecciosas, varíola, peste bubônica e febre amarela, do início do século XX, momento em que ela a coleção se inicia[22].

Em 1903, mais precisamente, a CSAP surge como consequência das ações de Oswaldo Cruz na direção da DGSP. À época, todo material que compôs a coleção vinha das autópsias nos hospitais de isolamento durante as campanhas sanitárias e de estudos científicos no Instituto Oswaldo Cruz. A sua organização se deve aos estudos de Henrique Rocha Lima na Alemanha e as peças foram preservadas no então Museu de Anatomia Patológica.

Entre o final da década de 1960 e o início de 1970, a CSAP e outras coleções do instituto são desmanteladas com o desmembramento dos laboratórios e das linhas de pesquisa básica e com a cassação de pesquisadores. Devido a esse passivo histórico, em 2006, é instituído um planejamento estratégico que visa recuperar e

---

[21] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleções histopatológicas. [2024f]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecoes-histopatologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

[22] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP). [2024g]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/csap-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

difundir os acervos das coleções histopatológicas[23]. Há, ainda, em páginas correlatas[24], menção a projetos específicos de reestruturação, recuperação, organização, modernização, divulgação, digitalização, exposição, visitação, integração, e preservação do acervo anatômico.

Com as informações coletadas através do questionário realizado com os gestores das coleções biológicas, é possível especificar que o acervo preserva não apenas peças anatômicas humanas, como também de outros animais e lâminas histológicas coradas e atualizar o quantitativo do acervo para entre 100 e 110 mil lâminas e 863 peças anatômicas.

Quando perguntada se a coleção pode ser considerada histórica, a reposta afirmativa se justifica por esta estar conectada à trajetória da Fiocruz e do desenvolvimento da patologia e medicina experimental no Brasil. Além disso, a importância da coleção é vislumbrada pelo próprio Oswaldo Cruz, quando este, ao idealizar o Castelo Mourisco, reservou um espaço para o que viria a ser o Museu de Anatomia Patológica, também chamado de Museu Anatômico, onde as peças anatômicas seriam expostas. Ademais, a reposta também salientou a exibição de tais peças em eventos científicos internacionais, como o XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim, em 1907 e em Dresden, em 1911 — ambos eventos já citados neste trabalho.

Quanto aos eventos imprevistos significativos que impactaram a coleção, o Massacre de Manguinhos volta a ser citado e delimitado como um momento em que todos os documentos e blocos de parafina que a CSAP abrigava foram perdidos. É explicitado que, no início dos anos 2000, peças anatômicas que tinham sido escondidas foram recuperadas, apesar de muitas já se apresentarem em estado de decomposição, e que armários contendo lâminas histológicas também foram encontrados. Com esses achados, foi possível restabelecer um total de 857 peças anatômicas e recuperar cerca de 100.000 lâminas.

Contudo, em tempos recentes, um incêndio ocorrido no Pavilhão Lauro Travassos em 30 de abril de 2023 atingiu parte do acervo do Museu da Patologia, voltando os esforços do corpo de trabalho para o resgate do acervo impactado. No momento da condução do questionário para este trabalho, foi informado que a parte de recuperação do acervo em via seca estava sendo finalizada e que a recuperação do

---

[23] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. CSAP – Recuperação e reorganização. [2024h]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/csap-recuperacao/. Acesso em: out.–dez. 2024.

[24] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Portfólio da Seção de Anatomia Patológica (CSAP). [2024i]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-csap/. Acesso em: out.–dez. 2024.

acervo conservado em via úmida estava sendo iniciado. Essa recuperação tem envolvido o desenvolvimento de protocolos de recuperação de material histológico, de descontaminação do material e de recuperação de slides e documentos.

A Coleção de Febre Amarela (CFA) é resultado da parceria entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller, que tinha como finalidade estabelecer métodos de identificação da febre amarela e a erradicação de seu vetor, o mosquito Aedes Aegypti. Ela é composta por 498 mil casos representados por amostras de fígado coletadas por viscerotomia[25].

Em 1928, a parceria com a Fundação Rockefeller é iniciada e, em 1931, a CFA já possui parte do seu acervo gerado pelo empreendimento do Laboratório de Histopatologia. Depois de 11 anos, em 1939, o convênio com a Fundação Rockefeller termina e o governo federal da continuidade a campanha ao criar o Serviço Nacional de Febre Amarela (SNFA). Em 1949, todo o acervo do Laboratório de Histopatologia da Febre Amarela do SNFA é transferido para o Instituto Oswaldo Cruz, onde permanece até os dias atuais.

Durante o período de 1930 a 1970, os registros indicam que 498 mil casos de febre amarela foram analisados e documentados. Para cada amostra de fígado coletada por viscerotomia, foi incorporada uma peça conservada em formol, um bloco parafinado e cortes histológicos corados em lâminas. Entre 1960 e 1970, devido à crise institucional que se instaurou durante o período da Ditadura Militar, o acervo correspondente ao material formolizado foi preservado, mas parte dos blocos e das lâminas se perdeu. Atualmente, o acervo da CFA está alocado no Pavilhão Lauro Travassos no campus Manguinhos.

Além do acervo biológico há, ainda, uma vasta documentação escrita impressa e iconográfica formada principalmente por protocolos de pesquisa, registros de casos, fichas com laudos de histopatologia e fotos de indivíduos ou locais de coleta. Esta documentação encontra-se sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz (COC), não estando localizada junto do acervo no IOC. Os documentos se encontram em salas com controle de temperatura e umidade no prédio da Expansão Fiocruz Maré a cargo do Departamento de Arquivo e Documentação da COC.

No portfólio de projetos da Coleção de Febre Amarela (CFA) do IOC, constam oito objetivos: recuperar organizar e modernizar espaço físico e acervo da CFA, disponibilizar permanentemente informações da coleção, implantar a digitalização

---

[25] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. História da Coleção de Febre Amarela (CFA). [2024j]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/cfa-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

permanente do acervo, criar um espaço não-formal de ensino-aprendizagem, promover acesso público através de visitação e visitações de pesquisa, divulgar e integrar a CFA cientificamente a nível nacional e internacional, preservar acervo biológico e repor blocos e lâminas e realizar de estudo retrospectivo das viscerotomias[26].

Com o questionário realizado, foi possível depreender que a Coleção de Febre Amarela (CFA) é, hoje, subdividida em Sub-Coleção Histórica e Sub-Coleção Experimental, sendo esta última uma coleção aberta que recebe depósito de material advindo de pesquisas e diagnósticos de febre amarela. Ao total, todo o acervo compreende entre 1.501.000 e 1.501.200 itens.

A CFA, salientada pela sua gestão, tem um caráter de alto valor histórico por representar um marco na história dos estudos de saúde pública, no entendimento das iniciativas de controle de uma doença em território nacional e das parcerias entre o governo brasileiro e instituições internacionais. Até a década de 1970, por exemplo, a Coleção de Febre Amarela era considerada um acervo de referência em histopatologia de fígado, sendo solicitada para o fornecimento de lâminas para estudo diagnóstico e treinamento de patologistas.

Assim como a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), a CFA também atravessou, à sua maneira, o período do chamado Massacre de Manguinhos, tendo seu material disperso ao longo das mudanças administrativas pelas quais a instituição passou. A fase inicial de recuperação desse passivo histórico data de 1980, quando a Dra. Italia Kerr começou a reunir o acervo disperso com a participação do Sr. Nelson, processo que perdura até os dias de hoje, com o inventário e a reorganização física sob a gestão da equipe do Museu de Patologia, devido ao grande volume do acervo. Há, ainda, de se ressaltar o incêndio de 2023, que também afetou parte da CFA, e que a sua recuperação tem seguido nos mesmos moldes explicitados na seção sobre a CSAP.

A Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT) reúne material biológico e documental proveniente dos ensaios de patologia experimental conduzidos com espécimes animais e humanos pelo Departamento de Patologia do IOC a partir de 1984. O acervo é composto por 65.000 blocos de parafinados, 240 lâminas de vidro com cortes histológicos corados, fichas de encaminhamento de material e mais de 500 mil imagens

[26] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Portfólio da Coleção de Febre Amarela (CFA). [2024k]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-cfa/. Acesso em: out.–dez. 2024.

analógicas e digitais das peças formolizadas e preparadas, além de estar em constante expansão[27].

Em 1976, o instituto, até então só composto pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC), é transformado em Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o IOC passa ser uma unidade da fundação e sua estrutura organizacional é reorganizada em departamentos. Em 1979, com o pesquisador José Rodrigues Coura na vice-presidência de pesquisa da Fiocruz e na direção do IOC, a então Divisão de Anatomia Patológica se transforma em Departamento de Patologia (DEPAT). Assim, desde 1981, com a reestruturação do departamento, o DEPAT se encontra no Pavilhão Gomes de Faria.

A CDEPAT, então, surge em 1984, com as atividades do Departamento de Patologia do IOC que buscavam resgatar a premissa da Escola de Manguinhos com uma abordagem mais atual. Contudo, em 1985, o DEPAT também assume a guarda das Coleções de Peças Macroscópicas do Museu de Patologia, que hoje tem uma coleção própria, a Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), e todos os itens relacionados à Febre Amarela, que atualmente estão reunidos na Coleção de Febre Amarela (CFA). Em 2005, há uma nova reorganização estrutural ocorre e o departamento passa a se chamar apenas Laboratório de Patologia.

Na página relacionada aos projetos atuais da CDEPAT[28], são mencionadas a recuperação, organização, modernização da coleção, a disponibilização permanente de informações, a digitalização permanente do acervo, a promoção, divulgação e integração do acervo com a comunidade científica nacional e internacional, e a preservação de todo o acervo biológico e a reposição de blocos e lâminas.

Sobre a definição da Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT), a resposta ao questionário especifica que o acervo científico de tipologia histopatológica é composto por material biológico, sendo tanto humano como animal, — material de reserva conservado em via úmida, blocos de parafina e lâminas histológica — e documental — com fichas de encaminhamento ao Setor de Histotecnologia — e imagens digitais de preparos histológicos com cerca de 900 mil itens provenientes de mais de 23 mil casos, estando em constante crescimento.

---

[27] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. História da Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT). [2024l]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/cdepat-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

[28] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Portfólio da Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT). [2024m]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-cdepat/. Acesso em: out.–dez. 2024.

A coleção representa, nas palavras do corpo questionado, a memória viva das atividades de ensino, pesquisa e consultoria realizadas pelo grupo de pesquisa do Departamento de Patologia ao longo dos mais de 40 anos de existência. Dessa forma, apesar de ser a mais nova das três coleções do Museu de Patologia, a existência da CDEPAT envolve o importante contexto da redemocratização pós Massacre de Manguinhos e o início da reorganização do IOC em departamentos, podendo ser considerada uma coleção de importância histórica. E, assim como ocorreu com as outras duas coleções, infelizmente, o incêndio de 2023 também afetou parte do acervo da CDEPAT. Seu processo de recuperação segue o padrão já explicitado acima nas seções sobre a CFA e a CSAP.

O Museu de Patologia, representando as três coleções biológicas, Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP), Coleção de Febre Amarela (CFA) e Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT), faz parte do PRESERVO através das plataformas de digitalização de lâminas, acervos tridimensionais e slides e documentos. Além de participar da rede de Laboratórios de Conservação.

3.2.6 – Coleções Microbiológicas

As Coleções Microbiológicas compõem o segundo grupo das coleções biológicas da Fiocruz e somam 16: (1) Coleção de Bactérias da Amazônia (CBAM); (2) Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (CBAS); (3) Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP); (4) Coleção de *Campylobacter* (CCAMP); (5) Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH); (6) Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF); (7) Coleção de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos (CCGB); (8) Coleção de Fungos da Amazônia (CFAM); (9) Coleção de Fungos Patogênicos (CFP); (10) Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (CFAS); (11) Coleção de *Leptospira* (CLEP); (12) Coleção de *Leishmania* (CLIOC); (13) Coleção de *Listeria* (CLIST); (14) Coleção de Protozoários (COLPROT); (15) Coleção de Trypanosoma de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP); (16) Coleção de *Yersinia pestis* (CYP).

De acordo com a sua página institucional[29], elas têm como função em comum a aquisição, preservação, identificação, catalogação e distribuição de micro-organismos autenticados que objetivam dar suporte à pesquisa científica. A Seguir as 16 Coleções Microbiológicas são tratadas uma a uma seguindo a enumeração indicada.

---

[29] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleções microbiológicas. [2024n]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecoes-microbiologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

(1) Coleção de Bactérias da Amazônia (CBAM):

A CBAM faz parte do Instituto Leônidas e Maria Deane (ILMD) que é a unidade técnico-científica da Fiocruz no estado do Amazonas e que tem a sua sede na cidade capital de Manaus. Junto da Coleção de Fungos da Amazônia (CFAM), elas compõem o quadro de Coleções Biológicas do Instituto Leônidas e Maria Deane[30].

A CBAM é um conjunto de bactérias da Amazônia provenientes de amostras clínicas e do meio ambiente que foram isoladas e conservadas pelos métodos de liofilização. A quantidade de amostras de 1.455 contempla ambas as coleções, a CBAM e a CFAM, sem qualquer menção aos números específicos de cada uma.

Em 1994, o ILMD é oficialmente criado através da Portaria Fiocruz 195/94 do dia 19 de agosto de 94. Anteriormente, o instituto se chamada Escritório Técnico da Fiocruz na Amazônia. Em 2001, a CBAM é fundada pelo pesquisador Sérgio Luiz Bessa Luz e, assim, inserida na política institucional da Fiocruz[31]. De 2006 até a data deste trabalho, a CBAM está sob a responsabilidade da pesquisadora e curadora Profa. Michele Silva de Jesus e da curadora adjunta Dra. Luciete Almeida Silva.

Em reposta ao questionário conduzido, a quantidade de itens que compõem a CBAM é esclarecida como sendo de aproximadamente 800 espécies de bactérias. Por estar associada ao início do ILMD e ter contribuído para a criação de tal instituto, a CBAM é referenciada como sendo uma coleção histórica. E desde sua criação, a coleção não sofreu consequências negativas quanto a eventos imprevistos significativos. Quanto a relação com PRESERVO, a Coleção de Bactérias da Amazônia não se encontra inclusa, sem informações adicionais sobre o motivo.

(2) Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (CBAS):

A CBAS está vinculada ao Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas (LIPMED) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). A coleção se refere a diversidade de bactérias cultivadas de diferentes nichos ambientais assim como aquelas que podem ter o impacto na saúde[32]. A CBAS dedica-se à manutenção e preservação de culturas,

---

[30] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Bactérias da Amazônia (CBAM). [2024o]. Disponível em: http://cbam.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.
[31] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Projeto Coleção Amazônia: iniciativas e acervos. [2024p]. Disponível em: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15935. Acesso em: out.–dez. 2024.
[32] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (CBAS). [2024q]. Disponível em: http://cbas.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

à caracterização taxonômica de linhagens bacterianas, ao fornecimento e depósito de exemplares, e à capacitação de profissionais e estudantes[33].

Em 2007, a coleção foi criada com o objetivo de isolar, identificar e preservar bactérias do solo da Mata Atlântica. A CBAS se estabeleceu no contexto de projetos que a Fiocruz traçou com outras instituições sobre a biodiversidade da Mata Atlântica do Rio de Janeiro e foi coordenado pela Dr. Ana Carolina Paulo Vicente. Em 2009, outros itens já armazenados, alguns anteriores ao projeto de bactérias do solo da Mata Atlântica, foram integrados a coleção inicial.

Assim, a CBAS possui um acervo diverso composto por 84 gêneros bacterianos que estão divididos em 5 subcoleções: a Coleção de Bactérias da Mata Atlântica (CBMA), a Coleção de Bactérias da Amazônia Azul (CBAA), a Coleção de Vibrio do Ambiente e Saúde (CVAS), a Coleção de Bactérias de Impacto na Saúde (CBIS), e a Coleção Geral de Bactérias do Ambiente (CGBA).

A Coleção de Bactérias da Mata Atlântica (CBMA) é o acervo que dá início à Coleção Principal e teve suas primeiras amostras de solo coletadas do Parque Nacional da Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro, um dos ecossistemas da Mata Atlântica, em julho de 2007.

A Coleção de Bactérias da Amazônia Azul (CBAA) é composta pelas bactérias que representam a microbiota do ecossistema que está localizado na plataforma continental brasileira conhecida como Amazônia Azul. E não há informações sobre o início do acervo.

A Coleção de Vibrio do Ambiente e Saúde (CVAS) surge na década de 1990 em ocasião da epidemia de cólera na América Latina. Ela abrange espécies do gênero *Vibrio* que foram isolados de infecções humanas e que são de diferentes nichos ambientais de diversos países. É uma coleção em constante expansão.

A Coleção de Bactérias de Impacto na Saúde (CBIS) contempla as bactérias pertencentes a vários gêneros isolados de infecções humanas, tais como *Klebsiella*, *Pseudomonas*, *Acinetobacter*, *Bordetella*, entre outros. Não possui informação disponibilizada sobre a data ou circunstâncias do início do acervo.

A Coleção Geral de Bactérias do Ambiente (CGBA) abrange espécies bacterianas de outros nichos ambientais que não estão contemplados nas demais coleções.

---

[33] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas (LIPMED). [2024r]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lipmed?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

Até aqui, todas as informações foram extraídas das páginas oficiais da CBAS. Atualmente, a curadora da coleção é a Dra. Verônica Viana Vieira e a curadora adjunta é a Dra. Catia Aparecida Chaia de Miranda.

Em resposta a este trabalho, foi informado que a Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (CBAS) como um todo está em constante expansão e que há entre 1000 e 1500 linhagens de bactérias.

Há, ainda, menção ao momento de criação da CBAS que, como apontado anteriormente, surge em 2007 com o nome de Coleção de Bactérias da Mata Atlântica — que depois de 2009 passa a ser o nome de uma subcoleção, deixando de ser a nomenclatura principal do acervo. A resposta ao questionário esclarece que esse surgimento se deu através de uma iniciativa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) / Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e Fiocruz com o projeto Implantação e Estruturação do Centro de Recursos Biológicos em Saúde e Ambiente da Fundação Oswaldo Cruz. De acordo com a resposta enviada, a CBAS é entendida como uma coleção histórica, apesar de não oferecer qualquer explicação que sustente tal afirmação.

A CBAS não possui acervo que tenha sido recuperado por consequência de eventos imprevistos significativos não precisando se referir, assim, a qualquer ação de resgate passada, presente ou futura. A coleção está ligada ao PRESERVO e afirma-se que essa integração ocorre através da cooperação com os membros da rede e responsáveis pelos acervos e que tem como propósito a transdisciplinaridade para a preservação desses.

(3) Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP):

A CBP está localizada no Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), uma unidade técnico-científica da Fiocruz, a Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP) conta com mais de 2.000 linhagens bacterianas de classe de risco 1, 2 e 3 [34].

Dois anos após a criação do INCQS em 1981, é definido como uma das estratégias desse instituto o estabelecimento da Coleção de Microrganismos de Referência em Vigilância Sanitária (CMRVS). Inicialmente, a coleção compreendia bactérias, fungos e arqueas. Em 2017, a CMRVS foi desmembrada em três coleções distintas, sendo uma delas a Coleção de Bactérias de Referência em Vigilância Sanitária (CBRVS), nome anterior da atual Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP). Atualmente,

[34] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP). [2024s]. Disponível em: http://cbp.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

um dos objetivos da CBP é a acreditação de ensaios de acordo com a Norma ABNT NBR ISO/IEC 17025. A curadora responsável pela coleção é a Dra. Debora Ribeiro de Souza Santos e o curador adjunto é o Dr. Ivano de Filippis[35].

Diferente do que é possível encontrar na página oficial da coleção biológica referenciada até aqui, o questionário esclarece que o acervo da CBP é composto por bactérias de interesse clínico de nível de biossegurança 2 (NB-2) (enterobactérias, não-fermentadores, cocos Gram-positivos, bactérias associadas às meningites bacterianas, bactérias associadas às ISTs, etc.) e que a Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP) preserva cepas isoladas de processos infecciosos em humanos e animais. Em relação à quantidade de itens que compõem a CBP, foi informado que, de fato, se possui mais de 2.000 linhagens bacterianas, mas que apenas 160 cepas estão disponíveis para fornecimento já que coleção está passando por uma reestruturação.

A CBP não é considerada histórica e nunca passou por qualquer evento que tenha prejudicado ou colocado o acervo em risco, sem necessidade de expor a coleção a ações de resgate ou recuperação.

Por último, é indicado que a Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP) não está ligada ao PRESERVO por motivos desconhecidos, ainda que se demonstre interesse em relacioná-la a essa política.

(4) Coleção de *Campylobacter* (CCAMP):

A CCAMP é mantida pelo setor de *Campylobacter* do Laboratório de Zoonose Bacterianas (LABZOO) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e é composta por cerca de 1.500 linhagens de *Campylobacter sp*. de diferentes fontes e cerca de 1.800 de cepas, um acervo que cresce continuamente[36].

No início dos 1990, Ana Luiza Lauria Filgueiras funda a CCAMP pois a maioria dos laboratórios não incluíam microrganismos da *Campylobacter sp.* em suas investigações. Em 2001 a CCAMP é reconhecida institucionalmente pelo IOC. Atualmente, a curadora responsável é a Dra. Sheila da Silva Duque e o curador adjunto é o Prof. Wagner Thadeu Cardoso Esteves[37].

---

[35] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS). [2024t]. Disponível em: https://www.incqs.fiocruz.br/index.php?option=com_content&view=featured&Itemid=166. Acesso em: out.–dez. 2024.

[36] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Campylobacter (CCAMP). [2024u]. Disponível em: http://ccamp.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

[37] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Zoonose Bacterianas (LABZOO). [2024v]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labzoo?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

De acordo com as informações coletadas a partir do questionário, a CCAMP é composta por cepas bacterianas isoladas de amostras de origem alimentar, animal, humana e ambiental resultantes de projetos de pesquisa realizados pelo Laboratório de Zoonoses Bacterianas. É possível ainda saber que a CCAMP preserva cepas bacterianas pertencentes ao gênero *Campylobacter sp.*, sendo majoritariamente das espécies *Campylobacter jejuni* e *Campylobacter coli*, as principais espécies de importância clínica no mundo, já que são causadoras de infecção com risco de sequelas e, até mesmo, óbitos em alguns casos. E atualizando o número disponibilizado na página oficial da CCAMP, é informado que, em 2025, existem aproximadamente 2.000 cepas depositadas. Não há dados que justifiquem a classificação da CCAMP como uma coleção histórica e nem que a envolvam em períodos de crises sanitárias do país.

A CCAMP enfrentou descongelamentos imprevistos que resultaram na perda de amostras que estavam armazenadas por cerca de 30 anos por conta de pane dos equipamentos elétricos que mantinham as cepas em temperaturas abaixo de -80ºC. A cada pane, o acervo foi exposto a temperaturas inadequadas, que estavam acima do limite permitido, causando a perda da viabilidade celular de bactérias e o insucesso do seu cultivo *in vitro*.

A renovação dos estoques, uma prática contínua e programada que já fazia parte da rotina da CCAMP, vem auxiliando na identificação de cepas com inviabilidade de cultivo, possibilitando que todos os recursos disponíveis sejam utilizados para reverter os danos causados àquela amostra e tentar recuperar o material. Ainda que as cepas não consigam ser recuperadas, elas permanecem armazenadas para possibilitar tentativas futuras. Não há conhecimento sobre a CCAMP estar vinculada ao PRESERVO e nem sobre um possível motivo para que esse vínculo não exista.

(5) Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH):

Entre o período de 2015 a 2023, a Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH) esteve ligada ao Laboratório de Infecção Hospitalar (LABIH)[38]. Contudo, com o atual processo de credenciamento de laboratórios do IOC finalizado, a coleção está sob a responsabilidade do Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR) no IOC, que é fruto da fusão do Laboratório de Infecção Hospitalar com o Laboratório de Fisiologia Bacteriana[39]. O

[38] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Infecção Hospitalar (LABIH) – Arquivo. [2024x]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lapih_arquivo. Acesso em: out.–dez. 2024.
[39] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH). [2024w]. Disponível em: http://ccbh.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

acervo da CCBH tem mais de 5 mil cepas de bactérias representativas de 30 espécies distintas e mantém cultura de bactérias originárias de surtos hospitalares de várias regiões do Brasil[40].

Em 1995, a CCBH surge como resultado da atuação do grupo de pesquisa de Bacteriologia Médica e Infecção Hospitalar pertencente, à época, ao laboratório de mesmo nome. As atividades da coleção “permitiram a preservação das cepas obtidas através da pesquisa realizada pelo Laboratório ao mesmo tempo em que alimentava essas pesquisas”.

Em 2007, as coleções do antigo Departamento de Bacteriologia do IOC, a CCBH, a CLST, a CENT e a CCAMP, se unem e formam a CCBS, sendo esta reconhecida institucionalmente pela Fiocruz em 2011. Em 2012, a Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH) volta a ser uma coleção independente.

A CCBH é filiada à World Federation for Culture Collections (WFCC) sob o registro WDCM 947 e fiel depositária no Conselho de Gestão de Patrimônio Genético - CGEN (N° 022/2010 e 604/2014). Cerca de 100 amostras com genomas sequenciados estão depositadas no GeneBank. O curador responsável pela CCBH é o Dr. Claudio Marcos Rocha de Souza e a curadora adjunta é a Dra. Irys Hany Lima Gonzalez.

O questionário conduzido permitiu que o acervo da Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH) fosse mais bem especificado e quantificado. É afirmado que as 600 amostras clínicas representam diversas espécies de bacilos Gram-negativos, como *Escherichia coli*, *Klebsiella pneumoniae*, o complexo *Enterobacter cloacae*, *Serratia marcences*, *Proteus mirabilis*, *Providencia rettgeri*, *Pseudomonas aeruginosa*, o complexo *Acinetobacter baumannii*, entre outras. Essas cepas ainda abrigam uma ampla variedade de genes de resistência a antimicrobianos, como *blaKPC, blaNDM, blaOXA-370, blaVIM, blaSPM, blaIMP, blaBKC, mcr-1, mcr-5, blaOXA-23, bla-OXA-143, blaOXA-58,* entre outros. Além disso, informou-se que a Dra. Marise Dutra Asensi foi a idealizadora e primeira curadora da CCBH.

O questionário não ressaltou qualquer trajetória que ranqueie a CCBH como uma coleção histórica, assim como não faz menção a nenhuma perda ou danos a acervo por causa de eventos imprevistos significativos. Quanto ao PRESERVO, a coleção não está integrada ao complexo “na prática”, fazendo uso das palavras utilizadas. É explicado que a atuação do PRESERVO contribui para a valorização da memória científica e institucional associada à coleção, salientando que a CCBH pode contribuir com o PRESERVO disponibilizando registros que documentam a sua atuação científica.

---

[40] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR). [2024y]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labsur. Acesso em: out.–dez. 2024.

(6) Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF):

A CCFF faz parte do Laboratório de Taxonomia Bioquímica e Bioprospecção de Fungos (LTBBF) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Ela é considerada uma das coleções históricas da Fiocruz, já que caminha junto com a própria história institucional. O acervo tem milhares de cepas de fungos de diferentes grupos taxonômicos que foram isolados de diferentes substratos. “Entre os espécimes depositados, está a histórica cepa original do *Penicillium Notatum*, cedida pelo Instituto Butantan, usada por Alexander Fleming na descoberta da penicilina” [41].

A CCFF passa a existir com a fundação do Laboratório de Taxonomia Bioquímica e Bioprospecção de Fungos em 1922 por Olympio da Fonseca, que assume a função de diretor da seção de micologia do IOC quando apontado por Carlos Chagas. Entre 1922 e 1937, Olympio manteve um importante intercâmbio científico que possibilitou expandir continuamente a coleção de fungos. Nessa mesma época, alguns dos cientistas que trabalhavam com o Olympio da Fonseca foram cassados e forçados ao afastamento pela ditadura de Vargas durante o chamado Estado Novo[42].

Em algum momento entre 1937 e 1953, a seção de Micologia passa a ser chamado de Laboratório de Micologia do IOC e fica sob a chefia do Dr. Area Leao. Em 1953 é publicado o primeiro catálogo de fundos do acervo do Laboratório de Micologia do IOC. Em 1989, a CCFF filia-se à World Federation for Culture Collections (WFCC) sob o registro 720 e, em 2005, ela filia-se a Federacion Latinoamericana de Colecciones de Cultivos (FELACC).

Em 2019, o acervo da Coleção Micológica de Trichocomaceae (CMT), tem as cepas de fungos filamentosos transferidos para a CCFF após a aposentadoria do fundador e curador da CMT. No momento de pesquisa e escrita desta tese, a Dra. Simone Quinelato Bezerra está como curadora e a Dra. Áurea Maria Lages de Morais é a curadora adjunta.

O questionário sobre a Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF) acrescentou significativamente ao histórico, quantitativo e entendimento da coleção, adicionando muitos dados ao que foi encontrado na página oficial da CCFF. Sobre a sua composição, é descrito que o acervo da CCFF é composto por 1.536 cepas de

---

[41] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Taxonomia Bioquímica e Bioprospecção de Fungos (LTBBF). [2024z]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/ltbbf?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

[42] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Cultura de Fungos Filamentosos (CCFF). [2024aa]. Disponível em: http://ccff.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

fungos filamentosos, abrangendo 143 gêneros e 319 espécies e inclui 18 cepas tipo, dentre elas, a cepa tipo de *Penicillium notatum*, apontada anteriormente.

O acervo encontra-se integralmente preservado em óleo mineral estéril e parcialmente liofilizado e criopreservado, método utilizado desde sua fundação em 1922. E é possível estimar a média de 3.856 amostras em óleo, 15.532 amostras liofilizadas e 386 amostras criopreservadas, resultando num total aproximado de 19.774 amostras.

Em relação a sua história, o depoimento retorna a um período anterior a da criação da coleção em 1922, iniciando a cronologia em 1919, quando Carlos Chagas, então diretor do IOC, designou Olympio da Fonseca à especialização na área de Micologia, e uma bolsa de estudos nos Estados Unidos em um acordo com a Fundação Rockefeller lhe foi concedida. Durante sua estadia no exterior, os vários fungos isolados lhe permitiram organizar uma coleção de 800 exemplares.

Em fins de 1922, quando Olympio fica ao encargo de criar a CCFF e chefiar a Seção de Micologia, há a menção ao ingresso de Arêa Leão ao quadro de funcionários do Instituto, pesquisador de grande importância que descreveu espécies de fungos e publicou trabalhos com Olympio da Fonseca. Uma das principais atividades do laboratório já consistia na manutenção das culturas vivas.

Em 1980, o Departamento de Micologia é criado e fica responsável pela guarda do acerco da CCFF, e a chefia do Laboratório de Micologia fica a cargo da Dra. Pedrina Oliveira. Em 1992, cria-se o Laboratório de Coleção de Culturas de Fungos do Departamento de Micologia, que será chefiado pela Dra. Maria Inez Sarquis a partir de 1994. Ela, já em 1997, é nomeada curadora do acervo da Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF).

Quanto a impactos consequentes de eventos imprevistos significativos, é mencionado o episódio do Massacre de Manguinhos em 1970, em que pesquisadores tiveram seus direitos políticos cassados e ficaram proibidos de exercer atividades de pesquisa em qualquer instituição pública, além de terem sido aposentados compulsoriamente. Entre os cientistas cassados, estava Dr. Masao Goto, que, à época, desenvolvia pesquisas sobre substâncias antitumorais presentes em fungos com Arêa Leão e Moacyr Vaz de Andrade, também pesquisador vinculado à coleção. Apesar de não ter sofrido nenhuma perda no acervo, é o momento em que a CCFF passa por um significativo período de latência e não valorização já que as atividades da coleção foram interrompidas. Em outros períodos, de maneira generalizada, é afirmado que, até o momento da realização do questionário, a CCFF não passou por eventos ou perdas de grande magnitude.

A CCFF está integrada ao PRESERVO através da Rede de Laboratórios de Conservação e Restauração que visa articular diferentes infraestruturas e equipes da Fiocruz e contribuir para a pesquisa na ciência do patrimônio e garantir a preservação dos acervos de maneira integrada, promovendo seu acesso tanto para as gerações atuais quanto para as futuras. As ações da Rede incluem consultorias técnicas realizadas por conservadores e restauradores das unidades da Fiocruz.

(7) Coleção de Culturas do Gênero *Bacillus* e Gêneros Correlatos (CCGB):

A CCGB é vinculada ao Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR) do IOC. Ela conta com 1.888 cepas de 47 espécies de *Bacillus* e 5 gêneros correlatos. O acervo é composto de linhagens que provêm de diferentes origens do planeta, incluindo amostras isoladas da Antártica[43].

A história da CCGB começa em 1979, quando ela foi iniciada em consonância com as atividades do programa do Laboratório de Fisiologia Bacteriana (LFB). O seu reconhecimento institucional pela Fiocruz chega em 1986. Em anos posteriores, a CCGB ganha ainda mais notoriedades já que em 1988 ela passa a integrar o conjunto de Coleções de Culturas Nacionais, por fazer parte do Programa Setorial de Coleções promovido pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Em 1989 ela se torna filiada a World Federation of Culture Collection (WFCC) sob o registro WDCM574. Em 1992, a coleção tem o seu primeiro catálogo publicado. Atualmente, a curadora é a Dra. Adriana Marcos Vivoni e a bióloga Josiane Teixeira de Brito está como curadora adjunta[44].

Em resposta a esta tese, é adicionada a informação de que as amostras da CCGB têm diversas origens, como solo, insetos, espécimes clínicos e alimentos e que as amostras isoladas de material da Antártica são uma adição recente à coleção. Há, também, a atualização de quantidade de itens para cerca de 2.000. Além disso, dá-se ênfase a colaboração do Dr. Leon Rabinovitch, que foi curador da CCGB desde sua criação até 2017.

É afirmado que a CCGB pode ser considerada histórica pela data em que se iniciou, apesar de não haver relação da coleção com qualquer evento canônico da

---

[43] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR). [2024ab]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labsur?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

[44] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos (CCGB). [2024ac]. Disponível em: http://ccgb.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

formação da Fiocruz. Também não há indícios de que a coleção tenha passado por eventos imprevistos significativos que tenham causado a perda de acervo. Por motivos que não são informados, a Coleção de Culturas do Gênero *Bacillus* e Gêneros Correlatos (CCGB) não está integrada ao PRESERVO.

(8) Coleção de Fungos da Amazônia (CFAM):

Junto da CBAM, como relatado anteriormente, a CFAM compõe a Coleção Biológica do Instituto Leônidas e Maria Deane (CBILMD), a unidade técnico-científica da Fiocruz no estado do Amazonas. O acervo é composto por fungos filamentosos conservados sobre óleo mineral e que foram isolados das mais diversas fontes, tais como ar, solo, água, plantas, frutos, humanos e outros animais[45]. A quantidade de amostras de 1.455 contempla ambas as coleções, a CBAM e a CFAM, sem qualquer menção aos números específicos de cada acervo[46].

Em 1994, o ILMD é oficialmente criado através da Portaria Fiocruz 195/94 do dia 19 de agosto de 94. Anteriormente, o instituto se chamada Escritório Técnico da Fiocruz na Amazônia. Em 2001, a CFAM é fundada pelo pesquisador Sérgio Luiz Bessa Luz e inserida na política institucional do instituto. De 2006 ao momento de escrita deste trabalho, a curadora dessa coleção é a pesquisadora Dra. Ormezinda Celeste Cristo Fernandes. E, atualmente, a Profa. Josy Caldas da Silva se junta ao quadro de profissionais da CFAM como curadora adjunta.

Em reposta ao questionário conduzido, a quantidade de itens que compõem a CFAM é esclarecida como sendo de 1.600 exemplares. Diferente da relação que a CBAM traça com o ILMD, a CFAM não é vista como uma coleção histórica. A coleção também nunca passou por eventos imprevistos significativos que justificassem a recuperação do seu acervo.

Segundo as respostas dadas ao questionário, o fato da Coleção de Fungos da Amazônia não estar vinculada ao PRESERVO é possivelmente explicada por se tratar de uma coleção de unidade regional, no caso, o ILMD.

---

[45] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Fungos da Amazônia (CFAM). [2024ad]. Disponível em: http://cfam.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

[46] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção Biológica do Instituto Leônidas e Maria Deane - CBILMD. [2024ae]. Disponível em: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15277. Acesso em: out.–dez. 2024.

(9) Coleção de Fungos Patogênicos (CFP):

A CFP é parte do Laboratório de Micologia do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI). O acervo engloba fungos agentes de micoses sistêmicas, micoses cutâneas e subcutâneas representando espécies reconhecidas como patógenos humanos e animais[47].

O início da CFP data de 2008, quando essa foi criada com o objetivo de reunir todas as linhagens de fungos patogênicos preservadas em três diferentes coleções de pesquisa do Laboratório de Micologia do INI. Ela está cadastrada na World Federation for Culture Collections (WFCC) sob o registro WDCM951[48]. Atualmente, a curadora responsável é a Dra. Luciana Trilles e a curadora e a Profa. Rosani Santos Reis é a curadora adjunta.

De acordo com as informações coletadas pelo questionário, o acervo da Coleção de Fungos Patogênicos (CFP) é composto por 1.400 cepas fúngicas. Ainda é exposto que o acervo é composto por fungos de origem clínica humana e animal e do ambiente desde os anos 1980 — provavelmente data que se inicia uma das três coleções de pesquisa que deram início a atual CFP. Enfatiza-se, também, a criação do Laboratório de Micologia em 1986 pelo pesquisador Bono Wanke e a contribuição da Márcia dos Santos Lazéra como curadora da coleção.

Em linhas gerais, a CFP não é considerada uma coleção histórica e não tem histórico de ter passado por eventos de perda significativa. A coleção está vinculada ao PRESERVO e recebe auxílio deste na manutenção do acervo.

(10) Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (CFAS):

A CFAS faz parte do Laboratório de Microrganismos de Referência do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS). A coleção mantém cerca de 49 fungos filamentosos e 29 leveduras NB-1 e NB-2 de origem clínica e ambiental, além de provenientes de produtos sujeitos a ação da vigilância sanitária[49].

O INCQS é fundado em 1981 e dois anos depois, em 1983, ele estabelece como objetivo estratégico o estabelecimento de uma Coleção de Microrganismos de

---

[47] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Fungos Patogênicos (CFP). [2024af]. Disponível em: http://cfp.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.
[48] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Seção de Micologia do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI). [2024ag]. Disponível em: https://www.ini.fiocruz.br/micologia.html. Acesso em: out.–dez. 2024.
[49] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (CFAS). [2024ah]. Disponível em: http://cfas.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

Referência em Vigilância Sanitária (CMRVS) que seria responsável pelas cepas utilizadas em ensaios de controle da qualidade de produtos. Em 2012, ela se torna a primeira coleção biológica brasileira a ter ensaios de viabilidade, pureza e autenticação acreditados pelo Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (INMETRO). Em 2017, devido à complexidade dos itens que compunham a CMRVS, essa foi desmembrada dando origem a atual Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (CFAS). Atualmente, a curadora é a Profa. Claudia Ribeiro Souto.

Pelas repostas enviadas através do questionário, é possível definir que há 600 itens no acervo da CFAS e que esse acervo é preservado pelos métodos de liofilização e/ou congelamento. Ainda é citado como um nome importante a Marília Martins Nishikawa, curadora da coleção por mais de 30 anos antes da gestão atual. A coleção é considerada histórica por estar ligada a primeira coleção estabelecida pelo INCQS.

Quanto à vinculação ao Complexo de Acervos da Fiocruz, a CFAS não faz parte das coleções que aderiram ao PRESERVO. Apesar de não haver um motivo aparente para a inexistência do vínculo, a gestão da Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde entende que o seu acervo se encaixa nos objetivos de preservação e divulgação do PRESERVO.

(11) Coleção de *Leptospira* (CLEP):

A CLEP está alocada no Laboratório de Referência Nacional em Leptospirose, um centro colaborador da Organização Mundial da Saúde (OMS), que está vinculado ao Laboratório de Zoonoses Bacterianas (LABZOO) no Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O acervo da CLEP inclui cepas obtidas de fontes humanas, animais e ambientais e provém de diversas áreas geográficas. De acordo com sua página oficial, “poucos laboratórios no mundo possuem coleção semelhante, em virtude dos custos e das dificuldades de manutenção de bactérias do gênero *Leptospira*, devido ao seu crescimento fastidioso *in vitro*” [50].

Inicialmente, o serviço de diagnóstico de leptospirose ficava localizado na Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e apenas na década de 1970 ele é transferido para o Instituo Oswaldo Cruz (IOC). Em 1990, foi criado o Programa de Vigilância da Leptospirose pelo Ministério da Saúde do Brasil e o Laboratório de Referência Nacional em Leptospirose (LRNL) foi credenciado. E é nesse contexto que a CLEP surge, já que, até aquele momento, as cepas de leptospirose somavam um pequeno número e eram

[50] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Leptospira (CLEP). [2024ai]. Disponível em: http://clep.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

resultado de pesquisas de alunos de pós-graduação. Ao longo dos anos outras cepas de referência oriundas de coleções internacionais foram sendo incorporadas à coleção.

Já em 2007, o Laboratório de Referência Nacional em Leptospirose (LRNL) foi designado para ser colaborador da Organização Mundial da Saúde (OMS). Com essa parceria consolidada, os acervos do Centro Mundial de Referência da OMS e do Centro Nacional de Referência do Instituto de Medicina Tropical da Holanda foram transferidos para a guarda da CLEP.

Na década seguinte, três fatos marcam a história da CLEP. Em 2011, a coleção foi reconhecida institucionalmente pela Fiocruz e as linhagens transferidas para o acervo em 2007 passaram a integrar o acervo e foram disponibilizadas em catálogo. Em 2012. A CLEP filiou-se a World Federation of Culture Collections (WFCC), sob o registro WDCM1012. Atualmente, a curadora responsável é a Dra. Ilana Teruszkin Balassiano e como curadora adjunta está a Dra. Kátia Eliane Santos Avelar.

Através da pesquisa que esta tese aplicou, é informado que a CLEP é composta por 374 cepas e que a pesquisadora responsável pelo primeiro credenciamento do Laboratório de Referência Nacional em Leptospirose e pela designação do Centro Colaborador da OMS foi a pesquisadora Dra. Martha Maria Pereira.

Além disso, é confirmado que, devido a sua cronologia remeter aos serviços de diagnóstico de leptospirose da ENSP, a Coleção de Leptospira pode ser considerada uma coleção histórica. A CLEP não tem histórico de perda de acervo por razão de eventualidades danosas significativas. E por falta de informação sobre o PRESERVO, não se sabe dizer o motivo da não integração da CLEP a essa política de preservação.

(12) Coleção de *Leishmania* (CLIOC):

A CLIOC integra a Rede de Centros de Recursos Biológicos para Avaliação da Conformidade de Material Biológico (REDECR), coordenada pelo Centro de Referência em Informação Ambiental (CRIA). Entre os coexecutores estão o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fiocruz, o Centro Nacional de Pesquisas de Recursos Genéticos e Biotecnologia da EMBRAPA, o Centro Pluridisciplinar de Pesquisas Químicas, Biológicas e Agrícolas e a Associação Técnico-Científica Paul Ehrlich[51].

O acervo da CLIOC é composto por protozoários do gênero *Leishmania*, que englobam as espécies reconhecidas (patógenos e não patógenos humanos) e genótipos específicos com ampla representatividade da biodiversidade estudada em *Leishmania*

[51] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Leishmania do Instituto Oswaldo Cruz (CLIOC). [2024aj]. Disponível em: http://clioc.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

neotropicais. A coleção possui mais de 1.600 cepas de 31 espécies que representam grupos taxonômicos de *Leishmania* provenientes de diversos locais e diferentes hospedeiros, sendo a maior parte com origem na América do Sul. A coleção está cadastrada no World Federation For Culture Collections (WFCC) sob o registro WDCM731 e é reconhecida como fiel depositária pelo Ministério do Meio Ambiente.

O início da coleção retorna ao momento que o Dr. Gabriel Grimaldi Filho foi contratado pela Fiocruz em 1978 para chefiar o Laboratório de Pesquisa em Leishmaniose. Dois anos depois, em 1980, a CLIOC é criada com o apoio do IOC, da Fundação e da Organização Mundial da Saúde (OMS). No momento, a curadora responsável é a Dra. Elisa Cupolillo e como curadoras adjuntas estão a Dra. Rosane Maria Temporal e a Dra. Mariana Côrtes Boité.

A contribuição dada pela Coleção de Leishmania (CLIOC) ao questionário detalhou que há 3.865 amostras depositadas no acervo, sendo 1.077 disponíveis em catálogo e 745 ainda não inventariadas. Ainda foi esclarecido que o Dr. Gabriel Grimaldi Filho chegou ao IOC em 1977, sendo o responsável pela fundação da CLIOC. Outro pesquisador destacado é o Dr. Hooman Momen, citado como um incentivador da coleção desde o seu início.

Não há nenhuma característica intrínseca a CLIOC que a permite ser classificada como coleção histórica, e ela também não sofreu nenhum dano ou perda por causa de eventos imprevistos significativos. Não há conhecimento sobre a vinculação da coleção ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO) e nem sobre o motivo que fundamento a falta de vínculo.

(13) Coleção de *Listeria* (CLIST):

O acervo da CLIST, vinculado ao Laboratório de Zoonoses Bacterianas (LABZOO) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), engloba mais de 2.000 cepas de bactérias patogênicas que pertencem aos gêneros *Listeria* e *Yersinia* provenientes de diversas fontes de infeção e transmissão e regiões do país e do exterior. No geral, essas cepas são originárias de projetos de pesquisas acadêmicas ou de redes de laboratórios oficiais de saúde pública e instituições privadas. A CLIST é filiada a World Federation for Culture Collection (WFCC) sob o registro WDCM1055.[52]

Nas décadas de 1950 e 1960, estudos pioneiros de investigação sobre a brucelose humana e animal pelo Dr. Genésio Pacheco resultaram na identificação de vários gêneros de *Listeria* e *Yersinia* que estão isoladas e mantidas até os dias atuais.

[52] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Zoonose Bacterianas (LABZOO). [2024v]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labzoo?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

Contudo, é só na década de 1970 que a CLIST se iniciará, fazendo parte da coleção de trabalho do pesquisador Ernesto Hofer. Em 1992, o Laboratório de Zoonoses Bacterianas é criado com o objetivo de unificar várias linhas de pesquisas que estavam, antes, individualizadas na estrutura do antigo Departamento de Bacteriologia do IOC. Em 2008, a Fiocruz reconhece institucionalmente a CLIST como uma coleção. A curadora responsável pela coleção no presente momento é a Dra. Deyse Christina Vallim da Silva e o biólogo Rodrigo de Castro Lisbôa Pereira ocupa a posição de curadora adjunto[53].

Através dos questionários conduzidos por este trabalho, é possível determinar que, atualmente a coleção é composta por mais de 2.300 itens, número maior do que aquele encontrado em sua página oficial. É possível, também, entender a CLIST como uma coleção histórica já que ela se inicia como uma coleção de pesquisa em 1970, e devido ao período que ela existe, ela funciona como um retrato histórico da listeriose no Brasil pelos estudos realizados pela Fiocruz neste campo da ciência.

Tal historicidade também se apresenta na viabilidade e identificação incerta de parte do acervo, que sofreu, ao longo das décadas, complicações em sua conservação por causa de problemas nos equipamentos de refrigeração. As ações de resgate atuais envolvem a implementação gradual de uma rotina de identificação para recuperação e inclusão no acervo principal.

A Coleção de *Listeria* (CLIST) não se encontra incluída no Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), pois, segundo as informações enviadas, o PRESERVO tem como foco a preservação de acervos que precisavam de equipamentos para digitalização de exemplares e armazenamento especial, o que não abrange as necessidades da CLIST que trabalha com um acervo de bactérias vivas que precisam ser reativadas ou mantidas viáveis.

(14) Coleção de Protozoários (COLPROT):

A COLPROT está vinculada ao Laboratório de Doenças Parasitárias (LDP) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) é uma coleção constituída majoritariamente por protozoários representantes da classe *kinetoplastea.*[54]

---

[53] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Listeria (CLIST). [2024ak]. Disponível em: http://clist.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.
[54] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Protozoários (COLPROT). [2024al]. Disponível em: http://colprot.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

A COLPROT surge na última década do séc. XX, quando, em 1991, acontece a organização de diversos representantes da família *trypanosomatidae*. Em 1995, ela é reconhecida institucionalmente pelo nome Coleção de Tripanossomatideos do Instituto Oswaldo Cruz (CT-IOC). Em 2010, ela é reconhecida institucionalmente uma segunda vez, dessa vez sob o nome Coleção de Protozoários (COLPROT), denominação que carrega até os dias de hoje, devido a reestruturação do acervo em 2009. Dois anos depois, a COLPROT é filiada a World Federation of Culture Collections (WFCC) sob o número de registro WDCM1020 e disponibiliza o seu acervo digitalmente.

Junto com as informações acima, todas retiradas da página oficial da COLPROT no domínio da Fiocruz, há uma menção, sem data de publicação, sobre as atividades que estão sendo realizadas com a coleção, como projetos que "visam mapear marcadores que permitam uma rápida identificação de cada isolado, bem como a ampliação de seu acervo e escopo para outros protozoários como *Bodo*, *Euglena*, *Giardia*, *Trichomonas*, *Plasmodium*, entre outros"[55]. A curadora da COLPROT é Dra. a Helena Lúcia Carneiro Santos e a curadora adjunta é a Profa. Sheila Medeiros dos Santos Pereira.

Com as contribuições feitas através do questionário, a gestão da COLPROT agregou à definição da coleção a informação de que o acervo de protozoários composto pela classe Kinetoplastea pertence majoritariamente à família Trypanosomatidae, à família Hexamitidae e à família Trichomonadidae, a informação de que a coleção preserva espécimes-tipo do *Trypanosoma cruzi*, *Trypanosoma rangeli*, *Phytomonas*, *Crithidias*, *Herpetomonas*, *Leptomonas*, *Angomonas*, *Giardia sp*., *Trichomonas sp*, etc, e o fato de que há cerca de 645 itens no acervo. Também foram salientados os nomes dos pesquisadores Leonidas Deane e Maria Deane, já chefes do Laboratório de Doenças Parasitárias, e da pesquisadora Claudia Levy, uma das curadoras da coleção, como nomes de grande importância para a história da COLPROT.

Ademais, é afirmado que a Coleção de Protozoários (COLPROT) pode ser identificada como uma das coleções históricas, apesar de não haver menção a sua história antes da formação da CT-IOC, apenas a informação de que esta surge a partir da organização de um acervo diverso sem denominação formal, como pode ser empreendido pelas informações retiradas da página oficial e compiladas acima.

Além dessa lacuna sobre a historicidade da CT-IOC, hoje COLPROT, o questionário com gestores também sinalizou que há ações de resgate e recuperação

---

[55] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Protozoários (COLPROT). [2024al]. Disponível em: http://colprot.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

sendo realizadas no presente momento com relação ao acervo ainda pertencente a CT-IOC para verificação de viabilidade do parasito. Esse dado sugere, portanto, que a CT-IOC passou por algum momento de latência, desmonte ou outro tipo de evento imprevisto significativo anterior ao longo da sua existência. A não vinculação da Coleção de Protozoários (COLPROT) ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO) é explicada por este ter como objetivo a preservação de documentos históricos e de monumentos culturais, o que não se aplicaria, seguindo a definição dada, ao acervo da COLPROT.

(15) Coleção de *Trypanosoma* de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP):

A COLTRYP está relacionada ao Laboratório de Biologia de Trypanossomatideos (LABTRIP) do IOC. O seu acervo reúne cerca de 1.000 isolados de *Trypanosoma cruzi* e outros Trypanossomatídeos obtidos de diferentes espécies de mamíferos silvestres domésticos e vetores distribuídos nos biomas brasileiros[56].

Os estudos pioneiros da pesquisadora Maria Deane sobre a interação do *Trypanosoma cruzi* com o gambá *Didelphis Marsupialis* em 1981 dão espaço para a COLTRYP surgir. Em 1994, o LABTRIP começa a desenvolver pesquisas que irão virar a Coleção de *Trypanosoma* de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP). Em 19 de abril de 2009, a coleção é reconhecida institucionalmente pela Fiocruz. A COLTRYP é filiada à World Federation of Culture Collections (WFCC) sob o registro WDCM949. A curadora da coleção é indicada como sendo a Dra. Fernanda Moreira Alves pela página da coleção[57] e a Dra. Ana Maria Jansem pela página[58] do laboratório, contudo, ambas fontes mencionam a Dra. Cristiane Varella Lisboa como a curadora adjunta.

Com as informações obtidas através do questionário, pode-se somar a o fato de que o acervo da COLTRYP incluem 1.009 insolados de tripanossomatídeos de

---

[56] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Trypanosoma de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP). [2024am]. Disponível em: https://coltryp.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.
[57] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Trypanosoma de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP). [2024am]. Disponível em: https://coltryp.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.
[58] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Biologia de Tripanossomatídeos (LABTRIP). [2024an]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labtrip?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

mamíferos de oito ordens diferentes (*Artiodactyla, Carnivora, Chiroptera, Cingulata, Didelphimorphia, Pilosa, Primates, Rodentia* e *Squamata*) e da família de triatomíneos *Reduviidae* (Ordem *Hemiptera*). Por ser uma coleção que remonta aos estudos pioneiros e transformadores da pesquisadora Maria Deane em 1981, a COLTRYP é entendida como sendo uma coleção histórica. Ademais, a coleção não possui acervo a ser recuperado por consequência de eventos imprevistos significativos.

Em relação a integração ao Complexo de Acervo da Fiocruz (PRESERVO), a gestão da COLTRYP afirma que, assim como todas as outras coleções biológicas, a coleção está vinculada ao PRESERVO de maneira formal. Contudo, ela aponta que, na prática, não há apoio ativo da política junto à coleção, já que, na ocasião de problemas estruturais, de equipamento e de recursos humanos, a COLTRYP precisa acionar a assistência de outras fontes.

(16) Coleção de *Yersinia pestis* (CYP):

A CYP é mantida pelo Serviço Nacional de Referência em Peste (SRP) do Instituto Aggeu Magalhães da Fiocruz (IAM/Fiocruz-PE) situada em Recife, capital de Pernambuco, e é composta por 916 cepas brasileiras isoladas de casos de peste humana, roedores e outros pequenos mamíferos e ectoparasitos de vários focos do Nordeste do Brasil durante períodos epidêmicos ou nas ações de vigilância nos períodos interepidêmicos e por 15 cepas estrangeiras[59].

A CYP teve início no Plano Piloto de Peste (PPP) na cidade de Exu, Pernamuco, um projeto patrocinado pelo governo brasileiro e pela Organização Mundial da Saúde que ocorreu entre 1966 e 1974. Com a extinção do PPP em 1974, a CYP é transferida para o Laboratório Central de Garanhuns, também em Pernambuco. Em 1982, ela passa para o domínio da Fiocruz, tendo o seu acervo transferido para o Laboratório de Peste do IAM[60].

As 916 cepas da Coleção de *Yersinia pestis* (CYP) foram isoladas do estado de Pernambuco, da Chapada de Borborema, e de outros estados, como Ceará, Bahia e Minas Gerais entre 1966, momento em que ela surgiu, e 1997, ano em que ela recebeu

---

[59] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleções Biológicas do Instituto Aggeu Magalhães (CBIAM). [2024ao]. Disponível em: https://www.cpqam.fiocruz.br/pesquisa/colecoesbiologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.
[60] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Yersinia pestis (CYP). [2024ap]. Disponível em: https://cyp.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.

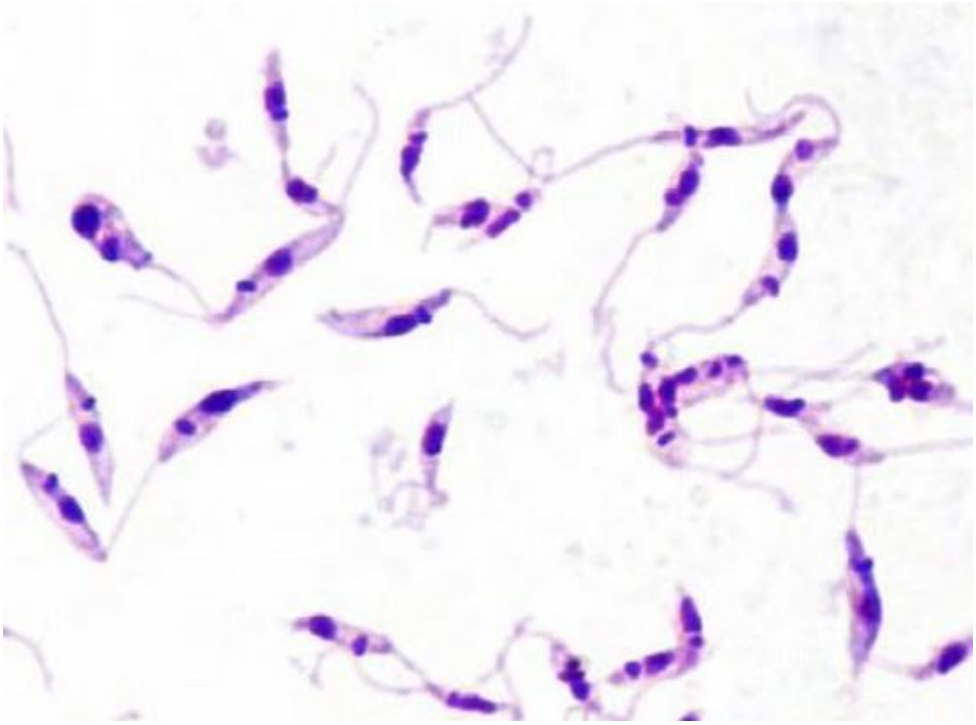
os últimos espécimes obtidos no Brasil durante as ações de vigilância e controle da peste em áreas focais. Em 2007, a coleção foi reconhecida institucionalmente pela Fiocruz. A CYP é filiada à World Federation of Culture Collections (WFCC) sob o registro WDCM1040, e está sob a responsabilidade da curadora Dra. Alzira Maria Paiva de Almeida e da curadora adjunta Dra. Marise Sobreira Bezerra da Silva.

Em levantamento realizado pelo questionário desta tese, os gestores da Coleção de *Yersinia pestis* declaram que além das 916 culturas, há, também, registros fotográficos documentando isolados e processos laboratoriais, um acervo didático formado por manequins paramentados com vestimentas históricas e contemporâneas relacionadas à peste, lâminas com espécimes para microscopia e representações de pulgas, bactérias, testes diagnósticos e meios de cultura impressos em 3D. Cita-se, até, o nome da pesquisadora Dra. Nilma Cintra como uma das curadoras adjuntas de grande importância para a coleção.

Desde o seu surgimento com o Projeto Piloto da Peste (PPP) até a atual guarda pelo Instituo Aggeu Magalhães da Fiocruz, a CYP é responsável por contar a história da coleta e pesquisa da peste no Brasil, sendo, assim, reconhecida como uma das coleções históricas da Fiocruz. Ao longo dos anos, devido às mudanças nas condições de armazenamento, algumas culturas foram contaminadas ou perdidas, casos que se enquadram nos eventos imprevistos significativos. A CYP trabalha de maneira contínua para tentar recuperar o acervo perdido.

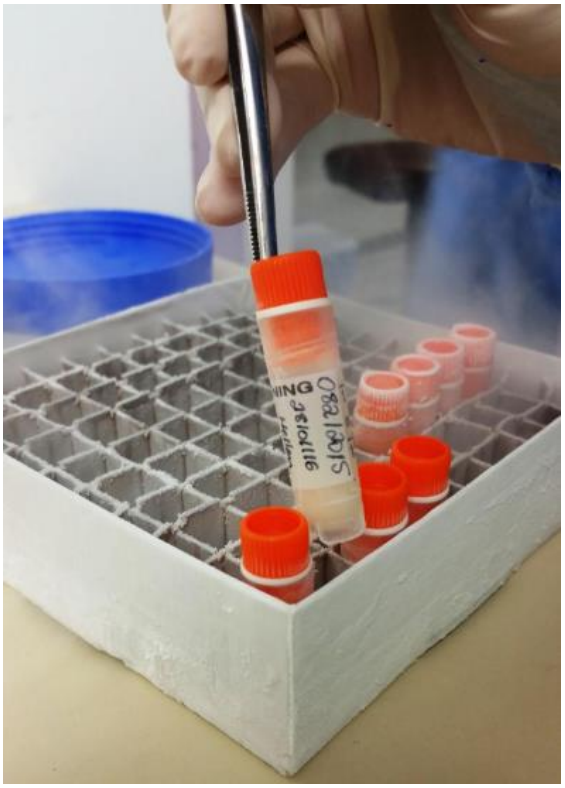
A Coleção de *Yersinia pestis* (CYP) não está integrada ao PRESERVO, pois, segundo o questionário, apesar de terem sido realizadas iniciativas de identificação de documentos históricos associados à coleção entre profissionais do IAM e da COC, o acervo documental não pôde ser tratado pela COC já que ele não possui cópias físicas ou digitais e é utilizado como fonte de pesquisa e ensino no IAM.

Figura 35: Formas promastigotas em cultura - CLIOC-IOC FIOCRUZ



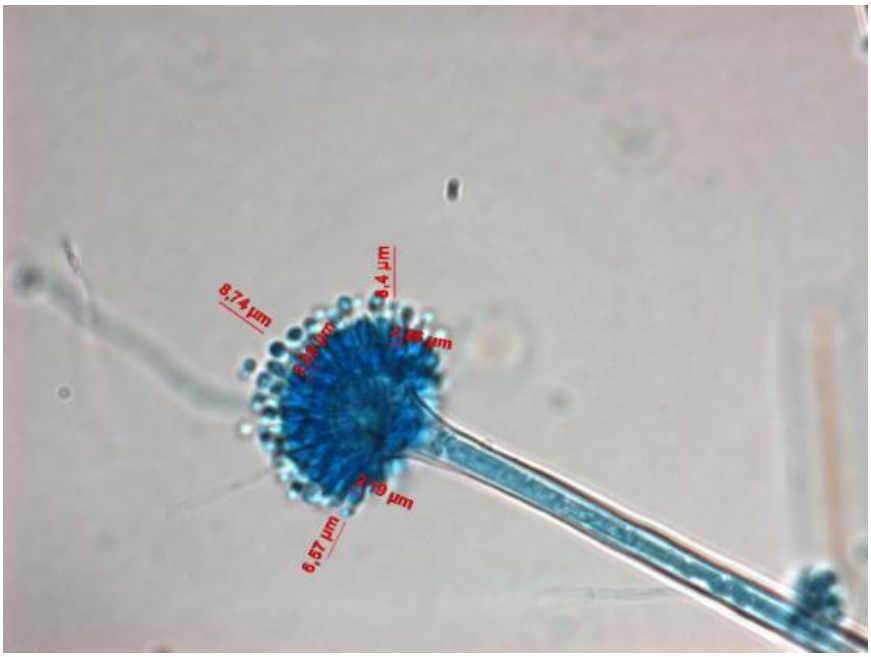
Créditos da Foto: Equipe da CLIOC

Figura 36: Ampola contendo *Leishmania sp*. Criopreservada



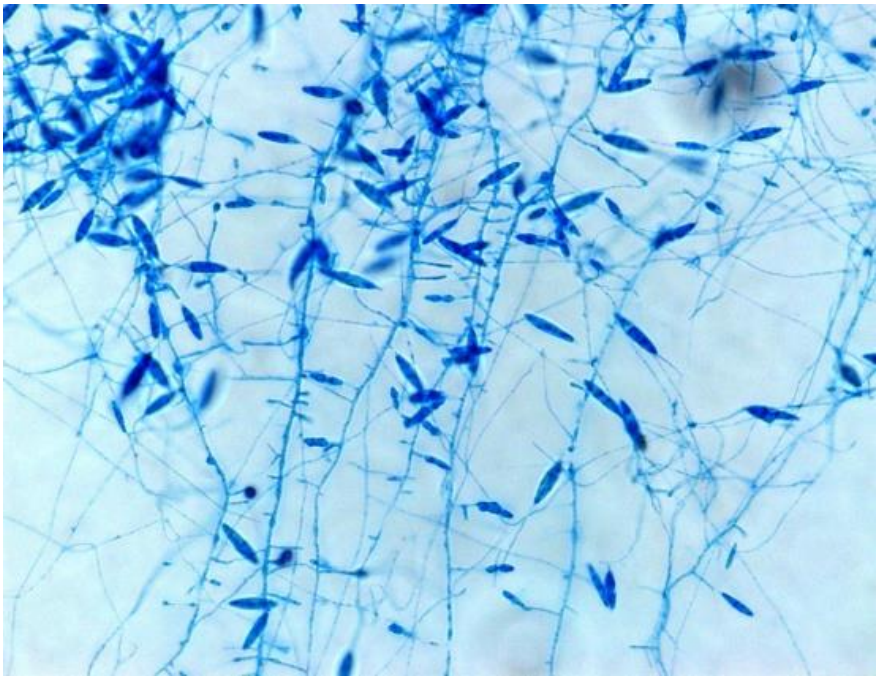
Créditos da Foto: Acervo da CLIOC - Rosane Temporal

Figura 37: *Aspergillus versicolor*



Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Figura 38: *Microsporum gypseum*



Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

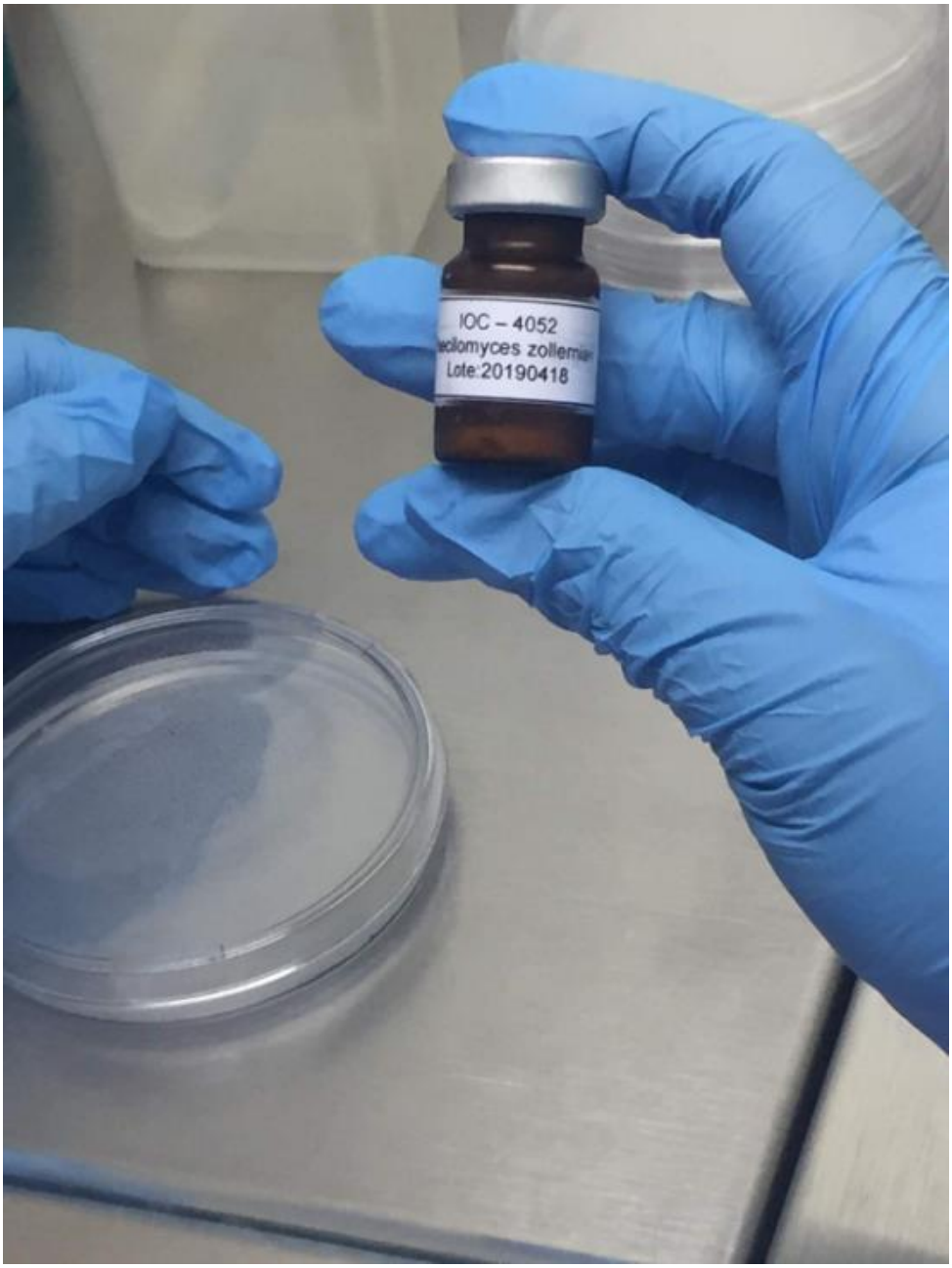
Figura 39: Cultura de fungo filamentoso e suas características macromorfológicas.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Figura 40: Amostras do acervo histórico da Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF) preservadas em óleo mineral. Em destaque o subcultivo da cepa de Penicillium notatum isolada por Alexander Fleming.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Figura 41: Amostra liofilizada do acervo da CCFF.



Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

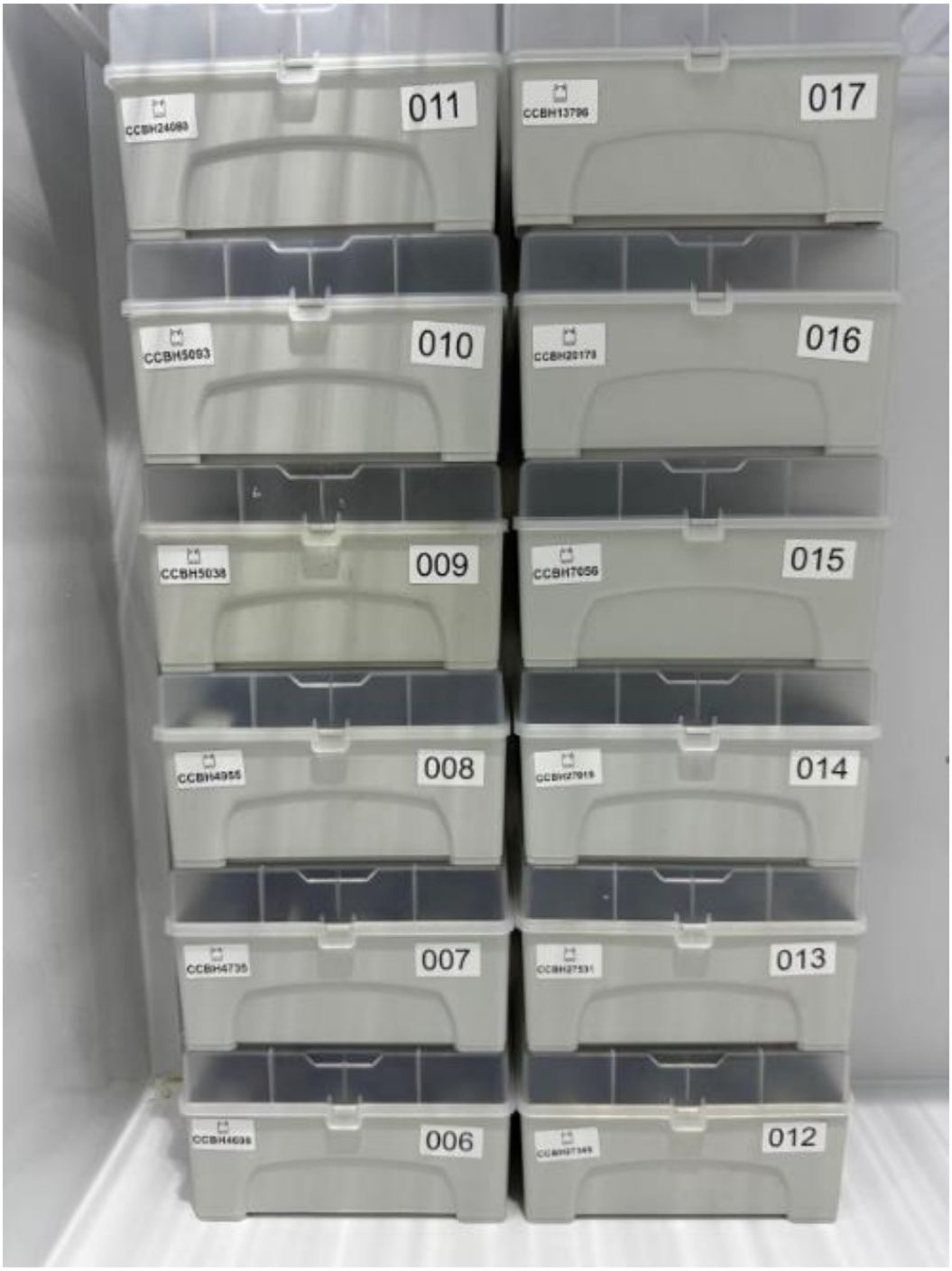
Figura 42: Amostras do acervo da CCFF criopreservadas.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Figura 43: Amostras bacterianas liofilizadas

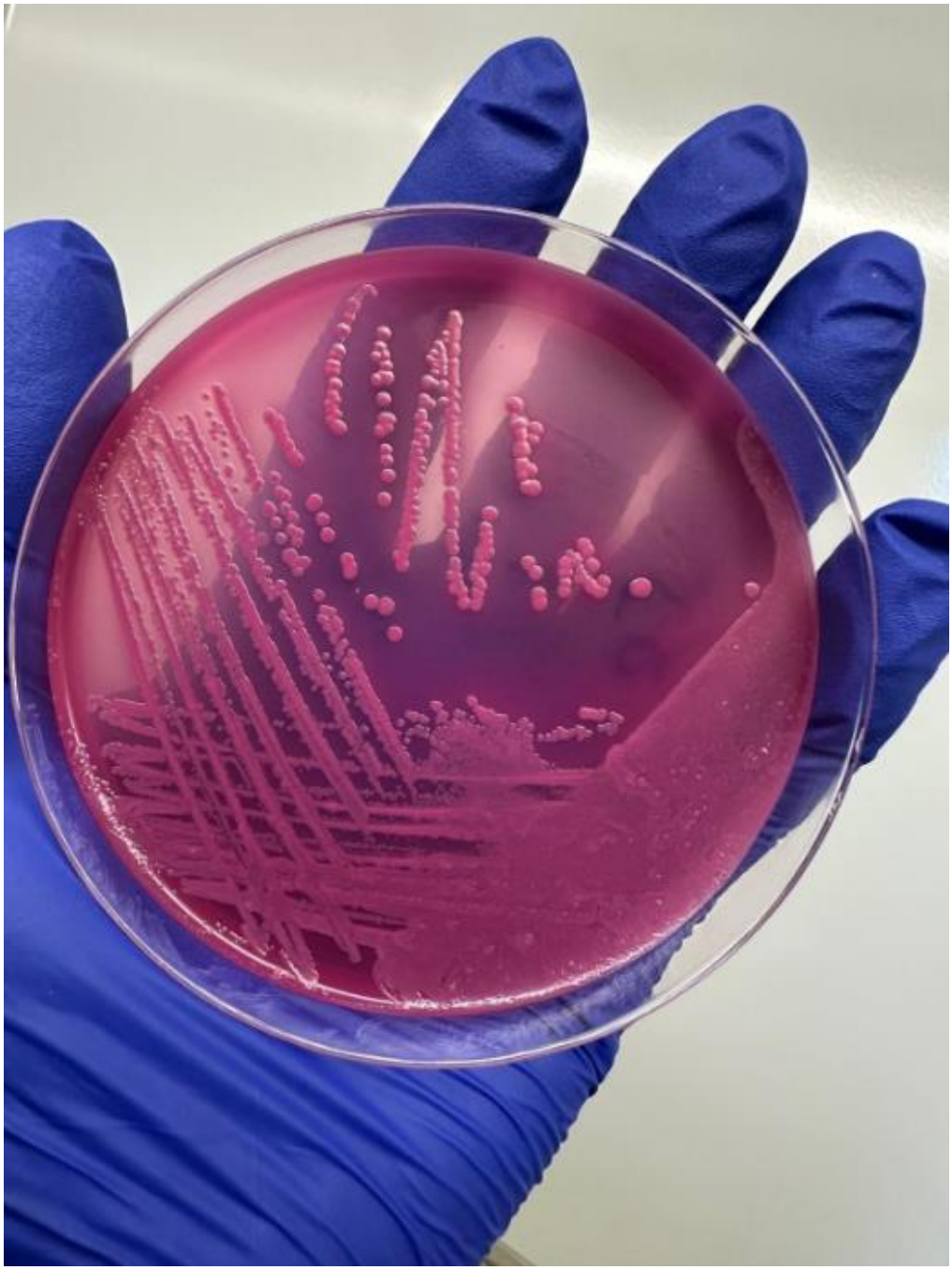
Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Figura 44: Ampolas liofilizadas guardadas



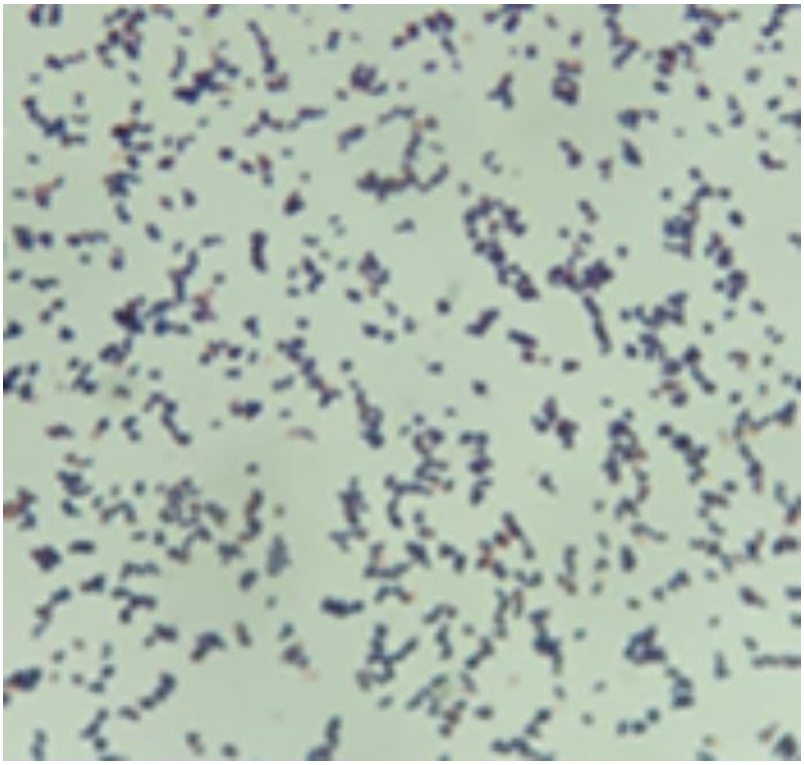
Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Figura 45: Amostra bacteriana semeada em ágar Macconkey



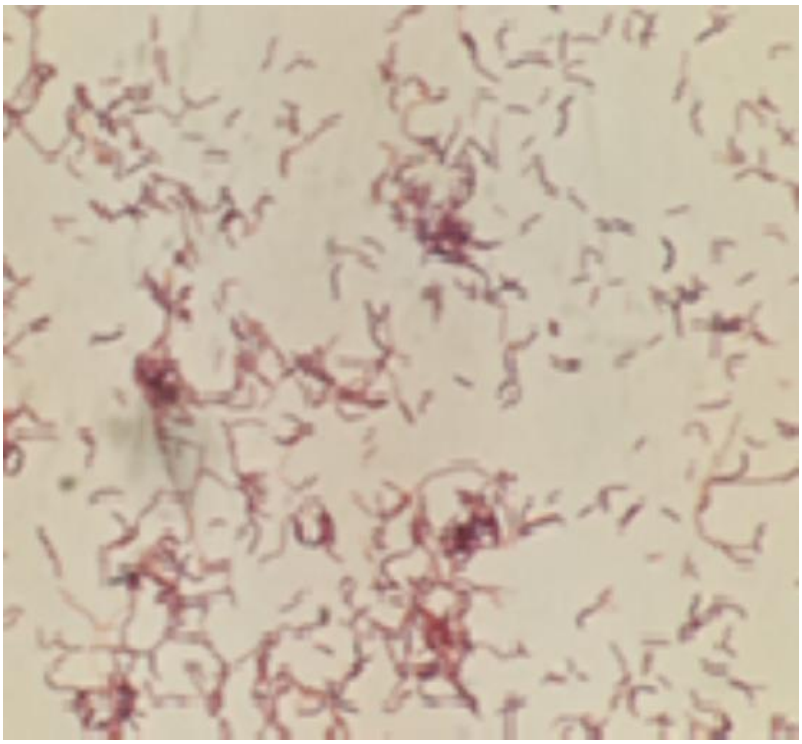
Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Figura 46: *Staphylococcus sp.*



Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Figura 47: *Metabacillus sp.*



Créditos da Foto: Equipe da CBAS

3.2.7 Coleções Zoológicas

As Coleções Zoológicas formam, portanto, o quinto e último grupo das Coleções Biológicas da Fiocruz. De acordo com a sua página oficial, elas:

> "garantem a denominação de grupos de organismos e estabelecem a base de informação para análises de distribuição geográfica, diversidade morfológica, relações de parentesco e evolução das espécies, levando a uma maior compreensão sobre a relação epidemiológica dos vetores e reservatórios com seus agentes infecciosos" (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2024aq).

Essa variedade é representada pelos seguintes acervos: (1) Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios (COLMASTO); (2) Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (CAVAISC); (3) Coleção de *Ceratopogonidae* (CCER); (4) Coleção de *Culicidae* (CCULI); (5) Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC); (6) Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB); (7) Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC); (8) Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC); (9) Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (CSIOC); (10) Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (CTIOC); (11) Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos (COLVET); (12) Coleção de Malacologia Médica (CMM); (13) Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN).

(1) Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios (COLMASTO):

A COLMASTO foi iniciada concomitantemente com a criação do Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios (LABPMR) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), antigo Laboratório de Biologia e Controle de Esquistossomose (LBCE). A COLMASTO é composta por mais de 12 mil espécimes de mamíferos silvestres de todas as regiões do Brasil, de maneira específica, "mais de 10 mil roedores, de 37 gêneros diferentes, e mais de mil marsupiais, incluindo espécimes de 12 gêneros. Espécimes de morcegos também fazem parte do conjunto, contemplando 28 gêneros. Há ainda exemplares de mamíferos de médio e grande porte, como primatas, quatis e porcos do mato" [61].

---

[61] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios (LABPMR). [2024ar]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labpmr?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

Tanto A COLMASTO quanto o LABPMR foram criados na década de 1980. O reconhecimento institucional da coleção chegou em 2023. E, atualmente, o curador da coleção é o Dr. Paulo Sérgio D'Andrea e como curadorares adjuntos estão o Dr. Roberto do Val Vilela e a Dra. Cibele Rodrigues Bonvicino[62].

Em reposta ao questionário conduzido, alguns nomes relacionados a COLMASTO foram salientados, como o do Dr. Luis Rey, ex-chefe do laboratório desde a sua fundação em 1980 até os meados dos anos 2000, o do tecnologista José Wandique Fraga da Costa, colaborador da coleção entre os anos 1990 e 2000, o do Dr. Cláudio Bidau pesquisador visitante entre 2006 e 2008 e o do Dr. Rui Cerqueira, mentor e incentivador da coleção desde o seu início. Ainda foi salientado que, apesar da recente institucionalização da coleção, ela já se destaca como um acervo de referência nacional na integração entre biodiversidade e vigilância epidemiológica há cerca de 30 anos, o que a configuraria, sim, como uma coleção histórica.

Segundo a mesma fonte, até o momento presente, não há registros públicos sobre perdas na COLMASTO e, portanto, não há acervo a ser recuperado. Por fim, é explicado que, devido a recente institucionalização, a coleção ainda não está integrada ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), tendo iniciado esse processo ao participar do 2º Seminário do programa.

(2) Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (CAVAISC):

A CAVAISC está sob a responsabilidade do Laboratório de Carrapatos e Outros Artrópodes Ápteros (LAC) do IOC, que é Referência Nacional em Vetores das Rickettsioses. A coleção é composta por carrapatos, ácaros, pulgas e piolhos vetores envolvidos na transmissão de bioagente das Rickettsioses. A CAVAISC possui mais de 5.846 lotes com aproximadamente 28.017 espécimes de inúmeras localidades do Brasil e de outros países[63].

A história da CAVAISC tem seu início em 1908 com a realização de expedições científicas pelo interior do país e a criação da Coleção Entomológica do Instituo Oswaldo Cruz (CEIOC), que foi o embrião para a coleção atual da CAVAISC e na qual 40 espécies de carrapatos foram listadas. Um ano depois, a coleção passou a ser

---

[62] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios (COLMASTO). [2024as]. Disponível em: https://colmasto.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.

[63] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (CAVAISC). [2024at]. Disponível em: https://cavaisc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

denominada Coleção Ixodológica e foi estabelecida institucionalmente pelo Dr. Henrique de Beaurapaire Rohan Aragão, chefe do Laboratório de Estudo de Carrapato, até o momento de seu falecimento em 1956.

Com o Massacre de Manguinhos, muitos espécimes foram perdidos e, após levantamento, foi detectado que dos 5.833 espécimes existentes em fichas catalogadas restavam apenas 1293. Nesse mesmo período, a então Coleção Ixodológica quase se perdeu por falta de pessoal qualificado. Em 1992, o pesquisador José Jurberg, chefe do Departamento de Entomologia do IOC, firmou convênio de cooperação técnica e científica entre a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o IOC, o que possibilitou a retomada da pesquisa com carrapatos. O Dr. Serra-Freire assumiu o cargo de diretor e definiu que a coleção teria dois acervos: um histórico, fechado, com o material depositado na época do Dr. Henrique Aragão e outro aberto para depósito que iria constituir a nova Coleção Ixodológica.

Em 2006, com o credenciamento do Laboratório de Referência Nacional em Vetores das Rickettsioses, a Coleção Ixodológica incorporou outros artrópodes vetores ápteros envolvidos na transmissão de bioagentes de rickettsias, o que culminou na denominação Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (CAVAISC). Dois após a nova nomenclatura, em 2008, a coleção foi reconhecida institucionalmente pela Fiocruz, com o reconhecimento formalizado pela portaria 526/2011-PR em 29/08/2011. Atualmente, a curadora é a Dra. Marinete Amorim e a curadora adjunta é a Profa. Liege Renata Siqueira.

De acordo com as respostas enviadas em questionário, é possível detalhar que o acervo da CAVAISC é composto de artrópodes ápteros da Classe *Arachnida* e da Classe *Inseta*, sendo preservados não apenas carrapatos, ácaros, pulgas e piolhos, como disposto nas páginas oficiais, como também amblipígios, escorpiões e aranhas, totalizando 82.210 exemplares. Uma outra contribuição foi com a lista de alguns dos curadores da coleção: Dr. Henrique de Beaurapaire Rohan Aragão até 1956, Dr. Nicolau Maués da Serra Freire de 1992 a 2015, e Dra. Marinete Amorim de 1997 até a atualidade.

Por ter surgido em 1909 como resultado dos estudos do Dr. Henrique Aragão, a CAVAISC é entendida como uma coleção histórica. Essa historicidade, contudo, não passou ilesa do “Massacre de Manguinhos”, já que o material biológico da Coleção Histórica Henrique Aragão (CAVAISC-HIS) sofreu diversos sinistros e está, atualmente, passando por um processo extenso de restauração, catalogação e digitalização.

A sua integração ao PRESERVO, “projeto de digitalização de acervo” em palavras do respondente, se dá através da integração da câmara técnica de coleções

biológicas do IOC e da COC com o recebimento de bolsa e com a aquisição de equipamentos.

(3) Coleção de *Ceratopogonidae* (CCER):

Composto por ceratogonídeos, conhecidos popularmente como maruins ou mosquitos pólvora, a CCER é vinculada ao Laboratório de Díptera (LABDIP) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O acervo tem aproximadamente 10 mil exemplares e a coleção é constituída por espécies pertencentes a 20 gêneros provenientes do Brasil e de outros 23 países da América Latina e Estados Unidos[64].

Um pequeno acervo histórico que advém de trabalhos pioneiros de Adolfo Lutz nas primeiras décadas do séc. XX representa o início da CCER. Entre 1978 e 1980, a coleção é incrementada por Tavares e outros pesquisadores com espécies da região Sudeste. Em 1992, o Laboratório de Díptera (LABDIP) foi criado, e a Coleção de *Ceratopogonidae* (CCER) é vinculada a este em 1998. A coleção é reconhecida institucionalmente pela Fiocruz 13 anos depois, em 2011. Atualmente, a curadora da CCER é a Dra. Maria Luiza Felippe Bauer, e como curadora adjunta está a Dra. Maria Clara Alves Santarém[65].

O questionário citado permitiu que algumas informações sobre o acervo fossem atualizadas. Sabe-se, agora, que a fauna neotropical de dípteros categorizados em 24 gêneros de hematófagos, predadores e polinizadores da família *Ceratopogonidae* é proveniente de 30 países. São aproximadamente 5900 lotes com 148 espécies tipos, além de material históricos e de referência.

Apesar da CCER preservar material histórico de cientistas como Adolfo Lutz, o que a configuraria como uma coleção histórica, o acervo conhecido hoje nasce apenas em 1987 com os estudos da atual curadora Dra. Maria Luiza Felippe Bauer. Felizmente, a coleção não passou por nenhum evento imprevisto significativo e não possui nenhum acervo a ser recuperado. Sendo vinculada ao PRESERVO, a CCER foi uma das coleções contempladas com as verbas destinadas ao projeto.

---

[64] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Díptera (LABDIP). [2024au]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labdip?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.
[65] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Ceratopogonidae (CCER). [2024av]. Disponível em: https://ccer.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

(4) Coleção de *Culicidae* (CCULI):

A CCULI está sob a guarda do Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários (LATHEMA) do IOC. O acervo da coleção tem mais de 6 mil espécimes da família *Culicidae*, incluindo exemplares da região neotropical, neártica e australiana[66].

O primeiro culicídeo foi coletado e descrito por Oswaldo Cruz em 1901 e identificado como *Anopheles lutzii*. A partir de então, outros culicídeos foram coletados e inseridos na coleção, muitos advindos de capturas realizadas durante as excursões empreendidas pelos pesquisadores Cezar Pinto, Oliveira Castro, Adolfo Lutz, Costa Lima, entre outros, no Brasil. Em 1981, o LATHEMA é fundado e a coleção de hoje é criada pelo Dr. Ricardo Lourenço de Oliveiro a fim de depositar os espécimes provenientes de sua dissertação de mestrado. Desde então, exemplares coletados em campo ou criados no insetário do laboratório[67].

A CCULI é reconhecida institucionalmente em 2011 e, em 2012, ela começa a fazer parte da rede *speciesLink.* Atualmente, o curador da coleção é o Prof. Maycon Sebastião Alberto Santos Neves e o curador adjunto é o Dr. Márcio Galvão Pavan.

Segundo respostas destinadas ao questionário, o acervo também compreende mosquitos da família *Culicidae* da região Paleártica e, junto das três regiões descritas acimas, abrange 18 países de quase todos os continentes. A CCULI preserva mais de 6.100 exemplares de 270 espécies de mosquitos distribuídas em 26 gêneros, abrigando 139 espécimes-tipo. Ao longo da existência da CCULI, cita-se as importantes curadorias da Dr. Teresa Fernandes Silva do Nascimento e da Dra. Monique de Albuquerque Motta.

O início da coleção com o Dr. Ricardo Lourenço de Oliveira em 1981 tinha como objetivo preservar espécimes de mosquitos da planície de Jacarepaguá no Rio de Janeiro, o que a poderia classificá-la como uma coleção histórica. Desde sua criação, a CCULI não passou por nenhuma perda significativa e, portanto, não possui qualquer acervo a ser recuperado.

Desde 2016, a CCULI integra o PRESERVO, descrito como tendo o objetivo de digitalizar o acervo biológico para a criação de um banco de imagens dos espécimes. É relatado que, em 2020, através do PRESERVO, a coleção recebeu um microscópio estereoscópio com câmera acoplada que permite a digitalização dos exemplares no mesmo local de armazenamento, otimizando e possibilitando o uso de imagens em alta

---

[66] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários (LATHEMA). [2024aw]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lathema?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

[67] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Culicidae (CCULI). [2024ax]. Disponível em: https://cculi.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

definição em novas pesquisas e publicações. Além dos espécimes, as fichas de campo, catalográficas e etiquetas também são digitalizadas a fim de preservar as informações relacionadas.

(5) Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC):

A CEIOC é a coleção biológica mais antiga da Fiocruz. Abrigada pelo Laboratório de Entomologia (LABE) do IOC, anteriormente chamado Laboratório de Biodiversidade Entomológica, o acervo da coleção tem cerca de 5 milhões de espécimes da fauna brasileira e de outras regiões do mundo, representando quase todas as ordens conhecidas de insetos.

A coleção é iniciada com a descrição do mosquito *Anopheles lutzii* por Oswaldo Cruz em 1901, momento em que é publicado o primeiro artigo científico da instituição e depositados os primeiros espécimes tipo da coleção. O crescimento da CEIOC ao longo dos anos se deve ao material obtido desde as primeiras expedições científicas da instituição no início do séc. XX, que, segundo a narrativa oficial, "representa um registro da biodiversidade em um contexto histórico-científico"[68].

Em 1950, a Coleção Entomológica se consolida nos moldes que apresente nos dias de hoje, quando os insetos que estavam no Laboratório de Helmintologia são transferidos para a CEIOC. Nesse período, o acervo passa a ser abrigado por uma estruturada metálica que ocupa o segundo andar do Castelo Mourisco. Na década de 1970, no contexto do Massacre de Manguinhos, dos 10 pesquisadores cassados pela ditadura militar, três eram entomólogos: Herman Lent, Hugo de Souza Lopes e Sebastião José de Oliveira. A estrutura física da coleção que estava no Castelo foi desmantelada e os armários transportados em condições inadequadas para o porão do antigo prédio do Hospital Evandro Chagas, o que ocasionou perdas e danos irreparáveis a inúmeros espécimes e documentos. É apenas em 1976 que a CEIOC retorna ao segundo andar do Castelo, mas sem a estrutura que possuía antes.

Com a localização de 8.554 dípteros distribuídos em 35 famílias, sendo 99 espécimes tipo, no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo em 2005, foi possível resgatar os tipos perdidos durante o Massacre de Maguinhos e reintroduzi-los à Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC). Em 2008, a reforma e restauração das salas 210 e 215 do Castelo Mourisco é concluída, lugares que até hoje abrigam a CEIOC. A coleção é dividida entre aquelas que são abertas para depósito, a

---

[68] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC)*. [2024ay]. Disponível em: http://ceioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

coleção geral, e aquelas que são fechadas para depósitos, as coleções históricas, que foram denominadas em homenagem a pesquisadores que trabalharam no Instituto Oswaldo Cruz: Adolfo Lutz, Costa Lima, César Pinto, Fábio Werneck, Hugo Souza Lopes, Joseph Zikan, Lauro Travassos, Otávio Mangabeira e Sebastião Oliveira. Atualmente, a curadoria da coleção fica a cargo do Dr. Márcio Felix e o cargo de curadora adjunta é atualmente ocupado pela Profa. Claudia Leal Rodrigues.

Com as informações obtidas através do questionário, sabe-se que o acervo conta com insetos coletados em mais de 120 países representando quase todas as ordens atuais, com destaque para as cinco megadiversas: *Hemiptera, Lepidoptera, Coleoptera, Diptera* e *Hymenoptera*. Existem cerca de 15 mil espécimes-tipo, sendo aproximadamente 2 mil tipos primários. E associados às nove coleções históricas, há documentos como fichas, livros-tombo e registros de empréstimos.

Sendo a coleção biológica mais antiga da Fiocruz estando interligada com a história da instituição e da ciência no Brasil e no mundo, a Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC) é a representante nuclear da categoria das coleções biológicas. Ainda, dentre os pesquisadores da área da entomologia e suas respectivas coleções, destaca-se Costa Lima, não apenas pela diversidade do seu acervo, que abriga espécimes dos primórdios da instituição organizados por ele, como por ele ser considerado o primeiro curador da CEIOC, atuando até o ano do seu falecimento, em 1964. Outros pesquisadores citados como influentes para a Coleção Entomológica, para além daqueles já mencionados aqui, foram: Carlos Alberto Campos Seabra, curador entre aproxidamente 1940 e 1960, José Jurberg, curador entre 1970 e 1986, Orlando Vicente Ferreira, também dito curador entre 1970 e 1986, e Jane Costa, curadora entre 2005 e 2018.

Foi informado ainda que, durante a ditadura empresarial-militar[69], três entomólogos foram cassados, entre eles Hugo de Souza Lopes, que era o curador da coleção à época. Com a transferência indevida para o porão do atual Pavilhão Gaspar Viana, a coleção só retornou completamente ao Castelo em 1977. A diferença após a mudança foi brutal, já que, além das perdas e danos ao acervo biológico e documental, a coleção estava desagregada e desorganizada; o que antes ocupava duas salas passou a ocupar oito salas com armários danificados. A CEIOC perdeu vários espécimes e quase toda a documentação, e o que se tem hoje das coleções históricas é apenas uma fração, às vezes o espécime sem registro, ou o registro sem espécime. Desse mesmo período, sabe-se pouco dos muitos empréstimos ocorridos nos primeiros anos após 1970, e não há registros sobre o acervo da época ou o que foi perdido. Até

[69] Anos 1970, Massacre de Manguinhos.

hoje, os danos à coleção são sentidos. Não se sabe, por exemplo, a composição quantitativa e qualitativa do acervo, já que seria necessário um registro de dados de todos os milhões de espécimes preservados, empreendimento que demanda extenso tempo e trabalho.

Há pouco mais de dez anos, uma nova catalogação da CEIOC foi iniciada com o objetivo de criar um registro único que permita um melhor conhecimento do acervo. O grande obstáculo para esse processo de resgate é falta de um sistema de banco de dados próprio, seja institucional ou adquirido. Assim como citado acima sobre a recuperação de exemplares do Museu de Zoologia, outros espécimes vêm sendo localizados e reintegrados em acervo.

Somado ao exposto anteriormente, parte da coleção remanescente acabou desenvolvendo fungos por ter permanecido muito tempo no porão do antigo hospital e, em 2024, a CEIOC sofreu uma inédita infestação por fungos no Pavilhão Mourisco, devido a alterações da temperatura do ambiente nas salas de guarda, a 210, menor e mais afetada, e a 215, maior e menos afetada. Os espécimes afetados estão sendo limpos com técnicas e materiais apropriados e as salas de guarda receberam desumidificadores para auxiliar no reestabelecimento das condições ambientas adequadas à preservação.

Enfim, a Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC) está integrada ao PRESERVO e faz menção à digitalização de imagens de espécimes e documentos relacionados e ao recebimento de um sistema automático de detecção e combate a incêndios por gás inerte nas duas salas de guarda.

(6) Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB):

A COLFLEB está sob a guarda do Instituto René Rachou (IRR) da Fiocruz em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. O acervo conta com cerca de 80 mil exemplares distribuídos por 370 espécies do continente americano e outras 43 espécies provenientes da Europa, Ásia e África. A coleção abarca espécimes tipo ou exemplares extremamente raros e que possuem ou um único exemplar ou uma única descrição de uma espécie ainda desconhecida[70].

Os primeiros trabalhos de captura de flebotomias são realizados em 1953 por iniciativa do professor Amílcar Viana Martins e Alda Lima Falcão junto com a colaboração do senhor João Evangelista da Silva, técnico que participou de todos os trabalhos de campo. As coletas foram feitas na região da “Caixa de Areia”, Ferrobel,

[70] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB). [2024az]. Disponível em: http://colfleb.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

hoje denominada Parque das Mangabeiras em Belo Horizonte, Minas Gerais Em 1995, o Dr. Franciso Ribeiro Santos, do Serviço Nacional de Malária, realiza captura de novos exemplares de flebotomias na Gruta da Lapinha, município de Lagoa Santa. Esses exemplares foram tratados como pertencentes a uma espécie que ainda não tinha sido descrita.

O curador Dr. José Dilermando Andrade Filho é o responsável pela COLFLEB e pela autoria do texto com informações na página oficial da COLFLEB em 21 de agosto de 2017. A coleção ainda conta com a Dra. Flávia Carvalho Bitencourt de Oliveira como curadora adjunta.

Através do questionário conduzida por esta tese, foi possível apreender que o acervo da coleção, para além dos números que constam nesta seção, conta com 550 exemplares tipos de diversas espécies. Foi explicitado, também, que a pesquisadora Alda Lima Falcão, um dos fundadores da coleção como indicado acima, foi curadora da COLFLEB do seu início até 2008 e que o Almícar, seu companheiro na fundação do acervo, atuou até 1990. Ademais, tendo o seu início em 1955 com os trabalhos dos pesquisadores citados, a coleção é entendida como sendo histórica.

Apesar da prevista deterioração que alguns materiais sofrem devido a ação do tempo, o que prejudica a identificação e estudo morfológico do acervo, e de iniciativas que já preveem mudanças nesse tipo de preservação, a coleção nunca passou por eventos imprevistos significativos. Quanto a sua integração ao PRESERVO, a resposta foi afirmativa exemplificando o vínculo com a digitalização do acervo físico por meio de imagens e metadados.

(7) Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC):

A CHIOC está sob a guarda do Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados (LHPV) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O acervo reúne 40.000 lotes de helmintos de animais da fauna brasileira representando os biomas da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Pampa Urbano, de águas continentais e marinhas e de outros 5 continentes, sendo um acervo em constante expansão[71].

A história da CHIOC começa em 1909, quando José Gomes de Faria inicia o Laboratório de Helmintologia, mais tarde Sessão de Helmintologia. O acervo inicial era, em sua maioria, formado pelas necropsias que o pesquisador realizava após os trabalhos de campo com o seu discípulo Lauro Pereira Travassos, e por depósitos

[71] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados (LHPV). [2024bb]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lhpv. Acesso em: out.–dez. 2024.

realizados por alguns pesquisadores da época, como Adolfo Lutz, Oswaldo Cruz e Gaspar Viana[72].

Em 1913, novamente junto de Lauro Pereira Travassos, a Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz foi propriamente organizada. José Gomes de Faria foi o curador da coleção entre 1909 e 1914. Um ano depois, em 1915, Lauro Pereira Travassos assume o comando do Departamento de Helmintologia e a curadoria da coleção, onde, nesta última posição, permaneceu até o final da década de 1930. No início da década de 1940, João Ferreira Teixeira de Freitas assume a posição de curador, sendo o primeiro profissional responsável pela manutenção e ampliação do acervo. Na sequência, Anna Kohn Hoineff assume a curadoria entre 1970 e 1976 e Henrique Rodrigues de Oliveira entre 1977 e 1981.

Em 1982, Delir Correia Gomes Maués da Serra Freire inicia o seu trabalho de curadora da CHIOC e introduz metodologias que preservam e agilizavam o intercâmbio com pesquisadores nacionais e internacionais. Em 1989, Dely Noronha de Bragança Magalhães Pinto da continuidade ao trabalho e se mantém no cargo até 2007. No período que compreende essa gestão, especificamente em 1991, o Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados (LHPV) é fundado e a CHIOC reconhecida institucionalmente.

Já em 2000, a página online sobre a CHIOC foi pela primeira vez disponibilizada ao público. Em 2003, se inicia a reestruturação de um novo banco de dados informatizado. E, em 2005, dois importantes acontecimentos ocorrem: a coleção é incluída no cadastro de coleções zoológicas do Brasil, que é organizado pelo Centro de Referência em Informação Ambiental (CRIA), e credenciada como fiel depositária do patrimônio genético brasileiro. Na década seguinte, em 2012, os dados da CHIOC passam a estar disponíveis na rede s*peciesLink*.

A partir do financiamento junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em 2007, as pesquisadoras Delir Correia Gomes Maués da Serra Freire e Dely Correia Gomes Maués da Serra foram as responsáveis pela aquisição de armários de aço deslizantes de equipamentos que possibilitaram a mudança do acervo, acondicionado até então em armários de madeira. De 2007 até o presente, o Dr. Marcelo Knoff tem sido o curador da CHIOC e, atualmente, a curadora adjunta é a Dra. Daniela de Almeida Lopes.

---

[72] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC). [2024ba]. Disponível em: http://chioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

De maneira específica, segundo reposta ao questionário, o acervo da Coleção de Helmintos do IOC compreende exemplares de holótipos, parátipos[73] e espécimes representativos de platelmintos (cestóides, monogenóides, trematódeos e rabdocélos), nematóides, acantocéfalos e nematomorfos (gordiáceos).

Baseando-se em acontecimentos que interligam a CHIOC e a Fiocruz ao longo de toda a história de ambas citados acima, a coleção está no rol das que são consideradas históricas. Ainda sobre a história, não há qualquer menção a perdas ou danos relacionados ao acervo da coleção. E, de maneira geral, a CHIOC está vinculada ao PRESERVO e afirma já ter recebido bolsas e equipamentos provenientes do projeto.

(8) Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC):

A CMIOC encontra-se sob a guarda do Laboratório de Malacologia (LABMAL) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O acervo possui cerca de 7.200 lotes de conchas, 15 mil lotes de moluscos e aproximadamente 220 mil exemplares de espécimes de moluscos provenientes de 57 países. Anualmente o laboratório da coleção recebe mil lotes de exemplares fazendo com que a CMIO C esteja em constante crescimento[74].

A Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC) é iniciada por Wladimir Lobato Paraense e Newton Deslandes vinculados, em 1948, ao Serviço Especial de Saúde Pública em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 1976, a coleção para o IOC, no Rio de Janeiro, quando Wladimir Lobato Paraense é integrado à instituição, e, em 1980, o Laboratório de Malacologia (LABMAL) é fundado. O segundo milênio chega e, em 2005 especificamente, a CMIOC passa a ser uma fiel depositária do patrimônio genético brasileiro junto ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). A partir de 2012, as informações do acervo podem ser acessadas por meio da rede *speciesLink*. A curadora atual da CMIOC é a Dra. Suzete Rodrigues Gomes e a curadora adjunta é a Silvana Carvalho Thiengo[75].

A partir do questionário, é possível detalhar que o acervo da Coleção de Moluscos do IOC preserva, a complementar a descrição acima, moluscos de água doce e partes moles de indivíduos em álcool, incluindo os que serviram para a descrição e

---

[73] Termos da taxonomia referentes aos espécimes utilizados na descrição de uma nova espécie. O holótipo é o exemplar único designado como referência principal, servindo de base para a identificação da espécie. Já os parátipos são exemplares adicionais, coletados na mesma ocasião, que complementam a descrição, ilustrando possíveis variações morfológicas. Ambos devem ser depositados em instituições científicas para consulta futura (ICZN, 1999; Código Internacional de Nomenclatura Zoológica).

[74] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório de Malacologia (LABMAL). [2024bc]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labmal?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

[75] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC). [2024bd]. Disponível em: http://cmioc.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

redescrição de espécies de gastrópodes. Além de reunir um banco de imagens de imagens de animais vivos e de conchas depositados. Ao total, são 15.629 lotes, cada um incluindo de 1 a centenas de indivíduos.

A CMIOC é considerada uma coleção histórica por representar o início dos estudos com moluscos de água doce envolvidos na transmissão de esquistossomose no Brasil. Ao justificar tal classificação, foi possível identificar que, após a saída do pesquisador Wladimir Lobato Paraense do atual Instituto René Rachou (IRR) em 1968, a coleção permaneceu com ele na Universidade de Brasília (UnB) entre 1968 e 1976 antes da vinda para a Fiocruz. Além disso, é dito que em 1982 a curadoria da coleção passa para a Dra. Silvana Carvalho Thiengo.

Quanto a um possível histórico de dano ao acervo, é citado que a coleção fica localizada em um prédio que, por ficar próximo a uma encosta, sofre com umidade, o que acaba sendo propício para a proliferação de fungos. Assim, as ações de conservação envolvem a manutenção e limpeza de desumidificadores de ar.

Ao fim, é afirmado que a Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC) está integrada ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO) e que o apoio tem chegado através de armários deslizantes de conservação, equipamentos e bolsas.

(9) Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (CSIOC):

A CSIOC é vinculada ao Laboratório Integrado — Simulídeos e Oncocercose & Entomologia Médica e Forense (LISOEMF) do IOC. Seu acervo é referência em representatividade específica da família *simuliidae,* comumente conhecidos como borrachudos ou piuns, da região neotropical e algumas espécies da região holártica e da australiana, e possui aproximadamente 75 mil lotes, categorizados em 12 gêneros, 15 subgêneros e 149 espécies[76].

A coleção tem raízes nos estudos pioneiros de Adolfo Lutz e César Pinto do início do século XX sobre a taxonomia dos simulídeos, acervos históricos que hoje estão sob a guarda da CSIOC. Contudo, a Coleção de Simulídeos só foi criada em 1976, junto com o início do Laboratório de Simulídeos e Oncocercose (LSO) do IOC, nome anterior ao atual. Essa iniciativa adveio da descoberta de que os simulídeos eram vetores das microfilárias causadoras da oncocercose humana, um estudo conduzido na área

[76] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório Integrado – Simulídeos e Oncocercose & Entomologia Médica e Forense (LISOEMF). [2024be]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lisoemf?num_for=4. Acesso em: out.–dez. 2024.

Yanomami na região norte. O material que passa a compor o acervo da coleção provém de diversas localidades, principalmente do norte, centro-oeste e sudeste do Brasil[77].

Em 1980, a CSIOC é reconhecida pela Organização Panamericana de Saúde (OPAS) como uma referência para a identificação da fauna de simulídeos e, em 1991, a coleção é reconhecida como coleção biológica institucional pelo Instituto Oswaldo Cruz (Memo nº83/91, Diretoria do IOC). Uma década depois, em 2003, o Laboratório de Simulídeos e Oncocercose (LSO) é credenciado como referência nacional pela Fiocruz e pelo Ministério da Saúde (MS), e a CSIOC é inserida na política do MS de implementação do sistema de gestão da qualidade na rede de laboratórios de referências, conforme atendimento à portaria 430-2002, da Presidência da Fiocruz.

Apesar a ter sido reconhecida em 1991 pelo IOC, o reconhecimento institucional pela Fundação Oswaldo Cruz chega em 2011, e, em 2023, com um novo credenciamento de laboratório, o LSO é integrado ao Laboratório de Entomologia Médica e Forense (LEMEF), passa a se chamar Laboratório Integrado – Simulídeos e Oncocercose & Entomologia Forense e Médica (LSOEMF). Atualmente, o Prof. Arion Túlio Aranda é o curador da Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (CSIOC) e o Dr. Óscar Sánchez Molina é o curador adjunto.

Adicional à composição do acervo biológico descrito acima, com o questionário é possível afirmar que a CSIOC também conta com um acervo documental e bibliográfico com banco de dados associados, acervo digital com imagens em alta resolução e acervo técnico composto por equipamentos e mobiliário. Além disso, as respostas citam atuação de Anthony John Shelley, pesquisador inglês, que fundou o Laboratório de Simulídeos e Oncocercose do IOC, e cujos exemplares coletados deram início ao acervo da coleção, da Dra. Marilza Maia Herzog, curadora da Coleção de Simulídeos do IOC entre 1980 e 2019, e Sixto Coscarón, pesquisador argentino que contribuiu com o conhecimento dos simulídeos Neotropicais, inclusive atuando na CSIOC nos anos de 2008, 2009 e 2010 como pesquisador visitante.

Completando os seus 50 anos no ano de 2025, a Coleção de Simulídeos é uma das coleções compreendidas como históricas da Fiocruz. A justificativa se sustenta pelo acervo possuir a guarda de exemplares históricos de Adolfo Lutz e César Pinto, algo já tratado nesta seção, que representam 73% dos espécimes-tipo da CSIOC. Ao longo de sua existência, o respondente ouvido afirma que materiais em via seca foram contaminados com fungos ambientais, o que demandou e ainda demanda o monitoramento e registro diário de umidade e temperatura das salas, descontaminação semanal de espaços de guarda e ambiente laboratorial por ozonização, inspeção de

[77] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (CSIOC). [2024bf]. Disponível em: http://csioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

exemplares em via seca e separação, descontaminação e curadoria de exemplares em via seca.

Embora afirme que o Complexo de Acervos da Fiocruz seja um projeto finalizado, a resposta dada expõe que há uma bolsa em vigor que atua na digitalização de exemplares da CSIOC e que a coleção também foi contemplada com a compra de equipamentos de microscopia e análise de imagens.

(10) Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (CTIOC):

A CTIOC está sob o gerenciamento do Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos (LNIRTT) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)[78]. A coleção abriga mais de 9 mil exemplares secos de triatomíneos e outros *reduviidae*., sendo o maior acervo do mundo com mais de 24 mil exemplares ao todo. O acervo é continuadamente fichado, inventariado e informatizado[79].

A história da coleção inicia em 1909, quando Carlos Chagas cria o Laboratório de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz com a descoberta da Doença de Chagas e quando o acervo da coleção passa a ser montado com triatomíneos, os vetores da doença. Entretanto, o material referente ao período de 1909 a 1935 não compõe o acervo atual já que seu paradeiro é desconhecido. A composição atual da CTIOC foi reorganizada e estruturada por Herman Lent. Em 2011, o catálogo eletrônico passar a estar disponível pelo *speciesLink*, sendo atualizado constantemente. Hoje, os responsáveis pela coleção são o Dr. Hugo José Lopes Guimarães como curador e o Dr. Cleber Galvão Ferreira como curador adjunto.

A interlocução com a Coleção de Triatomíneos permitiu uma melhor definição do seu acervo. Agora, sabe-se que a coleção conserva 700 exemplares-tipos das noves subfamílias: *Chryxinae, Emesinae, Hammacerinae, Harpactorinae, Peiratinae, Reduviinae, Stenopodainae, Triatominae* e *Vesciinae*. Esse acervo se divide por duas sub-coleções: uma fechada, a Coleção Rodolfo Carcavallo, e uma aberta para novos depósitos, a Coleção Herman Lent. A estimativa é de que haja entre 12 e 13 mil exemplares, quantitativo abaixo do explicitado na página oficial da coleção e descrito aqui.

---

[78] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ.Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos (LNIRTT). [2024bg]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lnirtt?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

[79] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (CTIOC). [2024bh]. Disponível em: http://ctioc.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

Sem alusão ao ano da reorganização pelo pesquisador Herman Lent no endereço online da coleção, através do questionário é possível determinar que a CTIOC teve início em 1936, com o depósito do primeiro exemplar pelo entomologista, que também atuou como curador. Essa informação, junto de outras já dadas, fundamenta o motivo da CTIOC ser considerada uma coleção histórica. Além disso, a coleção também faz parte do PRSERVO, recebendo apoio gerencial e financeiro destinado, principalmente, para a digitalização do acervo.

(11) Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos (COLVET):

A COLVET está sob a guarda do Instituto René Rachou (IRR) na Fiocruz em Belo Horizonte, Minas Gerais. Seu acervo tem aproximadamente 13.200 espécimes distribuídos por 80 espécies de diferentes populações de triatomíneos provenientes de países de toda América e 600 espécimes de outras subfamílias do Brasil[80].

O início da coleção vem com a doação da coleção particular do Dr. Hélio Espínola e da Dra. Lileia Diotaiuti em 1996. À época, a coleção era denominada de Coleção de Triatomíneos do Laboratório de Triatomíneos e Epidemiologia da Doença de Chagas (CT-LATEC). O acervo inicial composto por 286 espécimes tem um valor histórico inestimável, já que abriga populações de triatomíneos de diferentes regiões geográficas, inclusive de áreas que atualmente se encontram completamente urbanizadas[81].

Na década de 2010, os registros da COLVET começam a ser informatizados e disponibilizados através da rede s*peciesLink*. Em 2011, a coleção passa a ter o nome atual e, em 2016, as informações também passam a estar disponíveis no Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SIBBR). Hoje, a curadora é a Dra. Raquel Aparecida Ferreira e a curadora adjunta é a Dra. Rita de Cássia Moreira de Souza.

As informações sobre a definição da coleção e do acervo depositadas no formulário não diferem do que exposto nas páginas oficiais. Contudo, foi explicado que, na verdade, a coleção era do Dr. Helio Espínola que doou o acervo para a Dra. Lileia Diotaiuti que, por sua vez, fundou a COLVET.

A coleção não é classificada como histórica e não passou por qualquer dano ou perda devido a eventos imprevistos significativos. Quanto ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO), é dito que, além da vinculação da coleção a esse, a curadora

---

[80] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos (COLVET). [2024bi]. Disponível em: http://colvet.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.
[81] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleções Fiocruz Minas. [2024bj]. Disponível em: https://minas.fiocruz.br/colecoes-2. Acesso em: out.–dez. 2024.

Dra. Raquel Aparecida Ferreira participou da estruturação da política do PRESERVO e é membra atual do seu comitê. Na unidade de preservação da COLVET, um fotógrafo tem realizado as fotos dos espécimes dos acervos, trabalho que é possível a partir da parceira com o PRESERVO.

(12) Coleção de Malacologia Médica (CMM):

A CMM está sob a guarda do Laboratório de Helmintologia e Malacologia Médica (LHMM) do Instituto René Rachou (IRR) da Fiocruz em Belo Horizonte, estado de Mina Gerais. Ela conta com aproximadamente 14 mil exemplares de Moluscos Límnicos provenientes de diversos países, mas é majoritariamente constituída por moluscos do gênero biomphalaria[82].

A CMM teve início em 1993 quando o LHMM começa a receber moluscos provenientes de vários lugares para identificação morfológica e exames de infecção por trematódeos. Em 2003, o laboratório passa a ser reconhecido como referência nacional de esquistossomose e, em 2010, a coleção começa a disponibilizar os seus dados na rede *speciesLink*. Atualmente, a curadora da CMM é a Dra. Cristiane Lafetá Furtado de Mendonça e, como curadora adjunta, está a Dra. Roberta Lima Caldeira.

Através do questionário realizado com a Coleção de Malacologia Médica (CMM), é possível atualizar a informação de que o acervo possui cerca de 17 mil exemplares de moluscos individualizados, separados em corpo, concha e material genético. É, ainda, informado que o pesquisador Omar dos Santos Carvalho foi o fundador da CMM e que o técnico de laboratório José Geraldo Amorim da Silva contribuiu com a coleção ao coletar diversos exemplares para o acervo.

A coleção é dita como histórica por ter nascido na década de 90 e não possui qualquer acervo a ser recuperado por causa de danos ou perdas ocasionados por eventos imprevistos significativos. A CMM está integrada ao PRESERVO, participando de treinamentos e eventos promovidos por essa parceria. Além disso, é pontuado que além do apoio financeiro, há a possibilidade de bolsas vigentes serem dessa mesma fonte.

(13) Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN):

Vinculada ao Instituto René Rachou (IRR) da Fiocruz em Belo Horizonte, Minas Gerais, a Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN) possui cerca de 63 mil espécimes,

---

[82] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Malacologia Médica (CMM). [2024bk]. Disponível em: http://cmm.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

sendo 510 espécies de 35 gêneros representantes das regiões neotropical, neártica, etiópica e paleártica[83].

A história da CMN retorna a 1933, quando se inicia a coleção de mosquitos do laboratório do Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela (SEPFA) do Serviço Nacional de Febre Amarela (SNFA) do Ministério da Educação e Saúde Pública vinculado ao Instituto de Malariologia (IM) na cidade de Duque de Caxias. Com a extinção do instituto em 1954 na cidade em questão, a Coleção de Culicídeos, então denominação do acervo, é transferida para o recém-inaugurado Instituto de Pesquisas de Belo Horizonte, atual René Rachou, um ano depois, em 1955. Em 2013, a coleção é reconhecida institucionalmente como a trigésima coleção da Fiocruz, já com o nome Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN). Em 2014, os dados do catálogo do acervo passam a estar disponíveis para consulta online. Hoje, a coleção está sob a responsabilidade do curador Dr. Fabiano Duarte Carvalho e do curador adjunto Prof. Guilherme Garcia Pinheiro.

Segundo informações elaboradas em questionário conduzido por esta pesquisa, a Coleção de Mosquitos Neotropicais preserva não apenas mosquitos adultos como também suas formas imaturas. Ao todo, são 60 mil exemplares tombados e estima-se que são mais de 80 mil a serem triados e tombados. Outra contribuição é a menção a pesquisadores ilustres da área que contribuíram para a formação do acervo da CMN, como Raymond Shannon e Nelson Cerqueira. Fato este que, devido a perda de muitos registros da coleção, carece de mais dados para fornecer sobre a colaboração desses e outros pesquisadores na coleção.

Com raízes no Serviço Nacional de Febre Amarela da década de 1930 e com protagonismo na descrição de diversas espécies de mosquitos neotropicais e na descoberta de novos vetores para doenças como a Febre Amarela Silvestre, a CMN é entendida como uma coleção histórica devido a sua presença em momentos relevantes ao longo dos anos. Também no período de sua existência, a coleção também sofreu com a falta de controle de temperatura na sala que abriga o seu acervo, o que resultou na perda de vários espécimes que foram infestados por fungos. Apesar de hoje a coleção já apresentar controle dessas variáveis, a gestão ainda está em busca de protocolos de recuperação que possibilitem a recuperação dos exemplares danificados pela infestação fúngica.

Estando vinculada ao PRESERVO, assim como as outras coleções da Fiocruz Belo Horizonte, Minas Gerais, a CMN está no aguardo de ter seus exemplares

---

[83] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN). [2024bl]. Disponível em: https://cmn.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

digitalizados pelo colaborador bolsista pelo Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO).

Figura 48: Uma gaveta com insetos preservados a seco (mariposas), montados em alfinetes entomológicos.

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Figura 49: Sala de Exposições Costa Lima (2013)

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Figura 50: Espécimes-tipo de *Anopheles lutzii* Cruz, 1901. Esses espécimes são a referência material do primeiro artigo publicado e da primeira espécie nova descrita por um pesquisador da Fiocruz, o próprio Oswaldo Cruz.

Créditos da Foto: Rodrigo Méxas.

Figura 51: Armários deslizantes da CEIOC, mostrando a organização do acervo de insetos em gavetas entomológicas (lado direito) e os documentos referentes em prateleiras (lado esquerdo).

Créditos da Foto: Daniele Cerri

Figura 52: *Triatoma brasiliensis*

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Figura 53: Parte do acervo da CTIOC

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Figura 54: Gaveta aberta do armário deslizante que contém a parte da coleção mantida em fixadores líquidos, devidamente etiquetada.

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Figura 55: Primeiro lote depositado na CMIOC (DSC_3436)

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Figura 56: Lote de lesmas terrestres *Limax maximus* da coleção líquida.

Lote de lesmas terrestres *Limax maximus* da coleção líquida

Figura 57: Lote contendo conchas de um caracol terrestre (*Drymaeus papyraceus*)

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Figura 58: Material utilizado na COLFLEB

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Figura 59: Fóssil de flebotomíneos - *Pintomyia falcaorum*

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Figura 60: Coleção de Flebotomíneos

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Figura 61: Acervo de mosquitos adultos

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Figura 62: Espécimes de Ceratopogonidae preservados em glicerol

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

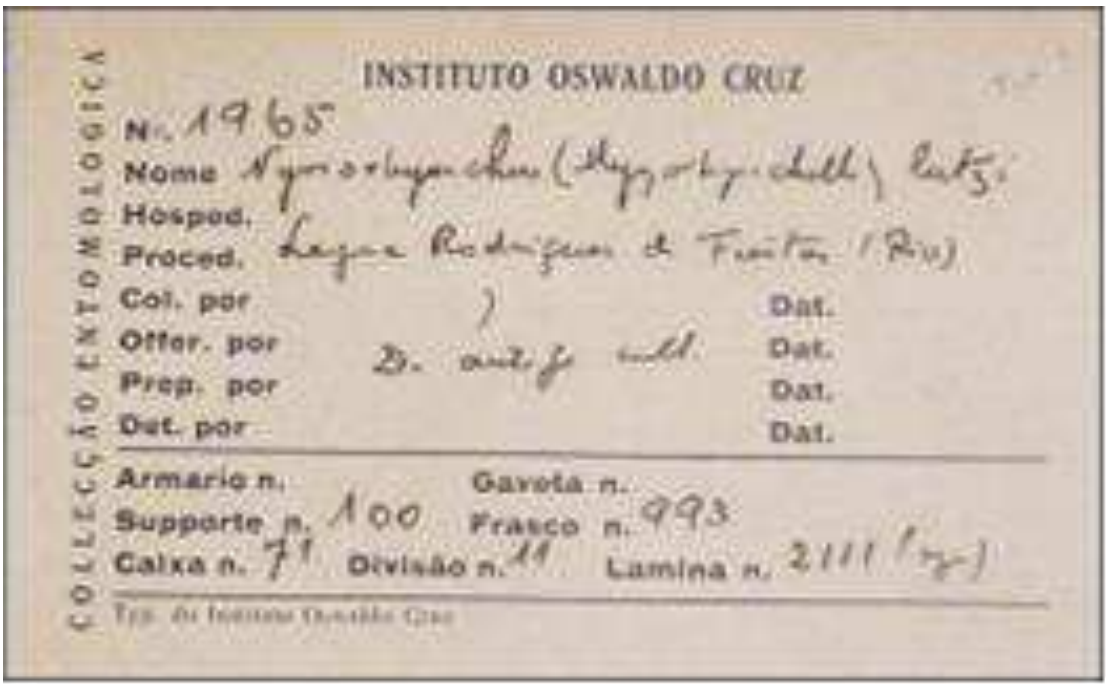
Figura 63: Lâmina do neótipo de *Culicoides paraensis* (Goeldi) preservada na CCER

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Figura 64: Fêmea de *Culicoides paraensis* (Goeldi), vetor primário do vírus Oropouche

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Figura 64: Ficha com os dados dos espécimes-tipo de Anopheles lutzii Cruz, 1901. O material foi catalogado por Costa Lima, quando este organizou a chamada Antiga Coleção, reunindo boa parte dos insetos estudados nos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz.



COLLECÇÃO ENTOMOLOGICA

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

N. 1965

Nome

Hosped.

Proced.

Col. por — Dat.

Offer. por — Dat.

Prep. por — Dat.

Det. por — Dat.

Armario n. — Gaveta n.

Supporte n. 100 — Frasco n. 993

Caixa n. 71 — Divisão n. 11 — Lamina n. 2111

Typ. do Instituto Oswaldo Cruz

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Figura 65: Espécimes de Ceratopogonidae preservados em alfinetes entomológicos

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Figura 66: Gaveta de espécimes da COLMASTO

Créditos da Foto: Equipe COLMASTO

3.2.8 Coleção de Vírus

A Coleção de Vírus do Biobanco da Biodiversidade e Saúde da Fiocruz (CVBSS) é vinculada ao Biobanco da Biodiversidade e Saúde, um dos Biobancos da Fiocruz. O acervo da CVBBS é composto, principalmente, por isolados do coronavírus SARS-CoV-2 e por outros vírus, seus derivados e produtos biotecnológicos provenientes de laboratórios da Fiocruz e de outras instituições nacionais e internacionais[84].

A partir das informações coletadas do questionário com gestores realizados por esta tese, também é possível mensurar que a CVBBS preserva entre 100 e 500 itens em seu acervo. Com início recente, datada do final de 2021, a segunda mais nova entre as 36 coleções biológicas, o acervo não está no rol das coleções históricas. Além disso, ela não tem histórico de perdas ou danos e, consequentemente, não apresenta material a ser restaurado. Atualmente, a responsável pela coleção é a a Dra. Manuela da Silva, gerente geral do Biobanco da Biodiversidade e Saúde da Fiocruz (BBS-Fiocruz).

3.2.9 Coleção de Patologia Feto-Placentária

Vinculada ao Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), a Coleção de Patologia Feto-Placentária reúne um acervo de necrópsias com aproximadamente 6 mil exames. De acordo com uma notícia de premiação publicada no endereço eletrônico do IFF, a coleção surge em 1953 com o trabalho pioneiro da pesquisadora Aparecida Gomes Pinto Garcia em patologia pediátrica, que também culminou na inauguração do departamento de Anatomia Patológica do Instituto[85]. Apesar de não ser relacionada a nenhum dos cinco grupos das coleções biológicas, seu acervo se alinha ao das Coleções Histopatológicas.

Como assinalo anteriormente, esta coleção não possui uma página dedicada a fornecer informações sobre o seu escopo, histórico, serviços ou equipe. Dentre todas

---

[84] FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Biobanco BBS – Coleções. [2024bm]. Disponível em: https://biobanco-bbs.fiocruz.br/pt-br/colecoes. Acesso em: out.–dez. 2024.

[85] LIMA, Everton (IFF/Fiocruz). Covid-19: Pesquisadora do IFF/Fiocruz recebe prêmio em congresso internacional. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira, 30 dez. 2021. Disponível em: https://iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=34:pesquisador-premio-anatomia&catid=8&highlight=WyJjb2xlXHUwMGU3XHUwMGUzbyJd. Acesso em: 30 novembro 2024

as respostas coletadas em questionário, a Coleção de Patologia Feto-Placentária também não consta entre os respondentes.

CAPÍTULO 4

COLEÇÕES BIOLÓGICAS EM ANÁLISE

4 COLEÇÕES BIOLÓGICAS EM ANÁLISE

O levantamento realizado junto às coleções biológicas da Fiocruz inscreve-se em um percurso institucional que antecede a própria formulação desta tese. Em 2019, no âmbito do projeto de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM), definiu-se como uma das entregas a concepção de uma exposição museológica permanente — ou de longa duração, pela percepção preponderante na COC — dedicada às coleções biológicas da instituição. O espaço previsto para abrigar tal iniciativa seria o antigo salão do terceiro andar do Pavilhão Mourisco, concebido no projeto do edifício para abrigar o museu patológico inaugurado por Oswaldo Cruz e Rocha Lima no início do século XX. A proposta configurou-se como um desdobramento do PRESERVO e abriu a possibilidade de reunir, em uma mesma narrativa expositiva, os diferentes acervos biológicos sob a guarda da Fiocruz.

No segundo semestre de 2019 teve início uma série de encontros que reuniu representantes das coleções biológicas, do Museu da Vida, do Museu da Patologia, da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH/COC), do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD/COC), da Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos (ICICT) e do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (COC). Também participaram o Serviço de Museologia (MV) e outras instâncias detentoras de acervos relacionados às coleções. Esse grupo se manteve ativo ao longo de 2020 e 2021, mesmo durante a pandemia de covid-19, quando os encontros passaram a ocorrer em formato remoto. As discussões centraram-se na elaboração de uma proposta de exposição capaz de articular, por meio de módulos e mediação educativa, a diversidade das coleções e alguns dos múltiplos temas que delas decorrem. A pesquisa de doutorado aqui apresentada emerge diretamente desse contexto, como resposta à necessidade de compreender de maneira mais sistemática um conjunto tão amplo e diverso no campo museológico que deve considerar a complexidade da Fiocruz.

Com o início formal da investigação acadêmica, tornou-se necessário reiniciar esse processo a partir de protocolos padronizados. Embora fosse possível reunir informações por meio de conversas informais com gestores mais receptivos à ideia, a regularização da pesquisa exigia a sistematização dos dados e sua coleta sob parâmetros éticos reconhecidos. Optou-se, assim, pela submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), em atenção à Resolução CNS nº 510/2016 (BRASIL, 2016), que regulamenta pesquisas em ciências humanas e sociais. Ainda que muitos

profissionais envolvidos não compreendessem a necessidade de avaliação ética para esse tipo de levantamento, decidiu-se por seguir o trâmite, de modo a conferir legitimidade acadêmica ao estudo. O CEP exigiu ajustes no protocolo, incluindo a apresentação de uma carta de anuência institucional emitida pela VPPCB, órgão responsável pelas coleções biológicas no âmbito da presidência da Fiocruz. Somente após o envio do questionário elaborado, a definição dos participantes e a obtenção dessa carta de anuência foi possível encaminhar os convites oficiais às coleções. O parecer consubstanciado do CEP demorou a ser emitido, o que atrasou o início da pesquisa de campo e, consequentemente, a aplicação do instrumento.

A distribuição do questionário revelou diferentes níveis de engajamento. Embora não tenha havido resistência explícita à participação, foi necessário um esforço contínuo de sensibilização. Diversos gestores alegaram dificuldades práticas, como excesso de demandas de trabalho, carência de pessoal de apoio, períodos de férias ou ausência em missões institucionais — congressos, atividades de campo, entre outras atribuições. Alguns demoraram a responder por considerar que o questionário exigia tempo de dedicação em função da amplitude das questões, o que levou a sucessivas prorrogações de prazo. Para assegurar a adesão ampla, recorreu-se a contatos persistentes, acompanhamentos diretos e à mediação de curadores com quem havia maior proximidade, que atuaram junto a seus pares para reforçar a relevância da pesquisa. O endosso da Coordenação de Coleções Biológicas da VPPCB também se mostrou decisivo nesse processo, conferindo legitimidade institucional e incentivando a participação.

Apesar dessas dificuldades, o resultado foi expressivo. Das 36 coleções biológicas da Fiocruz reconhecidas institucionalmente, 35 participaram ativamente, além da própria Coordenação de Coleções Biológicas, convidada a oferecer uma visão transversal. Apenas uma coleção, de criação recente e ainda desprovida de recursos humanos e melhor estrutura de apoio, deixou de responder. A necessidade de aguardar o retorno integral dos questionários impôs restrições ao andamento da análise, uma vez que o exame parcial das respostas não permitiria construir o panorama integrado necessário. Ao final, contudo, obteve-se um conjunto robusto de informações, fruto de respostas elaboradas com dedicação por parte dos participantes.

Esse processo evidenciou tanto as dificuldades operacionais quanto o potencial de mobilização das coleções para ações conjuntas relacionadas a divulgação e popularização das ciências a partir do ambiente museológico institucional. Ao mesmo tempo em que a coleta de dados demandou insistência e prazos ampliados, houve também apoios imediatos, sobretudo das coleções que já vinham participando de

iniciativas conjuntas com o Museu da Vida, o Museu da Patologia e o PRESERVO. Mais do que um instrumento metodológico, o questionário acabou funcionando como catalisador de expectativas: muitos gestores manifestam interesse explícito em ver suas coleções engajadas em atividades museológicas, especialmente na exposição prevista para o Castelo Mourisco. Nesse sentido, a etapa não apenas forneceu informações essenciais para a análise proposta nesta tese, mas também reforçou a percepção coletiva sobre a necessidade de sinergia entre coleções, museus e departamentos relacionados ao patrimônio e ao acervo cultural institucional da Fiocruz para ações culturais e de divulgação integradas, voltadas à recepção da sociedade. A expectativa gerada em torno da exposição futura aponta para a consolidação de um espaço de atuação compartilhado, em que as coleções biológicas não permanecem restritas ao universo da pesquisa, mas se abrem à dimensão museológica e à mediação com o público.

Este capítulo, ao diagnosticar os desafios que se impõem nos caminhos para a musealização das coleções biológicas, não apenas sistematiza dados inéditos, mas também oferece subsídios para o avanço de políticas institucionais. A contribuição está em reconhecer as coleções como patrimônio cultural que possui uma demanda para sua integração em exposições e ações educativas, para que ampliem seu impacto social. A articulação entre os museus institucionais — MV e MP —, ações como o PRESERVO e as coleções apontam uma direção a ser aprofundada para uma solução viável para superar a fragmentação atual, traduzindo acervos técnicos em narrativas expositivas acessíveis ao público visitante da instituição, que a adentram a partir do Museu.

4.1 No Tempo Presente: Um Panorama Crítico das Coleções Biológicas da Fiocruz

A distribuição territorial das coleções biológicas da Fiocruz evidencia tanto o caráter nacional da instituição quanto sua trajetória histórica de consolidação e expansão no território brasileiro. Das 36 coleções atualmente reconhecidas, 29 estão sediadas no Rio de Janeiro — cidade onde foi fundado o Instituto Soroterápico Federal, núcleo original da Fiocruz, posteriormente ampliado pelo Instituto Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz. A permanência de grande parte dos acervos nessa localidade reflete a continuidade das atividades científicas desenvolvidas no bairro de Manguinhos e a centralidade histórica do *campus* que se formou. Por outro lado, a presença de

coleções em Belo Horizonte (4), Manaus (2) e Recife (1) expressa o movimento de ampliação institucional ao longo do século XX e início do XXI, estabelecendo a produção científica a contextos regionais diversos em território nacional.

Ainda que essa configuração contribua para a diversidade e abrangência dos acervos, a distribuição em diferentes unidades da federação implica desafios logísticos e operacionais, especialmente no que se refere à articulação de estratégias comuns de uso educativo/expositivo em ações museológicas integradas. Em iniciativas como exposições itinerantes ou programas de divulgação científica interinstitucional, a distância geográfica e a diversidade institucional das unidades exigem esforços coordenados para assegurar a visibilidade e o uso das coleções em escala nacional.

Tabela 01

Distribuição das Coleções no Brasil			
Belo Horizonte, MG	**Manaus, AM**	**Recife, PE**	**Rio de Janeiro, RJ**
4/36	**2/36**	**1/36**	**29/36**

A distribuição das coleções biológicas entre os diferentes órgãos da Fiocruz revela uma concentração expressiva no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), ao qual estão vinculadas 22 das 36 coleções institucionalmente reconhecidas. Os demais órgãos, embora presentes, possuem participação mais modesta: o Instituto Rene Rachou (IRR) abriga quatro coleções; o Instituto Leonidas e Maria Deane (ILMD) e o Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS), duas coleções cada; enquanto a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), o Instituto Aggeu Magalhães (IAM), o Instituto Nacional de Infectologia (INI), o Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF), Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos) e o Biobanco da Biodiversidade e Saúde (BBS), vinculado à Presidência da Fiocruz, concentram uma coleção cada.

Essa configuração institucional encontra respaldo em fatores históricos estruturantes. O IOC é o órgão específico singular seminal da Fiocruz, originado diretamente do Instituto Soroterápico Federal, fundado em 1900. Até a criação da Fundação Oswaldo Cruz, na década de 1970, todas as atribuições científicas, laboratoriais e institucionais estavam concentradas nesse núcleo. Somente com o processo de reestruturação institucional, que levou à formalização da Fiocruz como fundação pública vinculada ao Ministério da Saúde, o IOC passou a figurar como um entre os vários órgãos específicos singulares que compõem a estrutura organizacional

da instituição. A predominância das coleções biológicas sob sua guarda, portanto, está relacionada também ao tempo, à sua centralidade histórica, científica e administrativa na consolidação da Fiocruz. Por outro lado, a presença de coleções em outras unidades expressa o processo de expansão da instituição, tanto conceitual quanto geográfica, bem como a crescente valorização de contextos regionais.

Tabela 02

Distribuição das Coleções na Fiocruz				
ENSP	**IAM**	**ILMD**	**INCQS**	**INI**
1/36	**1/36**	**2/36**	**2/36**	**1/36**
IFF	**IOC**	**IRR**	**Farmanguinhos**	**BBS**
1/36	**22/36**	**4/36**	**1/36**	**1/36**

Entender como as coleções nascem auxilia na compreensão das dinâmicas institucionais que moldaram a estrutura da Fiocruz, especialmente no que diz respeito à concentração de acervos no atual Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Essa concentração demonstra um reflexo direto das trajetórias que marcaram a consolidação do campo biomédico no Brasil sob a perspectiva da Fiocruz. O acúmulo histórico de funções de pesquisa, ensino e produção no antigo Instituto Oswaldo Cruz contribuiu para que o órgão derivado diretamente fosse o maior herdeiro e se tornasse também um polo maior de concentração de exemplares biológicos, oriundo de práticas sistemáticas de coleta e documentação desde as primeiras décadas do século XX.

Ao longo do tempo, essas práticas foram sendo incorporadas às rotinas laboratoriais, muitas vezes de forma orgânica, sem que houvesse, num primeiro momento, uma política institucional de preservação definida. Ainda assim, a continuidade dessas atividades contribuiu para a formação de acervos que, em um segundo momento, seriam reconhecidos como coleções estruturadas, com valor científico primordial, mas também com valor histórico e educativo. Por isso, observar a gênese das coleções permite observar não apenas os agentes e programas responsáveis por sua origem, mas também as condições institucionais que favoreceram sua permanência e posterior legitimação.

A análise cruzada entre os dados disponíveis nas páginas institucionais e as informações coletadas por meio dos questionários aplicados permitiu identificar quatro

padrões recorrentes de origem das coleções biológicas da Fiocruz. Esses padrões refletem diferentes contextos de surgimento e consolidam a diversidade histórica e institucional dos acervos. Do total de 36 coleções reconhecidas, 16 foram iniciadas por pesquisadores já vinculados à instituição, frequentemente a partir de práticas laboratoriais ou da organização de acervos pessoais; e outras 16 tiveram origem em programas institucionais estruturados, o que sugere uma ação planejada da própria Fiocruz para desenvolver e manter determinados conjuntos biológicos.

Três coleções resultaram de programas externos — iniciativas de órgãos governamentais nacionais e internacionais voltadas ao controle de doenças endêmicas —, como é o caso da Coleção de Yersinia pestis (CYP), da Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN) e da Coleção de Febre Amarela (CFA), todas ligadas a ações coordenadas como o Plano Piloto de Peste (PPP), o Serviço de Estudos e Pesquisas sobre a Febre Amarela (SEPFA) e o Serviço Nacional de Febre Amarela (SNFA), este último estabelecido após convênio com a Fundação Rockefeller iniciado na década de 1930.

Apenas uma coleção — a Coleção de Malacologia do Instituto Oswaldo Cruz — teve origem a partir da chegada de um pesquisador externo, convidado a integrar o quadro da instituição. Esses dados revelam que, embora a maioria das coleções tenha se originado de dentro da própria estrutura institucional da Fiocruz, a formação de seus acervos também pode estar ligada a redes mais amplas de colaboração científica.

Tabela 03

Início das Coleções			
Pesquisadores Institucionais	**Programas Institucionais**	**Programas Externos**	**Pesquisadores Externos**
16/36	**16/36**	**3/36**	**1/36**

Observa-se que os empreendimentos externos responsáveis pela formação de parte desses acervos estavam voltados ao enfrentamento de doenças consideradas prioritárias para a saúde pública em determinados contextos históricos, como a peste e a febre amarela. A incorporação desses acervos à Fiocruz reforça sua posição como instituição de referência na salvaguarda de patrimônio científico associado à vigilância epidemiológica e ao desenvolvimento de estratégias de controle sanitário. Algo, inclusive, que dialoga com a necessidade de entender essas coleções como referências a diferentes áreas de conhecimento, com ênfase nas ciências biomédicas, como

reforçado em entrevista do início deste século ao Projeto Memórias quando perguntado sobre o acervo da Coleção de Febre Amarela:

> "IK – Ah, eu acho essa coleção muito importante, porque ela é um acervo muito grande, porque na época eles não tinham a tecnologia que tem hoje, então provavelmente com a tecnologia de hoje eles são capazes certamente de descobrir outras doenças...
> AB – Que não a doença de Chagas, que não a febre amarela?
> IK – Que não acompanharam, que na época inclusive eles só estavam preocupados com a febre amarela. Mesmo assim eles encontraram outras coisas.
> AB – Quer dizer, procurando então aí mesmo que...
> IK –Procurando com as técnicas que existem agora, mesmo em material que a gente até pouco tempo diria, ah, é irre...
> AB – Aqui no Brasil....
> IK – Não! É a única. É a única.
> AB – O que conta a história desde os anos 1910, 1920 de todo o papel da Rockefeller aqui, você pode fazer uma análise histórica-epidemiológica da doença.
> IK – Do ponto de vista epidemiológico, tem do ponto de vista sociológico, não é, porque as pesquisas, os trabalhos, os levantamentos que foram feitos nos lugares em que havia a febre amarela.... (barulho de sirene ao fundo)
> AB – São relatórios muito detalhados do contexto social...
> IK – Muito detalhados e nos dá uma noção...
> AB - ... Geográfico.
> IK – É.
> AB – Ambiental." (KERR, 2021, p. 91-3)[86]

Nesse sentido, a trajetória da Coleção de Malacologia do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC) ilustra um caso singular: trata-se da única coleção identificada cuja origem está diretamente vinculada à atuação de um pesquisador externo à instituição — o Dr. Wladimir Lobato Paraense — que foi convidado a integrar o Instituto e, ao assumir o laboratório especializado, promoveu a institucionalização dessa coleção. Esse exemplo evidencia a abertura institucional à incorporação de saberes e práticas científicas oriundas de outras trajetórias, e a valorização de expertises individuais na consolidação de acervos.

A criação do Complexo de Acervos da Fiocruz – o PRESERVO – representa uma inflexão institucional importante nas estratégias de gestão, preservação e acesso aos diversos tipos de acervos científicos e culturais sob guarda da instituição, entre os quais se incluem as coleções biológicas. Estruturado como uma rede articuladora, o PRESERVO opera sob coordenação da Presidência da Fiocruz, com a atuação de um

[86] Itália Guarany Angiola Kerr (IK) fala sobre a importância do acervo recuperado da Coleção de Febre Amarela (CFA) em entrevista para Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR).

Comitê Gestor de caráter permanente e consultivo. Esse comitê é responsável por garantir o alinhamento das ações entre os diferentes órgãos técnico-científicos que mantêm acervos, propondo diretrizes comuns e fomentando iniciativas integradas. A política que fundamenta o PRESERVO assume como princípios a democratização do conhecimento, a conservação sustentável, a gestão de riscos e a valorização da memória institucional, estabelecendo orientações tanto para a preservação física e digital quanto para a pesquisa, a educação patrimonial e a formação de pessoal qualificado. Essa política reconhece as coleções biológicas como componentes estratégicos da memória científica da saúde pública no Brasil, devendo, portanto, ser contempladas por ações coordenadas de salvaguarda e acesso.

E, assim como o reconhecimento que há pela Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), uma política de integração para as coleções também já era vislumbrada por gestões anteriores, como o trecho do Projeto Memórias abaixo demonstra:

> "MS – [...] Eu acho que precisava... Eu acho que devia ter assim... As coleções, elas precisavam estar ligadas em um departamento só, um(a)... Sabe?
> MR – Como fosse uma política para as coleções mesmo.
> MS – É.
> MR – Uma coisa separada, só para coleções.
> MS – Ligada à diretoria, ou ligada à Presidência...
> MR – Diretoria.
> MS – Ligada a **um prédio de coleções**. Tivesse assim, **fosse um departamento**. Eu digo isso sempre. Eu acho que as coleções deviam estar ligadas à Presidência. Entendeu?" (SARQUIS, 2021, p. 34, grifo nosso)[87]

A adesão das coleções ao PRESERVO, portanto, revela não apenas seu alinhamento formal com essa política institucional, mas também os graus de inserção dos acervos nas dinâmicas mais amplas de planejamento, infraestrutura e visibilidade no interior da Fiocruz. A tabela a seguir sintetiza o panorama atual dessa integração.

Tabela 04

Coleções que se reconhecem como integradas ao PRESERVO		
SIM	**NÃO**	**DESCONHECE**
23/36	**11/36**	**1/36**

[87] Momento da entrevista conduzida pelas entrevistadoras Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR) em que a entrevistada Maria Inez Moura Sarquis (MS) fala sobre o fato da verba para as coleções estarem ligadas ao que se destina ao departamento, que também tem as demandas da pesquisa e do laboratório. Assim, se comenta a necessidade de uma política institucional que lide apenas com as necessidades das coleções.

A Tabela 4 revela um panorama ainda heterogêneo quanto ao reconhecimento, por parte das coleções biológicas da Fiocruz, de sua integração ao PRESERVO. Das 36 coleções institucionalmente reconhecidas, 23 declaram estar integradas, enquanto 11 não se reconhecem como parte, e uma reporta desconhecimento a respeito[88]. Esse dado indica que, apesar da institucionalização formal do PRESERVO e da abrangência da política (FUNDAÇÂO OSWALDO CRUZ, 2018) — que contempla explicitamente as coleções biológicas como uma de suas tipologias de acervo —, há uma distância prática entre o que é preconizado na política e a percepção de pertencimento por parte significativa dos responsáveis pelas coleções.

Esse desencontro pode ser interpretado como reflexo de distintos níveis de envolvimento dos órgãos técnico-científicos com a formulação e implementação das diretrizes do PRESERVO, além de possíveis assimetrias de assimilação do tema, comunicação institucional e estrutura de gestão entre as unidades. A presença de uma coleção que declara desconhecimento sobre a existência ou funcionamento do complexo de acervos da instituição reforça a necessidade da permanência de ações incisivas de articulação interna e formação continuada nos processos que envolvem uma gestão integrada dos acervos. Por outro lado, o fato da maioria se reconhecer integrada indica que a política já constitui uma referência efetiva para parte significativa das coleções, sugerindo um caminho para maior consolidação, embora ainda em construção, de institucionalização de políticas de gestão e preservação em ambientes compartilhados, como ocorre no Museu.

Quanto aos motivos alegados pelas coleções que não se reconhecem como integradas ao PRESERVO, evidencia-se uma divisão significativa entre as justificativas apresentadas. Das 11 coleções que afirmaram não fazer parte do Complexo de Acervos da Fiocruz, apenas 5 apontaram razões concretas para essa ausência de integração, enquanto 6 não forneceram qualquer justificativa.

Esse dado aprofunda o diagnóstico de desconexão institucional já sugerido pela tabela anterior. A ausência de justificativas por parte da maioria das coleções não integradas pode indicar tanto uma falta de conhecimento claro sobre os critérios ou os processos de vinculação ao PRESERVO quanto uma possível subvalorização do papel

---

[88] Das 35 Coleções Biológicas que responderam ao questionário, as que se reconhecem como integradas ao PRESERVO são: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 4 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 13 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. As que não se reconhecem como parte integrante do PRESERVO pertencem todas ao conjunto das Coleções Microbiológicas. E a coleção que afirma desconhecer a existência do PRESERVO também pertence ao Conjunto das Coleções Microbiológicas.

estratégico dessa instância dentro da política de preservação institucional. Por outro lado, os casos em que foram indicados motivos — que podem incluir incompatibilidades de estrutura, ausência de alinhamento técnico ou falta de comunicação institucional — apontam a necessidade de uma escuta ativa e de um esforço articulado para compreender os entraves práticos que dificultam a adesão.

Tabela 05

Motivo para a não integração ao PRESERVO	
Com Motivo	**Sem motivo**
5/11	**6/11**

Tabela 06

Reconhecimento de outras Políticas Institucionais	
Cita	**Não cita**
16/36	**19/36**

A análise dos dados da Tabela 6[89], sobretudo quando articulada aos resultados das Tabelas 4 e 5, sugere que, para uma parcela expressiva das coleções biológicas da Fiocruz, ainda não há clareza consolidada sobre o que é, como se constitui e de que forma se articula a política institucional de preservação[90]. O fato de 19 coleções não mencionarem nenhuma política institucional — e outras 6, entre aquelas que não se reconhecem como parte, não apresentarem qualquer justificativa para essa não

[89]Das 35 Coleções Biológicas respondentes, as que reconhecem Políticas Institucionais que impactam as Coleções Biológicas são: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 6 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 5 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. As coleções que não citam qualquer Política Institucional são: o conjunto da Coleção Botânica, 10 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 8 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas.

[90] Das 11 Coleções Biológicas que disseram não estarem integradas ao PRESERVO, 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas listaram os seguintes motivos: (1) Objetivo do PRESERVO seja o de preservação e digitalização de acervos históricos, documentais e museológicos e que a coleção poderia participar de forma complementar no futuro (2) Localização regional impede a integração (3) Objetivo do PRESERVO tem como foco a preservação de acervos botânicos, patológicos e zoológicos o que não contempla o acervo de bactérias vivas da coleção; (4) Objetivo do PRESERVO, citado como sendo o de preservar os documentos históricos e monumentos culturais, não abarca o acervo da coleção; (5) Falta de cópias físicas e/ou digitais do acervo que possibilitem a retirada de todo o acervo documental da Fiocruz-PE para a COC. As 6 outras coleções que também responderam não estarem no âmbito do PRESERVO, todas pertencentes ao conjunto das Coleções Microbiológicas, não forneceram nenhuma explicação adicional.

integração — reforça a hipótese de que persistem lacunas nos processos de comunicação e internalização dessas diretrizes entre os responsáveis pelos acervos.

Apenas 16 das 36 coleções biológicas institucionalizadas na Fiocruz mencionaram, de forma explícita, alguma política institucional vigente no momento do preenchimento do questionário. Por outro lado, 19 coleções não fizeram qualquer menção a políticas ou diretrizes institucionais, o que representa pouco mais da metade do conjunto total.

Entre as políticas citadas, observa-se uma variedade de instrumentos e instâncias institucionais, que vão desde orientações mais amplas, como a Política de Divulgação Científica e a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento, até diretrizes diretamente voltadas à gestão das coleções, como a Política de Coleções Biológicas da Fiocruz, o Regimento Interno de Coleções Biológicas, a atuação da Câmara Técnica de Coleções e o Programa de Gestão de Acervos. Destacam-se também as ações coordenadas pela Coordenação das Coleções Biológicas, vinculada à Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), além do Grupo Assessor para Educação e Divulgação Científica, da Política de Digitalização, das Diretrizes para Recursos Educacionais Abertos e de iniciativas de apoio específicas oriundas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Ainda foram mencionados instrumentos de disseminação do conhecimento produzido a partir dos acervos, como o Repositório Institucional da Fiocruz (ARCA), indicando uma gama diversificada de recursos e estruturas voltadas à valorização, salvaguarda e circulação das coleções no contexto institucional.

Esse panorama revela uma adesão ainda incipiente e desigual às diretrizes institucionais, possivelmente relacionada a diferentes estágios de institucionalização das coleções, variações no grau de integração às instâncias diretivas da Fiocruz ou, ainda, ao desconhecimento parcial ou à fragmentação no acesso a essas políticas. Diante desse quadro, torna-se necessário fortalecer os processos de comunicação interna sobre as diretrizes existentes, bem como promover espaços de formação continuada e acompanhamento sistemático que favoreçam maior alinhamento das equipes técnicas às estratégias institucionais voltadas à preservação, à gestão e à divulgação científica das coleções biológicas.

Como demonstra a Tabela 7, a totalidade das coleções biológicas participantes da pesquisa — 35 colaboraram, entre as 36 coleções procuradas — informa possuir um marco definido de criação, o que indica um grau significativo de autopercepção

institucional quanto à sua origem e trajetória[91]. No entanto, esse reconhecimento da criação nem sempre é acompanhado por um processo de institucionalização formal: apenas 19 coleções apontam o momento em que foram oficialmente institucionalizadas. Esse descompasso evidencia uma distinção relevante entre o surgimento empírico das coleções, muitas vezes vinculado à prática científica cotidiana, e seu reconhecimento formal como unidade de acervo com identidade e função institucional clara no interior da Fiocruz. Essa lacuna de informação sobre a institucionalização oficial em parte considerável das coleções por parte dos respondentes pode representar um espaço para futuras investigações históricas sobre o processo histórico do acervo, evidenciando que ainda há espaço para investigações específicas sobre o desenvolvimento dessas coleções.

Paralelamente, 26 das 36 coleções se reconhecem como históricas, o que reforça uma relevância acumulada ao longo do tempo, tanto no plano científico quanto institucional[92]. Os argumentos mobilizados para essa autodefinição estão centrados, sobretudo, na data de criação (23/26), no reconhecimento por parte da comunidade científica (14/26) e na vinculação a momentos históricos relevantes da trajetória da Fiocruz ou da saúde pública no Brasil (12/26)[93]. A formulação dessa pergunta no questionário teve como ponto de partida a observação prévia de que algumas coleções, em contextos institucionais diversos, vinham sendo publicamente destacadas como "históricas" — embora nem sempre com critérios explicitados. Assim, buscou-se compreender de que modo os próprios gestores das coleções interpretam essa categoria e em que fundamentos baseiam esse reconhecimento.

---

[91] Das 35 Coleções que responderam ao questionário, todas mencionam o momento que o acervo é criado. Contudo, apenas 19 mencionam o momento em que a coleção foi institucionalizada, sendo essas o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 10 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 7 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas.

[92] Dentre as 35 coleções entrevistadas, 26 se consideram históricas, essas: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 10 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 12 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. As 9 que não se vêem como históricas são o conjunto da Coleção Botânica, 6 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 1 coleção do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus.

[93] Entre aquelas que se disseram considerar históricas, 23 mencionam a data de criação como um argumento favorável: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 8 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 11 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. As 14 que se utilizam de ser referência na área para argumentar a favor de serem uma coleção histórica são: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 6 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 4 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. Outro argumento, o de estarem relacionadas a momentos históricos relevantes, foi utilizado por 12 coleções: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 6 coleções do conjunto das Microbiológicas e 3 coleções Zoológicas. A única coleção que se disse histórica, mas não apresentou qualquer argumento pertence ao conjunto das Coleções Microbiológicas.

Os dados indicam que a autopercepção de “historicidade” parece ancorada principalmente na ideia de antiguidade, como se o caráter histórico estivesse diretamente vinculado ao tempo de existência. Do ponto de vista historiográfico, contudo, todas as coleções podem ser consideradas históricas, na medida em que integram processos de produção científica, constituem testemunhos materiais de práticas institucionais e expressam transformações. A associação entre história e longevidade, portanto, indica uma compreensão restrita da noção de historicidade, o que pode limitar o reconhecimento de acervos mais recentes como igualmente portadores de valor cultural. Ainda assim, a percepção de historicidade manifestada por parte das coleções aponta para a presença de atributos que extrapolam sua função estritamente laboratorial ou técnica.

Tabela 07

Criação e Institucionalização	
Criação	**Institucionalização**
35/36	**19/36**

Tabela 08

Consideram-se históricas	
SIM	**NÃO**
26/36	**9/36**

Tabela 09

Argumentos para considerar a coleção histórica		
Data de Criação	**Referência na Área**	**Relacionada a Momentos Históricos Relevantes**
23/26	**14/26**	**12/26**

Cabe ressaltar também que ainda que o reconhecimento histórico esteja presente em ampla maioria, as informações mais completas e atualizadas sobre essas coleções foram fornecidas majoritariamente por meio dos questionários, superando o que está disponível nas páginas institucionais *online*. Essa constatação reforça a importância das abordagens qualitativas na construção de um panorama abrangente das coleções biológicas da Fiocruz e aponta para a necessidade de maior investimento

em estratégias de comunicação pública, registro sistemático e visibilidade institucional desses acervos.

A análise das respostas relativas à Tabela 10 revela um dado importante sobre a assimetria entre a informação institucional disponível publicamente e os dados fornecidos diretamente pelos responsáveis pelas coleções. Em 23 das 35 coleções, a definição do acervo foi complementada ou atualizada por meio do questionário; em 28, a quantidade de exemplares foi revista ou expandida; e em 25, o histórico da coleção foi enriquecido com dados não presentes nas páginas oficiais[94]. Ou seja, em todos esses casos, os dados enviados no contexto da pesquisa superaram qualitativa e quantitativamente o conteúdo institucional já publicado.

A análise constatou também uma escassez de padronização e atualização nas fontes online, apontado na Tabela 10. Apenas uma das páginas oficiais analisadas — a da Coleção de Fungos Patogênicos (CFP) — apresentava data explícita de atualização, e somente a página da Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB) informava os nomes dos autores responsáveis pela redação do conteúdo, datada de 2017. Esse cenário aponta para uma fragilidade na cultura de atualização e manutenção da informação pública sobre os acervos, o que não apenas dificulta a transparência e o acesso aos dados sobre o conhecimento produzido, mas também revela a ausência de critérios sistematizados para garantir a qualidade, a autoria e a temporalidade das informações disponibilizadas.

A discrepância entre as informações disponíveis nos portais institucionais e aquelas fornecidas diretamente pelos curadores das coleções evidencia, portanto, a necessidade de fortalecer os mecanismos de atualização contínua dos dados sobre os acervos biológicos da Fiocruz, considerando não apenas seu valor científico, mas também seu papel como bens culturais.

---

[94] Das 35 coleções entrevistadas, todas as coleções complementaram e/ou atualizaram informações sobre os seus acervos que estavam disponíveis em páginas oficiais. 23 deram mais detalhes sobre a definição dos seus respectivos acervos: o conjunto da Coleção Botânica, 2 coleções do conjunto das Coleções Histopatológicas, 9 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 11 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. 28 sobre a quantidade de itens presentes na coleção: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 2 coleções do conjunto das Coleções Histopatológicas, 14 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 9 coleções do conjunto de Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. E 25 sobre o histórico da coleção: o conjunto da Coleção Botânica, 1 coleção do conjunto das Coleções Histopatológicas, 10 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 12 coleções do conjunto de Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus.

Tabela 10

Informações complementadas e/ou atualizadas		
Definição do Acervo	**Quantidade**	**Histórico da Coleção**
23/35	**28/35**	**25/35**

A análise das Tabelas 11 e 12 evidencia que eventos imprevistos significativos afetaram 15 das 35 coleções biológicas participantes na pesquisa[95]. Dentre esses eventos, os mais citados foram problemas relacionados ao acondicionamento inadequado dos acervos (8/15), episódios de incêndio (3/15), e, com destaque expressivo, as repercussões do chamado *Massacre de Manguinhos* (6/15), marco histórico de repressão institucional ocorrido durante o regime militar[96]. Um dos respondentes relatou ainda um evento não especificado.

Esses dados revelam a vulnerabilidade à qual parte dos acervos esteve — ou ainda está — sujeita. Tais episódios, muitas vezes associados a períodos de instabilidade política, fragilidade administrativa ou precariedade nas condições físicas de guarda, expõem a necessidade de estratégias permanentes de gestão de riscos e de políticas consolidadas de salvaguarda.

Em resposta a esses eventos, todas as coleções afetadas relataram ter implementado iniciativas de recuperação, seja por meio de ações já concluídas, seja em processos ainda em andamento. Além disso, os procedimentos de preservação listados pelos responsáveis demonstram o esforço contínuo para estruturar rotinas técnicas de cuidado com os acervos, incluindo ações como atualização de registros, autenticação,

[95] Ao serem questionadas sobre a ocorrência de eventos imprevistos significativos que afetaram as coleções, 15 das 35 responderam positivamente e 20 das 35 responderam não haver qualquer histórico. Do primeiro grupo, as 15 que o compõem são: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 7 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. O segundo grupo com 20 respondentes é composto por: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 11 coleções do conjunto de Coleções Microbiológicas, 6 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus.

[96] Dentre os Eventos Imprevistos Significativos Citados, as 6 coleções que mencionam o Massacre de Manguinhos são: 2 coleções do conjunto das Coleções Histopatológicas, 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 3 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. As 3 que falam sobre Incêndio pertencem ao conjunto das Coleções Histopatológicas. As 8 que citam o Acondicionamento como um Evento Imprevisto Significativo são: 3 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 5 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. A única que não especifica o Evento Imprevisto Significativo faz parte do conjunto das Coleções Microbiológicas.

catalogação, descontaminação, digitalização, inspeção, limpeza, manutenção de equipamentos, monitoramento ambiental, recatalogação, triagem, entre outras.

Apesar da diversidade e da densidade dessas medidas, chama atenção o fato de que algumas ações de recuperação permanecem em curso mesmo anos após o evento original, o que pode apontar para entraves institucionais, limitações orçamentárias ou ausência de mecanismos de resposta emergencial adequados. A consolidação de planos de contingência e protocolos de preservação preventiva, como previsto nas diretrizes do PRESERVO, revela-se, nesse contexto, uma urgência estratégica para garantir a continuidade e a integridade das coleções biológicas no longo prazo.

Tabela 11

Eventos Imprevistos Significativos	
SIM	**NÃO**
15/35	**20/35**

Tabela 12

Eventos Imprevistos Significativos Citados			
Massacre de Manguinhos	**Incêndio**	**Acondicionamento**	**Não especificado**
6/15	**3/15**	**8/15**	**1/15**

A análise das respostas relativas aos desafios enfrentados na preservação dos acervos revela um cenário complexo e multifacetado, em que limitações estruturais, institucionais e operacionais coexistem. Dos 35 respondentes, 23 apontaram instabilidade e precariedade nos recursos humanos como o principal entrave, o que evidencia uma fragilidade persistente na formação e manutenção de equipes técnicas especializadas. Problema, esse, que, mesmo em contextos institucionais diferentes, também foi apontado múltiplas vezes nas entrevistas realizadas pelo Projeto Memórias. A citação abaixo ilustra com similaridades a questão levantada pelo questionário atual:

> “SO - Por exemplo, outra coisa que é incrível é você não ter pessoal para trabalhar na coleção, não tem! Eu sou aposentado, o único funcionário da coleção é a Jane Margarete, que não é entomologista, ela não entende disso, entendeu? E não é, é a única funcionária que

> eu tenho, eu não tenho um laboratorista, tudo é bolsista, se amanhã acabar o projeto PAP(?), esquece esse troço, entendeu? Não tem! Então, é preciso urgentemente que as pessoas responsáveis tomem, resolvam cuidar da coleção, quer dizer, abre concursos, foi muito engraçado essa última..., concurso que houve aqui, cada laboratório acha que tem prioridade, "Ah, não tenho gente" e a coleção que não tem ninguém, não é prioritário para o departamento de Entomologia." (OLIVEIRA, 2021, p. 17) [97]

A segunda maior incidência refere-se à infraestrutura inadequada (22/35), o que, somado à escassez de investimentos (8/35), aponta para a existência de gargalos institucionais que dificultam a sustentação das atividades de preservação a médio e longo prazo.

Embora menos frequentes, os relatos sobre carência de equipamentos (5/35), insumos (4/35) e dificuldades ligadas à recuperação de acervo (5/35) revelam a persistência de problemas materiais que comprometem o cotidiano da gestão dos acervos biológicos. Além disso, foram mencionadas limitações mais estruturais, como ausência de políticas de preservação (1/35), falta de sistema próprio (3/35), dificuldade de acesso ao sistema institucional (2/35) e insuficiência de editais específicos para a área (1/35), o que reforça a percepção de que a preservação dos acervos nem sempre ocupa, na prática, posição de prioridade institucional.

Outros pontos sensíveis incluem questões relativas à segurança — como risco de incêndio (6/35) — e ao monitoramento e manutenção dos acervos (5/35), indicando que aspectos preventivos e de vigilância ainda demandam maior atenção. Menções isoladas à baixa valorização profissional (1/35) e à demanda por digitalização (1/35) também sinalizam desafios subjetivos e tecnológicos, respectivamente, que impactam tanto o reconhecimento institucional das coleções quanto a promoção do seu acesso[98].

---

[97] Trecho de entrevista de Sebastião José de Oliveira (SO) às entrevistadoras Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR) sobre a falta de recursos humanos para trabalhar na coleção, que faz parte de uma sequência de afirmações sobre a quantidade de trabalho que precisa ser realizado na Coleção Entomológica (CEIOC) em decorrência do período de latência e mudança de espaço no Massacre de Manguinhos e os entraves para a execução dessas tarefas.

[98] Todas as coleções participantes do questionário relataram Desafios para a Preservação do Acervo que se dividiram em 16 categorias: (1) As 23 que relataram questões relacionadas à instabilidade e/ou precariedade de Recursos Humanos foram: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 7 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 12 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. (2) As 22 que mencionaram Infraestrutura como um desafio foram: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 10 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 9 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. (3) 8 coleções citaram a impermanência e/ou a insuficiência de Investimentos como um desafio: 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 3 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. (4) 6 mencionaram a questão da Segurança, com ênfase no risco de

O conjunto das dificuldades apresentadas pelos respondentes reforça a necessidade de aprofundamento, elaboração e implementação de políticas consistentes e abrangentes, capazes de articular diferentes dimensões da preservação — da infraestrutura física à valorização simbólica, passando pela formação de pessoal, financiamento adequado e integração aos sistemas institucionais. Nesse sentido, o fortalecimento do PRESERVO como instância coordenadora e articuladora pode representar um caminho estratégico para avançar na superação desses entraves, desde que acompanhado por ações de apoio efetivo e continuidade administrativa.

Tabela 13

Desafios para a Preservação do Acervo	
Recursos Humanos (instabilidade e precariedade)	**23/35**
Infraestrutura	**22/35**
Investimentos (impermanência e insuficiência)	**8/35**
Segurança (risco de incêndio)	**6/35**
Equipamentos	**5/35**
Recuperação de Acervo	**5/35**
Monitoramento e Manutenção do Acervo	**5/35**
Insumos	**4/35**
Falta de Sistema Próprio	**3/35**
Descontinuidade na Governança Institucional	**2/35**

incêndio: 1 do conjunto das Coleções Microbiológicas e 5 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. (5) 5 coleções falaram sobre Equipamentos: o conjunto da Coleção Botânica e 4 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas. (6) Outras 5 relataram o fato de precisarem Recuperar Acervo: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 1 coleção do conjunto das Coleções Zoológicas. (7) 5 registraram o desafio de Monitoramento e Manutenção do Acervo: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 1 do conjunto das Coleções Zoológicas. (8) as 4 que citaram a falta ou insuficiência de Insumos pertencem ao conjunto das Coleções Microbiológicas. (9) 3 mencionaram a Falta de Sistema Próprio: 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 2 do grupo das Coleções Zoológicas. (10) Sobre Descontinuidade na Governança Institucional, 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e o conjunto da Coleção de Vírus; (11) outras 2 referenciam a Dificuldade de Acesso ao Sistema da Instituição: 1 do conjunto das Coleções Microbiológicas e o conjunto da Coleção de Vírus; (12) a Falta de Visibilidade é apontada por 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas; (13) as Políticas de Preservação, (14) a Falta de Editais Específicos para a Área, (15) a Demanda por Digitalização e (16) a Baixa Valorização Profissional são, cada uma, apontada por 1 coleção do conjunto das Coleções Zoológicas.

Dificuldade de Acesso ao Sistema da Instituição	**2/35**
Falta de Visibilidade	**1/35**
Políticas de Preservação	**1/35**
Falta de Editais Específicos para a Área	**1/35**
Demanda por Digitalização	**1/35**
Baixa Valorização Profissional	**1/35**

A análise das Tabelas 14 e 15 revela que uma parcela significativa das coleções biológicas da Fiocruz tem participado de ações museológicas ou de divulgação científica, com 29 das 35 coleções respondentes relatando algum tipo de iniciativa nesse âmbito[99]. Esse dado aponta para uma tendência de crescente articulação entre as coleções e os processos de comunicação pública da ciência, ainda que de forma heterogênea e nem sempre sistematizada em estratégias institucionais integradas.

Um outro fato é que apesar de incipientes, outras ações de divulgação da ciência também se faziam presentes no trabalho com as coleções na década de 1990, como bem se relata em uma entrevista conduzida pelo Projeto Memórias:

> "AB – Não faz pesquisa. E até falando das suas publicações, da sua participação em congressos, uma coisa que me impressionou foi a quantidade de trabalhos seus em revistas, em jornais, quer dizer, a divulgação científica é uma coisa que te interessa?
> MS – Ah, é. Eu acho que é a única coisa que a gente no final (ri) é um prêmio, não é? Porque... E eu digo isso, não dá pra você publicar, em uma outra área qualquer, qualquer coisinha é uma publicação. Aqui não. Você precisa de muita quantidade, você precisa de muito tempo, não é. As pessoas olham aquilo, um nome de um fungo não choca. E teve uma repercussão muito grande, porque quando começou a sair num congresso, no primeiro congresso que eu estava fazendo um trabalho de praia, praia de Ipanema, foi uma coisa, foi uma coisa horrível, garota. Eu não podia nem..., era um desespero! Tinha gente que ligava para mim o dia inteiro assim: "Olha, na minha casa a minha filha está com asma (risos), aonde é que a senhora me diz que eu vou morar, eu troco de casa hoje, que não tenha fungo." Eu dizia: "Pelo amor de Deus!" (ri) Não é assim. Tem que ter toda uma assepsia de casa, não é. Não existe lugar que não tenha fungo, porque aquilo... Aí começou a sair em jornal, aí saía no outro. Aí São Paulo vinha e queria

[99] Dentre as 35 coleções, as 29 que disseram que realizam Ações Museológicas ou de Divulgação Científica são: o conjunto da Coleção Botânica, o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 11 coleções do grupo das Coleções Microbiológicas, 12 coleções do grupo das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. As outras 6 que não citaram nenhuma são: 5 coleções do grupo das Coleções Microbiológicas e 1 do grupo das Coleções Zoológicas.

> saber logo quantos fungos iam matar todo mundo na praia (risos). Aí o Jornal Nacional entrava por aqui por dentro, olha foi um inferno. (risos) Cada um que saía, eles vinham assim com maior, ih, pra mim aquilo foi ótimo. Depois que cansou mesmo o pessoal não agüentava explicar, porque as pessoas...
> AB – Mas foi o espaço para você divulgar...
> MS – Foi muito. E as pessoas entenderem muito.
> AB – Entenderem o que é.
> MS – Porque é difícil você entender uma coisa até que você não vê.
> AB – Não vê. É distante, é difícil de você...
> MS – Que você inala, aí aquilo faz mal, aí começou, começaram a aparecer os primeiros problemas de alimentação, não é? Então, contar toda aquela história. Mas foi assim, foi uma explosão, foi uma coisa. Mas foi muito lucrativo. Com certeza que foi. Pessoalmente
> a gente se sente gratificada. (MR fala baixo ao fundo) Não vou dizer para você que não,
> mas é bom.
> AB – Teve um retorno bom, não é?
> MS – Teve um retorno bom." (SARQUIS, 2021, p. 20-1)[100]

Entre as ações mais citadas, destacam-se aquelas promovidas no âmbito de programas institucionais consolidados, como o *Fiocruz Para Você* e a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), ambos mencionados por 18 coleções. Esses programas funcionam como plataformas institucionais de grande alcance, facilitando a inserção das coleções em atividades voltadas ao público externo. Também merecem destaque os eventos da área (12/35), a participação na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) (9/35) e a integração a outros projetos educacionais (9/35), o que demonstra uma inserção em circuitos de divulgação para além das ações regulares da Fundação.

Contudo, ações como exposições (6/35), projetos como *IOC+Escolas* (5/35), presença digital (4/35), e atividades como visitas guiadas, cursos de extensão, ou eventos museológicos específicos — como a *Primavera dos Museus* e o *Domingo com Ciência* — são mencionadas por um número mais restrito de coleções, sugerindo que o uso museológico do acervo, embora existente, ainda é limitado em termos de alcance e frequência[101].

---

[100] Maria Inez Moura Sarquis (MS) em resposta às entrevistadoras Anna Beatriz de Sá Almeida (AB) e Magali Romero Sá (MR) sobre os frutos das pesquisas realizadas no âmbito das Coleção de Culturas de Fungos, atual Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF).

[101] As Ações Museológicas ou de Divulgação Científica citadas 18 vezes foram "Fiocruz Para Você" a "Semana Nacional de Ciência e Tecnologia" (SNCT). As que citaram a primeira foram: o conjunto da Coleção Botânica, o conjunto das Coleções Histológicas, 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 9 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. E as que citaram a segunda foram: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 4 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 9 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. Do total de respondentes que disseram que realizavam Ações Museológicas ou de Divulgação Científica, 12 falaram sobre participação em Eventos da Área: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, 5 coleções do

Tabela 14

Ações Museológicas ou de Divulgação Científica	
SIM	**NÃO**
29/35	**6/35**

Tabela 15

Ações Museológicas ou de Divulgação Científica Citadas	
Fiocruz Para Você	**18/35**
Presença Digital	**4/35**
Eventos da Área	**12/35**
SNCT	**18/35**
SBPC	**9/35**
Exposição	**6/35**
Outros Projetos Educacionais	**9/35**
Visita Guiada Especializada	**2/35**
Programa Mulheres e Meninas na Ciência	**3/35**
IOC+Escolas	**5/35**

conjunto das Coleções Microbiológicas, 5 coleções do conjunto das Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. Outras 10 ainda falaram sobre Outros Projetos Educacionais: 3 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 7 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas. Em relação a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 9 a mencionaram: ambos os conjuntos da Coleção Botânica e da Coleção Arqueopaleontológica, 1 coleção do conjunto das Coleções Histopatológicas, 2 coleções do conjunto das Microbiológicas, e 4 do conjunto das Coleções Zoológicas. 6 disseram que realizam ou realizaram Exposição: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 2 do grupo das Coleções Zoológicas. 5 falaram sobre o programa IOC+Escolas: o conjunto das Coleções Histopatológicas e 1 coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas e 1 para as Zoológicas. A Presença Digital foi citada por 4 coleções: 2 pertencem ao conjunto das Microbiológicas e 2 das Zoológicas. Já o Programa Mulheres e Meninas na Ciência por 3 delas: 2 do conjunto das Coleções Microbiológicas e 1 do conjunto das Zoológicas. O evento Primavera de Museus foi citado pelo conjunto das Coleções Histopatológicas. E o Café com Coleção/Ciência por 3 do grupo das Coleções Zoológicas. A Visita Guiada Especializada, Cursos de Extensão e Coleções nas Escolas foram citadas, cada, 2 vezes. Todas as três, e cada uma delas, por 1 coleção do grupo das Microbiológicas e por 1 das Zoológicas. Em menor quantidade, o Programa de Vocação Científica (PROVOC), Materiais Jornalísticos, Domingo com Ciência e Fiocruz nas Escolas foram citados apenas 1 vez, todos, e cada um, por uma coleção pertencente ao grupo das Zoológicas. A Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente é citada apenas por uma coleção do grupo das Coleções Microbiológicas.

Cursos de Extensão	**2/35**
PROVOC	**1/35**
Coleções nas Escolas	**2/35**
Materiais Jornalísticos	**1/35**
Primavera de Museus	**3/35**
Domingo com Ciência	**1/35**
Fiocruz nas Escolas	**1/35**
Café com Coleção/Ciência	**2/35**
OBSMA	**1/35**

A análise das Tabelas 16, 17 e 18 evidencia um panorama ambíguo no que diz respeito à adoção de práticas de planejamento estratégico pelas coleções. Dos 35 respondentes, 17 afirmam possuir algum tipo de planejamento estratégico, enquanto 18 indicam não dispor dessa ferramenta de gestão[102]. Entre aquelas que já elaboraram esse instrumento, a maioria (14/17) informa tê-lo implementado; duas não o colocaram em prática e uma expressa intenção de fazê-lo futuramente[103].

Entre as 18 coleções que não possuem planejamento estratégico, dez indicam pretensão de desenvolvê-lo, três afirmam não ter essa intenção e cinco preferiram não responder à questão[104]. Esses dados revelam a presença de experiências consolidadas em alguns núcleos, mas também apontam para a ausência de diretrizes estruturadas que orientem, de forma sistemática, as ações de médio e longo prazo em uma parte significativa das coleções.

---

[102] Sobre possuir um Planejamento Estratégico, as 17 que responderam positivamente são: o conjunto das Coleções Histopatológicas, 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 8 coleções das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. E as 18 disseram não possuir são: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 11 coleções do conjunto de Coleções Microbiológicas e 5 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas.

[103] Das 17 que responderam possuir um Planejamento Estratégico, 14 disseram ter o implementado, o conjunto das Coleções Histopatológicas, 3 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 7 das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. 2 afirmaram não ter implementado: ambas das Coleções Microbiológicas, e uma do conjunto das Zoológicas afirma ter intenção futura.

[104] Dentre os que não tem um planejamento estratégico, 10 responderam ter a perspectiva de estabelecer um: o conjunto da Coleção Arqueopaleontológica, o conjunto da Coleção Botânica, 6 coleções do conjunto das Microbiológicas e 2 das Zoológicas. E 3 disseram não possuir essa perspectiva, 2 do conjunto das Coleções Microbiológicas e uma das Zoológicas. 5 coleções, contudo, não responderam sobre essa intenção futura: 3 coleções das Microbiológicas e 2 do conjunto das Zoológicas.

É importante destacar que o planejamento estratégico consiste em um processo contínuo, sistemático e participativo de definição de metas, prioridades e meios de ação a partir da análise do ambiente interno e externo ao em que se encontra cada coleção. Seu objetivo é orientar decisões institucionais com base em um diagnóstico claro das capacidades, fragilidades, riscos e oportunidades que se apresentam. Entre os instrumentos metodológicos amplamente utilizados nesse processo está a matriz *SWOT* — sigla que em português seria FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) —, que permite mapear fatores internos (forças e fraquezas) e externos (oportunidades e ameaças) com impacto direto sobre a capacidade de uma coleção desenvolver suas atividades de maneira sustentável.

A Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), instância responsável por coordenar as ações das coleções biológicas no âmbito da Fiocruz, respondeu que tem reiterado a importância do planejamento estratégico como uma prática estruturante. A adoção de ferramentas como a matriz SWOT é incentivada justamente para que as equipes possam elaborar planos realistas, fundamentados na análise crítica do seu contexto, das suas necessidades e da sua real capacidade de contribuição.

O fato de que praticamente metade das coleções ainda não dispõe de um planejamento estratégico — e parte sequer manifesta intenção clara de estruturá-lo — evidencia uma questão o que demanda atenção institucional. A ausência desse tipo de planejamento pode limitar sua articulação com políticas transversais da Fiocruz, como a preservação patrimonial, a divulgação científica, a articulação museológica de acervos e, assim, resultar em estreitamento de oportunidades para um ambiente mais propício à apropriação e participação interna e publica para maiores investimentos na preservação das coleções biológicas. Estimular a elaboração participativa de planejamentos estratégicos, com apoio técnico, capacitação continuada e alinhamento às orientações da VPPCB, apresentam-se como um caminho a ser melhor desenvolvido com as coleções.

Tabela 16

Planejamento Estratégico	
POSSUI	**NÃO POSSUI**
17/35	**18/35**

Tabela 17

Implementação de Planejamento Estratégico		
SIM	**NÃO**	**INTENÇÃO FUTURA**
14/17	**2/17**	**1/17**

Para as coleções que responderam não possuir um planejamento estratégico, era importante delimitar quais tinham a perspectiva de realizar tal esquematização. O resultado pode ser visualizado na Tabela 18 em relação às coleções que afirmaram ter o planejamento como um objetivo futuro, àquelas que não pretendem ter essa iniciativa e àquelas que não responderam à questão.

Tabela 18

Perspectiva em ter um Planejamento Estratégico		
SIM	**NÃO**	**SEM RESPOSTA**
10/18	**3/17**	**5/17**

A percepção das coleções biológicas da Fiocruz quanto ao papel do museu institucional como ponto de articulação e instância de gestão integrada revela, em grande medida, uma disposição positiva à colaboração interdepartamental. Como demonstrado na Tabela 19, 31 das coleções respondentes afirmaram concordar com essa proposição, enquanto apenas uma discorda e três indicaram concordância com ressalvas.

Esse dado aponta para uma abertura institucional à ideia de que o museu, especialmente sob liderança da COC, pode operar como espaço estratégico não apenas de divulgação, mas também de articulação entre as coleções e o público, bem como de apoio à preservação e ao reconhecimento institucional desses acervos[105]. Ainda que permaneça o desafio de avançar sobre uma percepção de museu apenas como espaço de exposições e instancia de divulgação, que é limitada e não compreende o que é um museu.

[105] As 31 coleções que concordam com a ideia do Museu como Ponto de Articulação e Gestão Integrada são: os conjuntos da Botânica, da Arqueopaleontológica e das Histopatológicas, 13 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas, 12 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. As que concordam com ressalvas são: duas das Coleções Microbiológicas e 1 das Zoológicas. E a única que discorda faz parte das Microbiológicas.

Um dado significativo a esta tese é que a ideia de museu como uma forma de direcionar esforços ao cuidado das coleções já surgiu como proposta em uma das entrevistas observadas.

> "OF - Está me compreendendo? É como diz assim... não houve uma política direcionada para fazer essa coisa... entendeu? Não houve uma política direcionada para fazer isso, então… quem saiu perdendo? A Fundação... a Fundação é que saiu perdendo, não é? Hoje a Fundação... cresceu... não é? Se alargou feito um polvo, não é, em várias direções, não é? e uma das coisas boas que tinha lá, um dos tentáculos desse polvo podia ser... justamente essa (?) que dizer, de museu propriamente dito da Fundação Oswaldo Cruz, e esse não tem... Eu não sei dentro das outras coleções qual é a política que se segue e como se faz, não sei, não é? mas dentro da Entomologia…" (FERREIRA, 2021, p. 60)[106]

Tabela 19

Museu como Ponto de Articulação e Gestão Integrada		
CONCORDA	**CONCORDA COM RESSALVAS**	**DISCORDA**
31/35	**3/35**	**1/35**

A Tabela 20 aprofunda essa perspectiva ao indicar de que maneira os especialistas que integram gestão das coleções entendem que podem contribuir com iniciativas expositivas de natureza museológica. As respostas concentram-se em três frentes principais: fornecimento de acervo (15/35), conservação e manejo adequado (13/35) e oferta de conhecimento específico (11/35). Ainda que em menor número, também aparecem contribuições voltadas à divulgação (4/35), compartilhamento de materiais previamente utilizados em ações educativas (4/35), desenvolvimento de protocolos (3/35), e outras participações como treinamento/capacitação de pessoal nos conteúdos específicos e na gestão de itens sensíveis; planejamento, desenvolvimento e montagem de exposição; e disponibilidade para troca de ideias[107]. A diversidade nas

[106] Orlando Vicente Ferreira (OF) sobre a falta de políticas e incentivos institucionais para a ampliação e/ou manutenção da Coleção Entomológica e sobre já terem surgido ideias de um único prédio para as coleções, assim como um museu, em resposta às entrevistadoras Anna Beatriz de Sá Almeida e Magali Romero Sá.

[107] Ao serem questionadas sobre Como cada Coleção pode Contribuir com Exposição Museológica, 15 responderam com a ideia do Fornecimento de Acervo: o conjunto da Coleção Botânica, 6 coleções do conjunto das Microbiológicas, 7 coleções do conjunto das Coleções Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. 13 mencionaram a Conservação/Manejo Adequado: os conjuntos da Coleção Botânica, da Arqueopaleontológica e das Histopatológicas, 3 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 5 do conjunto das Zoológicas. Então, 11 coleções citaram Conhecimento Específico: 5 coleções das Microbiológicas, 5 do conjunto das

respostas demonstra que os responsáveis pelas coleções reconhecem múltiplas possibilidades de inserção nos processos museológicos, ainda que nem todas estejam plenamente estruturadas para isso.

Tabela 20

Como cada Coleção pode Contribuir com Exposição Museológica	
Conhecimento Específico	**11/35**
Fornecimento de Acervo	**15/35**
Conservação / Manejo Adequado	**13/35**
Presença	**2/35**
Divulgação	**4/35**
Compartilhamento de Materiais de Divulgação Utilizados	**4/35**
Treinamento de Pessoal	**2/35**
Montagem da Exposição	**2/35**
Desenvolvimento de Protocolos	**3/35**
Disponibilidade para discutir ideias	**1/35**
Não sabe responder	**1/35**
Sem resposta	**5/35**

Já a Tabela 21 sistematiza os desafios identificados pelos gestores das coleções no que se refere à manutenção de itens do acervo em exposições de longa duração. Os principais entraves apontados relacionam-se a condições ambientais e operacionais: temperatura (16/35), luminosidade (14/35) e conservação (13/35) são os itens mais citados, seguidos por questões estruturais como recursos humanos (10/35), materiais e equipamentos (9/35), manuseio e transporte (8/35) e treinamento de equipe (7/35)[108]. O “apoio museológico”, mencionado por apenas duas coleções, reforça a

Zoológicas e o conjunto da Coleção de Vírus. Divulgação e Compartilhamento de Materiais de Divulgação Utilizados são igualmente citadas por 4 coleções cada. O primeiro grupo pelo conjunto da Coleção Botânica, 2 coleções das Microbiológicas e 1 das Zoológicas. E o segundo por 3 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e por 1 coleção das Zoológicas. A contribuição através do Desenvolvimento de Protocolos foi sugerida pela CCBH, CCFF, e CCULI. As ideias sobre Presença, Treinamento de Pessoal e Montagem de Exposição foram sugeridas duas vezes cada. A primeira por 1 coleção das Microbiológicas e por 1 das Zoológicas, a segunda por duas coleções do conjunto das Zoológicas, e a terceira também por 1 coleção das Microbiológicas e por 1 das Zoológicas. Aparecendo uma única vez, a Disponibilidade para discutir ideias foi mencionada por uma coleção Microbiológica. 5 coleções, contudo, não responderam à pergunta sendo essas as: 2 coleções Microbiológicas e 3 coleções Zoológicas. A única que disse não saber responder foi uma coleção do conjunto das Coleções Microbiológicas.

[108] Em relação a questão dos Desafios de uma Exposição de Longa Duração, dos 35 respondentes, 16 enfocaram a Temperatura, sendo essas: os conjuntos da Botânica, da

percepção de que ainda há uma fragilidade institucional na mediação técnica entre as coleções e o espaço museológico. Mesmo diante dessas dificuldades, é significativo notar que 15 das 35 coleções também propuseram soluções e possibilidades para enfrentar os obstáculos relatados, o que indica uma disposição propositiva para o envolvimento em exposições, desde que com suporte técnico adequado e articulações institucionais bem definidas.

Tabela 21

Desafios de uma Exposição de Longa Duração	
Temperatura	**16/35**
Luminosidade	**14/35**
Conservação	**13/35**
Recursos Humanos	**10/35**
Materiais e Equipamentos	**9/35**
Manuseio e Transporte	**8/35**
Treinamento de Equipe	**7/35**
Segurança	**5/35**
Infraestrutura	**4/35**
Apoio Financeiro	**4/35**
Tipologia do Acervo	**4/35**
Apoio Museológico	**2/35**
Sensibilização do Público	**2/35**
Não vê Desafios	**2/35**

Arqueopaleontológica e o das Histopatológicas, 2 coleções do conjunto das Microbiológicas, e 9 coleções Zoológicas. Sobre Luminosidade, as contribuições vieram de 14 coleções: os conjuntos da Arqueopaleontológica, da Botânica e das Histopatológicas, 2 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 7 coleções das Zoológicas. 13 gestões mencionaram a Conservação como sendo um desafio, são essas: o conjunto da Coleção Botânica, 6 coleções das Microbiológicas e 6 das Zoológicas. Em contrapartida, Recursos Humanos foi citado por 10 coleções: 5 coleções do conjunto das Coleções Microbiológicas e 5 do conjunto das Zoológicas. Materiais e Equipamentos apareceram 9 vezes, sendo as coleções as: 4 vezes por coleções Microbiológicas e 5 vezes por coleções Zoológicas. O desafio de Manuseio e Transporte foi lembrado por 8 coleções: pelo conjunto da Arqueopaleontológica, por 2 coleções Microbiológicas e por 5 coleções pertencentes às Coleções Zoológicas. E Treinamento de Equipe por 7 coleções ao todo: 3 coleções do conjunto das Microbiológicas e 4 coleções das Zoológicas. Segurança, por sua vez, é citada por 5 coleções: todas do conjunto das Coleções Microbiológicas. Então, Infraestrutura e Apoio Financeiro são mencionados quatro vezes cada um: 3 coleções Microbiológicas, e 1 zoológica falam sobre o primeiro, e novamente 3 coleções Microbiológicas e 1 zoológica falam sobre o segundo grupo. Ainda, 4 referenciam Tipologia do Acervo como um desafio: todas sendo do conjunto das Microbiológicas. Assim, Apoio Museológico e Sensibilização do Público são duas pautas levantadas duas vezes cada e ambas, e cada uma, por duas coleções do conjunto das Microbiológicas. Ao fim, uma coleção Zoológica e o conjunto da Coleção de Vírus afirmam não ver desafios.

Esse conjunto de dados confirma a importância das coleções biológicas não apenas em sua função científica e biomédica, mas também no contexto das estratégias museológicas institucionais voltadas à comunicação pública da ciência e à valorização do patrimônio da saúde, nas quais o museu desempenha um papel estruturante.

Para que os diferentes papéis das coleções biológicas da Fiocruz sejam plenamente reconhecidos, torna-se necessário considerar as múltiplas dimensões que emergem das contribuições identificadas pelas próprias coleções durante a pesquisa conduzida nesta tese. Os respondentes foram convidados a refletir sobre a importância científica e estratégica de seus acervos, revelando uma diversidade de funções que atravessam os campos da ciência, da saúde pública, da educação, da política e da institucionalidade. No plano científico, as respostas se organizaram em cinco eixos principais: (I) ecológico, (II) de acervo, (III) sanitário, (IV) educacional e (V) político. Na dimensão estratégica, emergiram seis frentes de atuação: (VI) laboratorial, (VII) farmacêutica, (VIII) referencial, (IX) cooperacional, (X) institucional e (XI) de qualidade.

Sob a perspectiva ecológica, as coleções foram reconhecidas por representarem a biodiversidade brasileira e internacional, viabilizarem estudos taxonômicos, fornecerem dados sobre espécies raras ou ameaçadas, documentarem variações ao longo do tempo, distribuírem material biológico, descreverem novas espécies, manterem espécimes ameaçados, estudarem vetores e contribuírem para pesquisas sobre tipos emergentes. No eixo de acervo, destacou-se o papel das coleções como fornecedoras de cepas a diferentes setores, receptoras de depósitos de procedência diversa, detentoras de acervos únicos em escala nacional, continental ou global, e promotoras de permutas de material.

Na área da saúde, foram apontadas como instrumentos de resposta a emergências sanitárias, produção de conhecimento sobre espécies bioindicadoras, testemunhos históricos de doenças e fontes para a história das ciências médicas no Brasil. No campo educacional, as coleções são vistas como recursos para instituições de ensino, agentes de formação de pessoal, produtoras de divulgação científica, promotoras do saber tradicional, articuladoras de programas de iniciação e pós-graduação, e fomentadoras de publicações científicas e projetos educacionais. Já no plano político, contribuem para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à biodiversidade e à vigilância epidemiológica.

No âmbito estratégico, destacam-se as funções laboratoriais (como a aplicação de novas técnicas, consultorias técnico-científicas e padronização de

procedimentos), farmacêuticas (com o desenvolvimento de produtos, bioprospecção, inovações em fitoterápicos e respostas a demandas agropecuárias) e referenciais (posicionamento como centros de referência em preservação e doenças infecciosas, guarda de patrimônio genético e preparação para emergências sanitárias). Também se sobressaem as contribuições cooperacionais (com fortalecimento do SUS, parcerias internacionais e estímulo à pesquisa nacional), institucionais (promoção da missão da Fiocruz, fundamentação de seus valores e reforço de sua liderança nacional e internacional) e de qualidade (por meio da acreditação de serviços por entidades como o INMETRO).

4.2 Das coleções ao público: a realização do museu

A promoção da curadoria compartilhada entre o MV e as equipes técnicas das coleções biológicas da Fiocruz exige o estabelecimento de um modelo colaborativo que reconheça o saber especializado dos curadores como parte essencial do processo museológico. Para isso, é necessário criar dispositivos institucionais que assegurem a participação qualificada desses profissionais desde os estágios iniciais de concepção de exposições, evitando que sua atuação se restrinja apenas à disponibilização de itens ou à validação pontual de conteúdos científicos.

Este texto parte das respostas fornecidas pelos próprios responsáveis — em diferentes níveis — pelas coleções biológicas da Fiocruz no questionário aplicado no âmbito desta pesquisa, buscando explorar de maneira sistemática os caminhos possíveis para a constituição de exposições museológicas integradas. A partir dessas contribuições, é possível perceber com maior clareza os pontos de encontro — e, por vezes, de tensão — entre as coleções institucionais e a museologia no ambiente expositivo do museu. É nesse cruzamento que se torna inescapável a construção de um trabalho conjunto, pautado tanto pelo respeito às especificidades dos acervos quanto pelas exigências técnicas e narrativas do fazer museológico.

Uma estratégia possível é a constituição de grupos de trabalho interdepartamentais com composição equilibrada entre representantes da COC, das coleções e de áreas intermediárias como o PRESERVO e a Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB). Esses grupos podem atuar na definição de eixos temáticos, na escolha de objetos, na identificação de documentos e imagens associadas e na redação de textos curatoriais que expressem, de forma acessível, os múltiplos sentidos que cada acervo pode assumir em contexto expositivo.

O museu, por sua vez, pode assumir o papel de articulador metodológico desses encontros, propondo ferramentas participativas — como oficinas de curadoria, seminários internos e ciclos de escuta — que favoreçam o compartilhamento de interpretações, a escuta de diferentes perspectivas e a construção conjunta de narrativas. Esse processo também permite mapear sensibilidades específicas relacionadas ao manejo, à conservação e ao valor simbólico dos acervos, garantindo que as escolhas museográficas respeitem as particularidades técnicas de cada coleção.

Além da concepção, é fundamental que essa coparticipação se estenda não só ao planejamento e desenvolvimento de exposições, mas também à montagem física das exposições e à construção das estratégias educativas de mediação. A familiaridade dos curadores com os objetos pode contribuir tanto para a elaboração de roteiros de visita quanto para a formação das equipes educativas, especialmente em exposições de alta complexidade técnica. Ao envolver as equipes das coleções em todo o processo de desenvolvimento e gestão de exposição museológica, o museu fortalece a dimensão institucional da curadoria, amplia a apropriação interna dos projetos museográficos e promove uma prática de difusão científica enraizada nas próprias dinâmicas da gestão de acervo e da pesquisa científica.

4.2.1 Seleção de Itens

A definição de critérios para a seleção de itens representativos entre as 36 coleções biológicas da Fiocruz requer uma abordagem que considere a multiplicidade presente nesse acervo, articulando suas especificidades com as possibilidades de uso e exibição em uma exposição. O ponto de partida para seleção passa, necessariamente, pela compreensão da diversidade abrangida pelas coleções, uma vez que a Fiocruz preserva espécimes provenientes de diferentes reinos biológicos, incluindo animais invertebrados, parasitos, micro-organismos, vetores, vírus e fungos, entre outros. Essa diversidade impõe a necessidade de critérios que não priorizem um grupo biológico em detrimento de outros, mas que permitam a composição de um conjunto plural e representativo do escopo institucional, respeitando a complexidade dos contextos de produção científica aos quais esses acervos estão vinculados. Considerando isso, um dos critérios possíveis envolve a representatividade de um conjunto pelos itens selecionados.

Nesse sentido, critérios para uma seleção podem ser definidos, considerando, por exemplo, sua relevância para a história do acervo na Fiocruz ou sua importância

para campos específicos, como alguns citados: a vigilância epidemiológica, a taxonomia de vetores ou o desenvolvimento de medicamentos, vacinas, tratamentos, etc. Itens associados à descoberta ou descrição de novas espécies, por exemplo, ou exemplares-tipo — holótipos, parátipos[109] — que embasaram publicações de referência, constituem testemunhos materiais de processos de produção de conhecimento com alto valor documental e epistêmico. Além disso, espécimes vinculados a programas nacionais e internacionais de saúde, como os associados ao controle da esquistossomose, da febre amarela ou da doença de Chagas, tornam-se potenciais elementos de visibilidade para as dimensões sanitárias e políticas dos acervos.

Outro critério relevante refere-se ao estado de conservação dos exemplares e à viabilidade de sua exposição em termos de conservação preventiva. Diversos relatos presentes no questionário indicam que o acondicionamento inadequado, a presença de fungos e as limitações de infraestrutura ainda comprometem parte dos acervos, sobretudo os mais antigos ou mantidos em ambientes sujeitos à umidade. Assim, mesmo que determinados itens possuam alto valor histórico ou simbólico, sua inserção em exposições deve ser condicionada à avaliação técnica de risco e à existência de condições adequadas de suporte, controle ambiental e segurança, considerando os parâmetros estabelecidos por normas de conservação orientadas pela museologia em acordo com as equipes das coleções.

Além dos critérios científicos e técnicos, deve-se considerar também a dimensão histórica e institucional de cada coleção e de seus itens, valorizando exemplares que expressem a trajetória do campo ao qual se relaciona e à própria Fiocruz, com suas mudanças organizacionais e suas contribuições para a ciência e a saúde pública ao longo do século XX e XXI. Espécimes associados a momentos críticos da história da instituição — como as coletas realizadas nas expedições científicas do início do século XX, as coleções formadas durante programas de interiorização da saúde, ou aquelas impactadas por eventos que marcaram a história como o *Massacre de Manguinhos* — carregam em si uma densidade histórica que ultrapassa seu valor científico e se projeta como narrativa possível para exposições que também se dedicam à abordagem da memória do país.

Há que se considerar também os aspectos éticos e as narrativas envolvidas na escolha dos itens para fins expositivos. A seleção deve considerar a diversidade

---

[109] Em biologia, quando uma nova espécie é descrita, o pesquisador escolhe um exemplar principal para representar oficialmente esse nome, chamado holótipo. Outros exemplares que também foram usados para complementar a descrição, mas que não são o principal, recebem o nome de parátipos. Esses registros ajudam a garantir que o nome científico da espécie seja usado sempre de forma correta (MAZZOCATO; BIONDO, 2011).

geográfica e sociocultural, para que represente a diversidade brasileira através dos diferentes territórios e populações com as quais a Fiocruz interage, e as contingências de saúde com as quais se implica. Também deve refletir sobre os limites da visualidade no campo biológico, que frequentemente exige mediações através de equipamentos científicos adaptados para visualização pelo público, fotografias, modelos visuais tridimensionais táteis, animações, infográficos etc., para tornar inteligíveis organismos de pequeno porte ou não visíveis a olho nu. A curadoria, nesse sentido, deve trabalhar de modo articulado com as equipes técnicas das coleções para identificar os itens que, além de adequados à exposição, também possam contribuir para uma leitura crítica, educativa e inclusiva dos processos científicos que lhes deram origem.

4.2.2 Museu como Agente de Integração Institucional

A atuação dos museus institucionais — COC/ Museu da Vida (MV) e IOC/ Museu da Patologia (MP) — evidenciam-se como instâncias articuladoras. Porém, o papel, tanto do MV quanto do MP, adquire uma relevância estratégica em sinergia entre essas organizações, que atuam como elo entre os órgãos curadores das coleções biológicas. A COC, contudo, destaca-se como gestora dos espaços (MV e DPH) e interlocutora com os setores responsáveis pelos prédios históricos da Fiocruz, notadamente sob a tutela do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH). Na especificidade do modelo institucional da Fiocruz — no qual a gestão dos acervos científicos está distribuída entre diferentes instâncias nos órgãos específicos singulares que compõem a instituição — os espaços expositivos presentes em edificações históricas são tutelados por uma instância departamental voltada para a museologia, e os prédios onde encontram-se as exposições estão tutelados por uma instância departamental separada, voltada para o patrimônio edificado, ambas compondo a estrutura da Casa de Oswaldo Cruz (COC). Isso impõe a necessidade de mecanismos de coordenação que superem a fragmentação administrativa e promovam a construção de ações integradas com objetivo de promover espaços de recepção e fruição do público visitante — onde o Museu é o espaço desse encontro do público com a instituição.

O MV dispõe de reconhecida expertise em mediação museológica e divulgação científica, o que lhe confere uma posição privilegiada para atuar como agente de mediação entre as lógicas específicas das coleções e as exigências museográficas e de conservação dos espaços históricos. Para exercer essa função, a COC pode mobilizar sua capacidade institucional de interlocução com diferentes setores,

coordenando processos colaborativos que envolvam, desde o início, as equipes curadoras dos acervos, os profissionais de museologia e design expositivo, os técnicos do DPH responsáveis por zelar pelas edificações tombadas e os setores administrativos implicados nos trâmites operacionais.

Esse papel articulador demanda, ainda, a construção de protocolos de diálogo interdepartamental que considerem não apenas a viabilidade técnica da exposição de determinados itens, mas também os condicionantes espaciais e estruturais dos ambientes históricos a serem utilizados. Como esses espaços não são originalmente concebidos para finalidades museológicas, e sim para fins institucionais diversos, sua ocupação com exposições exige negociações cuidadosas quanto ao uso, circulação, iluminação, climatização, segurança e manutenção, sob as diretrizes de preservação tanto do patrimônio científico quanto do edificado. A mediação promovida pela COC, com centralidade no Museu, pode, nesse caso, funcionar como um dispositivo de tradução entre as expectativas dos curadores das coleções e os limites operacionais dos espaços disponíveis, possibilitando que as soluções museográficas resultantes atendam — considerando o posicionamento estratégico da Fiocruz para a divulgação e acesso ao seu complexo de acervos — às garantias de ocupação dos espaços por exposições museológicas e às exigências de preservação dos acervos em conformidade ao uso museológico dado aos imóveis históricos.

Cabe ao Museu fomentar uma cultura institucional voltada à escuta ativa e à elaboração conjunta de projetos, que respeite a especificidade técnica dos acervos biológicos — muitos dos quais possuem fragilidades e protocolos próprios de conservação —, sem desconsiderar os aspectos simbólicos e narrativos das exposições museológicas. Ao promover oficinas, grupos de trabalho ou ciclos de formação voltados aos envolvidos nesses processos, a área da museologia pode contribuir para a construção de um vocabulário comum entre os diferentes setores, promovendo a integração entre áreas que tradicionalmente operam sob lógicas distintas, como os laboratórios científicos e os departamentos de museu e de patrimônio histórico. Essa atuação não se limita, portanto, à dimensão logística da ocupação dos espaços, mas se projeta como um exercício de mediação institucional ampliada, em que o Museu tem função de catalisador de práticas colaborativas e de projetos museológicos interdisciplinares no interior da Fiocruz.

4.2.3 Desafios da Expografia com as Coleções Biológicas em Ambientes Históricos

Para que a conservação preventiva dos itens biológicos seja assegurada em contextos de exposições permanentes — ou de longa duração —, sobretudo em ambientes compartilhados e localizados em edificações tombadas, torna-se relevante a elaboração conjunta e a implementação de protocolos, técnicos e ambientais, que considerem simultaneamente as especificidades dos objetos expostos e as restrições impostas pelo patrimônio arquitetônico. Esses protocolos devem estar orientados por diretrizes que articulem as exigências próprias das coleções — frequentemente compostas por materiais sensíveis à variação de temperatura, umidade, luminosidade e contaminação biológica — às normas de preservação aplicáveis aos edifícios históricos, que por vezes apresentam limitações estruturais.

No que se refere ao controle ambiental, a estabilização dos microclimas nos ambientes expositivos é um ponto crítico. Para isso, é necessário o monitoramento contínuo da temperatura e da umidade relativa do ar, com parâmetros ajustados à natureza específica dos itens biológicos, que podem incluir exemplares conservados em via seca, líquida ou montagens mistas. A implantação de sensores e registradores de dados ambientais em pontos estratégicos da exposição deve ser acompanhada por protocolos de resposta a flutuações anômalas, especialmente em locais onde a ventilação natural interfere diretamente nas condições internas. Em imóveis tombados, a instalação de equipamentos como desumidificadores ou climatizadores deve ser realizada de forma não invasiva, com avaliação prévia do impacto físico no edifício, e mediante anuência do órgão regulador, no caso, o IPHAN, com mediação do DPH.

Outro aspecto fundamental diz respeito à proteção contra a luminosidade excessiva, especialmente a radiação ultravioleta, que pode acelerar processos de degradação em materiais biológicos e suportes documentais frágeis associados. A adoção de filtros UV, o controle da intensidade e da incidência direta da luz artificial, bem como o uso de espaços climatizados e com vedação controlada compõem um conjunto de medidas recomendáveis. A seleção criteriosa da iluminação também deve considerar o tempo de exposição, permitindo ciclos alternados ou pausas na exibição de itens mais sensíveis.

No plano técnico-operacional, a manipulação, montagem e manutenção das peças em exposição exigem procedimentos padronizados, baseados em práticas de biossegurança, uso de materiais inertes e reversíveis, além da formação técnica

continuada das equipes envolvidas. A adoção de suportes personalizados, que garantam a estabilidade física dos objetos, e a escolha de materiais de montagem que não liberem compostos voláteis — como colas, tecidos e espumas — são parte das recomendações para ambientes controlados, mas que se tornam ainda mais cruciais quando não há possibilidade de intervenção estrutural permanente nos espaços expositivos.

O planejamento dessa categoria de exposição deve, portanto, prever um regime de manutenção preventiva, com inspeções periódicas, registro sistemático de alterações nos itens e nos ambientes, e a existência de protocolos de contingência para eventos como falhas nos sistemas de controle climático, proliferação de fungos ou presença de insetos. Em ambientes compartilhados, essa responsabilidade exige uma clara definição das atribuições entre as áreas que estejam absolutamente comprometidas com a realização de exposições museológicas em sua rotina: gestores das coleções, dos espaços, das ações museológicas, das rotinas de conservação predial. Isso demanda uma governança articulada, capaz de garantir que os protocolos sejam aplicados com rigor e adaptados às condições de uso e conservação das distintas categorias de patrimônio envolvidas.

Para que o uso museológico das coleções biológicas da Fiocruz se consolide como prática recorrente e sustentável, torna-se necessário estruturar modelos integrados de planejamento, financiamento e governança capazes de articular os diferentes setores envolvidos. O primeiro ponto consiste no reconhecimento do complexo de acervos culturais como detentores de itens que podem ser incorporados à exposições museológicas de diferentes naturezas. Para tal, incluir o uso expositivo do acervo institucional em planos estratégicos de médio e longo prazo, com metas claras e articulação interdepartamental.

No campo do financiamento, a sustentabilidade das ações museológicas depende tanto da alocação regular de recursos no orçamento institucional quanto da ampliação de fontes externas de fomento — como editais públicos, parcerias com agências de ciência e tecnologia, convênios interinstitucionais etc. Para isso, é preciso reconhecer as exposições como produtos complexos, que demandam recursos especializados e planejamento contínuo, e não como ações eventuais ou apenas comemorativas. Do ponto de vista da governança, é recomendável a criação de instâncias colegiadas que envolvam representantes das coleções, da museologia, do patrimônio, da comunicação institucional, da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), da Cooperação Social e de Coordenações de Comunicação de órgãos da Fiocruz envolvidos. Esses arranjos devem funcionar como espaços

permanentes de diálogo, de decisão, com atribuições definidas para o planejamento, o acompanhamento e a avaliação das ações museológicas envolvendo as coleções. Essa estrutura compartilhada favorece a institucionalização do processo e reduz a dependência de iniciativas individuais ou pontuais, assegurando continuidade e coerência às práticas de divulgação científica por meio do museu.

O planejamento museográfico de uma exposição com a complexidade que envolve esse tipo de acervo exige a adoção de estratégias específicas para a articulação entre os atores envolvidos, respeitando suas condições materiais e possibilidades narrativas. A diversidade entre exemplares secos, molhados, digitais e documentos associados implica desafios técnicos que devem ser abordados desde a etapa de concepção expográfica. No caso dos exemplares em via seca, é necessário considerar a montagem em suportes que garantam estabilidade física e isolamento adequado, especialmente para tipos frágeis ou com partes móveis. Já os exemplares conservados em via líquida demandam atenção redobrada à manutenção rotineira, à vedação dos recipientes, à refrigeração indireta e ao controle da iluminação, visando evitar reações fotoquímicas que alterem os líquidos conservantes ou os espécimes.

Os documentos associados, como fotografias, cadernos de campo, ilustrações, e fichas taxonômicas, contribuem para a construção de uma narrativa contextual, devendo ser exibidos em condições que preservem sua integridade e valorizem sua função como vestígios do trabalho científico. O uso de fac-símiles, digitalizações ampliadas ou reproduções adaptadas precisa ser considerado como uma solução alternativa em certos contextos, mas compreendendo que a relação com o elemento original é insubstituível e, por isso, deve-se buscar criar condições para que o público tenha a oportunidade de se relacionar com itens originais sempre que meios seguros puderem ser desenvolvidos para tal, mesmo que de maneira pontual ou ocasional.

Os acervos digitais — como bancos de imagens, modelos tridimensionais e dados associados — oferecem possibilidades expográficas que extrapolam a materialidade física, permitindo ampliar o acesso às informações e mediar a compreensão dos visitantes. A integração dessas mídias ao percurso da exposição deve ser orientada por critérios de acessibilidade, fluidez de leitura e coerência narrativa, de modo que funcionem como extensão interpretativa dos temas desenvolvidos e itens expostos, e não como meros elementos ilustrativos.

Diante dos riscos apontados pelos diversos gestores das coleções biológicas — como umidade excessiva, proliferação de fungos, risco de incêndio, danos por manuseio inadequado, entre outros —, a definição dos dispositivos de segurança e controle

ambiental em exposições deve priorizar um conjunto de tecnologias e procedimentos voltados à conservação preventiva. A integridade dos acervos depende da criação de ambientes monitorados e do estabelecimento de rotinas técnicas estabelecidas por desenvolvimento de procedimento operacional rigoroso, compatível com a complexidade dos espaços históricos e a diversidade das tipologias de exemplares.

A estabilização da umidade relativa do ar é apontada como preocupação grande, especialmente para coleções entomológicas em via seca e materiais biológicos em meio líquido. Para isso, meios para desumidificação do ambiente devem ser adotados, sensores de umidade adquiridos e sistemas de renovação de ar na sala ou nas vitrines precisam ser estudados. Associado a isso, é necessário um sistema de climatização central ou modular que permita o controle de temperatura em faixas compatíveis com a estabilidade dos materiais orgânicos. Para a prevenção de fungos, o planejamento deve contemplar a circulação do ar, a vedação eficiente das janelas e das vitrines e o uso de materiais expositivos que não liberem compostos voláteis nocivos. A escolha de mobiliário expositivo deve priorizar materiais inertes, de fácil limpeza e manutenção.

Em relação à segurança contra incêndios, a instalação de detectores de fumaça, sensores de calor e sistemas de alarme conectados a centrais de resposta rápida apresentam-se como necessários, considerando o histórico existente de acervos em diferentes instituições que já se perderam em virtude da negligência com os riscos existentes. Quando possível, a adoção de sistemas de combate por gás inerte — como os já utilizados em algumas coleções e áreas de guarda de acervo da Fiocruz — é recomendada, sobretudo em espaços com acervos de valor científico-histórico insubstituível. Em ambientes tombados, a implementação dessas soluções deve seguir protocolos que respeitem as restrições estruturais dos edifícios, exigindo projetos específicos com validação técnica.

Quanto ao risco de danos por manuseio inadequado, podem ser previstos dispositivos de vigilância eletrônica por câmeras (CCTV) e sistemas de alarme em vitrines sensíveis ao toque ou à movimentação não autorizada. A formação de pessoal para manuseio correto dos itens e o treinamento das equipes de apoio também compõem essas medidas, aliadas a planos de contingência previamente elaborados e testados para situações emergenciais.

4.2.4 Ciência, Mediação, Museu

Para dar conta da complexidade — científica e histórica — das coleções biológicas da Fiocruz em linguagem para o público amplo, faz-se necessário que as estratégias de comunicação e mediação museológica adotadas estejam alinhadas a princípios de escuta ativa, contextualização, participação e multivocalidade. Embora tais princípios sejam amplamente referenciados na atualidade, sua aplicação concreta requer o reconhecimento de que os públicos que frequentam os espaços museológicos possuem repertórios diversos, múltiplas formas de letramento, distintas formas de experienciar o espaço e diversas — ou nenhuma — experiências com a ciência, a saúde e o patrimônio, o que exige abordagens plurais e sensíveis à diversidade sociocultural do público.

Importa que exposições sejam concebidas a partir de uma narrativa que articule os aspectos específicos com os contextos históricos e sociais do território e do público. A presença dos itens e dos objetos biológicos deve ser acompanhada de dispositivos que evidenciem seus usos, sentidos e trajetórias, de modo que o visitante possa observar aspectos desses acervos que residam também na sua participação em redes de pesquisa, políticas de saúde, práticas de campo etc., para além de sua dimensão técnica, e com esses elementos possam desenvolver uma relação com o patrimônio cultural e uma percepção própria do seu valor. A mediação, dessa forma, assume um papel de tradução provocativa, e não apenas de simplificação.

Para tanto, podem ser desenvolvidos múltiplos suportes comunicacionais, como painéis narrativos, animações, recursos audiovisuais, réplicas táteis, textos em diferentes formatos — poéticos, testemunhais etc., para além dos científicos —, bem como plataformas interativas que permitam uma ampliação da experiência museal para além do espaço físico, como se pode observar no histórico do desenvolvimento de exposições presentes no portfólio do MV[110]. A linguagem empregada nesses dispositivos voltados aos temas relacionados às coleções biológicas especificamente pode evitar o jargão técnico excessivo sem esvaziar a densidade conceitual, o que exige o trabalho conjunto entre especialistas das coleções, educadores museais e demais interlocutores pertinentes. Essa construção necessariamente envolve as equipes educativas dos museus MV, MP, da educação patrimonial (DPH/COC) além da possibilidade do envolvimento de departamentos que abrigam e comunicam acervos

[110] Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/exposicoes Acessado em 14/02/2025.

relacionados, como a Seção de Obras Raras da Biblioteca de Manguinhos — vinculada ao ICICT —, do Departamento de Patrimônio Histórico (DPH – COC), do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD – COC), da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde (COC), da Biblioteca de Educação e Divulgação Científica (MV – COC) entre outros, com papel fundamental na interlocução entre os conteúdos com a diversidade do público.

Outro aspecto diz respeito à formação das equipes de mediação. O contato direto com os curadores e técnicos das coleções pode ser transformado em momentos de formação continuada para mediadores e educadores, aproximando os conteúdos científicos das práticas educativas e favorecendo a construção de discursos mais contextualizados, fluentes e responsivos às dúvidas e interesses do público. Isso para que se incentive também ações de escuta e participação dos visitantes durante e após a visita, como rodas de conversa, oficinas, enquetes, murais colaborativos entre outras possibilidades de ambientes de interação. Ações que reforçam o caráter dialógico da exposição e permitem que a instituição, através de sua dimensão museológica, reconheça e incorpore os sentidos produzidos pelos próprios visitantes diante dos acervos.

A Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, em parceria com o setor de desenvolvimento de Ações Territorializadas (Núcleo de Desenvolvimento de Público – MV) e com o Núcleo de Estudos de Públicos em Museus (NEPAM - MV), pode oferecer bases importantes para a formulação de políticas participativas relacionadas a dimensão das coleções biológicas e sua presença em exposições museológicas institucionais. Políticas essas que assegurem a presença das populações nos processos de concepção, mediação e avaliação das exposições museológicas. Essas instâncias podem apoiar o fortalecimento de metodologias de escuta ativa junto aos territórios e contribuir para a criação de processos institucionais mais abertos ao diálogo com os públicos diversos que compõem o sistema complexo da Fiocruz. Nesse processo, a atenção à acessibilidade precisa estar incluída, uma vez que a participação da comunidade institucional no debate sobre acessibilidade comunicacional, física e sensorial nos espaços expositivos é condição para que as exposições possam se constituir como espaços efetivamente inclusivos. Isso exige desde o planejamento de materiais em múltiplos formatos até a adequação dos espaços físicos e das mediações às necessidades de diferentes grupos com necessidades específicas, incluindo pessoas com deficiência, idosos, crianças, populações de ambientes vulnerabilizados, entre outros.

A integração das dimensões ecológica, sanitária, histórica e política na concepção de uma exposição baseada nas coleções biológicas requer uma abordagem curatorial que privilegie a interseção entre ciência, sociedade e memória institucional. Para tanto, faz-se necessário que os conteúdos expositivos articulem os contextos de origem, uso e circulação dos acervos com os desafios contemporâneos da saúde pública, da biodiversidade e do ambiente político em que se inserem as ciências. Ao apresentar as coleções como testemunhos de práticas e como parte de processos históricos mais amplos, a potência educativa da iniciativa pode ser ampliada, permitindo sua leitura como expressão do patrimônio cultural. Paralelamente, a institucionalização de fluxos regulares de interlocução entre curadores de acervo e equipes do Museu é condição vital para garantir que o conteúdo apresentado se mantenha em sintonia com o avanço do conhecimento e com as transformações na disponibilidade dos exemplares utilizados em exposições.

Enfim, a complexidade se traduz em linguagem e em experiências. Criar percursos de visitação acessíveis, afetivos e sensoriais, que permitam ao público estabelecer relações com os temas expostos é uma forma de convocar, para além da razão, outros sentidos. Nesse processo, o Museu opera como um espaço de tradução cultural da ciência, de encontro entre as diversas instâncias institucionais, mediando o encontro entre coleções biológicas, história e experiências humanas singulares.

A análise dos dados revelou uma ampla diversidade de perfis entre as coleções, tanto em termos de origem e especialização científica quanto no tocante aos modos de gestão e reconhecimento interno. Observou-se que a ausência de uma política institucional voltada à reflexão sobre gestão museológica integrada do acervo institucional, incluindo as coleções biológicas, dificulta a integração desse vasto acervo em ações museológicas. Embora algumas coleções contem com infraestrutura consolidada, protocolos definidos e vínculos com redes científicas externas, outras operam com limitações de pessoal, espaço físico e reconhecimento formal, o que impacta diretamente sua preservação de longo prazo.

A complexidade organizacional da Fiocruz, com distintas unidades técnico-científicas, estruturas autônomas e trajetórias institucionais diversas, se apresenta como um fator relevante na fragmentação das ações voltadas à preservação e difusão dos acervos. Essa estrutura, embora promova especializações e excelência em áreas específicas, torna desafiadora a implementação de políticas transversais voltadas ao patrimônio científico, como é o caso da musealização das coleções biológicas que apresentam itens com condições de serem incorporados ao percurso expositivo museológico.

Entre os elementos identificados, destaca-se o fato de que muitas das coleções, embora não tenham sido organizadas com finalidades museológicas, mantêm práticas e discursos que apontam para sua potencial participação em exposições, entre outras estratégias museológicas de divulgação. Alguns grupos indicam interesse em participar de exposições, elaboram materiais de divulgação, desenvolvem ações educativas e reconhecem o valor simbólico, histórico e social dos espécimes que conservam.

Esse potencial, no entanto, permanece em grande medida latente, diante da necessidade de aprofundamento na articulação entre os setores de pesquisa e as instâncias museológicas da instituição. A musealidade das coleções, pelo que é expresso, manifesta-se de forma desigual: ora como possibilidade reconhecida pelos gestores/curadores, ora como demanda externa vinda de áreas como o Museu da Vida — em contato direto com coleções específicas para o desenvolvimento de ações — ou exposições temáticas específicas ou ações temáticas públicas da instituição em feiras e eventos. Não se trata de uma característica intrínseca a todos os acervos, mas de uma condição que depende de múltiplos fatores — institucionais, materiais, epistemológicos e simbólicos.

A análise permitiu reconhecer o papel estratégico do PRESERVO e do NAHM como instâncias de articulação entre as políticas de preservação e os setores responsáveis pelas coleções científicas. No entanto, ainda são limitadas as iniciativas que promovam a interlocução direta com os museus institucionais ou que estabeleçam diretrizes claras para a inserção das coleções biológicas em processos museológicos mais robustos.

A existência de museus com gestões e finalidades distintas (Museu da Vida, Museu da Patologia) revela diferentes possibilidades de caminhos para a divulgação e valorização das coleções junto ao público. O desafio, no entanto, está na construção de debates para avançar na formulação de um projeto museológico institucional comum, capaz de articular ciência, memória, preservação, acolhimento e comunicação por meio de ações, exposições e produtos voltados à divulgação e popularização das ciências. A articulação entre o Instituto Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Presidência da Fiocruz e demais órgãos detentores/gestores do patrimônio cultural das ciências, neste ponto, assume papel central, tanto pelas suas diferenças quanto pela complementaridade potencial entre seus espaços e acervos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ouro Está na Travessia: o Museu como espaço de integração e diálogo permanente

O Ouro Está na Travessia: o Museu como espaço de integração e diálogo permanente

A despeito dos avanços institucionais no campo da preservação e da crescente valorização simbólica dos acervos científicos, persistem entraves concretos à inserção das coleções biológicas da Fiocruz em práticas museológicas de caráter expositivo. Esses entraves não se restringem à ausência de protocolos técnicos, mas revelam tensões mais amplas no modo como a instituição organiza e reconhece suas coleções em relação aos espaços destinados à mediação pública do conhecimento produzido.

A fragmentação administrativa entre unidades responsáveis pela guarda dos acervos e os setores dedicados à museologia dificulta a constituição de iniciativas compartilhadas, de planejamento continuado e de definição de critérios de seleção e uso dos materiais em contextos expositivos. Embora haja espaços museais ativos, como o Museu da Vida e o Museu da Patologia, sua vinculação a departamentos específicos e suas programações próprias tornam o acesso expositivo às coleções condicionado a negociações pontuais e, muitas vezes, informais. Essa limitação é reforçada por lacunas normativas e pela inexistência de instâncias institucionais formalmente responsáveis por promover o diálogo entre áreas — onde o Museu se apresenta como espaço promissor para congregação. Assim, o problema que se apresenta não é apenas o da escassez de recursos ou da falta de espaço, mas o da dificuldade de transformar as coleções biológicas em dispositivos interpretativos articulados para o público em exposições museológicas, exigindo o reconhecimento de suas especificidades e a mediação entre lógicas disciplinares distintas que, até hoje, operam em uma integração que ainda apresenta precariedades no interior da própria instituição. Há muito espaço para avançar na construção de políticas sustentadas de uso, preservação e comunicação dos acervos sob uma perspectiva museológica na Fiocruz.

A presença de edificações históricas no campus de Manguinhos constitui um componente relevante na articulação entre patrimônio histórico, identidade e usos museológicos potenciais de acervos institucionais em espaços de visitação e acolhimento do público estabelecidos no local. No entanto, essa presença não se traduz automaticamente em trabalho integrado, uma vez que a integração museológica permanece permeada por restrições de diferentes ordens. Muitos dos edifícios tombados, por seu valor histórico e simbólico, abrigam setores administrativos ou laboratórios de pesquisa, operando com lógicas espaciais e funcionais que ainda em

muitos casos não dialogam com as exigências de conservação, acessibilidade e mediação pública exigidas por exposições museológicas — ainda que já tenha ocorrido muitos avanços nesse sentido nas últimas décadas.

Ainda que alguns prédios tombados tenham sido requalificados com esse propósito — inteira ou parcialmente —, como o próprio Castelo Mourisco, o aproveitamento museológico das estruturas históricas edificadas encontra-se condicionado por restrições técnicas, burocráticas e conceituais, em um arranjo onde o Museu não é plenamente reconhecido e a finalidade cultural do patrimônio não é claramente definida quanto aos usos dos espaços do edifício tombado que abriga acervos, exposições e é aberto à visitação pública. Isso inclui desde limitações estruturais para adaptação às normativas museográficas contemporâneas até a ausência de políticas de uso compartilhado entre diferentes setores institucionais. A materialidade desses prédios — que são, por si só, objetos patrimoniais — pode tanto ampliar o potencial narrativo das coleções biológicas, ao situá-las em um contexto histórico e arquitetônico significativo, quanto limitar suas possibilidades de ativação museológica, caso a relação entre acervo e espaço não seja mediada por uma concepção integrada de patrimônio, ciência e museu.

O Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos (NAHM) pode ser compreendido como um avanço institucional para superar parte dessas limitações, ao propor diretrizes voltadas à preservação e ao uso qualificado dos edifícios históricos da Fiocruz. Ao reconhecer a importância cultural, social, ética e científica do conjunto, o plano busca consolidar um ambiente que articule patrimônio e produção de conhecimento, ampliando a inserção pública da instituição. No entanto, embora avance no sentido de valorizar o território histórico e de intensificar o diálogo com a cidade e seus públicos, o documento ainda não estabelece, de forma sistemática, mecanismos que articulem as potencialidades museológicas das coleções científicas ao uso expositivo dos prédios requalificados (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2014ª). Com isso, permanece o desafio de converter os espaços patrimoniais em ambientes de ativação museológica efetiva, capazes de integrar acervo, arquitetura e narrativa institucional sob uma perspectiva que reconheça o museu como espaço de mediação e articulação entre diferentes instâncias institucionais que se dedicam à produção de conhecimento e buscam, cada vez mais, desenvolver estratégias de comunicação pública com a sociedade.

No interior da estrutura institucional da Fiocruz, o Museu da Vida tem operado como um espaço estratégico de mediação, assumindo um papel central na articulação intersetorial de práticas educativas institucionais e museológicas. Sua configuração

enquanto departamento da Casa de Oswaldo Cruz lhe confere uma inserção institucional singular, permitindo o trânsito entre áreas dedicadas à pesquisa histórica, preservação patrimonial e divulgação das ciências. Ao integrar exposições, ações educativas e programas de comunicação pública, o Museu mobiliza acervos e narrativas que visam aproximar a produção científica da sociedade, ainda que nem sempre disponha de protocolos institucionais consolidados para a integração de coleções científicas em suas práticas curatoriais, que não depende somente desse departamento para que sejam desenvolvidos, mas sim de uma articulação ampla a partir da COC com os demais atores institucionais envolvidos.

Nesse contexto, a noção de museu ultrapassa a função de exibir objetos[111] e passa a operar como instância capaz de ativar redes internas de colaboração e de construir vínculos entre os diferentes saberes e as experiências sociais, produzindo um sentido relacionado a história, memória, museologia, patrimônio, divulgação e popularização das ciências. No caso específico das coleções biológicas os obstáculos para essa articulação ainda são muitos, relacionados à ausência de diretrizes operacionais que orientem seu uso museológico, o que indica a necessidade de um aprofundamento do conjunto institucional sobre os modos de integrar tais dimensões em espaços de visitação pública e exposição.

Mobilizar a museologia para uma análise institucional implica reconhecer sua capacidade de produzir leituras críticas sobre as dinâmicas organizacionais, os modos de gestão de acervos e as políticas de memória que atravessam uma determinada instituição. Nesse sentido, a museologia não se restringe à conservação de objetos em uma reserva técnica ou à orientação para conservação de objetos na curadoria de exposições, mas configura-se como um campo de conhecimento que permite diagnosticar relações entre práticas, estruturas organizacionais e processos de patrimonialização. Na Fiocruz, esse potencial analítico revela-se especialmente relevante diante da complexidade administrativa das coleções biológicas, cuja dispersão entre unidades técnico-científicas e áreas finalísticas demanda estratégias coordenadas de preservação, difusão e uso museológico. Ao adotar a museologia como lente interpretativa, esta pesquisa busca construir um quadro diagnóstico que subsidie a formulação de diretrizes institucionais voltadas à integração das coleções biológicas nas

[111] A menção ao museu no âmbito das práticas de exposição não deve ser entendida como redução do museu à sua função expositiva. Conforme a noção de Scheiner (2008b) utilizada neste trabalho, o museu constitui-se como processo, entendido como um sistema institucional de relações entre sujeitos, objetos, narrativas, temporalidades e regimes de valor, que se expressa em múltiplas dimensões. A ênfase na exposição, neste contexto, decorre do recorte analítico voltado ao problema da visibilidade pública das coleções biológicas, e não da adoção de uma concepção restrita de museu.

práticas de comunicação pública da ciência, contribuindo também para o planejamento estratégico de sua gestão museológica em consonância com a missão institucional de

> “Produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS) e que contribuam para a promoção da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais. (Aprovada no VI Congresso Interno)”. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2025)

Dos desdobramentos possíveis e contribuições, a pesquisa não pretendeu apresentar soluções generalizantes, mas oferecer um retrato das condições atuais de organização, gestão e preservação das coleções biológicas da Fiocruz. Com isso, espera-se contribuir para o debate sobre o uso museológico de acervos científicos em instituições de pesquisa, indicando a necessidade de abordagens interdisciplinares e políticas institucionais voltadas ao reconhecimento de tais coleções como patrimônio cultural da ciência e da saúde.

Desdobramentos futuros da investigação podem incluir a realização de estudos comparativos com outras instituições científicas nacionais e internacionais, a elaboração de propostas expográficas experimentais com base nas coleções mapeadas, o aprofundamento da análise da rede de atores envolvidos na preservação, circulação e representação desses acervos, entre outros possíveis.

Esta pesquisa partiu da premissa de que as coleções biológicas da Fiocruz, apesar de seu reconhecimento técnico-científico e de sua centralidade para a produção de conhecimento na instituição, não têm sido compreendidas, em sua totalidade, como possíveis bens museológicos. Ao adotar a museologia como campo de análise e como ferramenta crítica, o trabalho propôs uma abordagem que articula história institucional, patrimônio cultural da ciência e práticas museais, sustentada por uma investigação empírica inédita junto aos responsáveis pelas coleções. Ao sistematizar esse conjunto de acervos sob a perspectiva da musealidade, esta tese contribui para uma reflexão estratégica sobre o papel das coleções científicas nas políticas públicas de preservação e de comunicação institucional, deslocando o olhar da museologia de um campo técnico acessório para uma instância de produção de sentido.

A análise dos dados coletados junto às trinta e seis coleções revelou a coexistência de iniciativas qualificadas de preservação com uma carência generalizada de diretrizes voltadas à ativação museológica dos acervos. Em diversas respostas, observou-se disposição dos responsáveis em contribuir com ações de divulgação

científica e exposições, ainda que essas práticas não estejam formalmente previstas em suas rotinas institucionais. Por outro lado, a ausência de políticas específicas, de instâncias de articulação com os museus da instituição e de protocolos para uso expositivo dos materiais reforça um cenário de dispersão e informalidade. Esse retrato heterogêneo indica que, embora o potencial museológico exista e seja reconhecido internamente, sua ativação plena permanece condicionada por barreiras estruturais, normativas e organizacionais.

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o campo da museologia oferece um instrumental analítico capaz de incidir criticamente sobre os modos como a Fiocruz organiza, comunica e patrimonializa sua produção científica. Reconhecer esse potencial implica admitir que os museus e suas práticas não podem ser pensados apenas como espaços de exibição posterior ao processo de pesquisa, mas como instâncias fundamentais de mediação institucional. A museologia, nesse contexto, torna-se uma aliada na construção de políticas de memória e de diálogo com a sociedade, operando não apenas na conservação ou expografia, mas na produção de vínculos entre os acervos, os territórios históricos e os públicos da instituição.

Embora esta tese não pretenda prescrever soluções, os dados e análises apresentados indicam caminhos institucionais viáveis para a integração museológica das coleções biológicas. A elaboração de um protocolo orientador para o uso expositivo desses acervos, construído de forma colaborativa entre as áreas técnicas, científicas e museológicas, poderia representar um avanço significativo. Da mesma forma, a constituição de uma instância intersetorial vinculada à Casa de Oswaldo Cruz, com representantes das unidades detentoras de acervos e dos espaços museais, permitiria consolidar um ambiente de planejamento e decisão compartilhada. Tais encaminhamentos não requerem rupturas institucionais, mas o reconhecimento da museologia como dimensão transversal. Além disso, os achados aqui sistematizados podem servir de base para o desenvolvimento de projetos-piloto no interior da própria Fiocruz, articulando práticas museológicas e políticas de preservação em contextos reais de exposição, circulação e mediação com o público.

Realizar esta investigação no interior da instituição em que atuo há mais de quinze anos foi um exercício de distanciamento analítico com inevitável envolvimento afetivo. Ao longo da trajetória de pesquisa, fui confrontado com os limites, as potências e as contradições que marcam a vida institucional de um lugar que é, para mim, também território de memória e cotidiano. A inspiração na ideia de escovar a história a contrapelo, embora não plenamente desenvolvida neste trabalho, sugere que não apenas os dispositivos materiais que constituem as coleções são fonte de interesse,

mas também as escolhas, omissões e disputas que moldaram, e ainda moldam, sua trajetória. Espero que este trabalho contribua, ainda que modestamente, para o debate de políticas institucionais mais sensíveis ao espaço da museologia, às especificidades dos acervos científicos para o acesso de um público amplo e aos seus múltiplos sentidos possíveis.

Concluídas as análises e interpretações, abre-se agora uma licença para uma reflexão mais pessoal sobre as motivações, escolhas e atravessamentos que marcaram a vida fora do desenvolvimento deste trabalho, porém indissociável ao processo: um breve gesto de reconhecimento de que a investigação nasce de um lugar situado. É solicitada aqui um pouco mais da atenção e paciência ao leitor que ainda permanece. Trata-se de uma espécie de epílogo integrado para partilhar brevemente uma pequena parte do contexto que acompanhou este trajeto.

"Come on, my friends let's make for the hills
They say there's gold but I'm looking for thrills
You can get your hands on whatever we find
'Cause I'm only comin' 'long for the ride
Well, you go your way, I'll go mine
I don't care if we get there on time

Ev'rybody's searching for something they say
I'll get my kicks on the way
Over the mountain, across the seas
Who knows what will be waiting for me?
I could sail forever to strange sounding names

Faces of people and places don't change
All I have to do is close my eyes
To see the sea gulls wheeling in those far distant skies
All I want to tell you, all I want to say
Is count me in on the journey
Don't expect me to stay"[112]

[112] PINK FLOYD. *The Gold It's in the...*. In: PINK FLOYD. *Obscured by Clouds*. Londres: Harvest Records, 1972. Disponível em mídia física (LP, CD) e digital (plataformas de streaming). Em tradução livre:
Venham, meus amigos, vamos para as colinas. Dizem que há ouro por lá, mas eu estou só procurando emoção. Vocês podem ficar com tudo o que encontrarmos, porque eu estou só pela viagem. Sigam o caminho de vocês, que eu sigo o meu. Não me importa se chegarmos na hora certa.
Dizem que todo mundo está procurando alguma coisa. Eu vou apenas curtindo no caminho. Pelas montanhas, atravessando os mares — quem sabe o que me esperará? Eu poderia navegar para sempre rumo a nomes que soam estranhos.
Os rostos das pessoas e os lugares não mudam. Tudo o que eu preciso fazer é fechar os olhos para ver as gaivotas circulando naqueles céus tão distantes. Tudo o que eu quero dizer, tudo o que eu quero contar, é que podem me incluir na jornada. Só não esperem que eu fique parado.

Uma reflexão com uma música pouco conhecida de uma banda britânica bastante conhecida e ligada ao circuito dominante da cultura ocidental talvez cause certo estranhamento. Espera-se, no entanto, que o percurso construído ao longo do texto evidencie sua pertinência no horizonte de sentido proposto. Atravessado por vivências pessoais e afinidades musicais, a apresentação dessa letra para uma ilustração reflete influências de uma matriz cultural historicamente ligada a relações de dominação, o que serve como ponto de partida para pensar como algumas expressões culturais se tornam referências quase universais, enquanto outras, vindas de diferentes contextos sociais e geográficos, são constantemente deixadas à margem.

Justamente por isso, essa escolha pode ser interessante: ela nos obriga a olhar com atenção para os critérios que definem o que é reconhecido como importante, e o que é ignorado, quando não silenciado. É o tipo de tensão que também aparece, por exemplo, quando um museu escolhe expor certos objetos e deixa outros na reserva técnica, ou quando uma exposição internacional circula com apoio institucional, enquanto iniciativas locais seguem invisibilizadas pela falta de apoio.

A canção *The Gold It's in the...*, é deslocada dentro do disco *Obscured by Clouds*, álbum que podemos considerar marginal na discografia do Pink Floyd. Esse foi o trabalho imediatamente anterior ao maior sucesso de vendas da banda[113], e essa faixa se destaca no conjunto das composições que formam o álbum: ambos parecem operar como metáfora para uma abordagem interessada nos desvios, nas zonas que escapam às classificações mais difundidas e, por isso, reconhecidas. Em meio a faixas de arranjo elaborado, tons suaves e atmosfera melancólica, essa música irrompe abruptamente: direta, energética, quase fora de lugar. Seu título inacabado reforça a sensação de suspensão — algo prometido, mas que permanece em aberto, como quem não sabe ao certo onde está indo, e tampouco pretende saber.

Obscured by Clouds, lançado em 1972 como trilha sonora do filme francês *La Vallée* — que acompanha a jornada de uma mulher francesa em busca de um vale oculto nas florestas da Nova Guiné — ocupa um lugar curioso na discografia do Pink Floyd. A letra da canção recusa a lógica da recompensa: o ouro é uma metáfora irônica, onde ele está não importa, a motivação é o desejo pela viagem, de estar em movimento. O sentido não está no que se encontra, mas no modo como se chega, "vir pela viagem".

A potência da faixa reside justamente no contraste: a banda abandona momentaneamente o rigor do laboratório sonoro que vinha desenvolvendo na

[113] O álbum *Obscured by Clouds* foi lançado em junho de 1972. Menos de um ano depois, em março de 1973, o Pink Floyd lançou *The Dark Side of the Moon*, que permaneceu na *Billboard* – a parada musical norte-americana – durante praticamente 15 anos, e até hoje se mantém como o terceiro disco mais vendido na história da indústria fonográfica.

construção de seus sons, e se permite ser crua, quase improvisada. A guitarra soa solta, como se estivesse em uma garagem. Algo se revela ali: o ouro está no percurso incerto, sem um momento definido para uma chegada triunfal. Essa abordagem ressoa com a noção de Donna Haraway (1995) sobre "saberes localizados": assim como o conhecimento emerge de contradições e perspectivas situadas, a música valoriza o processo em vez de um destino fixo. A faixa abraça a imperfeição e o improviso, recusa a previsibilidade como filosofia.[114]

Essa ideia de deslocamento sem garantias traz alguma inspiração para um momento da vida atual em que tudo parece urgente. A decisão de buscar fazer um doutorado, que há anos vinha sendo adiada, ganhou forma após um show de Roger Waters — que prossegue em carreira solo com o repertório crítico consolidado nos tempos de Pink Floyd. O Show foi no final de 2018, realizado em solo brasileiro durante uma campanha eleitoral atravessada por uma retórica autoritária de inspiração fascista em sintonia com movimentos reacionários em ascensão global.

O artista, conhecido por não amenizar tensões, havia se imiscuído no debate político daquele momento sem concessões, coerente com uma postura que nunca teve como atitude suavizar conflitos. Associou aquele quadro ao seu discurso sobre a urgência de reagregar forças para uma resistência contra a “máquina” — imagem que atravessa sua obra artística. O show ressoou como uma lufada de bom senso em um ambiente que estava tomado por uma disputa política que foi promovida de forma orquestrada nas redes sociais: marcada pelo impulsionamento de mentiras que desafiam o bizarro, e a manipulação de sentimentos ultraconservadores do senso comum, algo que se expandiu rapidamente e levou a polarização política para além dos limites da razoabilidade.

A turnê, intitulada *Us + Them*, teve grande repercussão em virtude das atitudes de Waters — tanto nas arenas e estádios por onde se apresentou, quanto por meio da imprensa e das redes, causou controvérsia ao transformar os shows em palco de protesto, exibindo projeções com denúncias de figuras políticas e sociais controversas, chamados à resistência e um porco inflável com mensagens críticas. Aliado às declarações à imprensa e nas redes sociais, somadas às homenagens a personalidades ligadas a causas progressistas dando enorme espaço à vereadora Marielle Franco, que havia sido brutalmente assassinada recentemente. O artista demonstrava-se profundamente impactado pelo *zeitgeist* que, em sua visão, apontava para uma

[114] Como Donna Haraway (1995) argumenta, o conhecimento se constrói no reconhecimento de contradições e perspectivas situadas — não pela busca de respostas fixas, mas pelo engajamento crítico com o processo. Essa ideia dialoga com a valorização do percurso presente na música, em detrimento de um destino claro.

ascensão global de governos ideologicamente fascistas. Suas performances e declarações refletiam uma angústia urgente diante do que interpretava como sinais alarmantes no Brasil, especialmente a possibilidade então iminente da eleição de um governo declaradamente — perceptível no discurso e nas ações de seu maior candidato — de extrema direita. Algo que o artista associava ao fenômeno já em curso nos Estados Unidos e em outras partes do mundo.

Apesar das iniciativas de judicialização com tentativas de boicote e censura aos concertos, Waters manteve suas posições, reafirmando seu histórico de arte engajada e reacendendo debates sobre os limites entre expressão artística e ativismo. Para alguns, o show soou como o aparecimento de um bote salva-vidas. Sobretudo para quem se via à deriva após a espécie de naufrágio político e social que parecia estar sendo vivido no país — um processo difícil de assimilar.

A essa altura, cabe esclarecer que a presença da referência musical não busca ancorar a análise em um campo estético, apenas expressar uma disposição metodológica inicial que se pretendeu sensível aos deslocamentos. Trata-se também de reconhecer que repertórios culturais vivenciados ao longo do percurso formativo de uma pessoa, mesmo sem função explícita, moldam maneiras com consequências na forma de observar e perguntar. A influência não determina, só participa, quer se queira, quer não.

Decorrente do concerto de Waters, em movimento quase imediato após a saída do estádio do Maracanã, veio a decisão de submeter um projeto de tese de doutorado para a turma de 2019 no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da UFRJ (HCTE-UFRJ). O gesto teve menos a ver com estratégia acadêmica e mais com uma tentativa de reorientação no forte transe político vivido naquele momento. A proposta foi motivada por uma necessidade, sentida de forma intensa e difusa, de encontrar outras pessoas, em um novo lugar. Fez-se então a oportunidade para retomar uma leitura que havia sido acessada dez anos antes, a partir de uma mesa de debate com a participação de Henrique Cukierman — docente da UFRJ com atuação, entre outros programas, no HCTE — onde ele apresentou o livro resultante de sua tese: *Yes, nós temos Pasteur*, cujo título provocativo e leitura instigante conduziu a uma forma de olhar que viria a se desdobrar em reflexões sobre o desenvolvimento estrutural tanto da Fiocruz, ainda no começo do século XX, quanto do seu campo de atuação no Brasil.

No HCTE, o acolhimento como orientando de Cukierman em um grupo de pesquisa profundamente heterogêneo e colaborativo, promoveu uma necessária e interessantíssima iniciação sobre a literatura dos Estudos sobre Ciência, Tecnologia e

Sociedade (Estudos CTS).[115] No entanto, o ritmo intenso e a ausência de um projeto amadurecido dentro daquele escopo trouxeram uma sensação de vertigem. Quando a pandemia da covid-19 se instaurou em 2020, esse estado de suspensão deu lugar a um esvaziamento mais profundo, que desembocou em um processo depressivo.

Nesse cenário, paralelamente havia o trabalho em *home office* com o desenvolvimento de uma proposta de exposição museológica permanente sobre as coleções biológicas da Fiocruz. Um processo que fez com que a museologia emergisse como linguagem possível para tratar de novas inquietações que surgiam e demandavam a mente.

A escolha de redirecionar o estudo para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS - UNIRIO/MAST) — e consequente saída do HCTE, mas com o aproveitamento do percurso — ocorreu de maneira natural, foi um caminho que se apresentou para onde o fluxo se conduziu: numa despretensiosa pesquisa sobre o PPG-PMUS averiguou-se que as inscrições estavam abertas faltando uma semana para o encerramento. A decisão de participar do processo seletivo foi tomada como um salto não calculado. Foi redigido rapidamente um projeto que propunha seguir as coleções biológicas da Fiocruz em sua dimensão museológica, a partir da experiência que já se desenvolvia nas discussões institucionais sobre ter as coleções biológicas como tema central de exposição museológica na instituição.

E é nesse entrelugar, atravessado por interferências e referências que não se anulam, que se construiu o olhar lançado sobre as coleções biológicas em uma perspectiva museológica. A metáfora da canção deslocada de um álbum deslocado do Pink Floyd emerge agora como chave inicial para o modo como se delineia o projeto deste trabalho, antes também deslocado em nossa vivência acadêmica.

Realmente, o mundo não oferece garantias de um destino. Em 2018, Roger Waters se colocou contra a ascensão da extrema direita no Brasil, assumindo publicamente uma posição que, à época, parecia uma batalha perdida. Naquele mesmo ano, dois acontecimentos marcaram profundamente o imaginário coletivo: o assassinato de Marielle Franco, em março, e o incêndio do Museu Nacional, em setembro. Um atentado político e uma tragédia patrimonial, ocorridos sob o avanço de um projeto autoritário eleito democraticamente, pareciam revelar um esvaziamento violento dos

---

[115] Os Estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) constituem um campo interdisciplinar que analisa a produção científica e tecnológica como práticas sociais historicamente situadas, marcadas por disputas de poder, mediações culturais e compromissos políticos. Essa abordagem rejeita a noção de ciência como atividade neutra ou universal, destacando seu enraizamento em contextos concretos. Entre as contribuições fundamentais à perspectiva CTS está a crítica feminista de Donna Haraway, que propõe uma “objetividade situada”, ancorada na noção de saberes localizados, pela qual toda produção de conhecimento é reconhecida como parcial, corporificada e politicamente implicada (HARAWAY, 1995).

espaços de representação, conhecimento, memória... Embora pertençam a domínios diferentes, seus efeitos não se contiveram nessas fronteiras. Espalharam-se, se traduziram e continuam ganhando novos sentidos. Nesse emaranhado de deslocamentos, surgem conexões inesperadas, contradições e rearranjos — onde uma tragédia política pode ressoar em debates sobre cultura, e uma perda científica pode se converter em símbolo de resistência.

Em 2022, o governo eleito anteriormente foi derrotado nas urnas em uma eleição ainda mais polarizada, cujo desfecho levou parte dos derrotados ao extremo: a tentativa de um golpe de Estado. Hoje, muitos deles ocupam o banco dos réus, alguns estão na prisão, outros nem identificados foram.

Longe de estar plenamente satisfeito com os resultados alcançados nesta pesquisa, reconheço que seu escopo permanece modesto diante da amplitude dos desafios que se colocam para o campo em que se insere. A sensação de insuficiência não se traduz, contudo, em desalento, mas em consciência do inacabamento que marca o gesto investigativo que, em nosso mundo, é pautado por um tempo hegemônico do sistema produtivo, com prazos fixos alheios a conciliações com outras tarefas permanentes da vida. A proposta aqui desenvolvida pode ser lida como uma contribuição pequena, situada e provisória — talvez como uma faixa deslocada em um álbum deslocado —, mas que se propõe a somar-se ao movimento coletivo de abertura de novas trilhas. Atento à ideia de percurso e ciente da brevidade do tempo que temos no mundo, mantenho a convicção de que este trabalho oferece pontos de partida para que outras investigações prossigam, revisitem e desdobrem o que aqui foi apresentado.

Como propõe Ailton Krenak, diante da certeza do fim, importa o que conseguimos fazer enquanto ainda há tempo. É nesse intervalo que esta pesquisa se inscreve. É nesse trânsito que, modestamente, encontra-se o sentido da nossa investigação. Trata-se, afinal, de uma contribuição pequena voltada a um conjunto específico de coleções biológicas — que não parte de um ponto neutro, nem se desenvolve à margem das tensões do tempo em que é feita. Busca, a partir do lugar em que se baseia, produzir uma reflexão sobre como essas coleções podem desenvolver sentido, ser mais bem preservadas, expostas, mediadas... A busca pelo “ouro”, se ainda faz sentido como metáfora, reside justamente na manutenção da busca.

Até o dia do atentado que sofreu contra sua vida, Marielle Franco se manifestava ativamente. Entre suas pautas a violência da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Foto: Reprodução/G1
Publicada em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml Acesso em: 05 jun. 2025.

Museu Nacional sendo consumido pelas chamas junto ao estádio do Maracanã, em meio a escuridão das árvores da Quinta da Boa Vista em 02 de setembro de 2018.

Foto: Paulo Fernandes, Fotoarena, Sipa USA
Publicada em: https://www.nationalgeographicbrasil.com/photography/2018/09/luto-e-raiva-se-misturam-depois-do-incendio-que-devastou-o-museu-nacional?image=04_brazil_museum_gallery_ap_18247502886231 Acesso em: 05 jun. 2025.

Roger Waters veste camisa com a frase “Lute como Marielle Franco” durante show da turnê Us + Them, no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2018

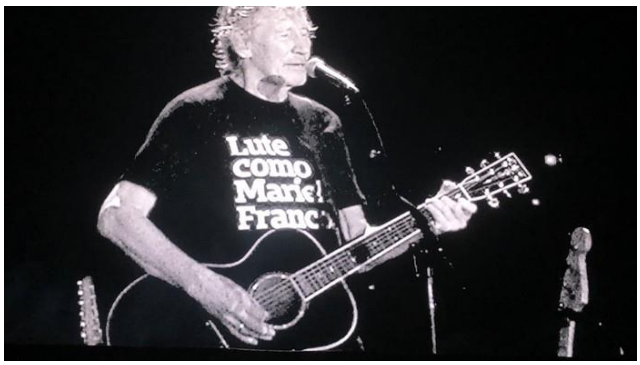


Foto: Carlos Brito/G1.
Publicada em: https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/musica/noticia/2018/10/25/roger-waters-faz-show-historico-no-maracana-e-participa-de-ato-em-homenagem-a-marielle-franco.ghtml.
Acesso em: 05 jun. 2025.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Memória, história, coleção. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, v. 28, 1996, p. 37-64.

ALMEIDA, Anna Beatriz Sá; MACIEL, Laurinda Rosa; KLEIN, Lisabel; SÁ, Magali Romero (Org.). *Memória das coleções científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz: acervo de depoimentos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

ARAGÃO, Henrique. *Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos)*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

ARAÚJO, Priscila de Oliveira. Imagem e ciência: produção e usos da fotografia em periódicos especializados no Rio de Janeiro (1905-1930). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2020.

ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini de; BARBOSA, Helene Santos; OLIVEIRA, Ricardo Lourenço de (Orgs.). *Uma escola para a ciência e a saúde: 111 anos de ensino no Instituto Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, 2012.

ARANDA, Arion Túlio. Coleções Biológicas: conceitos básicos, curadoria e gestão na interface com a biodiversidade e a saúde pública. In: ARANDA, A. T. (org.). *Coleções Biológicas: conceitos básicos, curadoria e gestão na interface com a biodiversidade e a saúde pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014. p. 13-33. Disponível em: ARCA Fiocruz.

ARQUIVO NACIONAL. Diretoria-Geral de Saúde Pública. Publicado em: 25 jul. 2018. Atualizado em: 07 mar. 2022. Disponível em: http://mapa.arquivonacional.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/567-diretoria-geral-de-saude-publica-2. Acesso em: jun. 2023.

BARROSO, Mariana Teixeira. *Produção científica nacional sobre mulher e HIV*. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Retratos do cotidiano em Manguinhos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, jan.-mar. 2022, p. 215-243.

BENCHIMOL, Jayme Larry (Coord.). *Manguinhos do Sonho à Vida: a ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

BENCHIMOL, Jayme Larry. O legado de Oswaldo Cruz aos olhos de um historiador. In: CRUZ, Anna Oswaldo. *Manguinhos: retratos e histórias do campus da Fundação Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero. Adolfo Lutz e a entomologia médica no Brasil (apresentação histórica). In: BENCHIMOL, Jaime Larry; SÁ, Magali Romero (Orgs.). *Adolfo Lutz: obra completa*, v. 2, livro 3. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BENCHIMOL, Jaime Larry; SÁ, Magali Romero de. *Adolpho Lutz: obra completa*. v. 2, livro 1. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

BENCHIMOL, Jayme Larry (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

BENCHIMOL, Jayme Larry; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

BENCHIMOL, Jayme Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BETTAMIO, Rafaella. *História da Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz: condições de possibilidade da escrita da história das ciências*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 31, e2024067, 2024.

BETTAMIO, Rafaella. *História de uma coleção invisível: narrativas e liminaridade da coleção Brazil's Popular Groups da Library of Congress*. Rio de Janeiro: Appris, 2021.

BEVILAQUA, Diego Vaz. Museu da Vida: um século de museus na Fiocruz. In: *200 ANOS DE MUSEUS NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS*, 2018, Brasília, DF. Anais... Brasília, DF: IBRAM, 2018. p. 216-230.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Decreto n. 67.049, de 13 de agosto de 1970. Aprova o Estatuto da Fundação Instituto Oswaldo Cruz e dá outras providências. LEXML. Disponível em: https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1970-08-13;67049. Acesso em: 10 set. 2024.

BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995.

BORGES, Luiz Carlos. *Museu como espaço de interpretação e de disciplinarização de sentidos. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio* – PPG-PMUS Unirio | MAST, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus. Acesso em: jan. 2023

BORTOLETTO, Maria Élide; SANT'ANNA, Marilene Antunes. *A história e o acervo das obras raras da Biblioteca de Manguinhos. História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, v. 9, n. 1, abr. 2002.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.

BRASIL**.** *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 5 out. 1988. Atualizada até a Emenda Constitucional n. 132, de 20 dez. 2023. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: jun. 2024

BRASIL. Decreto nº 11.228, de 7 de outubro de 2022. Aprova o Estatuto e o Regimento Interno da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/decreto/D11228.htm. Acesso em: 07 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 11.228, de 7 de outubro de 2022. Aprova o Estatuto e o Regimento Interno da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20192022/2022/decreto/D11228.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%2011.228%2C%20DE%207%20DE%20OUTUBRO%20DE%202022&text=Aprova%20o%20Estatuto%20e%20o,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 07 jul. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016. Acesso em set. 2024.

BRASIL. Ministério da Justiça. Relatório 1900 - 1901. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1901. Disponível em https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/873837/per873837_1900_00001.pdf. Acesso em jul. – ago. 2024.

BRITTO, Nara. Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, v. 28, 2020, p. 1-30. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672020v28e1.

BRULON, Bruno; VALENTINO, Ana Cristina. Tereza Scheiner. *A History of Museology: Key authors of museological theory*. Paris: ICOFOM, 2019, p. 203-215.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento germinal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *Anais do Museu Paulista*: *História e Cultura Material*, São Paulo, v. 25, n. 1, 2017, p. 403-425.

BRULON, Bruno. Caminhos modernos da musealização: a fabricação da musealia no Ocidente. *Revista Tempo Amazônico*, Macapá, v. 3, n. 1, jul.-dez., 2015.

BUCAILLE, Richard; PESEZ, Jean-Marie. Cultura Material. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 16, 1989, p. 11-47.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: da Enciclopédia à Wikipédia*. Tradução de Denise Bottmann. v. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

CÂMARA, Roberta; GRANATO, Marcus; SÁ, Magali Romero. As coleções microbiológicas e sua importância como patrimônio científico: o caso das coleções da Fiocruz. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (orgs.). *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 141–172.

CÂMARA, Roberta Nobre da. *A patrimonialização de material genético brasileiro: o estudo de caso da coleção de fungos filamentosos do Instituto Oswaldo Cruz*. 2008.

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2008.

CAMPOS, Pedro. *A ditadura dos empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, de 1964-1985*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CARVALHO, Luciana Menezes de. *Do museu à museologia: constituição e consolidação de uma disciplina*. 2017. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASA DE OSWALDO CRUZ. Instituto Soroterápico Federal. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorofed.htm. Acesso em: 21 set. 2020.

CASA DE OSWALDO CRUZ; DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. *Guia do acervo da Casa de Oswaldo Cruz*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

CASA DE OSWALDO CRUZ. INSTITUTO SOROTERÁPICO FEDERAL. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)*. Capturado em 7 jun. 2024. Online. Disponível em: https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/dicionario. Acesso em: 7 jun. 2024.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 19, n. 19, 2002. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367. Acesso em: 21 abr. 2021.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio.* Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. São Paulo: Unesp, 2006.

COELHO, Carla Maria Teixeira; SILVA, Elisabete Edelvita Chaves da; ZOUAIN, Rosana Soares. Pavilhão Mourisco: desafios para sua preservação. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 27, n. 2, p. 565-582, jun. 2020.

COSTA, Jane; CERRI, Danielle; SÁ, Magali Romero de; LAMAS, Carlos José Einicker. Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, abr.-jun. 2008. p. 401-410.

COSTA, Renato da Gama-Rosa; SANTOS, Renata Soares da Costa; MARTIRE, Giovanna Ermida. Hospitais de Manguinhos: reflexões sobre políticas científicas e patrimônio, das doenças tropicais à covid-19. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 31, supl., e2024054, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/5bsQKC8yb76GpqGyQTyhN6L. Acesso em: 22 maio 2025.

CRUZ, Oswaldo Gonçalves. Relatório acerca da moléstia reinante em Santos (em 1899) apresentado a S. Exa., o Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. In: CRUZ, Oswaldo Gonçalves. *Opera Omnia*. Rio de Janeiro: Tipografia do Instituto Oswaldo Cruz, 1972.

CUKIERMAN, Henrique Luiz. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; FAPERJ, 2007.

D'AVILA, Cristiane. O "Massacre de Manguinhos": a repressão da ditadura contra cientistas do Instituto Oswaldo Cruz. Café História – história feita com cliques, 22 abr. 2019. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/ditadura-o-massacre-de-manguinhos/ . Acesso em: 6 fev. 2025.

DEL PRIORE, Mary. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: Armand Colin, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (org.). Conceitos-chave de Museologia. Trad. e com. Bruno Brulon Soares; Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

DIAS, Ezequiel. *O Instituto Oswaldo Cruz: resumo histórico (1899-1918)*. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, 1918.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1994.

FERREIRA, Orlando Vicente. Orlando Vicente Ferreira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 76p.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FONSECA FILHO, Olympio Oliveira Ribeiro. *A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil*. São Paulo: Separata do t. 2 de *Oswaldo Cruz. Monumento Histórico*, 1974.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Introdução, p. IX-XXII

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Manual para gestão de documentos e arquivos de laboratórios das ciências biomédicas* / organizado por Paulo Roberto Elian dos Santos. Rio de Janeiro: Fiocruz, [s.d.].

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Perfil institucional. Rio de Janeiro: Fiocruz, [2025]. Disponível em: https://fiocruz.br/perfil-institucional. Acesso em: 22 jun. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**.** *Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas*. [2024a]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/vppcb-vice-presidencia-de-pesquisa-e-colecoes-biologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção arqueopaleontológica*. [2024b]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecao-arqueopaleontologica. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Paleoparasitalógica e de Fezes Recentes de Animais (CPFERA)*. [2024c]. Disponível em: http://cpfera.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção botânica*. [2024d]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecao-botanica. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Botânica de Plantas Medicinais (CBPM)*. [2024e]. Disponível em: http://cbpm.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções histopatológicas*. [2024f]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecoes-histopatologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP)*. [2024g]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/csap-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *CSAP – Recuperação e reorganização*. [2024h]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/csap-recuperacao/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Portfólio da Seção de Anatomia Patológica (CSAP)*. [2024i]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-csap/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *História da Coleção de Febre Amarela (CFA)*. [2024j]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/cfa-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Portfólio da Coleção de Febre Amarela (CFA)*. [2024k]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-cfa/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *História da Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT)*. [2024l]. Disponível em: https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/cdepat-historia/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Portfólio da Coleção do Departamento de Patologia (CDEPAT)*. [2024m]. Disponível em:

https://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/colecoes/portfolio-cdepat/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções microbiológicas*. [2024n]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/colecoes-microbiologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Bactérias da Amazônia (CBAM)*. [2024o]. Disponível em: http://cbam.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Projeto Coleção Amazônia: iniciativas e acervos.* [2024p]. Disponível em: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15935. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (CBAS)*. [2024q]. Disponível em: http://cbas.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas (LIPMED)*. [2024r]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lipmed?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Bactérias Patogênicas (CBP)*. [2024s]. Disponível em: http://cbp.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS)*. [2024t]. Disponível em: https://www.incqs.fiocruz.br/index.php?option=com_content&view=featured&Itemid=166. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Campylobacter (CCAMP)*. [2024u]. Disponível em: http://ccamp.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Zoonose Bacterianas (LABZOO)*. [2024v]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labzoo?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (CCBH)*. [2024w]. Disponível em: http://ccbh.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Infecção Hospitalar (LABIH) – Arquivo*. [2024x]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lapih_arquivo. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR)*. [2024y]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labsur. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Taxonomia Bioquímica e Bioprospecção de Fungos (LTBBF)*. [2024z]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/ltbbf?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Cultura de Fungos Filamentosos (CCFF)*. [2024aa]. Disponível em: http://ccff.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Bacteriologia Aplicada à Saúde Única e Resistência Antimicrobiana (LABSUR)*. [2024ab]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labsur?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos (CCGB)*. [2024ac]. Disponível em: http://ccgb.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Fungos da Amazônia (CFAM)*. [2024ad]. Disponível em: http://cfam.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Biológica do Instituto Leônidas e Maria Deane - CBILMD*. [2024ae]. Disponível em: https://amazonia.fiocruz.br/?page_id=15277. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Fungos Patogênicos (CFP)*. [2024af]. Disponível em: http://cfp.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Seção de Micologia do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI)*. [2024ag]. Disponível em: https://www.ini.fiocruz.br/micologia.html. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (CFAS)*. [2024ah]. Disponível em: http://cfas.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Leptospira (CLEP)*. [2024ai]. Disponível em: http://clep.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Leishmania do Instituto Oswaldo Cruz (CLIOC)*. [2024aj]. Disponível em: http://clioc.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Listeria (CLIST)*. [2024ak]. Disponível em: http://clist.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Protozoários (COLPROT)*. [2024al]. Disponível em: http://colprot.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Trypanosoma de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (COLTRYP)*. [2024am]. Disponível em: https://coltryp.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Biologia de Tripanossomatídeos (LABTRIP)*. [2024an]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labtrip?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções Biológicas do Instituto Aggeu Magalhães (CBIAM)*. [2024ao]. Disponível em: https://www.cpqam.fiocruz.br/pesquisa/colecoesbiologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Yersinia pestis (CYP)*. [2024ap]. Disponível em: https://cyp.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções Zoológicas*. [2024aq]. Disponível em: https://fiocruz.br/colecoes-zoologicas. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios (LABPMR)*. [2024ar]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labpmr?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios (COLMASTO)*. [2024as]. Disponível em: https://colmasto.fiocruz.br/index?. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (CAVAISC)*. [2024at]. Disponível em: https://cavaisc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Díptera (LABDIP)*. [2024au]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labdip?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Ceratopogonidae (CCER)*. [2024av]. Disponível em: https://ccer.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários (LATHEMA)*. [2024aw]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lathema?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Culicidae (CCULI)*. [2024ax]. Disponível em: https://cculi.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC)*. [2024ay]. Disponível em: http://ceioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB)*. [2024az]. Disponível em: http://colfleb.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (CHIOC)*. [2024ba]. Disponível em: http://chioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados (LHPV)*. [2024bb]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lhpv. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório de Malacologia (LABMAL)*. [2024bc]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/labmal?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (CMIOC)*. [2024bd]. Disponível em: http://cmioc.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Laboratório Integrado – Simulídeos e Oncocercose & Entomologia Médica e Forense (LISOEMF)*. [2024be]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lisoemf?num_for=4. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (CSIOC)*. [2024bf]. Disponível em: http://csioc.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Laboratório Nacional e Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos (LNIRTT). [2024bg]. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/lnirtt?num_for=2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (CTIOC)*. [2024bh]. Disponível em: http://ctioc.fiocruz.br/index?history. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos (COLVET).* [2024bi]. Disponível em: http://colvet.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções Fiocruz Minas*. [2024bj]. Disponível em: https://minas.fiocruz.br/colecoes-2. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Malacologia Médica (CMM)*. [2024bk]. Disponível em: http://cmm.fiocruz.br/. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleção de Mosquitos Neotropicais (CMN)*. [2024bl]. Disponível em: https://cmn.fiocruz.br/index. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Biobanco BBS – Coleções*. [2024bm]. Disponível em: https://biobanco-bbs.fiocruz.br/pt-br/colecoes. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Perfil institucional.* Rio de Janeiro: Fiocruz, [2024bn]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/perfil-institucional. Acesso em: 24 out. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Unidades e setores. *Portal Fiocruz*, [2024bo]. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/unidades-e-setores. Acesso em: 22 set. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Vacinas.* Bio-Manguinhos/Fiocruz, [2024bp] atualizado em 7 jun. 2024. Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/produtos/vacinas. Acesso em: 08 nov. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Coleções Biológicas: Preservação de exemplares da biodiversidade de interesse para a saúde e para a biotecnologia*. Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas. Rio de Janeiro, 2023a. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/folder_colecoes_atualizado_2023.pdf. Acesso em: 09 jul. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Plano museológico Museu da Vida Fiocruz: 2022-2026*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023b.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Regimento Interno das Coleções Biológicas da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023c. Disponível em: https://fiocruz.br/documento/2023/07/regimento-interno-das-colecoes-biologicas-da-fiocruz. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Relatório final do IX Congresso Interno da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022a.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *IX Congresso Interno da Fiocruz – Relatório Final*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2022b. Disponível em: https://congressointerno.fiocruz.br/sites/congressointerno.fiocruz.br/files/documentos/I

X%20Congresso%20Interno%20Fiocruz%20-%20Relat%C3%B3rio%20Final.pdf. Acesso em: 01 abr. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Política de divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021a. Edição digital. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br. Acesso em: 24 nov. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Fiocruz patrimônio nacional da saúde pública*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021b. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos_2/fiocruz_institucional_web_pt_0.pdf. Acesso em: 08 jul. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Preservo - Complexo de Acervos da Fiocruz: relatório de atividades*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021c.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2020a.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Como brasileiros e brasileiras veem a Fiocruz: um estudo em 12 cidades do país*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020b. Disponível em: https://agencia.fiocruz.br/sites/agencia.fiocruz.br/files/u34/comobrasileirosveemafiocruz.ppd. Acesso em: 08 jul. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas. *Relatório 2019*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019a. 67 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Manual de digitalização*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019b. Disponível em: https://fiocruz.br/documento/2019/06/manual-de-digitalizacao. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Org.: Diego Vaz Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara; Tereza Costa. Rio de Janeiro: Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Estudo confirma relação entre infecção pelo vírus zika e microcefalia*. Portal Fiocruz, 2016a. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-confirma-relacao-entre-infeccao-pelo-virus-zika-e-microcefalia. Acesso em: 10 nov. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Plano de Desenvolvimento Institucional da Fiocruz 2016–2020*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016b. Disponível em: https://campusvirtual.fiocruz.br/portal/sites/default/files/Pdi-fiocruz_final_1.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos: Documento de Referência*. Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2014a.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Portaria nº 329/2014-PR, retificada pela Portaria nº 382/2014-PR. Institui a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014b. 10 p.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Casa de Oswaldo Cruz. Política de preservação e gestão de acervos culturais das ciências e da saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2013.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Portaria nº 526, de 29 de agosto de 2011. Disponível em: https://fiocruz.br/documento/2019/08/portaria-526-2011-pr. Acesso em: out.–dez. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Soroterápico Federal. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832–1930). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2000. Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorofed.htm . Acesso em: 21 set. 2020.

GADELHA, Paulo. Apresentação. In: BRITTO, Nara; HAMILTON, Wanda (org.). *Memória de Manguinhos. Acervo de depoimentos*. Rio de Janeiro: COC-Fiocruz, 1991. p. VII-VIII.

GAMA-ROSA, Renato. A meca da ciência. In: *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, out. 2007.

GARCIA, R. M. Abordagem sócio-técnica: uma rápida avaliação. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 85-94, set. 1980.

GRUZMAN, Carla; FERREIRA, José Ribamar; MAYRINK, Fabiola. Projetos. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Organizadores: Diego Vaz Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara; Tereza Costa. Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

GOMES, Max. *Museu da Patologia: centenário, visionário e resiliente*. Comunicação / Instituto Oswaldo Cruz. Publicado em 27 dez. 2023, atualizado em 28 maio 2024. Edição: Vinicius Ferreira. Disponível em: https://www.ioc.fiocruz.br/noticias/museu-da-patologia-centenario-visionario-e-resiliente. Acesso em: 17 mar. 2025.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela; LIMA, Manuel Ferreira (org.). *Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos*. Brasília: ABA Publicações, 2012, p. 59-73.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN/DEMU, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 60, 2005, p. 5-25. Disponível em: https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/285. Acesso em: 04 abr. 2025.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ÁBREU, Regina; CHAGAS, Mario (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DPS.A, 2003, p. 21-29.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta. Preservação do patrimônio cultural de ciência e tecnologia: uma parceria luso-brasileira entre o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Portugal) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 42, n. 3, set./dez. 2013, p. 435-453.

GRANATO, Marcus. A preservação de coleções de ciência e tecnologia: a experiência do MAST. In: *Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos Integrados de Preservação*, 2011. p. 179-195.

GRANATO, Marcus. As exposições e o uso de acervos em museus de ciência e tecnologia. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa (org.). *Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o patrimônio da ciência e da tecnologia no Brasil: objetos de C&T. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio Ferreira (orgs.). *Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), 2009. p. 78-103.

GRANATO, Marcus; CÂMARA, Roberta Nobre. Patrimônio, Ciência e Tecnologia: inter-relações. In: CARVALHO, Claudio; GRANATO, Marcus; BENCHETRIT, Sarah; ZAMORANO, Rafael (org.). *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007, p. 175-204.

GUEVARA, Ernesto Che. Notas de viaje: diario en motocicleta. Prefacio por Aleida Guevara March; prólogo por Cintio Vitier. 1. ed. Havana: Ocean Sur, 2004.

introduçãoGUIMARÃES, Rebeca Oliveira. *O Hospital de Manguinhos: ciência, medicina e saúde pública no Instituto Oswaldo Cruz (1900-1950).* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

HAMILTON, Wanda. “Massacre de Manguinhos”: crônica de uma morte anunciada. *Cadernos da Casa de Oswaldo Cruz*, v. 1, n. 1, p. 7-18, 1989.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-24.

HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1998.

HOINEFF, Anna Kohn. Anna Kohn Hoineff. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 72p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ICOM BRASIL. *Nova definição de museu*. São Paulo: ICOM Brasil, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/nova-definicao-de-museu-2/. Acesso em: 29 maio 2025.

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE. *História da Biblioteca de Manguinhos* [sd]. Disponível em: https://www.icict.fiocruz.br/historia-da-biblioteca-de-manguinhos . acesso em 25 ago. 2025

INSTITUTO OSWALDO CRUZ (IOC). *Instituto Oswaldo Cruz em Manguinhos*. Rio de Janeiro: Oficina de Kósmos, 1909.

JURBERG, José. Entrevista. *Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz*, fundo 05, seção 06, subseção 01, Dossiê 05, item 07, 104 p. Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, Rio de Janeiro, 1999.

KERR, Itália Guarany Angiola. Itália Kerr. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, 1998. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 95p.

KROPF, Simone Petraglia; AZEVEDO, Nara. Construindo a doença e a nação: a história da descoberta da doença de Chagas. In: CARVALHEIRO, José da Rocha (org.). *Clássicos em Doença de Chagas: histórias e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p. 23-30.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

KURY, Lorelai; CAMENIETZKI, Carlos Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 29, 1997, p. 57-86.

LACERDA, Aline Lopes de; LIMA, Ana Luce Girão Soares de; VIEIRA, Felipe Almeida; LOURENÇO, Francisco dos Santos; MARQUES, Regina Celie Simões (orgs.). A imagem a serviço do conhecimento: a entomologia nas ilustrações do acervo histórico da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2022a.

LACERDA, Aline Lopes de; SOARES DE LIMA, Ana Luce Girão; VIEIRA, Felipe Almeida; LOURENÇO, Francisco dos Santos; MARQUES, Regina Celie Simões. Desenhos científicos na pesquisa em entomologia do Instituto Oswaldo Cruz. In: A IMAGEM A SERVIÇO DO CONHECIMENTO: a entomologia nas ilustrações do acervo histórico da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz – Casa de Oswaldo Cruz, 2022b. p. 45–78.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa; Revisão técnica de Stelio Marras. São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. Tradução de Ivone C. Benedetti; Revisão de tradução de Jesus de Paula Assis. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEHMANNOVÁ, Martina. *224 years of defining the museum*. [S.l.]: ICOM Czech Republic, 2020. Disponível em: https://icom-czech.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/47/2020/11/224-years-of-defining-the-museum.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

LENT, Herman. *O massacre de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Edições Livres, 2019.

LIMA, Alessandro Rodrigues; FALEIRO, Bárbara Teixeira. Coleções biológicas científicas. In: OSWALD, Caroline Batistim; DIAS, Cayo Augusto Rocha; GARBINO, Guilherme Siniciato Terra; OLIVEIRA, Jean Carlo Pedroso de (orgs.). *Princípios de sistemática zoológica: material de apoio para o I Curso de Verão em Sistemática Zoológica (CVSZ)*. 1. ed. Belo Horizonte: PGZoo UFMG, 2020. Cap. 9, p. 69-77.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 48-61, maio/jun. 2013.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan.-abr. 2012.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 8., 2007, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: ANCIB; PPGCI-UFBA, 2007.

LIMA, Everton (IFF/Fiocruz). Covid-19: Pesquisadora do IFF/Fiocruz recebe prêmio em congresso internacional. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira, 30 dez. 2021. Disponível em: https://iff.fiocruz.br/index.php/pt/?view=article&id=34:pesquisador-premio-anatomia&catid=8&highlight=WyJjb2xlXHUwMGU3XHUwMGUzbyJd. Acesso em: 30 novembro 2024

LIMA, Joana David Caprário de. *A coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional do Rio de Janeiro (UFRJ): formação, trajetória e utilização em contexto museológico*. 2019. xvii, 609 f. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representações (1870-1922)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Concepções de nação e serviços de saúde no Brasil.* In: LIMA, Nísia Trindade; SANTOS, Ricardo Ventura; PAIVA, Carlos Henrique Assunção (org.). *História da saúde no Brasil: ideias, instituições e atores.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 135–160.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 2009a.

LOPES, Maria Margaret. Por que História nos Museus e Centros de Ciência? In: MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana; VALENTE, Maria Esther (org.). *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009b.

LOPES, Maria Margaret. Viajando pelo mundo dos museus: diferentes olhares no processo de institucionalização das Ciências Naturais nos museus brasileiros. *Imaginário – USP*, São Paulo, n. 3, 1996, p. 59-78.

MARTINS, Lucas Cuba. *Fotografias de peças anatômicas do Museu da Patologia no Arquivo do Instituto Oswaldo Cruz: um estudo sobre contexto de produção de fotografias em atividades científicas*. 2023. 170 f. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão

do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2023.

MAZZOCATO, Ana Cristina; BIONDO, Elaine. Tipos nomenclaturais e principais famílias do Herbário CNPO da Embrapa Pecuária Sul. Bagé: Embrapa Pecuária Sul, 2011. (Documentos, 116).

MEIJER-VAN MENSCH, Léontine; VAN MENSCH, Peter. From disciplinary control to co-creation: collecting and the development of museums as praxis in the nineteenth and twentieth century. In: PETTERSSON, Susanna; HAGEDORN-SAUPE, Monika; JYRKIIÖ, Teijamari; WEIJ, Astrid (org.). *Encouraging collections mobility – a way forward for museums in Europe*. Helsinki: Finnish National Gallery, 2010, p. 33-53.

MENÈSES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1994, p. 9-42.

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ. O que é o Museu da Vida. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz [2025]. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/pt-br/sobre-o-museu/o-que-e-o-museu-da-vida-fiocruz . Acesso em: 25 ago. 2025

MUSSA CURY, Bruno; RANGEL, Marcio. Um breve olhar sobre o processo da museologia na Fundação Oswaldo Cruz. In: *Anais do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB*. Porto Alegre, 2022.

MUSSA CURY, Bruno da Silva. *Combatendo ratos, mosquitos e pessoas: Oswaldo Cruz e a saúde pública na reforma da capital do Brasil (1902–1904)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

NASCIMENTO, Daniele Cerri do. *O olhar da Museologia para as coleções biológicas: estudo de caso da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz*. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, Rio de Janeiro, 2015.

NOGUEIRA, Inês Santos. A mulher com bócio: desafios para a construção da biografia cultural de um objeto da ciência e da saúde. 2021. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2021.

NOGUEIRA, Inês Santos; SOARES, Pedro Paulo. *Objeto em foco: kit diagnóstico do HIV*. Museu da Vida Fiocruz. Disponível em: https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1838-objeto-em-foco-kit-diagnostico-do-hiv. Acesso em: 25 nov. 2024.

OLIVEIRA, B. C. E. P. D.; PELAJO-MACHADO, M. Museu da Patologia: gestão e áreas de atuação. In: *Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos Integrados de Preservação*. Rio de Janeiro: Fiocruz; FCRB; Faperj, 2011. p. 157-169.

OLIVEIRA, B. C. E. P. D.; PELAJO-MACHADO, M. *Coleção do Departamento de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz: Plano Diretor (2007–2016)*. 2007. (Planejamento estratégico).

OLIVEIRA, Benedito Tadeu de (Coord.). *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

OLIVEIRA, Sebastião José de. Sebastião José de Oliveira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 36p.

PEARCE, Susan. The collecting process and the founding of museums in the sixteenth, seventeenth and eighteenth centuries. In: PETTERSSON, Susanna; HAGEDORN-SAUPE, Monika; JYRKKIÖ, Teijamari; WEIJ, Astrid (org.). *Encouraging collections mobility: a way forward for museums in Europe*. Kaivokatu: Finnish National Gallery, 2010, p. 12-32.

PELAJO-MACHADO, M.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. Curadoria de coleções histopatológicas. In: *Anais do II Simpósio Nacional de Coleções Científicas*, 2008, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: [s.n.], 2008. p. 92-93.

PELAJO-MACHADO, M.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. *Coleção de Febre Amarela - Plano Diretor (2007-2016)*. 2007. (Planejamento estratégico).

PELAJO-MACHADO, M.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. *Coleção da Seção da Anatomia Patológica do Instituto Oswaldo Cruz - Plano Diretor (2007-2012)*. 2007. (Planejamento estratégico).

PELAJO-MACHADO, M.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. *Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz – Plano Diretor (2007-2016)*. 2007. (Planejamento estratégico).

PINHEIRO, Marcos José de A.; BEVILAQUA, Diego Vaz; SÁ, Bruno Teixeira de; ZOUAIN, Rosana S. Arquitetura e espaços museológicos: experiências a partir do plano de requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos na cidade do Rio de Janeiro. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 57, n. 13, 2019, p. 69-108.

PINHEIRO, Marcos José de Araújo; ELIAN, Paulo Roberto; COELHO, Carla Maria Teixeira. Complexo de Preservação e Difusão de Acervos Científicos da Saúde. In: *Conference on Technology, Culture and Memory – CTCM. Strategies for preservation and information access*, 2011, Recife. *Anais*. Recife: LIBER/UFPE, 2011. p. 1-12.

POMIAN, Krzyzstof. Coleção. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1, Memória - História, 1984, p. 51-86.

RANGEL, Márcio Ferreira; MUSSA CURY, Bruno. Desenvolvimento de Práticas Museológicas: Perspectiva Histórica na Fundação Oswaldo Cruz. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 16, 2023, p. 1-25.

RANGEL, Marcio. A museologia no mundo contemporâneo. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 42, n. 3, p. 408-418, set./dez. 2013. Disponível em: https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1371/1550. Acesso em: 21 mar. 2023.

RANGEL, Márcio Ferreira. O papel estratégico das coleções científicas na construção da memória nacional. In: *Anais do XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências da Informação*, Brasília, 2011.

RANGEL, Marcio Ferreira. A construção de um patrimônio científico: a coleção Costa Lima. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.). *Cultura Material e Patrimônio*

da Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 3-34

RANGEL, Márcio Ferreira**.** *Um entomólogo chamado Costa Lima: a construção de um saber e a consolidação de um patrimônio científico*. 2006. Tese (Doutorado em História das Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil, 2006.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Entre memória e história, o que mudou na história? Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 249–255, set. 1987/fev. 1988.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

RIVIÈRE, Georges-Henri. *La muséologie: cours de muséologie, textes et témoignages*. Paris: Dunod, 1989.

ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: a cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1986.

RODRIGUES, Karine. Ciência em nanquim e negativos de vidro: como Oswaldo Cruz abriu as portas de seu instituto à iconografia. Casa de Oswaldo Cruz, 04 nov. 2020. Disponível em: https://coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/ciencia-em-nanquim-e-negativos-de-vidro-como-oswaldo-cruz-abriu-as-portas-da-fiocruz-a-iconografia-no-comeco-do-seculo-20/. Acesso em: 24 fev. 2025

SÁ, Magali Romero. Os primórdios da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz. In: LACERDA, Aline Lopes de et al. (org.). A imagem a serviço do conhecimento: a entomologia nas ilustrações do acervo histórico da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2022. p. 20–33.

SÁ, Magali Romero; KLEIN, Lisabel Espellet. *Fundo Instituto Oswaldo Cruz: inventário dos documentos das coleções científicas*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2001.

SANJAD, Nelson; COSTA, Sue. Reflexões sobre a gestão de coleções biológicas. Anais do Museu Paulista, São Paulo, nova série, v. 29, e34, p. 1–15, 2021.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. O fotógrafo Joaquim Pinto da Silva, o J. Pinto (1884-1951) e a Fundação Oswaldo Cruz. *Brasiliana Fotográfica*, 2017. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=10616. Acesso em: 23 nov. 2023.

SARQUIS, Maria Inez de Moura. Maria Inez de Moura Sarquis. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 50p.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 1, jan.-abr. 2012, p. 15-30.

SCHEINER, Tereza. Museu e Museologia: limites e perspectivas. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. dos; LOUREIRO, M. L. de N. (org.). *Museu e Museologia: Interfaces e perspectivas*. Mast Colloquia, v. 11, Rio de Janeiro, 2009, p. 43-60.

SCHEINER, Tereza. O museu, o retrato, a palavra e o mito. *Museologia e Patrimônio*, v. 1, 2008a, p. 57-73.

SCHEINER, Tereza Cristina. O Museu como Processo. In: JULIÃO, Letícia (coord.); BITTENCOURT, José Neves (org.). *Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008b, p. 36-49.

SCHEINER, T. C. M. As bases ontológicas do Museu e da Museologia / The Ontological Bases of the Museum and of Museology. In: XXI Annual Conference of the International Committee for Museology - ICOFOM/ International Council of Museums (ICOM), 1999, Coro, Venezuela. ICOFOM STUDY SERIES. Munique: Museums Pädagogisches Zentrüm München, 1999. v. 31. p. 126-173.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. *Apologia da historia ou oficio de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

SERRES, Michel. *O contrato natural.* Tradução de José Geraldo Couto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico.* 24. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2014.

SHAPIN, Steven. *Nunca pura: estudos históricos de ciência como se fora produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade*. Tradução de Erick Ramalho. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Memória. In: Dicionário de Conceitos Históricos. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Manuela da; SÁ, Magali Romero. Coleções vivas: as coleções microbiológicas da Fundação Oswaldo Cruz. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 5, 2016. p. 175-187.

SILVA, Manuela da; CHAME, Marcia; MORATELLI, Ricardo. Fiocruz Biological Collections: strengthening Brazil's biodiversity knowledge and scientific applications opportunities. *Biodiversity Data Journal*, v. 8, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.3897/BDJ.8.e53607. Acesso em: jan. 2023

SOARES, Marcus. *Os bastidores de uma exposição de um museu de história natural: o processo de produção do discurso expositivo e seus agentes*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SOARES, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Inês. Antecedentes: 1900-1986. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos*. Organizadores: Diego Vaz Bevilaqua; Marina Ramalho; Rita Alcantara; Tereza Costa. Rio de Janeiro: Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

SOARES, Pedro Paulo. *Imagens da Ciência.* Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida, 2004. Publicação catalográfica. Disponível na Biblioteca de Educação e Divulgação Científica Iloni Seibel (Museu da Vida/Fiocruz).

STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Arte-Nova / Fundação Oswaldo Cruz, 1976.

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; RANGEL, Marcio Ferreira; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de. *Documentação em museus de anatomia patológica.* In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 24., 2024, Porto Alegre. Anais [...]. Porto Alegre: ANCIB, 2024. Disponível em: https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxivenancib/paper/view/2635. Acesso em: jan. 2025

TAVARES, Maria Karla Belo da Silva; BARBOSA, Bianca Scofano; OLIVEIRA, Barbara Cristina Euzébio Pereira Dias de. Museu e medicina experimental: a coleção da seção de anatomia patológica do Museu da Patologia. In: RIBEIRO, Emanuela Sousa; ARAÚJO, Bruno Melo de; GRANATO, Marcus (org.). *Cadernos do Patrimônio da Ciência e Tecnologia: da cultura material à gestão de museus*. Rio de Janeiro: UFPE, 2023. p. 265-289.

UNESCO. *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade*. Aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da UNESCO em sua 38ª sessão. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; Representação da UNESCO no Brasil, 2015.

VAN MENSCH, Peter. *Toward a methodology of museology*. 1992. 68 f. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade de Zagreb, Faculdade de Filosofia, Zagreb, 1992. Disponível em: http://emuzeum.cz/admin/files/Peter-van-Mensch-disertace.pdf. Acesso em: 21 abr. 2025.

APÊNDICES

Apêndice 1

Exibir resultados

Entrevistado

1 Bruno da Silva Mussa Cury

02:37

Tempo para concluir

Esta pesquisa busca compreender o estado atual das coleções biológicas da Fiocruz, diretamente com seus gestores e responsáveis, visando subsidiar a elaboração de procedimentos de preservação, manejo e uso dessas coleções em atividades expositivas museológicas. *

Ok

Sua participação consiste no preenchimento deste formulário eletrônico com perguntas abertas. O preenchimento é voluntário, e todas as informações fornecidas serão tratadas de forma confidencial. O formulário deverá ser respondido apenas uma vez por cada coleção, preferencialmente pelo curador responsável ou, caso necessário, por uma pessoa designada oficialmente pelo curador para representá-la. Espera-se que o formulário também seja respondido pelo Coordenador das Coleções Biológicas na Vice-presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB) com uma visão sobre o conjunto das coleções. *

Ok

A participação nesta pesquisa é totalmente voluntária. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo ou penalidade. Caso deseje desistir da pesquisa, os dados fornecidos até o momento da retirada poderão ser excluídos, mediante solicitação.
*

Ok

Como parte da pesquisa, ao atender à questão opcional de enviar imagens relacionadas às coleções biológicas, essas imagens poderão ser utilizadas em publicações acadêmicas, com o devido crédito ao autor, em consonância com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. *

Ok

As imagens que por ventura venham a ser enviadas serão utilizadas exclusivamente para os fins acadêmicos descritos no projeto. O crédito será atribuído ao autor da imagem sempre que ela for utilizada. Nenhuma imagem será usada para fins comerciais ou em contextos que possam desrespeitar a integridade dos participantes ou das coleções. O envio das imagens é totalmente opcional e não interfere na sua participação na pesquisa. *

Ok

O respondente pode optar por não enviar imagens em caso de desistência, removendo-as antes de finalizar e enviar este questionário. *

Ok

Declaro que li e compreendi as informações apresentadas acima e que aceito participar voluntariamente da pesquisa. Estou ciente de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem penalidade. *

- (●) Sim, eu concordo em participar desta pesquisa.
- ( ) Não, eu não concordo em participar desta pesquisa.

Qual desses você está representando. *

- ( ) Presidência - VPPCB
- ( ) Coleção Arqueopaleontológica
- ( ) Coleção de Bactérias da Amazônia (Fiocruz/CBAM)
- ( ) Coleção de Bactérias do Ambiente e Saúde (Fiocruz/CBAS)
- ( ) Coleção de Bactérias Patogênicas (Fiocruz/CBP)
- ( ) Coleção de Campylobacter (Fiocruz/CCAMP)
- ( ) Coleção de Culturas de Bactérias de Origem Hospitalar (Fiocruz/CCBH)
- ( ) Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (Fiocruz/CCFF)
- ( ) Coleção de Culturas do Gênero Bacillus e Gêneros Correlatos (Fiocruz/CCGB)
- ( ) Coleção de Fungos da Amazônia (Fiocruz/CFAM)
- ( ) Coleção de Fungos Patogênicos (Fiocruz/CFP)
- ( ) Coleção de Fungos do Ambiente e Saúde (Fiocruz/CFAS)
- ( ) Coleção de Leptospira (Fiocruz/CLEP)
- ( ) Coleção de Leishmania (Fiocruz/CLIOC)
- ( ) Coleção de Listeria (Fiocruz/CLIST)
- ( ) Coleção de Protozoários (Fiocruz/COLPROT)

Coleção de Trypanosoma de Mamíferos Silvestres, Domésticos e Vetores (Fiocruz/COLTRYP)

Coleção de Yersinia pestis (Fiocruz/CYP)

Coleção Integrada de Mamíferos Silvestres e Reservatórios (Fiocruz/COLMASTO)

Coleção de Artrópodes Vetores Ápteros de Importância em Saúde das Comunidades (Fiocruz/CAVAISC)

Coleção de Ceratopogonidae (Fiocruz/CCER)

Coleção de Culicidae (Fiocruz/CCULI)

Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz/CEIOC)

Coleção de Flebotomíneos (Fiocruz/COLFLEB)

Coleção Helmintológica do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz/CHIOC)

Coleção de Moluscos do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz/CMIOC)

Coleção de Simulídeos do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz/CSIOC)

Coleção de Triatomíneos do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz/CTIOC)

Coleção de Vetores de Tripanosomatídeos (Fiocruz/COLVET)

Coleção de Malacologia Médica (Fiocruz/CMM)

Coleção de Mosquitos Neotropicais (Fiocruz/CMN)

Coleção Botânica de Plantas Medicinais (Fiocruz/CBPM)

Coleção da Seção de Anatomia Patológica (Fiocruz/CSAP)

Coleção de Febre Amarela (Fiocruz/CFA)

Coleção do Departamento de Patologia (Fiocruz/CDEPAT)

Museu da Patologia englobando suas três coleções (CSAP, CFA e CDEPAT)

Coleção de Vírus do Biobanco da Biodiversidade e Saúde (Fiocruz/CVBBS)

Coleção de Patologia Feto-Placentária (Fiocruz/CPFP)

Cidade e unidade da federação: *

bruno teste

Qual posição você ocupa? (Ex.: chefe/curador(a), designado(a) por chefe/curador(a), Coordenador, representante da VPPCB) *

bruno teste

Defina o acervo da coleção representada por você? Se você for um representante da presidência (VPPCB), defina os tipos de acervos que compõem o conjunto das coleções considerando a visão institucional da Fiocruz. *

bruno teste

O que essa coleção preserva, considerando os espécimes-típicos e outros acervos associados? Se você for um representante da presidência (VPPCB), defina de maneira geral o que há nos acervos das coleções biológicas da Fiocruz que demanda ações de preservação. *

bruno teste

Quantos itens compõem essa coleção? (Responda com uma aproximação numérica ou em faixas estimadas (ex.: 1-100, 100-500). Se você for um representante da presidência (VPPCB), inclua estimativas para o conjunto das coleções ou informe impossibilidade de resposta definida). *

bruno teste

Qual é a importância dessa coleção, do ponto de vista científico (considere elementos como: contribuição para a pesquisa, impacto em políticas públicas, ou relevância para o avanço do conhecimento)? Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda sobre a importância do conjunto das coleções biológicas existentes na Fiocruz para pesquisas científicas com participação da instituição. *

bruno teste

Essa coleção pode ser considerada histórica? Se sim, quando e como ela surgiu, e a quais eventos ou contextos históricos marcantes ela está associada? Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda sobre quais são as coleções reconhecidas como históricas. *

bruno teste

Qual é a importância estratégica dessa coleção no contexto do campo de pesquisa em que está inserida e para as políticas institucionais da Fiocruz? Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda qual é a importância estratégica das coleções biológicas para a Fiocruz. *

bruno teste

A coleção que você representa possui acervo a ser recuperado por consequência de eventos imprevistos significativos (ex: incêndio, temporais, intervenções externas como o "Massacre de Manguinhos", mudança climática, etc)? Caso sim, descreva os impactos e ações realizadas para recuperação. Se você for um representante da presidência (VPPCB), pode responder sobre episódios reconhecidos institucionalmente. *

bruno teste

Caso haja, quais ações de resgate e recuperação estão sendo realizadas atualmente? Há planos ou iniciativas futuras para abordar os danos identificados? *

bruno teste

Essa coleção está integrada ao Complexo de Acervos da Fiocruz (PRESERVO)? Se sim, descreva como se dá essa integração. Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda com base na visão institucional da Fiocruz sobre o PRESERVO. *

bruno teste

Se a coleção não está integrada ao PRESERVO, qual é o motivo? Na sua opinião, qual é a importância do PRESERVO, e como essa coleção poderia ser integrada a ele? Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda com base na visão institucional da Fiocruz sobre o que limita a relação de algumas coleções com o PRESERVO. *

bruno teste

No seu entendimento, existem políticas institucionais, além do PRESERVO, que favoreçam a preservação e a difusão (como iniciativas de digitalização, exposições museológicas, parcerias interdisciplinares ou programas de educação e capacitação) e que você considera importante destacar? Se sim, quais? *

bruno teste

Essa coleção já esteve envolvida em ações museológicas ou de divulgação científica (feiras, eventos) voltadas à exposição e interação junto ao público? Se sim, destaque algumas. Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda com base na visão institucional da Fiocruz para as coleções biológicas. *

bruno teste

Quais são os maiores desafios para manter o acervo que você representa em uma exposição de longa duração (descreva necessidades específicas para exposição, cuidado e manejo de itens do acervo, destacando sua sensibilidade e necessidades que o espaço deve atender no que diz respeito à climatização e controle de incidência de luz)? Se você for um representante da presidência (VPPCB), responda sobre adequações gerais de um espaço para que possa abrigar exposições do conjunto). *

bruno teste

A museologia é uma disciplina de natureza interdisciplinar que se dedica ao estudo dos museus e dos processos relacionados à preservação, interpretação e comunicação do patrimônio cultural. Integrando saberes de diferentes áreas, a museologia permite compreender não apenas os acervos, mas também as dinâmicas sociais, culturais e políticas que envolvem os museus. No contexto das coleções biológicas da Fiocruz, essa perspectiva é fundamental para reconhecer a importância desses acervos para além do valor científico, considerando-os também como patrimônio cultural da ciência e da saúde. Essas coleções, inicialmente formadas para fins de pesquisa e produção, representam parte da memória institucional da Fiocruz. A museologia oferece ferramentas para interpretar esses acervos e orientar sua gestão, especialmente no que se refere à organização e uso em exposições. A gestão museológica das coleções biológicas envolve o desenvolvimento de procedimentos de preservação, conservação preventiva e documentação, considerando as especificidades de materiais sensíveis. Além disso, a museologia contribui para a formulação de estratégias de exposição que equilibrem a integridade dos acervos com a acessibilidade ao público, transformando essas coleções em agentes ativos de educação, divulgação científica e valorização do patrimônio. Assim, a museologia atua como um campo para integrar a preservação, a gestão e a comunicação das coleções biológicas no ambiente museal.
(Baseado em: DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie. Paris: Armand Colin, 2011; ICOM - International Council of Museums. ICOM Define: The Museum Definition. 2022).
Considerando a afirmação acima sobre o papel da museologia na gestão e preservação de acervos, você acredita que um Museu na Fiocruz, orientado por diretrizes do campo da museologia, pode ser um ponto de articulação para a gestão integrada das coleções biológicas em ambientes expositivos? Levando em conta as necessidades específicas da coleção biológica sob sua responsabilidade, de que forma sua equipe pode colaborar com a área de museologia para garantir a preservação, o manejo e a divulgação dessas coleções, tanto na guarda quanto na logística e nas exposições, equilibrando a integridade dos acervos com o acesso ao público? *

bruno teste

Para você, quais nomes de curadores, pesquisadores, colaboradores, etc. ligados à sua coleção que já passaram e não podem deixar de ser lembrados na história (nome, função e período)? Se você for um representante da presidência (VPPCB), considere o histórico das coleções biológicas. *

bruno teste

Deseja adicionar informações complementares ou destacar algo não abordado neste formulário?

bruno teste

Questão opcional, mas de grande valia: insira até 10 imagens que ilustrem a coleção/coleções tratada(s) em suas respostas (ex.: espécimes típicos, armazenamento, prédio ou local do acervo, rotina, ou o que mais considerar relevante). Ao enviar, você autoriza o uso acadêmico conforme descrito na Política de Acesso Aberto da Fiocruz, assegurando a atribuição dos devidos créditos.

Espaço para legendas e créditos das imagens inseridas (seguir ordem numérica):

bruno teste

Você autoriza o uso das informações fornecidas neste formulário eletrônico para fins acadêmicos? *

- (●) Sim
- ( ) Não

Obrigado por sua participação!

Apêndice 2

TERMO DE COMPROMISSO DE CONFIDENCIALIDADE DE DADOS

Nós, abaixo assinados, integrantes da equipe de pesquisa responsável pelo estudo intitulado **"Levantamento sobre as Coleções Biológicas da Fiocruz: Subsídios para Pesquisa em Museologia e Patrimônio"**, conduzido por **Bruno da Silva Mussa Cury**, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob orientação do **Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel**, declaramos que:

1. **Conhecimento e Cumprimento das Normas Vigentes**
    - Estamos cientes e nos comprometemos a cumprir integralmente as disposições estabelecidas nas **Resoluções CNS 466/2012** e **510/2016** do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, bem como as legislações aplicáveis relacionadas à ética na pesquisa com seres humanos.
2. **Compromisso com a Confidencialidade**
    - Garantimos que todas as informações coletadas no âmbito desta pesquisa serão tratadas de forma confidencial, assegurando que os dados sejam utilizados exclusivamente para os fins previstos no protocolo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).
    - Os dados coletados não serão utilizados para fins comerciais ou quaisquer outros fins fora do escopo do projeto aprovado, garantindo sua utilização exclusivamente para os objetivos definidos no protocolo.
3. **Anonimato e Privacidade**
    - Comprometemo-nos a garantir o anonimato e a privacidade dos participantes, assegurando que nenhuma informação fornecida possa ser associada diretamente aos mesmos.
4. **Incolumidade dos Participantes**
    - Adotaremos todas as medidas necessárias para preservar a incolumidade física, psicológica, moral, laboral, política e social dos participantes da pesquisa, zelando pelo respeito à dignidade humana em todas as etapas do estudo.
5. **Armazenamento e Proteção de Dados**
    - Os dados coletados serão armazenados em ambientes protegidos por senha, com acesso restrito aos integrantes da equipe listados abaixo.

- Os dados sensíveis coletados serão acessados apenas pelos integrantes listados e não serão compartilhados com terceiros, exceto conforme exigido por lei ou ética.

6. **Descarte de Dados**

   - Ao término da pesquisa, todos os dados coletados serão destruídos de forma segura, garantindo que nenhuma informação permaneça acessível. Para isso, os arquivos digitais serão permanentemente apagados de dispositivos e sistemas de armazenamento. Não haverá armazenamento em meios físicos, garantindo a total eliminação das informações coletadas.

7. **Responsabilidade Ética e legal**

   - Reconhecemos que somos integralmente responsáveis pela confidencialidade e proteção das informações obtidas na pesquisa, estando sujeitos às responsabilidades éticas e legais decorrentes de qualquer uso inadequado ou malversação dos dados.
   - O pesquisador responsável se compromete a reparar eventuais danos, sejam eles de cunho sensível, moral, laboral, político ou material, decorrentes da condução da pesquisa, em conformidade com as normas éticas vigentes.

Equipe de Pesquisa com acesso aos Dados:

_____

Bruno da Silva Mussa Cury (Pesquisador Responsável)

_____

Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel (Orientador)

Apêndice 3

Projeto submetido ao CEP – UNIRIO e Relatório Final de pesquisa

LEVANTAMENTO SOBRE AS COLEÇÕES BIOLÓGICAS DA FIOCRUZ:
SUBSÍDIOS PARA PESQUISA EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

Bruno da Silva Mussa Cury

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO
Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Dezembro
2024

INTRODUÇÃO

As coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) constituem um patrimônio científico e cultural reconhecido por meio de políticas institucionais voltadas à gestão, difusão e preservação do patrimônio cultural. Elas representam um valioso acervo para pesquisas no campo biomédico em suas diversas áreas, e constituem um testemunho tangível para a história da ciência. Essas coleções, algumas delas centenárias, assim como a instituição que as abriga, desempenham um papel fundamental na consolidação da pesquisa básica e aplicada, na preservação do conhecimento e na divulgação científica, integrando-se como parte da memória institucional e da saúde pública brasileira.

No contexto de uma tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, que aborda o caráter das coleções biológicas da Fiocruz sob a perspectiva museológica, identificou-se a necessidade de um levantamento específico sobre o estado atual dessas coleções. O objetivo deste levantamento é identificar o estado atual, padrões de guarda, de manejo, de preservação e a utilização dessas coleções em atividades museológicas e de divulgação científica mais recentemente. Esse é um processo fundamental, dado os desafios enfrentados na preservação do patrimônio biológico, que incluem desde a adequação de infraestruturas até a contribuição para o avanço de políticas integradas que assegurem sua visibilidade e acessibilidade ao público por meio de feiras e exposições museológicas de curta e longa duração.

A pesquisa proposta visa coletar informações que subsidiem o desenvolvimento da referida tese, no que diz respeito ao quadro atual das coleções, e no que se relacionam com exposições para o público, de modo a contribuir para o desenvolvimento de procedimentos institucionais voltados para a preservação, manejo e divulgação dessas coleções, garantindo sua integridade e adequada utilização em exposições museológicas e outras iniciativas de divulgação e popularização da ciência sob gerência museológica. Além disso, espera-se que as informações coletadas auxiliem na formulação de estratégias mais abrangentes de preservação que possam ser aplicadas em

instituições similares, reforçando o impacto da pesquisa não só na Fiocruz, mas no campo da museologia no que diz respeito a coleções biológicas, especificamente, e a coleções científicas em geral.

OBJETIVO

A presente pesquisa tem como objetivo realizar um levantamento sobre o estado atual das coleções biológicas da Fiocruz. O foco está em identificar padrões de guarda, manejo, preservação e uso dessas coleções, especialmente no que se refere à sua integração em atividades museológicas e de divulgação científica. O levantamento visa coletar informações que subsidiem o desenvolvimento de uma tese de doutorado, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, além de contribuir para futuras políticas institucionais voltadas à preservação e divulgação dessas coleções.

Espera-se que a pesquisa apoie o desenvolvimento de estratégias institucionais eficazes para a utilização das coleções biológicas em exposições museológicas e outras iniciativas de divulgação e popularização da ciência, reforçando a importância dessas coleções como patrimônio cultural da ciência e da saúde, tanto na Fiocruz quanto em instituições similares.

METODOLOGIA

A pesquisa será conduzida por meio da aplicação de um questionário destinado aos gestores e responsáveis pelas coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). O questionário será composto por perguntas abertas e fechadas, permitindo uma avaliação sobre a composição, manejo, preservação e uso dessas coleções, identificando esse uso em atividades museológicas e de divulgação científica. O levantamento incluirá também questões voltadas à identificação de desafios enfrentados pelos gestores no que diz respeito à preservação e ao acesso às coleções. Os participantes poderão responder

diretamente ao questionário ou, caso necessário, designar um colaborador competente para fazê-lo.

RISCOS

Embora a pesquisa não envolva riscos físicos ou psicológicos diretos para os participantes, reconhece-se que podem existir riscos de ordem sensível, moral, laboral ou política relacionados à exposição de informações pessoais e profissionais fornecidas voluntariamente pelos participantes. Esses riscos incluem potenciais impactos na privacidade ou desconforto devido à análise e interpretação dos dados. Para mitigar esses riscos, todas as informações coletadas serão tratadas de forma confidencial e anonimizada, garantindo que os participantes não possam ser identificados em nenhuma etapa da pesquisa. Os dados serão armazenados em um ambiente protegido por senha, com acesso restrito ao pesquisador responsável, Bruno da Silva Mussa Cury, e ao orientador, Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel, caso necessário. Além disso, ao término da pesquisa, todos os dados serão destruídos de forma segura, utilizando métodos que garantam a exclusão definitiva dos arquivos digitais, sem armazenamento de informações sensíveis em meios físicos ou digitais.

BENEFÍCIOS

A pesquisa contribuirá para a divulgação, preservação e valorização das coleções biológicas da Fiocruz. Além disso, os resultados poderão auxiliar no desenvolvimento de procedimentos institucionais voltados ao manejo e preservação dessas coleções, garantindo sua integridade e adequada utilização em exposições museológicas. A pesquisa também tem o potencial de apoiar a criação de políticas de preservação e manejo voltadas para a divulgação científica e a popularização do patrimônio cultural da ciência e da saúde tanto no âmbito da Fiocruz como em instituições similares.

ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados serão analisados qualitativamente, categorizando as respostas de acordo com temas centrais, como preservação, desafios enfrentados, estado atual, importância científica/histórica e aspectos museológicos/patrimoniais. A análise visa a identificação de padrões, percepções e práticas que possam subsidiar a formulação de políticas institucionais voltadas para as coleções biológicas. As informações obtidas também serão comparadas para identificar tendências e oportunidades de melhoria na gestão e preservação das coleções, com foco na sua utilização em exposições museológicas.

DESFECHO PRIMÁRIO

O desfecho primário da pesquisa será a identificação de padrões, percepções e práticas relacionadas ao manejo e à preservação das coleções biológicas da Fiocruz. Esses dados subsidiarão a formulação de procedimentos voltados ao uso dessas coleções em exposições museológicas de curta e longa duração, priorizando a preservação e a integridade dos itens do acervo em exposições destinadas ao público do Museu. As informações obtidas também contribuirão para a análise que servirá como referência para a construção de procedimentos e políticas institucionais que contemplem a gestão e o manejo adequado das coleções biológicas em atividades expositivas, conforme descrito no protocolo.

DESFECHO SECUNDÁRIO

Desenvolver a adequação da integração das coleções biológicas da Fiocruz aos processos museais existentes na instituição, bem como ao Complexo de Acervos da Fiocruz, promovendo sua utilização em atividades de divulgação científica e educação não formal em ambiente museal. Além disso, espera-se identificar possibilidades de colaboração entre diferentes áreas da

Fiocruz, visando fortalecer a preservação e a visibilidade dessas coleções no contexto museológico e na popularização da ciência.

CRONOGRAMA

Identificação da Etapa	Início	Término	Ações
Reenvio do projeto com pendências corrigidas	[redacted]	[redacted]	Submissão do projeto corrigido à Plataforma Brasil
Análise ética pelo CEP	[redacted]	[redacted]	Período para avaliação e emissão de parecer pelo Comitê de Ética (CEP)
Envio dos questionários aos gestores e responsáveis	[redacted]	[redacted]	Aplicação do questionário junto aos responsáveis pelas coleções
Análise qualitativa dos dados coletados	[redacted]	[redacted]	Consolidação e categorização das respostas coletadas
Sistematização dos resultados e elaboração de relatório final	[redacted]	[redacted]	Organização final dos resultados para a elaboração de relatório técnico

ORÇAMENTO FINANCEIRO

Não há custos diretos, pois a pesquisa será conduzida pelo próprio pesquisador e pelos colaboradores da Fiocruz (sem remuneração adicional).

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. Memória, história, coleção. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 28, 1996, p. 37-64. 1996.

ARAGÃO, Henrique. Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

BENCHIMOL, Jayme Larry (Coord.). Manguinhos do Sonho à Vida: a ciência na Belle Époque. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CÂMARA, Roberta; GRANATO, Marcus; SÁ, Magali Romero. As coleções microbiológicas e sua importância como patrimônio científico: o caso das coleções da Fiocruz. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009.

CASA DE OSWALDO CRUZ; DEPARTAMENTO DE ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO. Guia do acervo da Casa de Oswaldo Cruz. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

COSTA, Jane; CERRI, Danielle; SA, Magali Romero; LAMAS, Carlos José Einicker. Coleção entomológica do Instituto Oswaldo Cruz: resgate de acervo científico-histórico disperso pelo Massacre de Manguinhos. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.15, n.2, pp.401-410, 2008.

DA SILVA, Manuela; SÁ, Magali Romero. Coleções vivas: as coleções microbiológicas da Fundação Oswaldo Cruz. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, v. 5, p. 175-187, 2016.

FONSECA FILHO, Olympio Oliveira Ribeiro. A Escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil. Separata do t.2 de Oswaldo Cruz. Monumento Histórico. São Paulo: 1974.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida Fiocruz: Plano Museológico Museu da Vida Fiocruz: 2022-2026. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Preservo – Complexo de Acervos da Fiocruz: relatório de atividades. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Instituto Soroterápico Federal. In: Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/instsorofed.htm. Acesso em: 21 set. 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Política de preservação dos acervos científicos e culturais da Fiocruz. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas. Relatório 2019: Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2019.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Museu da Vida: ciência e arte em Manguinhos. Organizadores: Diego Vaz Bevilaqua, Marina Ramalho, Rita Alcantara e Tereza Costa. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2017.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Plano de Requalificação do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos: Documento de Referência. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Memória das coleções científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz: acervo de depoimentos. Organização de Anna Beatriz de Sá Almeida, Laurinda Rosa Maciel, Lisabel Klein e Magali Romero Sá. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

GRANATO, Marcus. A preservação de coleções de ciência e tecnologia: a experiência do MAST. In: Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos Integrados de Preservação, p. 179-195, 2011.

GRANATO, Marcus. As exposições e o uso de acervos em museus de ciência e tecnologia. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano;

BENCHETRIT, Sarah Fassa (Orgs.). Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010.

GRANATO, Marcus; CÂMARA, Roberta Nobre. Patrimônio, Ciência e Tecnologia: inter-relações. In: CARVALHO, Claudio; GRANATO, Marcus; BENCHETRET, Saradi; ZAMORANO, Rafael (Orgs.). Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007.

KURY, Lorelai; CAMENIETZKI, Carlos Z. Ordem e natureza: coleções e cultura científica na Europa Moderna. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 29, 1997.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 7, n. 1, p. 31-50, 2012.

LOPES, Maria Margaret. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Hucitec, 2009.

MUSSA CURY, Bruno; RANGEL, Marcio. Um breve olhar sobre o processo da museologia na Fundação Oswaldo Cruz. In: Anais do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Porto Alegre, 2022.

NASCIMENTO, Daniele Cerri do. O olhar da museologia para as coleções biológicas: Estudo de caso da Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – UNIRIO; MAST, Rio de Janeiro, 2015.

PELAJO-MACHADO, M.; OLIVEIRA, B. C. E. P. D. Coleção da Seção de Anatomia Patológica do Instituto Oswaldo Cruz: Plano Diretor (2007-2012). 2007.

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA – Plataforma Brasil

CAAE: 84378024.7.0000.5285

Pesquisador responsável: Bruno da Silva Mussa Cury

Projeto: Levantamento sobre as Coleções Biológicas da Fiocruz: Subsídios para Pesquisa em Museologia e Patrimônio

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – UNIRIO/MAST

Data de aprovação no CEP: 04 de fevereiro de 2025

Aprovador: CEP/UNIRIO

1. Situação da Pesquisa

A pesquisa foi conduzida conforme o plano aprovado, com o objetivo de investigar as coleções biológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) sob a perspectiva da museologia e do patrimônio, considerando seus vínculos históricos, científicos e institucionais, visando subsidiar políticas institucionais de preservação, manejo e uso museológico desses acervos.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o número oficial de coleções identificadas na instituição passou por atualização: passaram a ser reconhecidas como 36 coleções ativas, conforme levantamento institucional recente. Esse total atualizado foi adotado como base para o envio do instrumento de coleta.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico encaminhado a 37 participantes, contemplando esse conjunto de 36 coleções e a Coordenação das Coleções Biológicas, instância vinculada à Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Científicas.

Ressalta-se que, embora tenham sido enviadas individualmente, três coleções sob responsabilidade do Museu da Patologia foram representadas em um único questionário, respondido por seu gestor técnico. O responsável optou por concentrar as respostas em um único formulário por se tratar de coleções geridas de forma integrada, ainda que tenha mantido a distinção entre elas ao longo das respostas.

Apenas uma coleção não respondeu à pesquisa: a Coleção Biológica de Patologia Feto-Placentária, vinculada ao Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz).

A aplicação do questionário teve seu prazo alterado em diferentes momentos, com o objetivo de ampliar a taxa de resposta e alcançar o maior número possível de participantes. A coleta foi encerrada em 30 de maio de 2025. A sistematização e análise qualitativa dos dados foram concluídas em 26 de junho de 2025, e os resultados compõem a base empírica da tese de doutorado em Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, cuja defesa está prevista para 20 de agosto de 2025.

2. Alterações no Instrumento de Coleta

Durante a fase de aplicação do questionário, identificou-se a necessidade de reformulação parcial do instrumento. As alterações consistiram na adição de novas questões decorrentes do desdobramento de perguntas originalmente mais amplas, com o intuito de aprimorar a organização das respostas e a sistematização dos dados.

Tais modificações não alteraram os objetivos ou o escopo da pesquisa, tampouco implicaram riscos adicionais aos participantes. A coleta de dados permaneceu voluntária e remota, conforme estabelecido no Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado. Todos os dados foram tratados com sigilo e armazenados com segurança.

3. Considerações Finais

A pesquisa contribuiu para a identificação de aspectos históricos, institucionais e técnicos das coleções biológicas da Fiocruz, com vistas à valorização patrimonial, preservação e integração dessas coleções em práticas museológicas e estratégias de divulgação científica.

Com este relatório, solicita-se o encerramento formal do projeto junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNIRIO. Permanecemos à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Bruno da Silva Mussa Cury

Doutorando – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST)

Apêndice 4

Questionários Anonimizados Respondidos

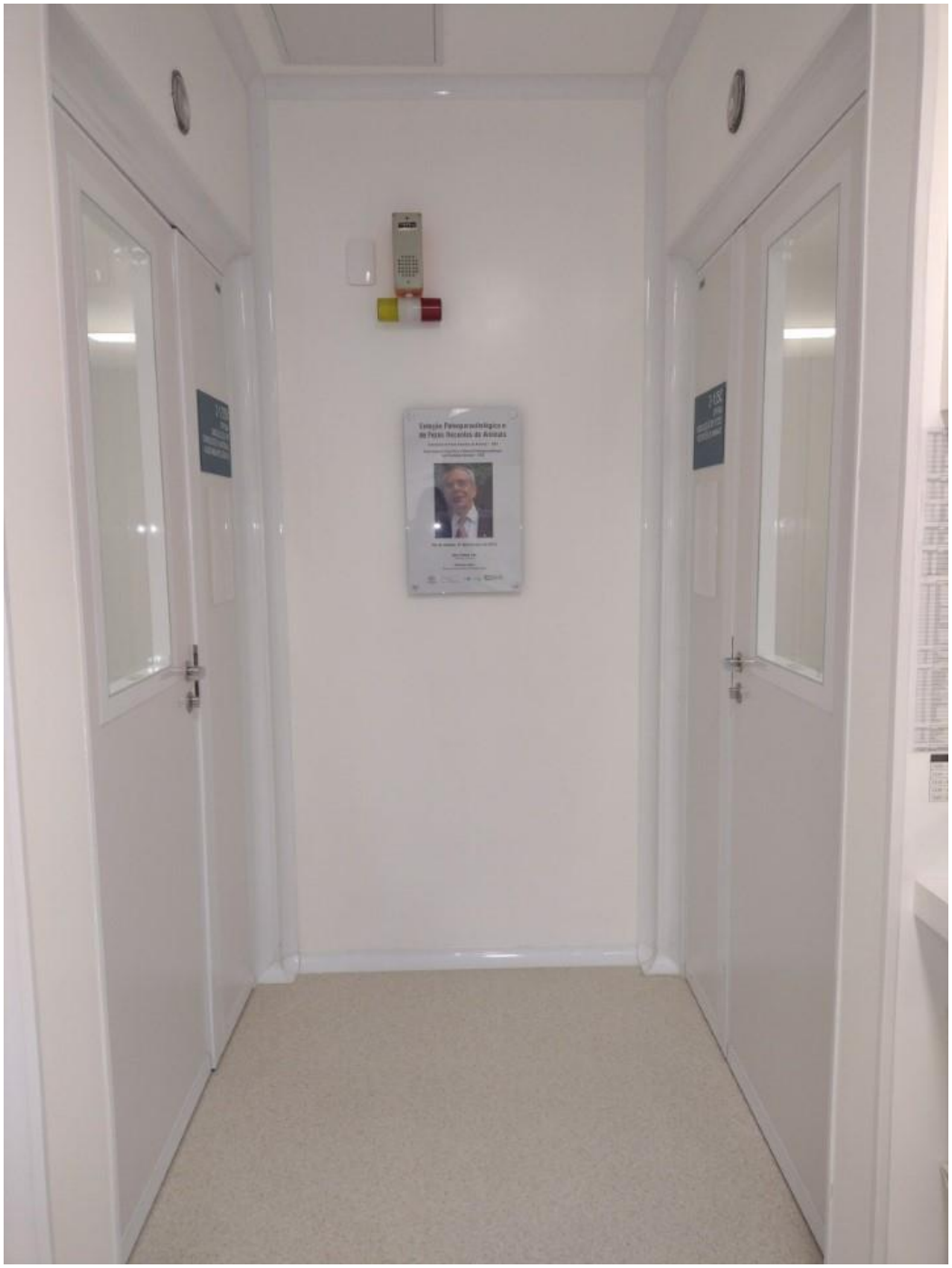
Nota ética:

Para fins de preservação da confidencialidade e prevenção de identificação indireta dos participantes, o apêndice contendo as respostas individuais ao questionário da pesquisa foi removido desta versão pública. As respostas ao questionário foram apresentadas em apêndice na versão encaminhada para a banca avaliadora deste trabalho para que o material analisado pudesse ser consultado pela banca, juntamente com a leitura da síntese elaborada pelo autor. Os questionários respondidos formam um volume de 163 folhas e encontram-se arquivados sob guarda do pesquisador responsável, em conformidade com o Termo de Compromisso de Confidencialidade da Equipe de Pesquisa aprovado, podendo ser consultado mediante solicitação formal e aprovação ética.

Apêndice 5

Imagens da CPFERA

Foto 1: Entrada das salas da Subcoleções da CPFERA, com a Placa da Institucionalização contendo foto do seu fundador Dr. Luiz Fernando Ferreira.



Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Foto 2: Busca de amostras no acervo

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Foto 3: Busca de sedimento processado no acervo

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Foto 4: Rotina de armazenamento de restos alimentares de amostras do acervo processadas

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Foto 5: Pesquisadora trabalhando com uma amostra do acervo.

Créditos da Foto: Imagens da CPFERA

Apêndice 6

Imagens da CBPM

Foto 1: Exemplos de exsicatas do acervo

Créditos da Foto: Créditos da Foto: Marcelo Neto Galvão

Foto 2: Exemplos de exsicatas do acervo

Créditos da Foto: Marcelo Neto Galvão

Foto 3: Exemplos de exsicatas do acervo

Créditos da Foto: Marcelo Neto Galvão

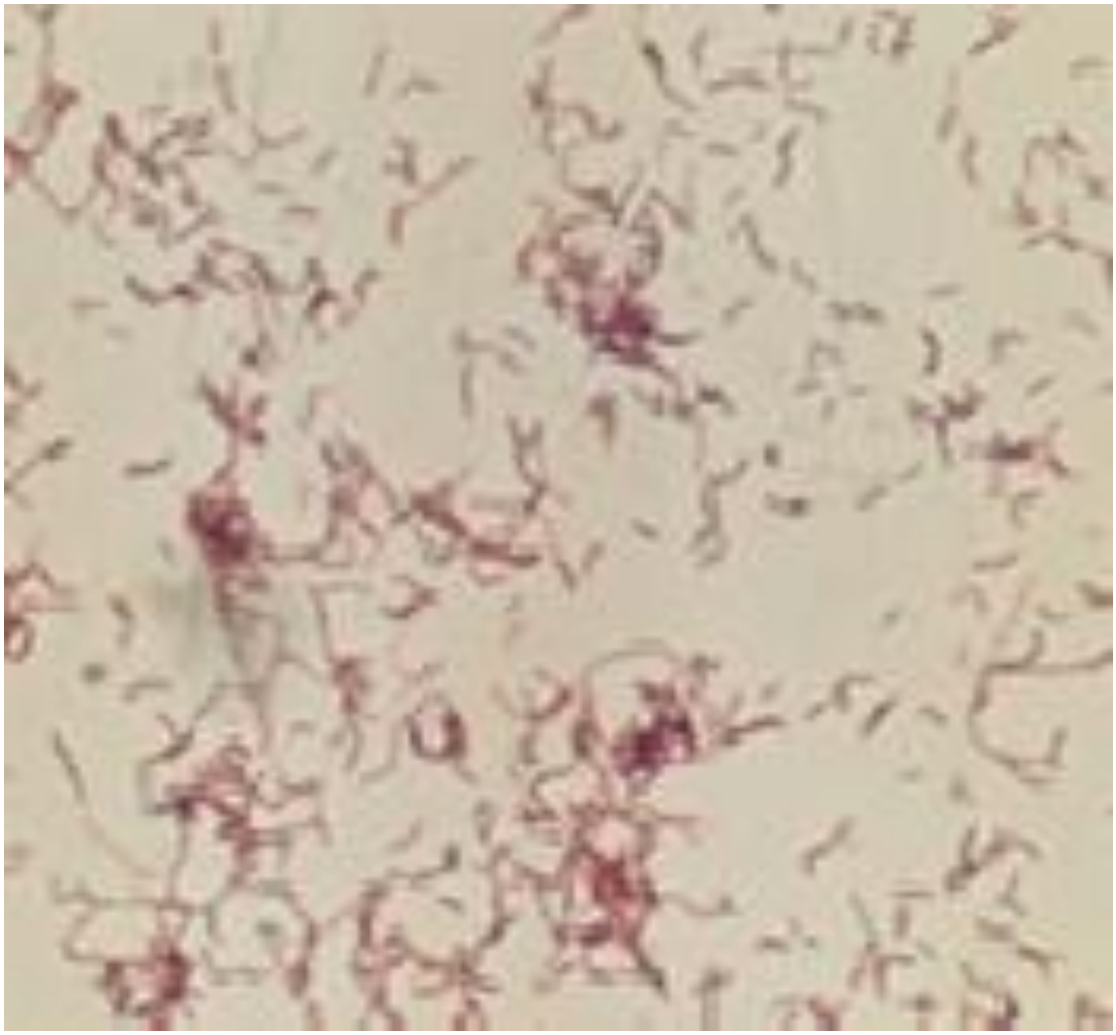
Apêndice 7

Imagens da CBAS

Foto 1: *Bacillus 2 sp.*

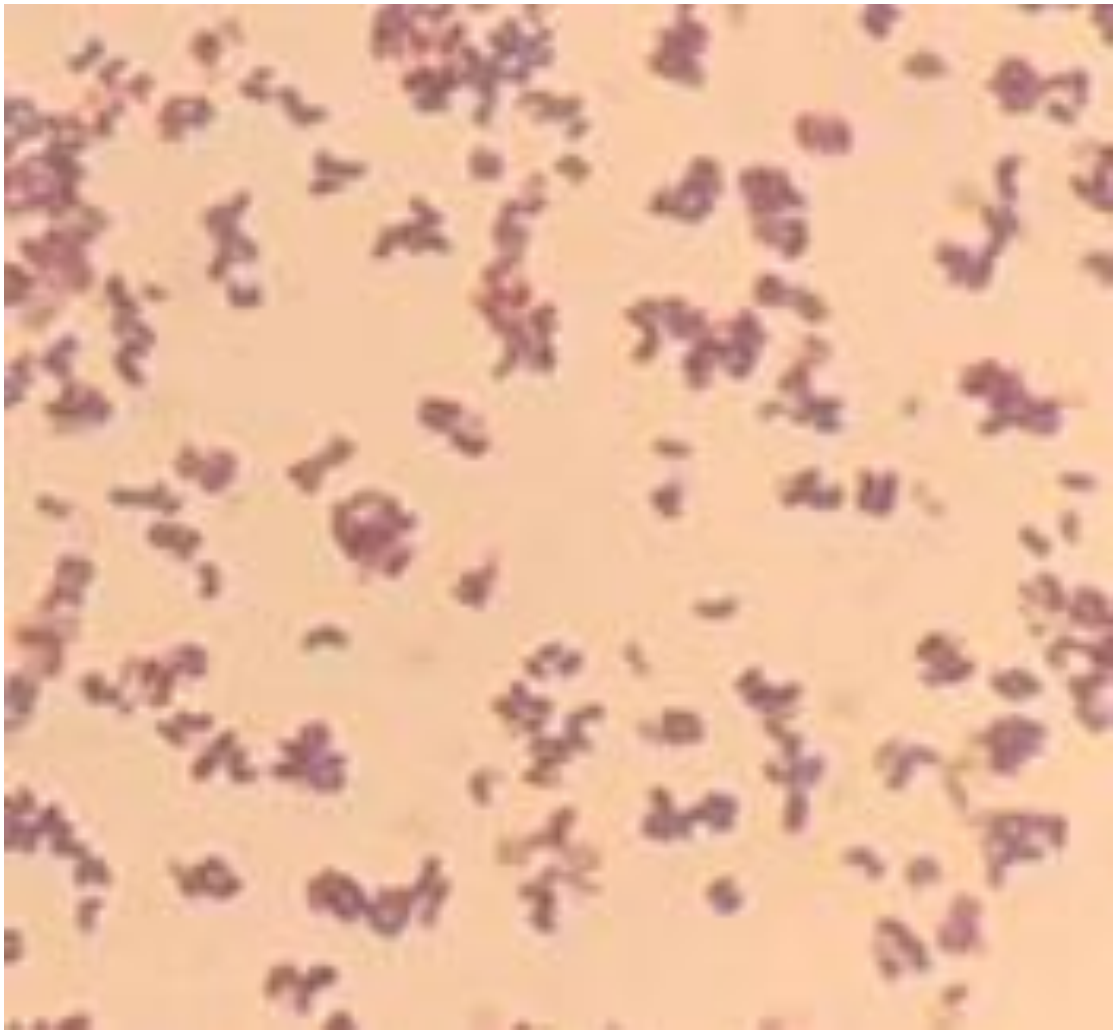
Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 2: *Metabacillus sp.*



Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 3: *Micrococcus sp.*

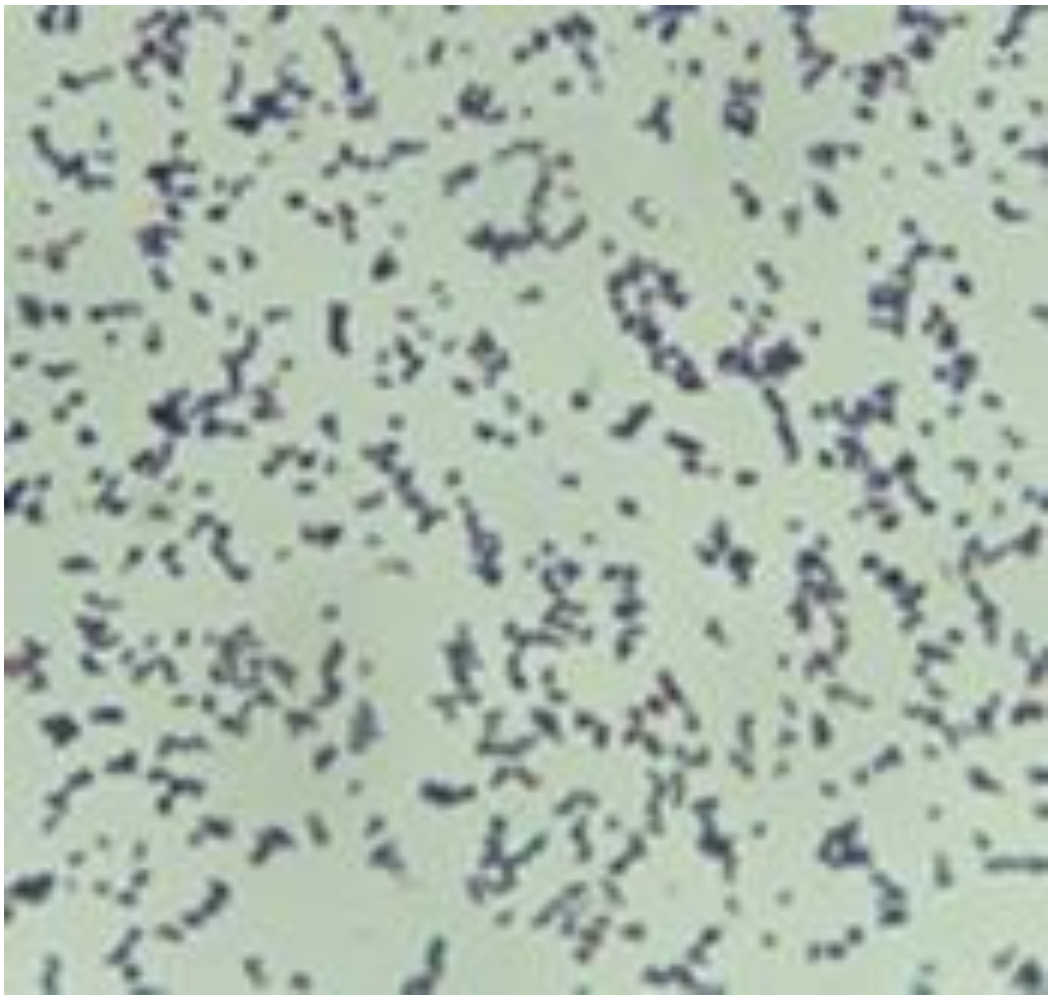


Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 4: *Peribacillus sp.*

Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 5: *Staphylococcus sp.*

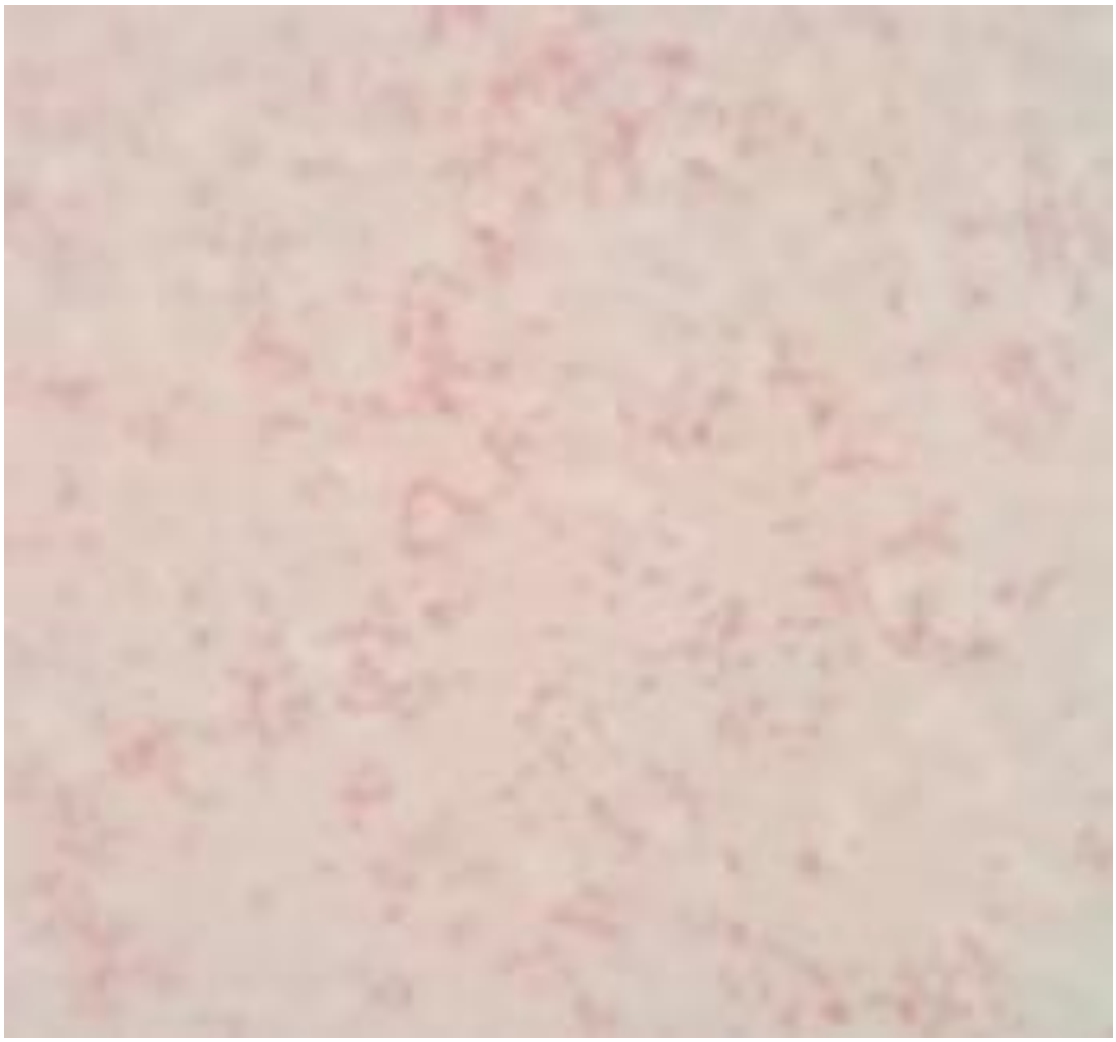


Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 6: Streptomyces sp.

Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Foto 7: *Vibrio sp.*



Créditos da Foto: Equipe da CBAS

Apêndice 8

Imagens CCER

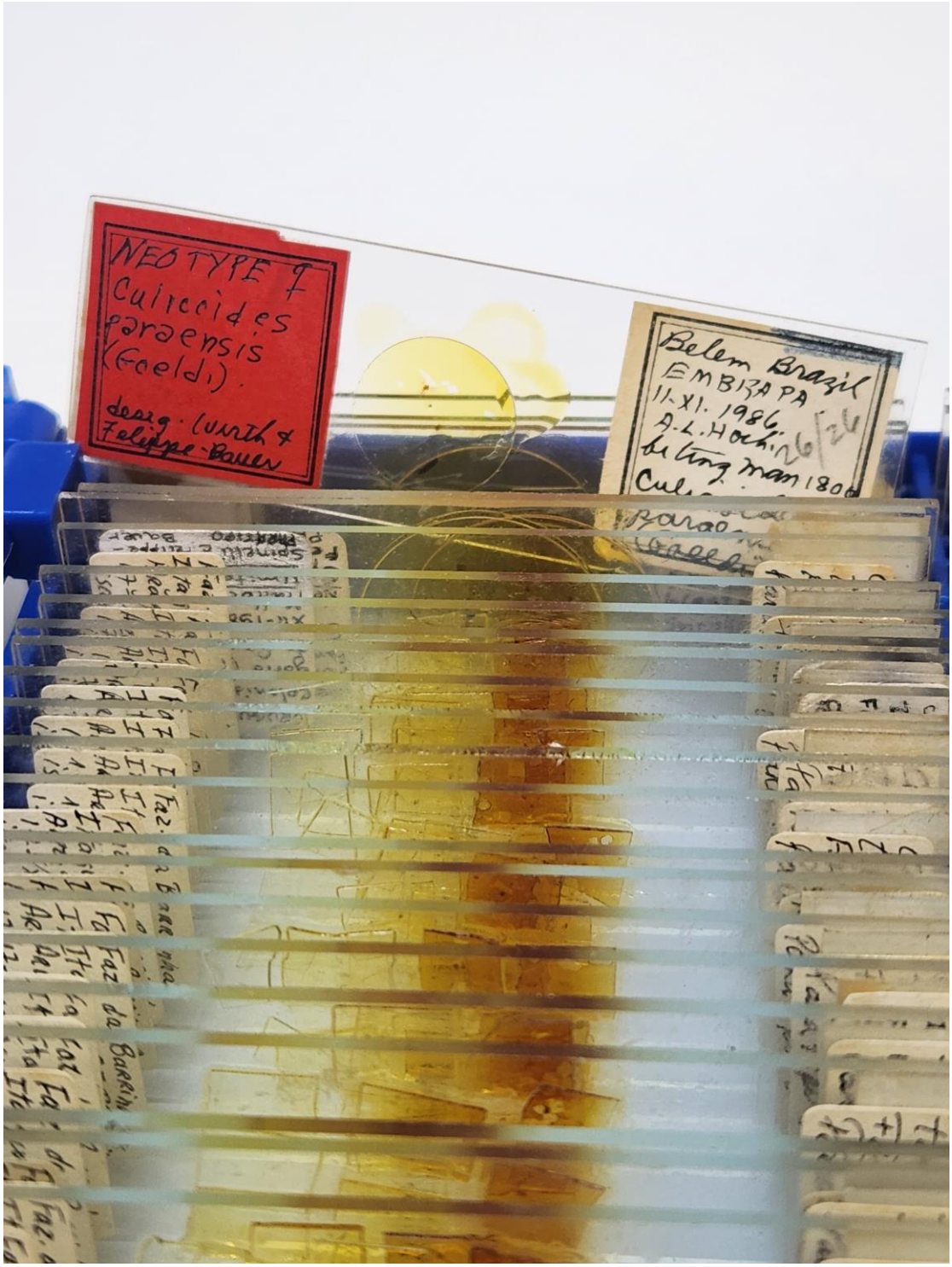
Foto 1: Espécimes de Ceratopogonidae preservados em glicerol

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Foto 2: Espécimes de Ceratopogonidae preservados em alfinetes entomológicos

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Foto 3: Lâmina do neótipo de *Culicoides paraensis* (Goeldi) preservada na CCER



Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

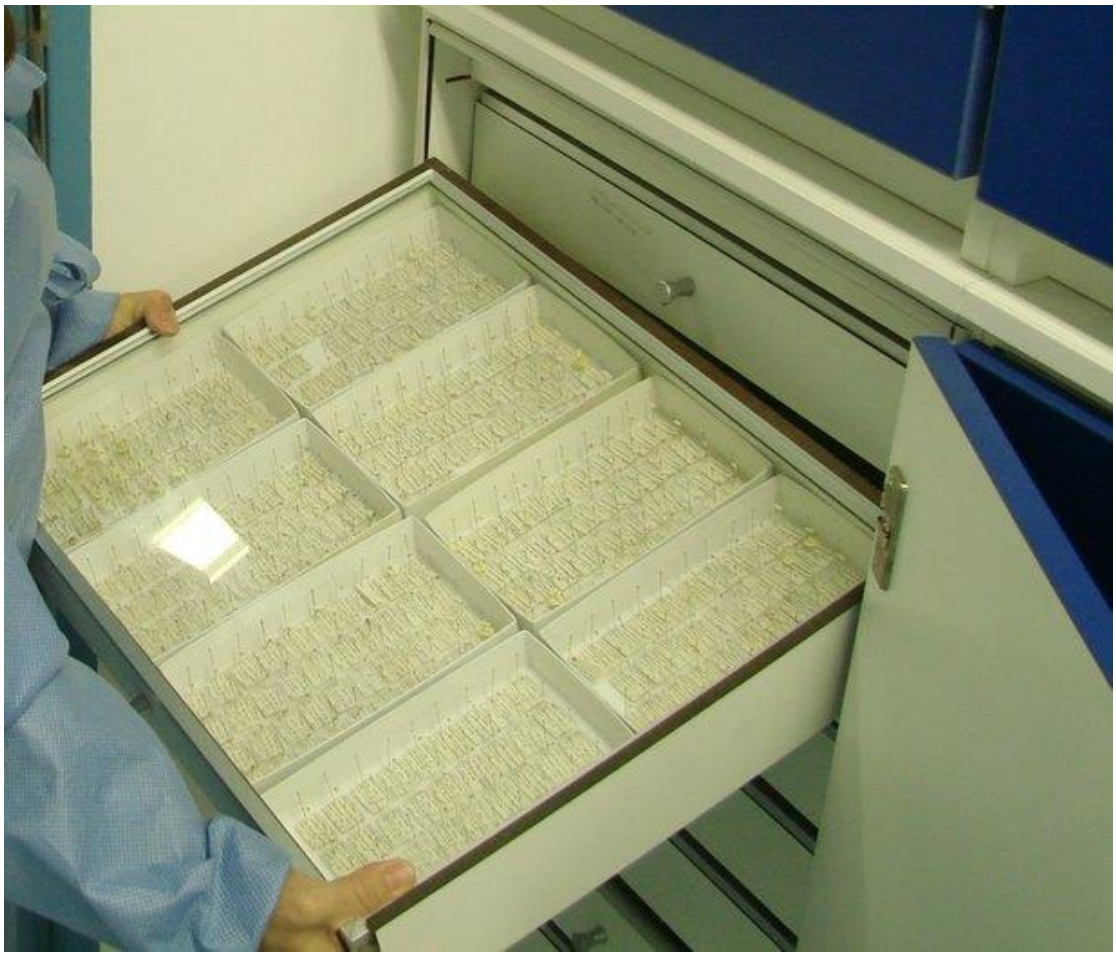
Foto 4: Fêmea de *Culicoides paraensis* (Goeldi), vetor primário do vírus Oropouche

Créditos da Foto: Coleção de Ceratopogonidae da Fiocruz

Apêndice 9

Imagens da CCULI

Foto 1: Acervo de mosquitos adultos



Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 2: Dr. Ricardo Lourenço de Oliveira, fundador da CCULI

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 3: Coleta de mosquitos feita pela Dra. Teresa Fernandes

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 4: Digitalização de exemplares da CCULI

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 5: Microscópio estereoscópio para digitalização do acervo CCULI

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 6: Coleta de mosquitos

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Exemplos de Imagens em Ações de Divulgação Científica da CCULI

Foto 7: Exposição feita pela CCULI

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 8: Domingo com ciência na Quinta da boa vista – Julho de 2023

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 9: Fiocruz pra você - Agosto de 2024

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 10: IV Encontro de coleções biológicas – Outubro de 2023

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 11: Fiocruz nas escolas - Abril de 2024

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 12: 21° feira de ciências e tecnologia – Outubro de 2024

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Foto 13: Café com Coleção, realizado no campus da Fiocruz no jardim da Biblioteca de Manguinhos - Maio 2024

Créditos da Foto: Equipe da CCULI

Apêndice 10

Imagens da CCBH

Foto 1: Amostras bacterianas liofilizadas

Créditos da Foto: Equipe de CCBH

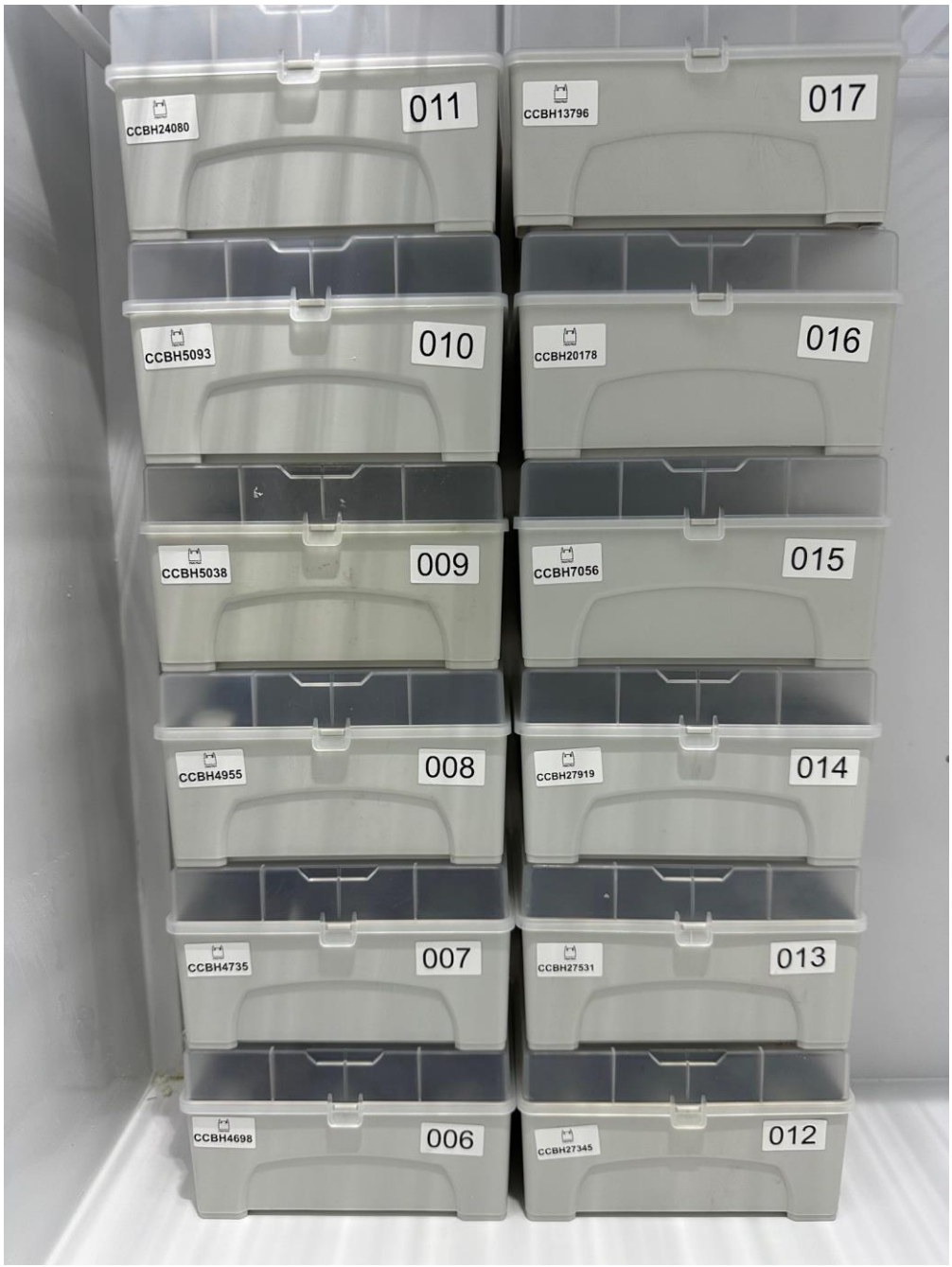
Foto 2: Ampolas sendo seladas

Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Foto 3: Ampola preparada e identificada por nome, número e lote

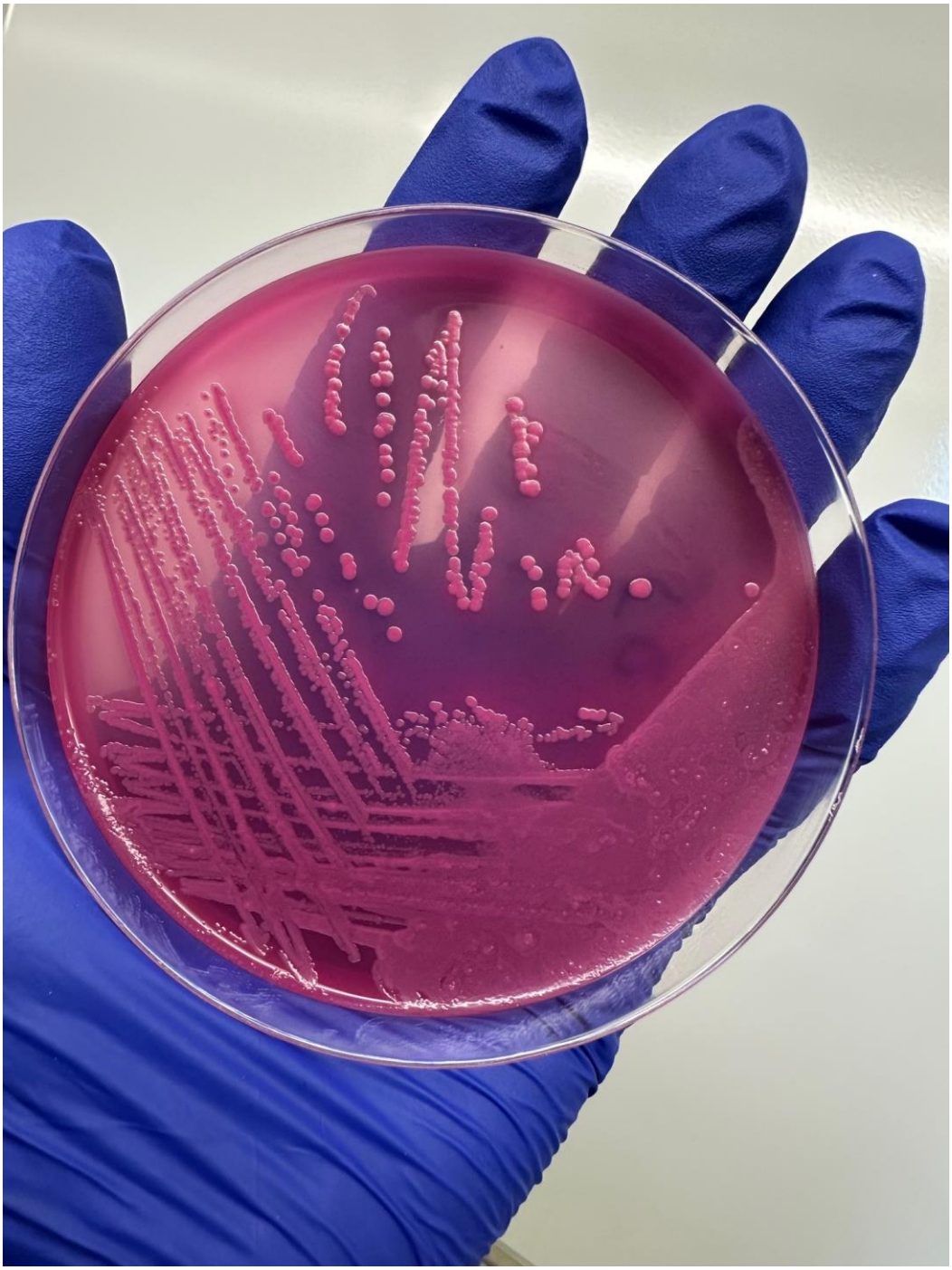
Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Foto 4: Ampolas liofilizadas guardadas



Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Foto 5: Amostra bacteriana semeada em ágar Macconkey



Créditos da Foto: Equipe de CCBH

Apêndice 11

Imagens da CCFF

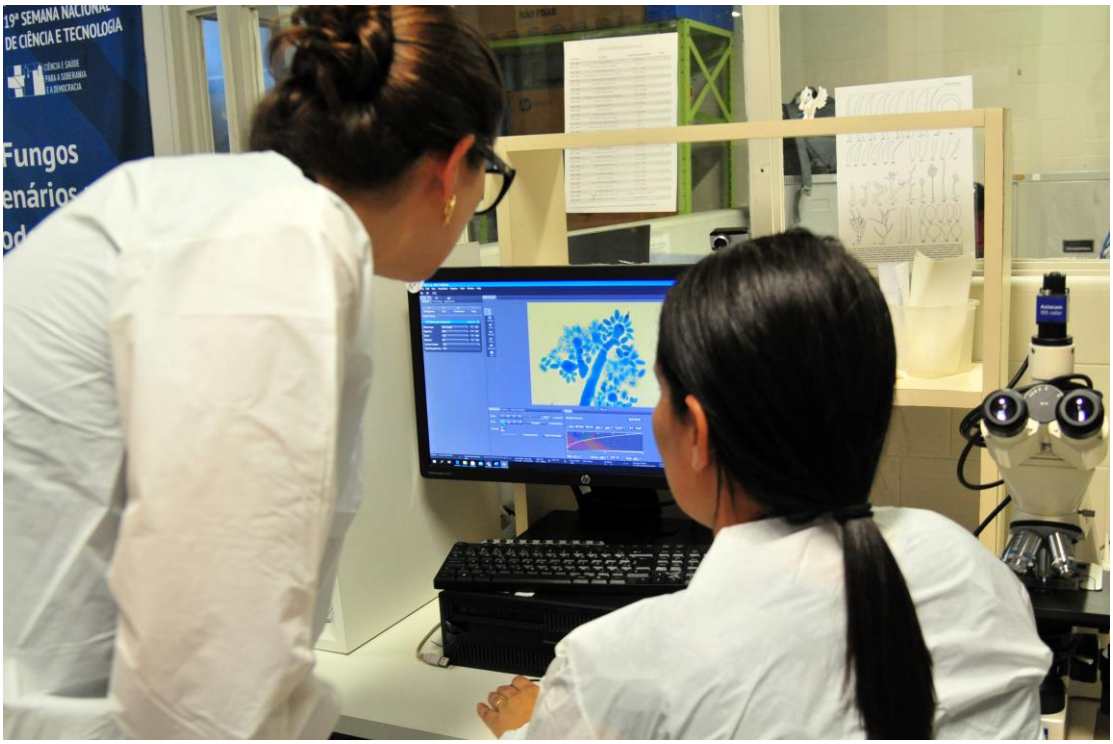
Foto 1: Amostras do acervo histórico da Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF) preservadas em óleo mineral. Em destaque o subcultivo da cepa de Penicillium notatum isolada por Alexander Fleming.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 2: Cultura de fungo filamentoso e suas características macromorfológicas.

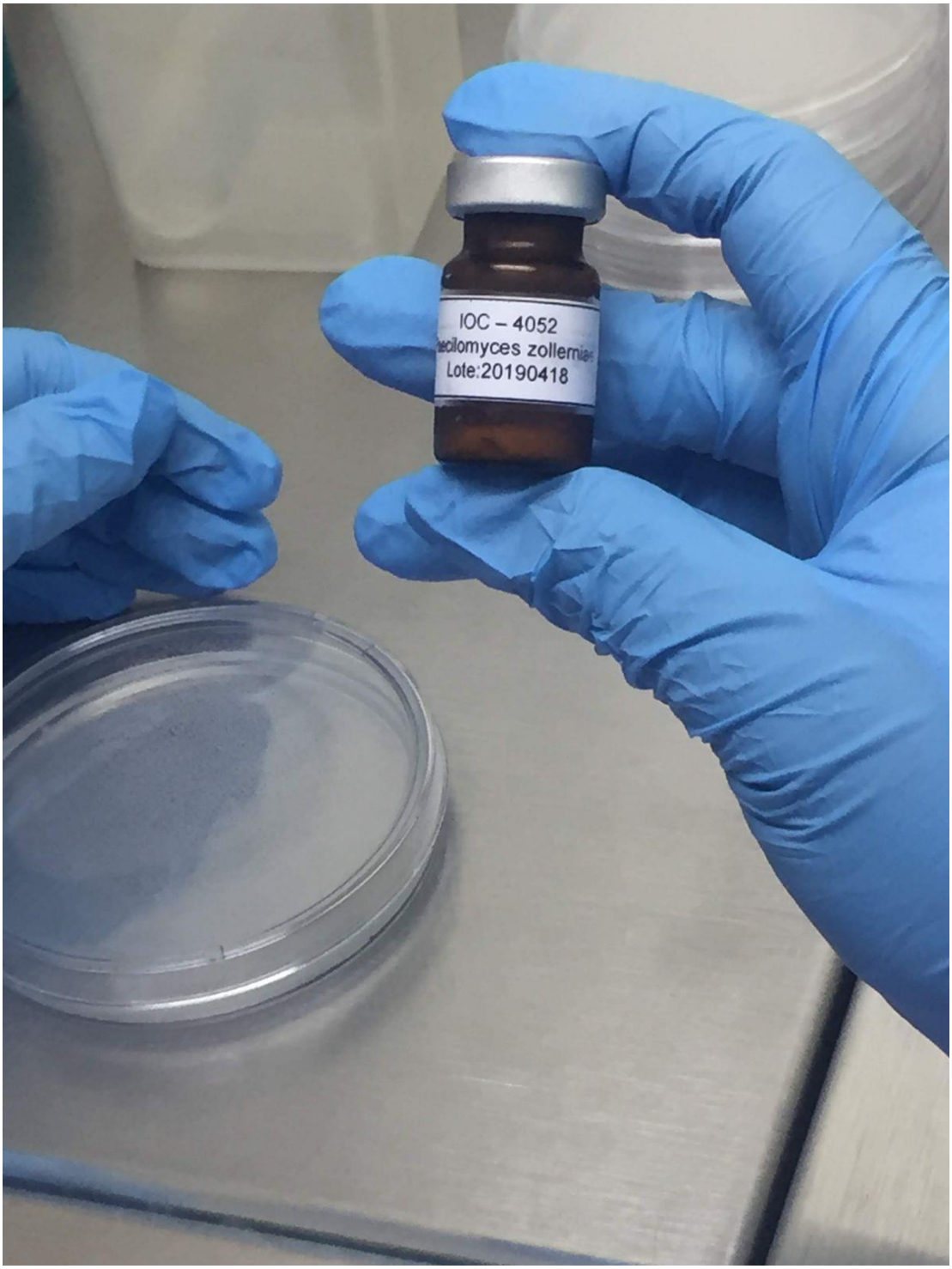
Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 3: Equipe técnica da CCFF realizando micrografias para compor o banco de imagens da CCFF.



Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 4: Amostra liofilizada do acervo da CCFF.



Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 5: Amostras do acervo da CCFF criopreservadas.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Exemplos de Imagens em Ações de Divulgação Científica da CCFF

Foto 6: Foto tradicional após o serviço de visita guiada à CCFF. Destaque para a placa histórica pendurada na porta da coleção. Neste dia recebemos alunos do ensino médio da rede pública de ensino.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

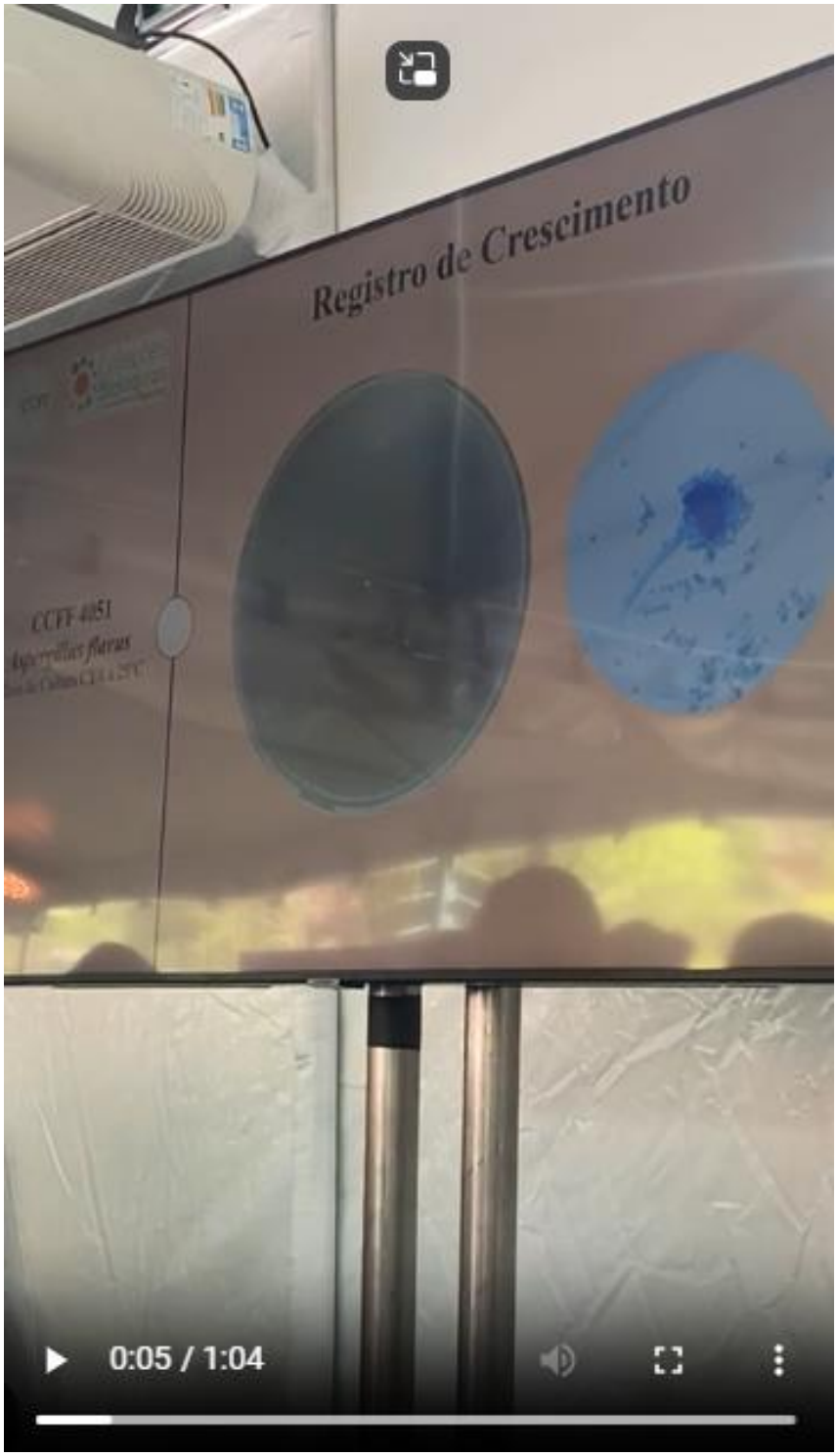
Foto 7: Atividade de divulgação científica da CCFF na 21º Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - Brasília.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 8: Atividade de divulgação científica da CCFF na 21º Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Fiocruz. Biomodelos, jogos, culturas e lâminas de amostras do acervo como fonte de encantamento e divulgação científica.

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 9: Atividade de divulgação científica da CCFF na 21º Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Fiocruz. Vídeo exibido durante a atividade, ilustrando o crescimento da cultura fúngica ao longo dos dias e suas características micromorfológicas. (*Screenshot* do Vídeo enviado)



Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Foto 10: Atividade de divulgação científica da CCFF na 20º Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Fiocruz. Vídeo contendo a compilação dos dias de participação da equipe no evento. (*Screenshot* do Vídeo enviado)

Créditos da Foto: Equipe Coleção de Culturas de Fungos Filamentosos (CCFF)

Apêndice 12

Imagens da COLFLEB

Foto 1: Coleção de Flebotomíneos

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Foto 2: Coleção de Flebotomíneos

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Foto 3: Coleta de Flebotomíneos

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Foto 4: Coleta de Flebotomíneos

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Foto 5: Fóssil de flebotomíneos - *Pintomyia falcaorum*

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

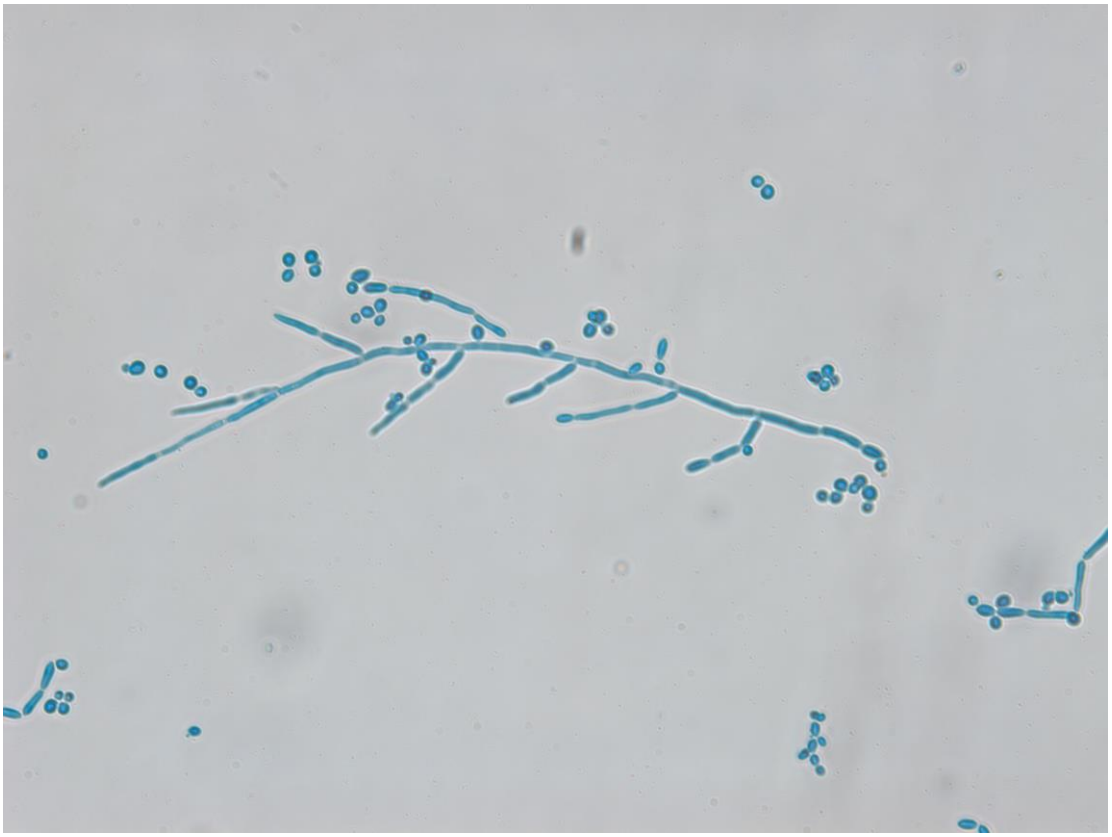
Foto 6: Material utilizado na COLFLEB

Créditos da Foto: Equipe da COLFLEB

Apêndice 13

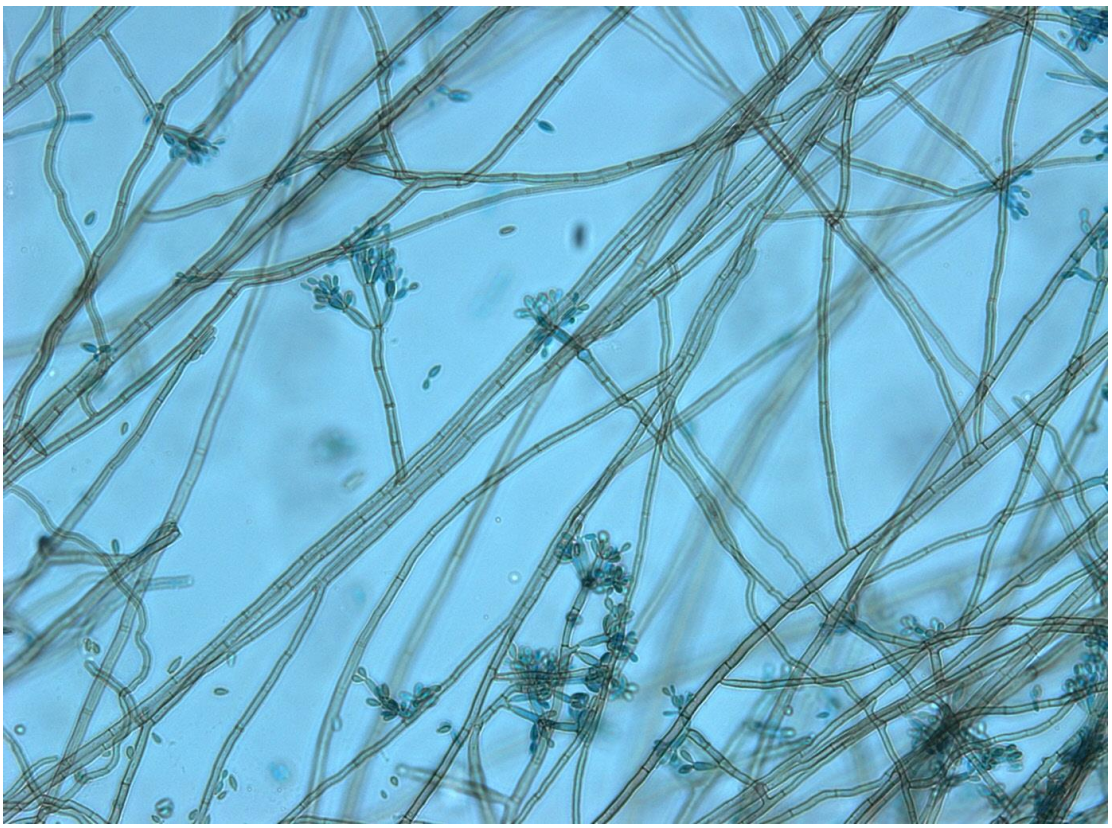
Imagens da CFAS

Foto 1: *Candida albicans*



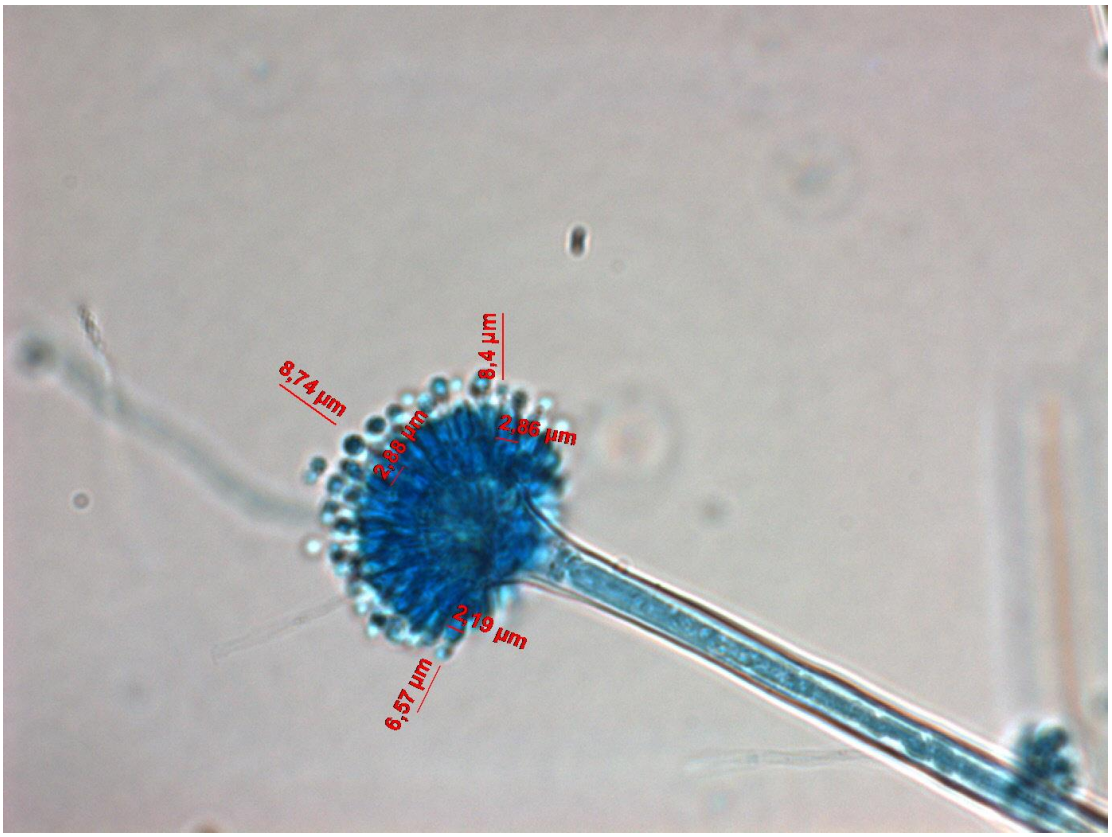
Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Foto 2: *Fonsecaea pedrosoi*



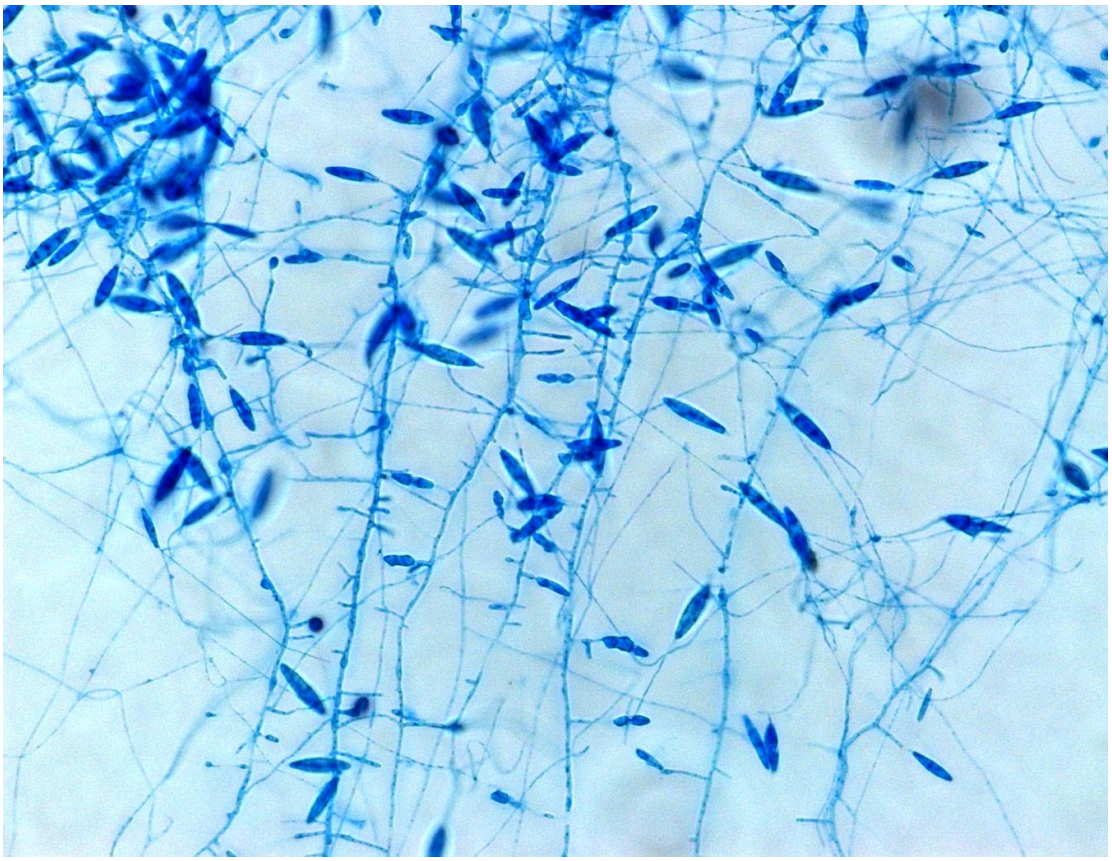
Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Foto 3: *Aspergillus versicolor*



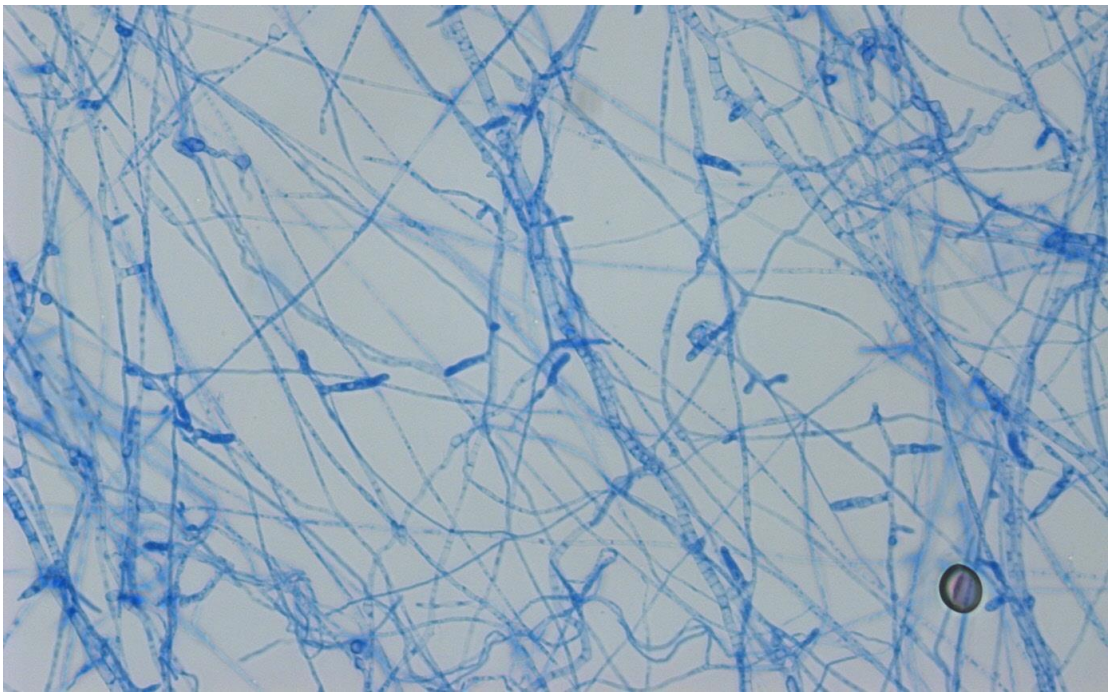
Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Foto 4: *Microsporum gypseum*



Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Foto 5: *Trichophyton mentagrophytes*

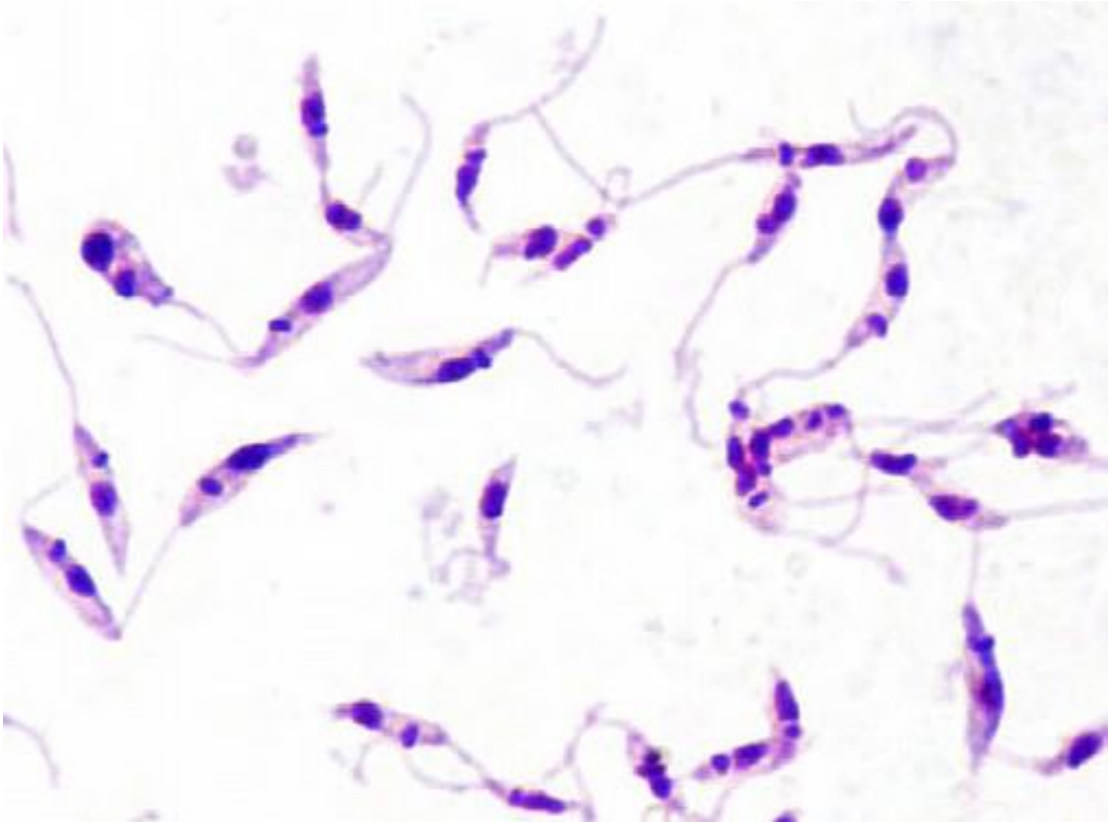


Créditos da Foto: Imagens fotografadas no microscópio Scope. A1 do Setor de Fungos.

Apêndice 14

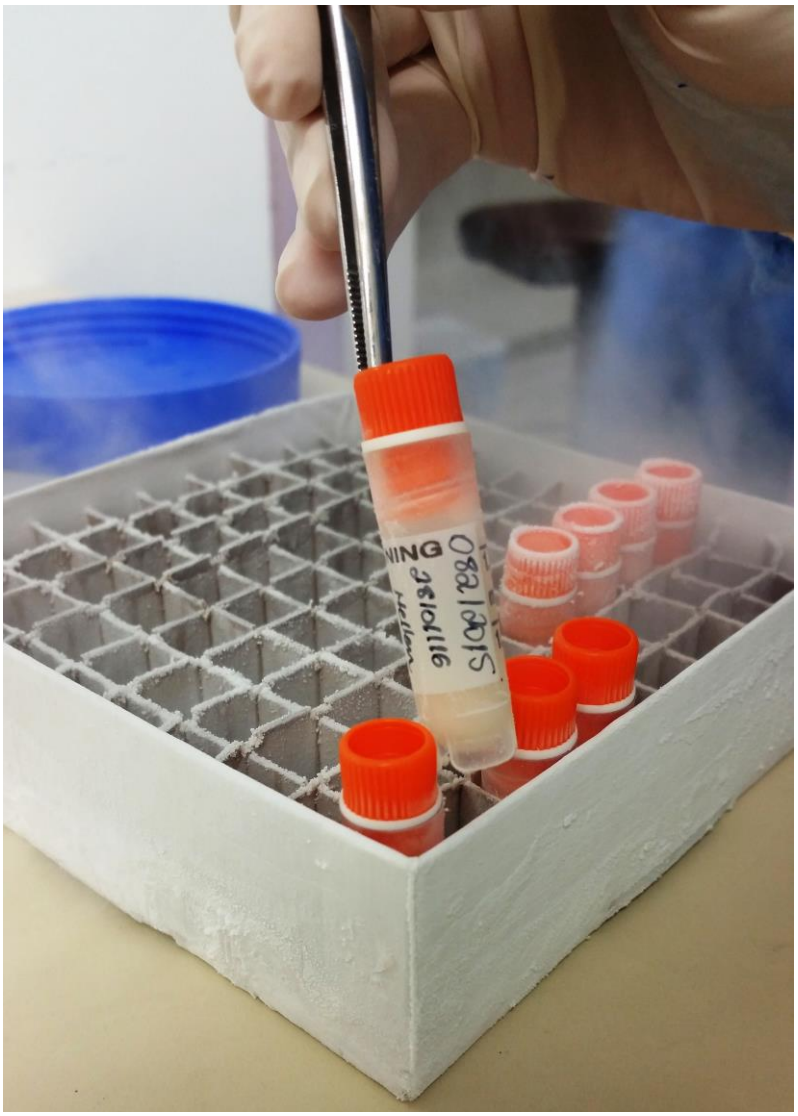
Imagens da CLIOC

Foto 1: Formas promastigotas em cultura - CLIOC-IOC FIOCRUZ



Créditos da Foto: Equipe da CLIOC

Foto 2: Ampola contendo *Leishmania sp*. Criopreservada



Créditos da Foto: Acervo da CLIOC - Rosane Temporal

Foto 3: Sala de criogenia e acervo da CLIOC

Créditos da Foto: Rosane Temporal

Foto 4: Sala de Recepção e Entrega de Amostras na CLIOC

Créditos da Foto: Rosane Temporal

Foto 5: Sala de Manipulação de Amostras da CLIOC

Créditos da Foto: Rosane Temporal

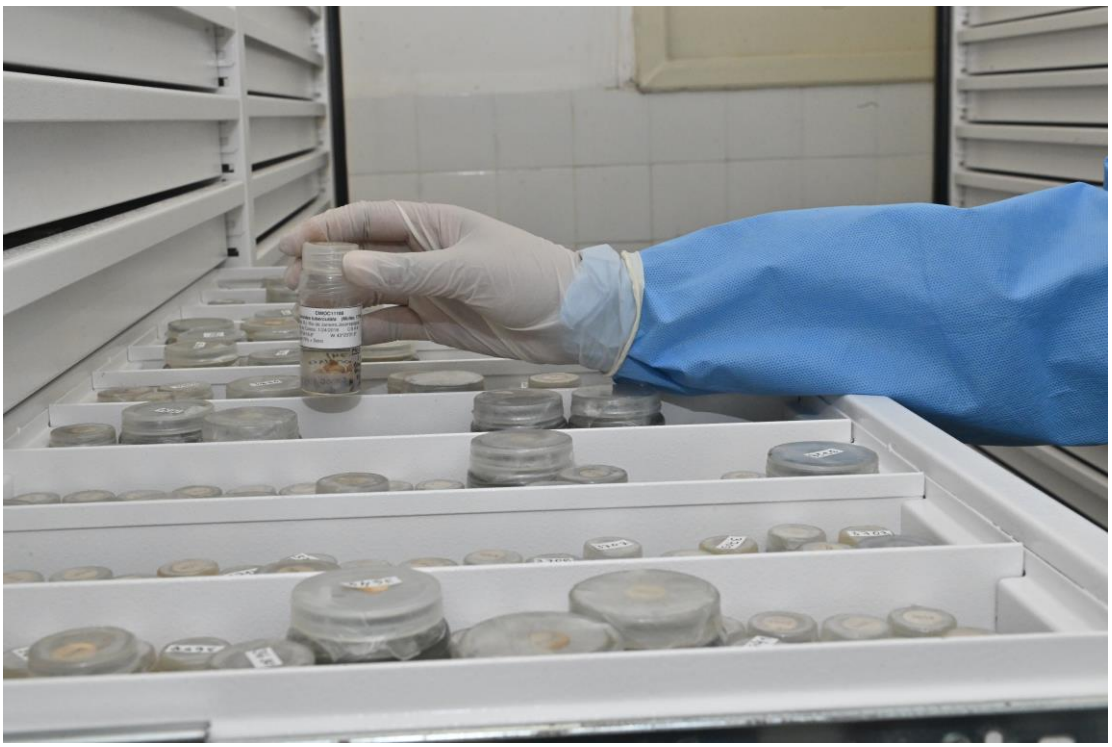
Foto 6: Sala de Criogenia e Acervo da CLIOC

Créditos da Foto: Rosane Temporal

Apêndice 15

Imagens da CMIOC

Foto 1: Gaveta aberta do armário deslizante que contém a parte da coleção mantida em fixadores líquidos, devidamente etiquetada.



Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Foto 2: Lote de lesmas terrestres *Limax maximus* da coleção líquida.

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Foto 3: Primeiro lote depositado na CMIOC (DSC_3436)

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Foto 4: Lote contendo conchas de um caracol terrestre (*Drymaeus papyraceus*)

Créditos da Foto: Gutemberg Brito do IOC/FIOCRUZ

Foto 5: Pavilhão Adolpho Lutz, onde fica localizada a coleção.

Créditos da Foto: Suzete. R. Gomes

Apêndice 16

Imagens da CTIOC

Foto 1: *Triatoma brasiliensis*

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Foto 2: *Panstrongylus megistus*

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

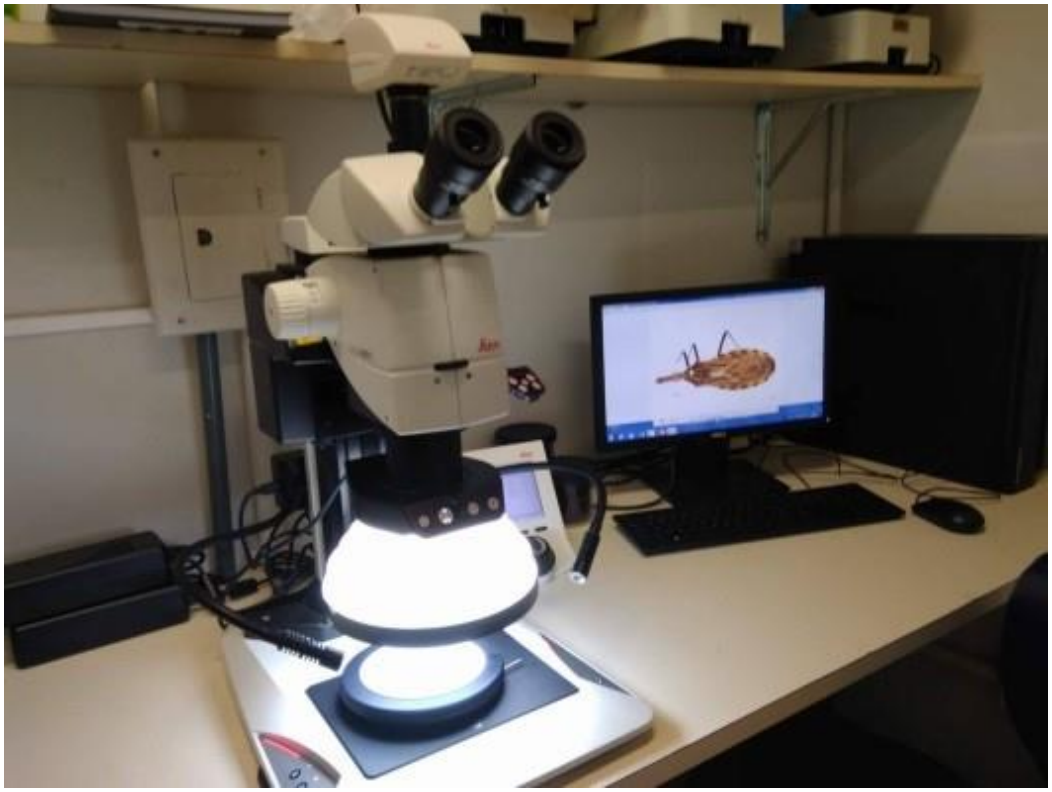
Foto 3: Rhodnius robustus

Créditos da Foto: Equipe de CTIOC

Foto 4: Parte do acervo da CTIOC

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Foto 5: Plataforma de fotografia de alta resolução e projeto científico



Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Foto 6: Guias e manuais de identificação – Livro vetores da Doença de Chagas no Brasil (2014)

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Foto 7: Material didático e de auxílio à identificação – Cartões ilustrados dos vetores do Trypanossoma cruzi (2023)

Créditos da Foto: Equipe da CTIOC

Apêndice 17

Exemplos de Imagens em Ações de Divulgação Científica da COLVET

Foto 1: Equipe da Fiocruz/COLVET no Festival Ciência na Praça. VSBDN. Lavras, Minhas Gerais

Créditos da Foto: Equipe COLVET

Foto 2: Equipe da Fiocruz/COLVET no projeto Ambientar. Belo Horizonte, Minhas Gerais

Créditos da Foto: Equipe COLVET

Apêndice 18

Imagens da CEIOC

Foto 1: Espécimes-tipo de *Anopheles lutzii* Cruz, 1901. Esses espécimes são a referência material do primeiro artigo publicado e da primeira espécie nova descrita por um pesquisador da Fiocruz, o próprio Oswaldo Cruz.

Créditos da Foto: Rodrigo Méxas.

Foto 2: Ficha com os dados dos espécimes-tipo de *Anopheles lutzii* Cruz, 1901. O material foi catalogado por Costa Lima, quando este organizou a chamada Antiga Coleção, reunindo boa parte dos insetos estudados nos laboratórios do Instituto Oswaldo Cruz.

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Foto 3: Armários deslizantes da CEIOC, mostrando a organização do acervo de insetos em gavetas entomológicas (lado direito) e os documentos referentes em prateleiras (lado esquerdo).

Créditos da Foto: Daniele Cerri

Foto 4: Uma gaveta com insetos preservados a seco (mariposas), montados em alfinetes entomológicos.

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Foto 5: Sala de Exposições Costa Lima (2013)

Créditos da Foto: Acervo CEIOC

Apêndice 19

Imagens da COLMASTO

Foto 1: Gaveta de espécimes da COLMASTO

Créditos da Foto: Equipe COLMASTO

Foto 2: Mamíferos

Créditos da Foto: Equipe COLMASTO

ANEXOS

Anexo 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Levantamento sobre as Coleções Biológicas da Fiocruz: Subsídios para Pesquisa em Museologia e Patrimônio.

Pesquisador: BRUNO DA SILVA MUSSA CURY

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84378024.7.0000.5285

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.226.379

Apresentação do Projeto:

Conforme o autor:

As coleções biológicas da Fiocruz desempenham um papel essencial no avanço científico e na preservação do patrimônio biológico e cultural. A análise museológica dessas coleções é crucial para a elaboração de políticas de preservação e difusão, contribuindo para a valorização do acervo e a popularização da ciência.

(...) Esta pesquisa tem como objetivo coletar informações sobre as coleções biológicas da Fiocruz, diretamente com seus responsáveis, para avaliar sua importância científica, histórica, museológica e cultural. Por meio de questionários e, se necessário, entrevistas, os dados serão analisados qualitativamente, visando subsidiar a elaboração de procedimentos de preservação e manejo voltados à exposição dessas coleções no contexto museológico.

(...) A pesquisa será conduzida por meio da aplicação de um questionário enviado aos gestores e responsáveis pelas coleções biológicas da Fiocruz. O questionário contém perguntas abertas, abordando aspectos como a composição e importância científica das coleções, sua relevância para a Fiocruz, desafios de preservação, e sua integração ao complexo de acervos da Fiocruz - Preservo. Os dados coletados serão analisados para apoiar a elaboração de procedimentos voltados à preservação e manejo das coleções em atividades expositivas museológicas.

Hipótese: Espera-se que as coleções biológicas da Fiocruz possuam um papel subestimado na divulgação científica e nas atividades museológicas da instituição. A análise detalhada dessas

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

coleções pode revelar a musealidade desses acervos no tempo presente e apontar os desafios envolvidos na gestão de acervos científicos de interesse cultural, que são sensíveis ao manejo necessário para participação em exposições museológicas. A pesquisa oferecerá subsídios para a formulação de procedimentos de preservação e manejo, alinhados às políticas institucionais de divulgação e acesso às coleções biológicas históricas

Objetivo da Pesquisa:

Conforme o autor:

Objetivo Primário:

Coletar informações sobre as coleções biológicas da Fiocruz para compreender o estado em que se encontram e subsidiar a elaboração de procedimentos de manejo voltados para atividades expositivas museológicas, de modo a garantir a preservação e integridade do acervo.

Objetivo Secundário:

Apoiar a formulação de políticas museológicas institucionais que promovam a preservação, divulgação e manejo adequado das coleções biológicas da Fiocruz, com foco na sua utilização em atividades expositivas e na popularização da ciência, valorizando o patrimônio cultural da ciência e da saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme o autor:

Riscos:

A pesquisa não envolve riscos, físicos ou psicológicos, para os participantes, uma vez que os dados coletados serão informações fornecidas voluntariamente através de questionários e, eventualmente, entrevistas. As informações pessoais serão tratadas de forma confidencial, garantindo o sigilo e a proteção de dados dos participantes.

Benefícios:

A pesquisa contribuirá para a valorização, preservação e divulgação das coleções biológicas da Fiocruz, oferecendo subsídios para a formulação de políticas institucionais voltadas para o manejo, preservação e uso museológico desses acervos. Além disso, ajudará a fortalecer o papel dessas coleções no campo da divulgação científica e na popularização da ciência, valorizando o patrimônio cultural da ciência e da saúde.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa, de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Museologia da UNIRIO, é importante academicamente e relevante cientifica e socialmente. É um projeto bem elaborado e bem escrito, com proposta objetiva, mas faltam elementos concernentes às exigências do sistema CEP/CONEP.

O item "Riscos" deverá ser modificado no protocolo, no projeto e nos demais documentos, item 3 do TCLE/formulário.
Observar que não há pesquisa sem riscos, que os riscos referem-se aos participantes e que os riscos podem ser de ordem sensível, psicológica, moral, laboral, política etc.

No Texto do protocolo consta que: "Caso seja necessário, entrevistas complementares, realizadas presencialmente ou por videoconferência, poderão ser conduzidas. "Assim sendo, deverá ser previamente apresentado Termo de Confidencialidade de Uso de Imagem e de Voz.

O TCLE apropriadamente apresenta o teor do questionário que traz as diretrizes para as entrevistas, mas nele deverá constar o título que identifica o documento como um TCLE e uma prévia da pesquisa e deverão ser incluídas as garantias quanto ao anonimato e à incolumidade dos participantes e quanto à confidencialidade dos dados, assim como a forma de guarda e descarte dos dados obtidos. Para que se redija os documentos em conformidade com as exigências do sistema CEP/CONEP é necessário consultar as diretrizes que podem ser encontradas no sítio internet do CEP UNIRIO.

No TCLE/questionário, item 4, não deve constar que as informações "poderão ser excluídas", mas, sim, que ¿todas as informações fornecidas serão imediatamente excluídas".
No TCLE/formulário o pesquisador não citou as garantias legais que são itens obrigatórios para a apresentação de projetos de pesquisa ao sistema CEP/CONEP.

O TCLE deverá também garantir explicitamente que "os dados cedidos não serão utilizados para fins comerciais", assim como "o pesquisador será integralmente responsável por eventuais malversações dos dados colhidos nesta pesquisa". Deverá constar que o pesquisador se responsabilizará pelo ressarcimento por eventuais danos que a pesquisa possa acarretar aos participantes, sejam eles de cunho sensível, moral, laboral, político, material etc.

É necessário incluir também que "A presente autorização não permite a modificação dos textos, adições, ou qualquer mudança que altere o sentido das mesmas, ou que desrespeite a inviolabilidade das pessoas, conforme previsto no inciso X do Art. 5º. da Constituição da República Federativa do Brasil, no art. 20 da Lei no. 10.406, de 2002 - Código Civil Brasileiro, na Lei 13.709, de 14 de agosto de 2018, Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), na Lei 10.973, de 02 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica e a Lei 14,874, de 28 de maio de 2004, que dispõe sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos¿.

Não foi apresentado Termo de Consentimento do Uso de Imagem e Voz, apesar de se aventar a possibilidade de entrevistas on line e gravações. O Termo de Consentimento do Uso de Imagem e Voz, assim como o TCLE e o projeto, e todos os documentos do protocolo que descreve a pesquisa em termos gerais, precisam garantir o anonimato, a incolumidade, a exclusividade do uso de dados para fins da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta Folha de rosto assinada pela Coordenação do programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimonio da UNIRIO.

Apresenta Projeto.

Apresenta TCLE e formulário de entrevistas em um mesmo documento, que identifica os participantes.

O orientador não foi incluído na Plataforma Brasil como integrante da equipe de pesquisa, o que é exigência do sistema CEP/CONEP, uma vez que os orientadores/supervisores de pesquisas terão acesso aos dados, o que fragiliza o compromisso com a confidencialidade de dados.

Não foi explicado como serão garantidos o anonimato e a incolumidade dos participantes e a confidencialidade dos dados, cf. Resolução CNS 510/2016.

Não foi apresentado Termo de Compromisso de Confidencialidade de Dados.

Não foi apresentada Carta de Anuência da Instituição em que será realizada a pesquisa.mesmo que as questões não apresentem risco de danos à instituição, é importante que a instituição tome conhecimento de que a pesquisa será realizada e, assim, a sua anuência é necessária.

O cronograma não previu o período de análise pelo CEP, e deverá ser modificado. Lembramos que o CEP não analisa projetos cuja coleta de dados já iniciou.

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Form_TCLE_Levantamento_colecoes_biol_fiocruz.pdf	15/10/2024 16:51:56	BRUNO DA SILVA MUSSA CURY	Aceito

Situação do Parecer:
Pendente

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 14 de Novembro de 2024

Assinado por:
Luciana Silva Ferreira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

Anexo 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Levantamento sobre as Coleções Biológicas da Fiocruz: Subsídios para Pesquisa em Museologia e Patrimônio.

Pesquisador: BRUNO DA SILVA MUSSA CURY

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 84378024.7.0000.5285

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.358.148

Apresentação do Projeto:

Conforme o autor:

As coleções biológicas da Fiocruz desempenham um papel essencial no avanço científico e na preservação do patrimônio biológico e cultural. A análise museológica dessas coleções é crucial para a elaboração de políticas de preservação e difusão, contribuindo para a valorização do acervo e a popularização da ciência.

(...) Esta pesquisa tem como objetivo coletar informações sobre as coleções biológicas da Fiocruz, diretamente com seus responsáveis, para avaliar sua importância científica, histórica, museológica e cultural. Por meio de questionários e, se necessário, entrevistas, os dados serão analisados qualitativamente, visando subsidiar a elaboração de procedimentos de preservação e manejo voltados à exposição dessas coleções no contexto museológico.

(...) A pesquisa será conduzida por meio da aplicação de um questionário enviado aos gestores e responsáveis pelas coleções biológicas da Fiocruz. O questionário contém perguntas abertas, abordando aspectos como a composição e importância científica das coleções, sua relevância para a Fiocruz, desafios de preservação, e sua integração ao complexo de acervos da Fiocruz - Preservo. Os dados coletados serão analisados para apoiar a elaboração de procedimentos voltados à preservação e manejo das coleções em atividades expositivas museológicas.

Hipótese: Espera-se que as coleções biológicas da Fiocruz possuam um papel subestimado na divulgação científica e nas atividades museológicas da instituição. A análise detalhada dessas

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

coleções pode revelar a musealidade desses acervos no tempo presente e apontar os desafios envolvidos na gestão de acervos científicos de interesse cultural, que são sensíveis ao manejo necessário para participação em exposições museológicas. A pesquisa oferecerá subsídios para a formulação de procedimentos de preservação e manejo, alinhados às políticas institucionais de divulgação e acesso às coleções biológicas históricas

Objetivo da Pesquisa:

Conforme o autor:

Riscos:

A pesquisa não envolve riscos, físicos ou psicológicos, para os participantes, uma vez que os dados coletados serão informações fornecidas voluntariamente através de questionários e, eventualmente, entrevistas. As informações pessoais serão tratadas de forma confidencial, garantindo o sigilo e a proteção de dados dos participantes.

Benefícios:

A pesquisa contribuirá para a valorização, preservação e divulgação das coleções biológicas da Fiocruz, oferecendo subsídios para a formulação de políticas institucionais voltadas para o manejo, preservação e uso museológico desses acervos. Além disso, ajudará a fortalecer o papel dessas coleções no campo da divulgação científica e na popularização da ciência, valorizando o patrimônio cultural da ciência e da saúde.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme o autor:

Riscos:

Embora a pesquisa não envolva riscos físicos ou psicológicos diretos para os participantes, reconhece-se que podem existir riscos de ordem sensível, moral, laboral ou política relacionados à exposição de informações pessoais e profissionais fornecidasvoluntariamente pelos participantes. Esses riscos incluem potenciais impactos na privacidade ou desconforto devido à análise e interpretação dos

dados. Para mitigar esses riscos, todas as informações coletadas serão tratadas de forma confidencial e anonimizada, garantindo que os

participantes não possam ser identificados em nenhuma etapa da pesquisa. Os dados serão armazenados em um ambiente protegido por senha,

com acesso restrito ao pesquisador responsável, Bruno da Silva Mussa Cury, e ao orientador, Prof. Dr. Márcio Ferreira Rangel, caso necessário.

Além disso, ao término da pesquisa, todos os dados serão destruídos de forma segura,

utilizando métodos que garantam a exclusão definitiva dos
arquivos digitais, sem armazenamento de informações sensíveis em meios físicos ou digitais.
Benefícios:
A pesquisa contribuirá diretamente para a valorização, preservação e divulgação das coleções biológicas da Fiocruz, que desempenham um papel histórico no progresso científico e na preservação do patrimônio cultural das ciências e da saúde. Os resultados esperados incluem subsídios para o avanço e o aperfeiçoamento de políticas institucionais voltadas à preservação, gestão, manejo e uso museológico dessas coleções, fortalecendo sua integração em atividades expositivas e de divulgação científica.Além disso, a pesquisa oferecerá contribuições para a popularização da ciência, ao destacar a importância das coleções biológicas para a sociedade e para o progresso científico, bem como para o desenvolvimento de práticas de educação não formal em ambientes museológicos. Por fim, a pesquisa poderá colaborar com a Fiocruz na identificação de desafios e oportunidades relacionados à gestão e à preservação do acervo, considerando as demandas institucionais mais atuais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
O projeto de pesquisa, de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Museologia da UNIRIO, é importante academicamente e relevante cientifica e socialmente. É um projeto bem elaborado e bem escrito, com proposta objetiva.
O TCLE apresenta o teor do questionário que traz as diretrizes para as entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Apresenta Folha de rosto assinada pela Coordenação do programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimonio da UNIRIO.
O orientador foi incluído na Plataforma Brasil como integrante da equipe de pesquisa.
Apresenta Projeto.
Apresenta Termo de Compromisso de Confidencialidade de Dados.
Apresenta TCLE.
Apresenta formulário de entrevistas.

Recomendações:
Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:
Não há.

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RIO DE JANEIRO, 04 de Fevereiro de 2025

Assinado por:
Luciana Silva Ferreira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

Anexo 3

À
Comissão de Ética em Pesquisa (CEP)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Ref.: Carta de Anuência para Pesquisa sobre Coleções Biológicas da Fiocruz

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por meio da Coordenação de Coleções Biológicas, vinculada à Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB), declara estar ciente e autoriza a realização da pesquisa intitulada "Levantamento sobre as Coleções Biológicas da Fiocruz: Subsídios para Pesquisa em Museologia e Patrimônio", conduzida por Bruno da Silva Mussa Cury, servidor lotado no Museu da Vida – Casa de Oswaldo Cruz, orientando do Profº Drº Márcio Ferreira Rangel no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST.

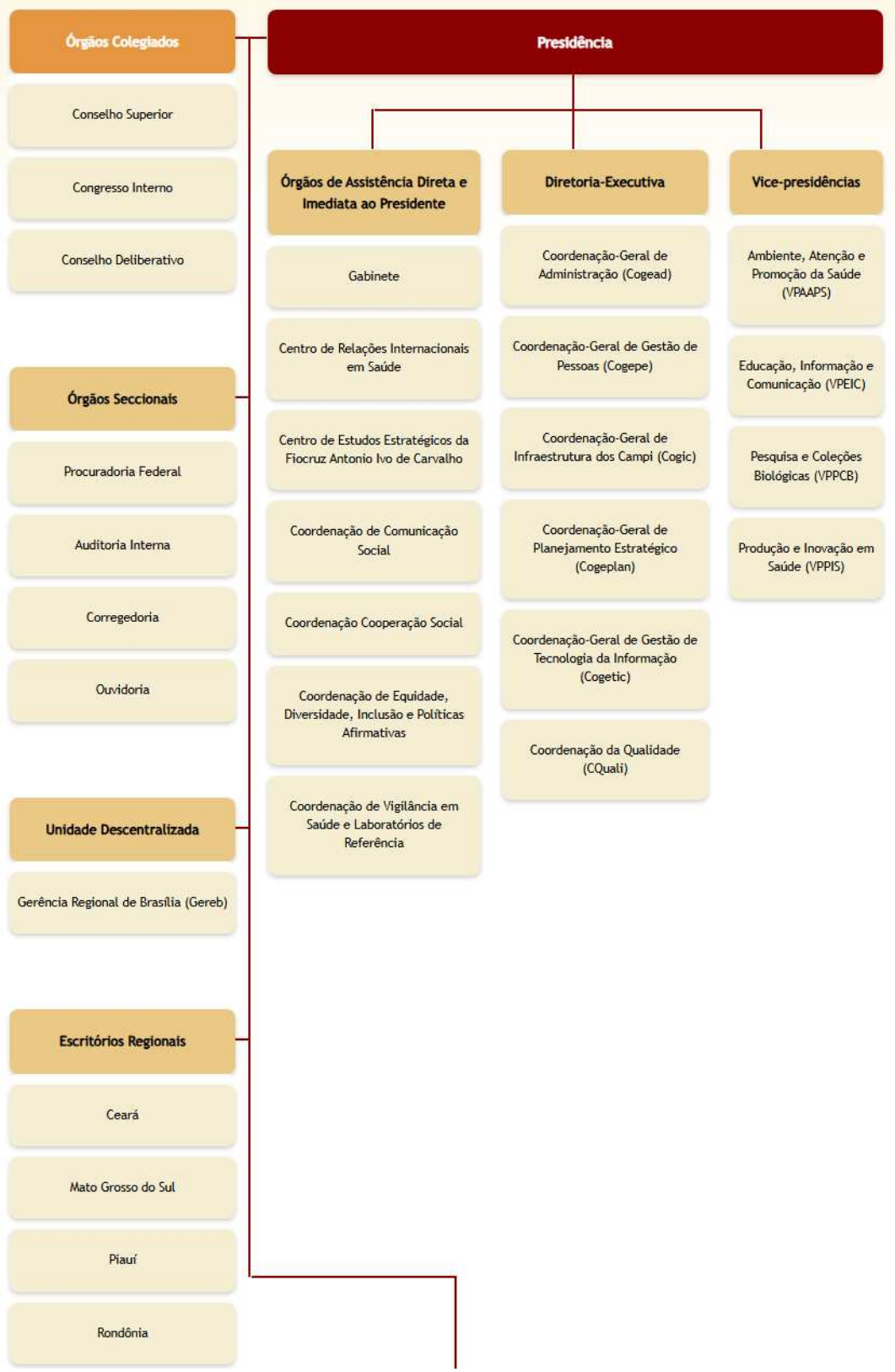
A pesquisa tem como objetivo coletar informações sobre o estado atual das coleções biológicas da Fiocruz, com o propósito de subsidiar o desenvolvimento de uma exposição museológica de longa duração sobre essas coleções, além de explorar seu potencial de musealidade e identificar os desafios relacionados à preservação e gestão.

Atenciosamente,

Marcelo Pelajo Machado - marcelo.pelajo@fiocruz.br
Coordenador das Coleções Biológicas da Fiocruz
Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB)
Fundação Oswaldo Cruz

Anexo 4

Organograma da Fiocruz dividido em duas imagens



Órgãos Específicos Singulares

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e Do Adolescente Fernandes Figueira (IFF)	Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI)	Instituto Oswaldo Cruz (IOC)
Instituto de Ciência e Tecnologia em Biomodelos (ICTB)	Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos)	Instituto de Nacional de Controle da Qualidade em Saúde (INCQS)
Instituto Carlos Chagas (ICC)	Instituto Aggeu Magalhães (IAM)	Instituto Leonidas e Maria Deanne (ILMD)
Instituto Renne Rachou (IRR)	Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos)	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP)
Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)	Instituto Casa de Oswaldo Cruz (COC)	Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (ICICT)
Instituo Gonçalo Moniz (IGM)		

Fonte da imagem completa: https://fiocruz.br/organograma - acesso 04/12/2024

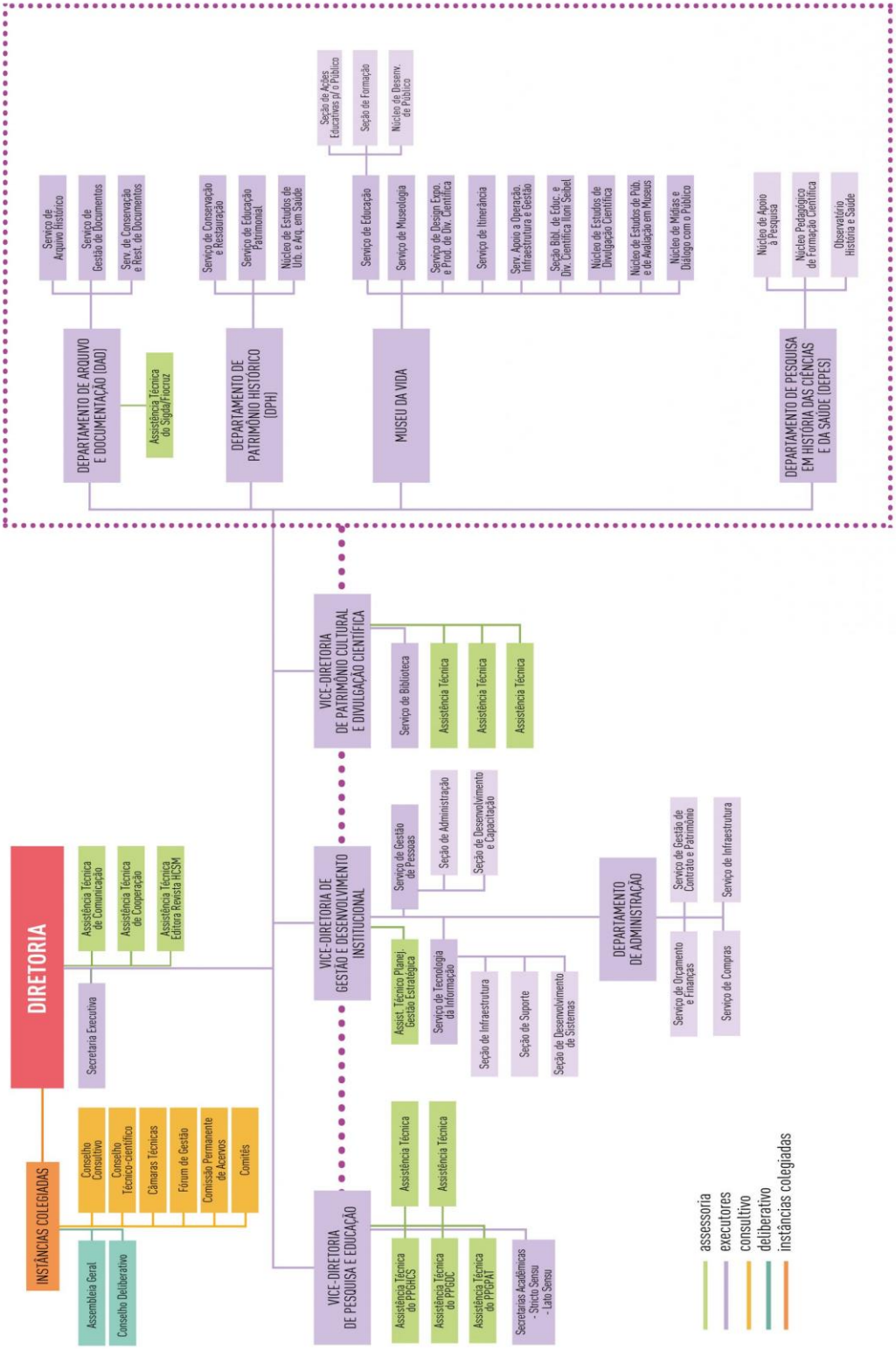
Anexo 5

Organograma do IOC

Fonte da imagem: https://www.ioc.fiocruz.br/pages/informerede/corpo/encontro/organograma.pdf - acesso 04/12/2024

Anexo 6

Organograma da COC



Fonte da imagem: https://www.coc.fiocruz.br/composicao-institucional/organograma-coc/ - acesso 04/12/2024